

Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini

**Trabalho, moradia, saúde e cultura: entrelaçando relações**  
Uma experiência em pesquisa-ação a partir do PSF Recanto dos Humildes – Perus

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de São Paulo  
para obtenção do Título de Mestre em  
Ciências.

São Paulo

2011

Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini

**Trabalho, moradia, saúde e cultura: entrelaçando relações**  
Uma experiência em pesquisa-ação a partir do PSF Recanto dos Humildes – Perus

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de São Paulo  
para obtenção do Título de Mestre em  
Ciências.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Passarella Brêtas

São Paulo

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### **Ficha Catalográfica**

Pellegrini, Andréa Lúcia Torres Amorim.

Trabalho, moradia, saúde e cultura: entrelaçando relações: uma experiência em pesquisa-ação a partir do PSF Recanto dos Humildes, Perus / Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini; orientadora Ana Cristina Passarella Brêtas. – São Paulo, 2011.

223 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2011.

1. Pesquisa-ação. 2. Movimentos populares. 3. Moradia. 4. Saúde. 5. Trabalho. 6. Cultura. I. Brêtas, Ana Cristina Passarella. II. Título. III. Título: Entrelaçando relações: uma experiência em pesquisa-ação a partir do PSF Recanto dos Humildes, Perus.

Ao mestre Paulo Freire,  
por indicar caminhos possíveis

À palhaça Maria Edith,  
por me incentivar a caminhar

Ao nosso Agenor,  
por caminhar conosco

À menina Alzira,  
por apontar a dimensão do  
caminho...

E a todos e todas insurgentes,  
pelo prazer de mudar os caminhos!

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Núcleo de Estudos de Políticas Públicas e Sociais da UNIFESP, local de encontro e fortalecimento.

A Sarah e Monie, pela incansável alegria de fazer junto.

Ao sindicato do cimento, por nos ajudar a concretar as bases de nossa construção coletiva.

Aos Queixadas, pela firmeza permanente.

À Associação Nova Esperança, porque a moradia é abrigo.

À Comunidade Cultural Quilombaque, porque a vida precisa de arte.

Ao Sarau na Brasa, pela poesia e pelo tambor que foi buscar quem mora longe.

Ao grupo de teatro Guarus – Netos de Queixadas, por falar nossa palavra.

Ao SACI, núcleo de cinema, pelo cinema apesar de tudo.

A meus companheiros de casa, meus pilares.

Ao PSF Recanto dos Humildes, onde construímos o SUS em que acredito.

À comunidade do Recanto dos Humildes, onde fui amada.

À Profa. Ana Brêtas, porque ensinar exige amor.

A todos e todas que escreveram este trabalho com suas canetas, pensamentos, risos, histórias e encantos.



“E vamo tirar a coroa da pisadeira!!!”

Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996

Definição de Educação – artigo 1

“Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, trabalho, instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e de organização da sociedade e manifestações culturais.”

# CONSTRUÇÃO

(Chico Buarque)

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último  
Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho seu como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado  
Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego  
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse máquina

Dançou e gargalhou como se fosse o próximo  
E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado  
E se acabou no chão feito um pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio náufrago  
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir  
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir  
Por me deixar respirar, por me deixar existir,  
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir  
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir  
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,  
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir  
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir  
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,  
Deus lhe pague

## RESUMO

Este estudo qualitativo teve como referencial teórico Paulo Freire em sua Pedagogia do Oprimido e Sheron Moretti com as reflexões sobre a Pedagogia da Insurgência. **Objetivou** reconstruir a história do Programa Saúde da Família Recanto dos Humildes a partir das narrativas de seus protagonistas; identificar e compreender as possíveis contribuições do Sistema Único de Saúde para o desenvolvimento sociopolítico da comunidade local, potenciais e dificuldades para o incremento desse processo, considerando as questões relativas às iniquidades sociais e; propor, executar, descrever e avaliar uma ação não trivial, considerada pelo grupo factível e prioritária, construída a partir das problemáticas levantadas pelas discussões da pesquisa. Utilizou a **metodologia** da pesquisa-ação. A partir de 16 horas, 57 minutos e 33 segundos de entrevistas com 17 profissionais de saúde do PSF Recanto dos Humildes, neste local de trabalho desde sua implantação em 2002 e quatro membros do conselho popular na ocasião de implantação deste PSF, reconstruiu-se a trajetória de movimentos populares que tiveram como desdobramento a luta da população pela Saúde. Ao rediscutir o universo trazido a tona pelas narrativas dos entrevistados, um grupo de discussão e reflexão elaborou **proposta de ação** que se constituiu em: (1) dar visibilidade para uma história considerada importante pelo grupo e esquecida ou pouco valorizada por outras pessoas, através de uma caminhada comemorativa de 9 anos de lutas em Perus pelas ruas do bairro, contando a trajetória dos movimentos de moradia, saúde e queixadas com teatro, poesia, percussão, exposição de fotos e a exibição de um documentário sobre estes movimentos, com o apoio da comunidade cultural Quilombaque; (2) discutir em um curso, maneiras de enfrentamento de situações de sofrimento no trabalho vivenciadas pelos trabalhadores de saúde do PSF Recanto dos Humildes. Ao **final** pode se perceber o entrelaçamento dos diversos movimentos, assim como o aprendizado cotidiano em seu interior. As mudanças ocorridas nos processos do fazer em saúde no período estudado são afetadas pelo contexto em que se inserem. No momento mais participativo, a comunidade ganha espaço e expressão na luta pela saúde e em outros, onde o neoliberalismo assume sua influência mais incisivamente também na saúde ao caracterizá-la como mercadoria, o sofrimento do trabalhador de saúde acentua-se o que, na avaliação destes trabalhadores, coloca em risco a qualidade do serviço prestado.

**Palavras-Chave:** pesquisa-ação, movimentos populares, moradia, saúde, trabalho, cultura.

## **ABSTRACT**

The theoretical reference for this qualitative study was Paulo Freire in his *Pedagogy of the Oppressed* and Sheron Moretti's reflections on the *Pedagogy of Insurgency*. The study aimed to reconstruct the history of the Family Health Program (FHP) of Recanto dos Humildes based on the narratives of its protagonists; to identify and understand the possible contributions of the National Health System for the socio-political development of the local community, and potential difficulties in the improvement of this process, considering the issues related to social inequities; and to propose, to implement, to describe and to evaluate an action which is non trivial, considered feasible and a priority by the group, built based on the discussions of the problems raised by the research. It was used the methodology of action research. The trajectory of popular movements, which also were involved in the popular struggle for the Health, was reconstructed using 16 hours, 57 minutes and 33 seconds of interviews with 17 health workers (HW) from the FHP from Recanto dos Humildes and four members of the popular council who were on the occasion of FHP implementation. The 17 HWs worked in the FHP since its implementation in 2002. When we revisited the universe brought to light by the interviews, the discussion group elaborated proposal for action as following: (1) to give visibility to a history considered important by the group and forgotten or unappreciated by others, through a commemorative walk around the neighborhood of nine years of Perus struggles, with theater, poetry, percussion instruments, photos exposition, and documentary exhibition, telling the history of the housing and health movements, and queixadas. This walk had the support of the cultural community Quilombaque. (2) to discuss in a course, ways of coping with situations of suffering at work, which were experienced by HWs from FHP of Recanto dos Humildes. At the end one realizes the interconnectedness of various movements, as well as everyday learning within. The changes occurred in the health practice process during the study period are affected by the context in which they operate. At the moment of more participation, the community obtained space and expression in the health and other struggles, where neoliberalism takes its influence on health more pointedly characterizing it as a commodity, the HW suffering becomes stronger which puts the quality of service at risk, according to these HWs.

**Keywords:** action research, popular movements, housing, health, work, culture.

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – “AMOU DAQUELA VEZ COMO SE FOSSE A ÚLTIMA” .....	1
1.1. Motivações da pesquisadora.....	1
1.2. Apresentação da pesquisadora .....	2
1.3. De como virei médica sem teto.....	4
1.4. De como cheguei ao Recanto dos Humildes .....	5
CAPÍTULO 2 – “TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO LÓGICO” REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	7
2.1. “SEUS OLHOS EMBOTADOS DE CIMENTO E LÁGRIMA” Sobre a Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire .....	7
2.2. “MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O PÚBLICO” A educação é um ato político: a pedagogia da insurgência.....	16
CAPÍTULO 3 – “SUBIU A CONSTRUÇÃO COMO SE FOSSE SÓLIDO” PESQUISA E AÇÃO.....	23
3.1. “ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES SÓLIDAS” PRIMEIRO passo: O diagnóstico.....	25
3.1.1. Entrevistados e entrevistas .....	26
3.1.2. Primeiro olhar sobre as entrevistas.....	30
3.2. “MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O TRÁFEGO” Nossas justificativas... Não reconhecimento da história .....	33
CAPÍTULO 4 – “SEUS OLHOS EMBOTADOS DE CIMENTO E TRÁFEGO” PALCO, ATORES E ATRIZES .....	36
4.1. Apresentação de Perus .....	36
4.1.1. Um breve histórico da região .....	36
4.1.2. Crescimento demográfico e desdobramento do bairro.....	38
4.2. Apresentação da região do Recanto dos Humildes .....	39
4.3. As pessoas .....	42
4.4. Os recursos de saúde .....	43
CAPÍTULO 5 – “DANÇOU E GARGALHOU COMO SE OUVISSE MÚSICA” MOVIMENTOS POPULARES .....	46
5.1. Sobre a palavra “movimento” .....	46
5.2. Movimento dos Queixadas.....	48
5.3. Movimento de moradia .....	58
5.4. Movimento de saúde .....	67
5.4.1. O aprendizado trazido pelos Queixadas e a formação do movimento popular de saúde ..	67
5.4.2. O Conselho Popular de Saúde.....	72
5.5. Movimento de cultura .....	75
5.5.1. Comunidade Cultural Quilombaque.....	76

CAPÍTULO 6 – “TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO”	
TECENDO AS AÇÕES.....	81
6.1. SEGUNDO passo: Oficinas de devolutiva das entrevistas .....	81
6.1.1. Reflexões sobre esta etapa.....	83
6.1.2. O caminhar através da história, em direção à ação .....	85
6.2. TERCEIRO passo: .....	86
6.2.1 Oficinas de teatro “A história de um lugar construída e contada por seu povo” .....	86
6.2.1.1. Algumas considerações .....	89
6.2.2. A exposição de fotos .....	94
6.3. QUARTO passo: Dizer a sua própria palavra.....	95
6.3.1. Descrição breve da caminhada.....	95
6.3.1.1 Outras considerações.....	103
6.3.2. Proposta de curso para os trabalhadores do PSF.....	105
 CAPÍTULO 7 – “BEBEU E SOLUÇOU COMO SE FOSSE UM NÁUFRAGO”	
O REFÚGIO DA MEMÓRIA .....	109
7.1. A compreensão da dor a partir da compreensão da história.....	112
7.1.1. A implantação do PSF Recanto dos Humildes.....	112
7.1.2. Primeiras reuniões .....	113
7.1.3. Eu sou a história desse lugar .....	114
7.1.4. Processo seletivo .....	117
7.1.5. Desconfiança: isso é coisa de política, minha filha.....	118
7.1.6. Chegada do restante da equipe .....	119
7.1.7. Pulando de galho em galho (a casa modelo, a casa alugada, a escola de lata, o galpão).....	120
7.1.8. A Construção.....	126
7.1.9. A Mudança / A Ocupação / A Invasão.....	130
 CAPÍTULO 8 – “BEBEU E SOLUÇOU COMO SE FOSSE MÁQUINA”	
SAÚDE E NEOLIBERALISMO.....	137
8.1. O sofrimento dos trabalhadores de saúde do PSF Recanto dos Humildes.....	139
8.1.1. O Estado e as políticas sociais: breve contextualização histórica.....	139
8.1.2. Saúde como um direito <i>versus</i> saúde como mercadoria: o SUS na contramão do neoliberalismo .....	144
8.1.3. A centralidade do trabalho: o trabalhador social e a reestruturação do trabalho .....	162
8.1.4. O Ministério da Saúde adverte: trabalhar na saúde faz mal a saúde? .....	169
 CONSIDERAÇÕES longe do fim...	
“ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES MÁGICAS” .....	183
“COMEU FEIJÃO COM ARROZ COMO SE FOSSE UM PRÍNCIPE” –	
Situações apontadas como desafios ao movimento popular de saúde .....	183
“ATRAVESSOU A RUA COM SEU PASSO TÍMIDO” –	
Mobilização popular: como foi, como poderia ter sido a parceria com o PSF .....	186
“SENTOU PRA DESCANSAR COMO SE FOSSE UM PÁSSARO” .....	190

REFERÊNCIAS .....	193
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA (FASE EXPLORATÓRIA) .....	198
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	199
APÊNDICE C – PROPOSTA INICIAL DE DEVOLUTIVA.....	200
APÊNDICE D – ROTEIRO DO TEATRO .....	203
APÊNDICE E – FICHA TÉCNICA .....	213
APÊNDICE F – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA NO “NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE SAÚDE EM POLÍTICAS PÚBLICAS E SOCIAIS”.....	214
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO MUNICÍPIO .....	218
ANEXO B – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS ...	220
ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE .....	221
ANEXO D – ALGUNS PRINCÍPIOS DA NÃO VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS TRABALHADORES QUEIXADAS DA FÁBRICA DE CIMENTO PERUS.....	222

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Movimento de Chiapas .....	18
FOTOGRAFIA 2 – Movimento de Chiapas .....	20
FOTOGRAFIA 3 – Sarah e Monie .....	32
FOTOGRAFIA 4 – Estação de trem Perus .....	36
FOTOGRAFIA 5 – Saída do cinema Perus na década de 1950.....	37
FOTOGRAFIA 6 – Vista da estação de trem na década de 1950.....	38
FOTOGRAFIA 7 – Detalhe da fábrica de cimento ( <i>grafitti</i> ) – 2011.....	48
FOTOGRAFIA 8 – Fábrica de cimento, subsolos – 2011 .....	49
FOTOGRAFIA 9 – Queixada Senhor Tião e Tião do Anhanguera.....	49
FOTOGRAFIA 10 – Fábrica de cimento vista do alto – 2011 .....	50
FOTOGRAFIA 11 – Queixadas em greve.....	51
FOTOGRAFIA 12 – Sede do sindicato do cimento – 2011 .....	51
FOTOGRAFIA 13 – Fábrica de cimento – década de 1950 .....	52
FOTOGRAFIA 14 – Manifestação dos Queixadas – década de 1960.....	52
FOTOGRAFIA 15 – Detalhe da fábrica de cimento – 2011.....	53
FOTOGRAFIA 16 – Grandes silos para guardar a matéria-prima para a produção de cimento. Com o <i>grafitti</i> , parecem grandes monstros a olhar tudo – 2011 .....	54
FOTOGRAFIA 17 – Visão da base das chaminés – no <i>grafitti</i> , olhos que tudo vigiam, 2011 .....	55
FOTOGRAFIA 18 – Da torre vista por dentro ao anoitecer – Perus ao contrário, o grande letreiro decadente da fábrica – 2011 .....	56
FOTOGRAFIA 19 – Firmeza permanente – Manifestação pacífica – 1972.....	57
FOTOGRAFIA 20 – Festa para construção da laje no mutirão.....	58
FOTOGRAFIA 21 – Festa .....	59
FOTOGRAFIA 22 – Fundações das casas do mutirão do Recanto dos Humildes, gestão Luiza Erundina .....	59
FOTOGRAFIA 23 – Havia grande participação das mulheres no mutirão e com isso sempre a presença de crianças .....	60
FOTOGRAFIA 24 – Presença das mulheres .....	61

FOTOGRAFIA 25 – Mutirão carregando concreto nas latas para encher as lajes .....	62
FOTOGRAFIA 26 – Criança na obra .....	63
FOTOGRAFIA 27 – Sr. Agenor orienta participantes do mutirão 94 .....	64
FOTOGRAFIA 28 – Muitas falas das narrativas confirmam que no começo não havia nada .....	65
FOTOGRAFIA 29 – Rua principal no início das obras.....	66
FOTOGRAFIA 30 – Luta contra o lixo , desencadeou a formação do Conselho Popular de Saúde....	72
FOTOGRAFIA 31 – Manifestação contra o lixo .....	74
FOTOGRAFIA 32 – Ver o mundo com outro olhar .....	76
FOTOGRAFIA 33 – À noite, na avenida .....	77
FOTOGRAFIA 34 – Logo do Quilombaque .....	78
FOTOGRAFIA 35 – Pandora: “Vou devorar o mau patrão” .....	79
FOTOGRAFIA 36 – Adbala e seu capanga.....	86
FOTOGRAFIA 37 – Adbala quer esmagar vocês .....	87
FOTOGRAFIA 38 – Dizer a sua própria palavra .....	87
FOTOGRAFIA 39 – Na frente da associação.....	88
FOTOGRAFIA 40 – Várias gerações na caminhada .....	89
FOTOGRAFIA 41 – Exibição do documentário .....	92
FOTOGRAFIA 42 – Exposição de fotos – 2011 .....	94
FOTOGRAFIA 43 – Exposição de fotos – montagem .....	94
FOTOGRAFIA 44 – Movimento de saúde e moradia Parque Bristol – Participação de outros movimentos na ação .....	95
FOTOGRAFIA 45 – Escola de Samba Valença – Bateria Mirim .....	96
FOTOGRAFIA 46 – Participação espontânea – corrente de gente .....	97
FOTOGRAFIA 47 – Criança EMEF e seu desenho sobre os Queixadas .....	98
FOTOGRAFIA 48 – Pelas ruas do Recanto .....	98
FOTOGRAFIA 49 – Pelas ruas .....	99
FOTOGRAFIA 50 – Sarau na Brasa.....	99
FOTOGRAFIA 51 – Caminhada .....	100

FOTOGRAFIA 52 – Pandora e o mau patrão.....	100
FOTOGRAFIA 53 – Caminhada até a noite.....	101
FOTOGRAFIA 54 – Maracatu .....	102
FOTOGRAFIA 55 – Primeira unidade de saúde improvisada na casa modelo cedida pela associação.....	121
FOTOGRAFIA 56 – Utilizando a escola de latinha .....	122
FOTOGRAFIA 57 – Atendimento no galpão .....	125
FOTOGRAFIA 58 – Sr. Agenor e Madalena – início da obra de construção da Unidade de Saúde do PSF .....	127
FOTOGRAFIA 59 – Unidade de Saúde da Família construída pela comunidade do Recanto dos Humildes.....	128
FOTOGRAFIA 60 – A mudança .....	130
FOTOGRAFIA 61 – Chão rústico do galpão (antes).....	131
FOTOGRAFIA 62 – Chão do novo posto (depois) .....	131
FOTOGRAFIA 63 – Iluminação improvisada no galpão (antes) .....	132
FOTOGRAFIA 64 – Iluminação improvisada no galpão (antes) .....	133
FOTOGRAFIA 65 – Iluminação obra nova (depois).....	134
FOTOGRAFIA 66 – Mudança (padre Miguel à direita).....	135
FOTOGRAFIA 67 – Atendimento da equipe – 2002 .....	145
FOTOGRAFIA 68 – Grupo de Relaxamento .....	148
FOTOGRAFIA 69 – Grupo de bebês Shantalla.....	152
FOTOGRAFIA 70 – Vínculo do ACS com a comunidade.....	158
FOTOGRAFIA 71 – Controle de peso das crianças .....	163
FOTOGRAFIA 72 – Grupo de crianças – 2002 .....	164
FOTOGRAFIA 73 – Grupo de HAS.....	165
FOTOGRAFIA 74 – Visita domiciliar ACS.....	166
FOTOGRAFIA 75 – SUS e Associação Nova Esperança .....	186
FOTOGRAFIA 76 – Em defesa do SUS .....	188

# CAPÍTULO 1

## “AMOU DAQUELA VEZ COMO SE FOSSE A ÚLTIMA”

### 1.1. Motivações da pesquisadora

O estímulo para contar uma história talvez venha do desejo de escutar esta história mais demoradamente, como quem gesta um elefante ou como quem espera a volta de um ente querido... Um convite a sentir e degustar não uma história qualquer, mas a “nossa história”, construída por meio da convivência com atores e atrizes sociais que compuseram e/ou compõem a vida no Recanto dos Humildes, no bairro de Perus, na zona norte da cidade de São Paulo.

Questões mobilizadoras:

O que me incomoda? O que me toca? Parte da história de meu país?

Por que a saúde pública não se deixa utilizar como ferramenta para o movimento social tanto quanto poderia?

Por que a saúde pública no Brasil e seus trabalhadores não conseguem exercer plenamente o papel de militantes contra a injustiça social e as iniquidades sociais?

Qual o papel da política pública na militância dos trabalhadores de saúde pública pela justiça social?

A descontinuidade administrativa interfere na execução de políticas públicas nas áreas sociais? Como isso se dá na saúde sob a ótica do trabalhador de saúde? Qual a repercussão desta questão na assistência prestada?

De que mecanismos o trabalhador lança mão para superar as dificuldades de continuidade e desenvolvimento de seu projeto político-ideológico de trabalho?

Existe um projeto de saúde para a população por parte do trabalhador da saúde?

Por suas características, o Programa de Saúde da Família (PSF) aproxima os serviços de saúde da população indo ao encontro de uma grande parte antes excluída da assistência. Dessa forma, aparece com grande potencial aglutinador e mobilizador comunitário (para uns, de caráter fiscalizatório).

Quais são as condições que facilitam e que dificultam a utilização deste potencial no sentido de melhoria das condições de vida de comunidades com grande vulnerabilidade para o adoecimento e graves problemas sociais das mais diversas origens: econômicas, infraestrutura, moradia, serviços básicos, violência urbana, desemprego, entre outros?

Em que medida a instituição pública de saúde exerce seu papel como mediadora da interação social promovendo ou não valores de integração e confiança entre os indivíduos e os grupos, fator importante no incremento do capital social destes grupos? Que tipo de relações as instituições de saúde promovem? Elas têm servido de controle, impedindo seu desenvolvimento? Ou têm criado mecanismos de fortalecimento dos grupos? Elas potencializam ou congelam o capital social?

Enfim... várias questões me mobilizam. Contudo, na construção de uma dissertação são necessários recortes, escolhas. Decidi partilhá-las com o universo estudado. Ao interpretá-lo, minha lente estará direcionada para o processo educativo em construção dentro dos movimentos que participaram e se fizeram presentes através deste estudo.

## **1.2. Apresentação da pesquisadora**

Lembrei de certa menina magrela, não estou bem certa da idade. Não gostava muito de comer, era mesmo enjoada. Não sei se por inapetência ou certa preguiça; só sei que tinha consequências para sua saúde: ficava doente muito facilmente, com febre alta e dor de garganta. Tomou tanta Benzetacil® que anos mais tarde ainda guardaria certa dor de uma aplicação feita às pressas num hospital público lotado.

Gostava de bichos e de plantas, podia conversar com os dois.

Gostava de andar descalça. Uma vez chegou a ir para a escola municipal onde estudava, no fim da rua, sem os sapatos, esquecera de calçá-los.

Tinha uma avó que, vendo hoje de longe, podia-se até dizer que era meio índia: muito brava, com o cenho sempre franzido; comia com as mãos, gostava de farinha de mandioca, pimenta e fubá; conhecia as plantas que serviam de remédio; tinha medo de assombração e fumava cigarro de palha com fumo de rolo. A menina gostava de cortar o fumo e preparar o cigarro da avó e ouvia com atenção as histórias que ia contando devagar, repetidas vezes.

A avó “fingia” que não era índia, para talvez se defender melhor de uma vida muito dura. E se escondia atrás de um catolicismo que falava muito mais do diabo do que de deus. Um tipo de índia reprimida pelo machismo e a religião.

A avó tinha um grande coração chagásico e isso fez da menina uma cuidadora: a velha não deixava ninguém exceto a menina cuidar dela. Era ela a única que podia ajudar no banho quando já não tinha quase fôlego e se sentava embaixo do chuveiro só de anágua, porque tinha vergonha da nudez.

Caminhavam as duas pela rua, porque era recomendação médica, a passos lentos e a menina ia descobrindo os segredos nas frestas da calçada disfarçados de verde folha. Uns que se podiam comer, outros que podiam curar. Aquele tipo de sabedoria que poderia ter vindo tanto da erudição quanto da privação, mas que naquele caso era consequência de uma vida nordestina com muitos filhos, uma vaquinha, horta e flores no quintal. Eram pobres, mas daquela “pobreza rica”, a família da mãe da menina... mas vieram para São Paulo, e passaram frio e fome e isso foi passado de geração em geração até chegar à menina, quase como uma profecia, mesmo sem o ser.

A menina tinha ainda mãe e um pai que morreu quando tinha 9 anos. Tinha também dois irmãos, um mais velho e outro que veio bem mais tarde, quando tinha 15 anos.

Muita história poderia se contar sobre a menina magrela filha de alagoana e de mineiro. Depois que perdeu o pai, foi estudar em escola pública e como fosse muito tímida sentou-se no fundo da sala porque não conhecia o que era o “fundão”... e teve a oportunidade de recuperar a alegria com ajuda das crianças bagunceiras e danadas que sentavam a seu redor, alguns repetentes mais velhos, maloqueiros, meio “bandidos”.

Sempre gostou de estudar e bem pequena ensinava os colegas, e muitas vezes passava “cola” nas provas, o que sempre considerou ser um gesto de solidariedade.

Cresceu no meio de crianças de todo jeito: brancas, pretas, mestiças, japonesas, faveladas e milionárias, doentes e saudáveis. Crianças com quem conviveu e aprendeu muito.

Nesse ponto não sei se paro ou avanço. Tinha pensado em parar quando ela deixasse de ser criança – a magrela de joelhos saltados e pernas finas – mas não consigo localizar quando isso acontece: quando tem a menarca? Não, porque foi muito cedo, ainda brincava de boneca. Quando teve o primeiro namorado? Não, porque ainda gostava de tomar banho de chuva. Quando entrou na faculdade? Não, porque ainda corria atrás dos amigos para fazer cócegas. Quando teve os filhos? Não, porque aprendeu a andar de bicicleta com eles. Quando começou a trabalhar como médica? Não, porque ainda se senta no chão com as crianças e algumas mães para desenhar um desenho bem bonito que fale sobre a saúde!

Ficou então difícil terminar essa história, porque ela, por enquanto, não teve fim. Terminou então por aqui, no começo...

### 1.3. De como virei médica sem teto...

Depois de algumas horas voltaram da mata com o homem trazido na rede. Colocaram-no dentro do barco, estava extremamente abatido, pálido, sem reação, rosto inchado, expressão de dor... Li muitas vezes a dose do soro para ter certeza de que não erraria. Um acesso venoso e a medicação lenta. Alguém explicava a história: a cobra subira na rede e no susto, ao enrolar-se junto com ela, o homem fora picado inúmeras vezes, inclusive no rosto. Tinha que dar certo, ainda não estava preparada para lidar com a morte, afinal havia só uma semana tinha me formado em medicina. Estávamos no Acre, no rio Envira, um rio barrento entremeado por áreas indígenas e seringais.

Na Amazônia aprendi a trabalhar em equipe, a lidar com as diferenças e os vários e complexos meandros da comunicação. O consultório poderia ser uma barranca de um rio, o barco ou uma palhoça, uma rede amarrada em qualquer lugar. Os índios agentes de saúde e as parteiras, alguns praticando seus ofícios desde antes do meu nascimento, ensinavam-me desde a aplicação do BCG até o mundo das relações com as lideranças. Pedir permissão para estar ali era a primeira lição, essa que eu carregou até hoje por onde quer que eu ande.

Assim fui me tornando médica, uma médica sem muros, de sol e chuva nos ombros, sem roupa branca ou avental. Assim fui aprendendo a observar e ter paciência, a estar junto para descobrir junto o que o corpo quer falar através de um sintoma, um sinal. Foi assim que aprendi a trabalhar sem portas e estar junto com todos mesmo quando choram ou fazem algazarra.

Na casa de paliçada, telhado de palha, não enxergávamos com muita exatidão o cenário. A mulher abraçada pelas costas à rede estava agachada no chão, com um pano não muito limpo por baixo. Como balançasse seu apoio, a rede era segurada, firmada pelo marido, um pouco apreensivo. Crianças e adolescentes, algumas mulheres andavam ao redor do casal, alguns preocupados, outros como se não estivesse acontecendo nada. A parteira quando me viu disse que o bebê estava demorando muito, era obviamente mais experiente que eu, mas me deu a chance de tentar ajudar. Com luvas – algo bem estranho à ocasião – consegui sentir o rosto do bebê que não descia, preso a um cordão enrolado ao pescoço. Desfiz a circular e com auxílio da parteira ajudamos aquele pequeno que não se atirava “de cabeça”, mas “de cara ao mundo”... Nem chorou o danado; ao massagear seu tórax enrugado, respirou num suspiro tranquilo aquele ar esfumado da oca. Logo foi mamar após termos cortado, não me lembro com o quê, um cordão comprido para não deixar esquecer o trabalhoso processo. Mais tarde seu irmãozinho diria para o bebê, sempre a me ver: “Olha a sua mãe!”...

Percebi então que fazia uma medicina sem holofotes, sem barulhos de máquinas, sem cheiro de hospital. Esse aprendizado, um caminho escolhido desde muito cedo por preferência e desafio, carregou comigo até hoje. O que faz com que ouça recorrentes vezes: “Você não parece médica! Parece até gente!”.

Muitas críticas me ajudam hoje a afirmar uma postura. E nesse ponto reflito o paradoxo de ter de criar mecanismos de humanizar o humano. Seria um artificialismo do ser, afinal o ser é ou não humano? Ou seria o estado atual de coisas uma piada surreal?

#### **1.4. De como cheguei ao Recanto dos Humildes**

Estava atendendo num ambulatório – triagem de pediatria – muito distante de minha casa (consequência de uma perseguição política), onde eu era funcionária pública municipal concursada, quando recebi um telefonema: era um convite para voltar para o Programa Saúde da Família (PSF), programa no qual eu já vinha trabalhando há sete anos, mas desta vez em uma unidade da periferia de São Paulo. Um amigo me havia recomendado. A mulher do outro lado não poupou esforços para me convencer. Hoje dá risadas quando lembra que me disse que as estatísticas demonstravam a melhora nos índices de violência local, uma preocupação que estava levando em conta na hora de fazer uma escolha. Disse que ia pensar, mas não estava muito disposta a voltar para o PSF, ainda mais na capital.

Algum tempo depois tive um problema de saúde que me valeu um mês de licença: toda a mágoa de ter sido arrancada de um processo de construção coletiva de cinco anos numa comunidade rural do PSF viera à tona. Consequência: não poderia continuar naquele momento no município em que estava.

Lembrei-me do convite feito pelo então secretário municipal de saúde de São Paulo na formatura da especialização em saúde da família e o procurei pedindo comissionamento. Várias unidades de saúde da zona norte e noroeste, onde procurava, precisavam de médico. Visitei muitos locais, conversei com gerentes, indaguei sobre problemas e conflitos locais... Mas foi quando cheguei à sede da associação Nova Esperança, onde estavam numa roda reunidos Unidade Básica de Saúde (UBS), Pronto Socorro (PS) e PSF, numa tentativa de integração, que fiz minha escolha. Não sei se foi o calor e a abertura dos gestores locais, se os olhos curiosos dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e enfermeiros das equipes ou aquele homem alto, negro de cabelos brancos que com sua linda voz grave me recebeu à porta do salão e convicto me disse: “Seja bem vinda, pode entrar, fique à vontade”. Era a unidade gerenciada pela mulher que me fizera o convite ao telefone. Passei por uma entrevista na

regional e por fim estava lá, no PSF Recanto dos Humildes com a Madalena como gerente, a mulher que conheceu a miséria de perto, que viu muitos irmãos morrerem de fome, sem endurecer. A mulher que sabia apreciar nossas qualidades e possibilitar o exercício de cada uma de nossas habilidades. Encabeçou a construção da unidade com doações da comunidade, da escola e dos padres jesuítas e o apoio incondicional de Sr. Agenor, o presidente da associação. Sr. Agenor deixou um vazio no mundo quando se foi. O primeiro a me receber no Recanto e nosso anjo da guarda no dia a dia, sempre com um olhar de segurança e uma palavra amiga. Sua voz firme e terna parece estar ao lado da palavra Recanto dos Humildes em minha memória, uma voz de tantas histórias e argumentos, de tanta luta...

Três anos convivi com aquela gente, três anos aprendi com elas, ri e chorei com eles. Gente nasceu e gente morreu. E vimos cada puérpera, cada recém-nascido e cada velório.

Era um PSF na rua, nas casas, na associação de bairro. Até hoje não sei muito bem por que saí de lá. Por três vezes fui para dizer não à proposta que me fizeram para preceptoria de equipes de PSF em várias cidades. Aceitei.

Tenho saudades, mas hoje sei que são saudades de um tempo que já se foi. A Madalena não está mais lá, Sr. Agenor não está mais lá e o PSF parece ter um tom melancólico preso à unidade numa demanda sem fim.

## **CAPÍTULO 2**

### **“TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO LÓGICO”**

#### **REFERENCIAIS TEÓRICOS**

##### **2.1. “SEUS OLHOS EMBOTADOS DE CIMENTO E LÁGRIMA”**

###### **Sobre a Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire**

O processo de construção do conhecimento se dá em um contexto coletivo. Não se pode falar em processo de ensino-aprendizagem sem pensarmos nos atores desta construção. Tanto o “educador” como o “educando” estão a todo tempo construindo seus papéis, ou seja, não há um educador estrito ou um educando estrito. Estes papéis estão constantemente se alternando na dialogicidade do processo educativo. Aqui tomamos como referencial de educação o que Paulo Freire considera Educação Libertadora, e não qualquer dito processo educativo, que traga por trás de seu disfarce de educação um projeto de manipulação ou adestramento, como o que Freire denomina Educação Bancária, aquela que considera os participantes do processo como caixas vazias a serem preenchidas pelo “educador” com sua verdade única e absoluta. Queremos tratar aqui do processo educativo não “para”, mas “deles”.

Nossa realidade historicamente construída na opressão de uns sobre outros, herança impregnada em relações de escravidão servil, subserviência e repressão, faz com que facilmente se possa identificar, na multidão que constitui o povo, oprimidos e opressores. O oprimido e o opressor, assim como no processo educativo, alternam seus papéis e desejos, um como espelho do outro. Nem coitadinho, nem herói, o oprimido tem papel essencial em sua libertação da opressão. Impregnado dela, muitas vezes a deseja e tem como paradigma: estar bem é estar no papel do opressor. Não há como romper as amarras da opressão sem lidar com estas questões, sem que o oprimido reflita sobre a libertação do opressor como parte de sua própria libertação. O oprimido carrega dentro de si o opressor em potencial, muitas vezes este é seu desejo e o persegue cegamente não percebendo que este é o visgo que o aprisiona. Por isso a libertação é um ato de responsabilidade para com o mundo.

Para Freire, ler não é apenas um ato mecânico de reconhecimento da grafia das letras, é necessária a leitura do mundo. Este exercício, muito negligenciado pela escola formal, também é pouco vivenciado na realidade popular, nas associações, nos movimentos populares, infelizmente. A necessidade imediata da sobrevivência suplanta a necessidade de

compreensão através da leitura do mundo, necessária à continuidade do desenvolvimento do projeto humano. Não estamos prontos, nos construímos historicamente, como diria Freire. Alfabetizar é portanto conscientizar.

A leitura do mundo é a desconstrução do que a palavra significa para ressignificá-la a partir da vivência de cada participante do processo educativo.

Assim como nos círculos de cultura, o movimento popular pode ser grande oportunidade do aprender na reciprocidade. A construção e realização do desejo ou da superação das dificuldades coletivamente é momento único para a construção de um saber na reciprocidade. É quando necessito do outro para compreender o todo e realizar meu projeto, que com a participação dele se torna nosso projeto, que tenho a oportunidade de vivenciar um processo educativo libertador. Não há, ali, nem mestre nem discípulo, nem professor nem aluno (*allumini* – sem luz) a ser iluminado pelo saber do outro. O que há são seres em partilha.

Ao partir da linguagem, mais precisamente da palavra, podemos enxergar o que significa ou representa cada elemento da leitura do mundo, quando contextualizamos existencialmente seus significados. O que cada palavra traz do meu universo está expressado em meu comportamento diante do mundo e das ideias.

A palavra tem em si um significado que caracteriza sua intenção em relação ao mundo. Refletir sobre como se dá este processo e resgatar a intencionalidade das ações a partir da intencionalidade escondida na linguagem podem ser ferramentas de libertação da manipulação pela linguagem, pela leitura distorcida do mundo, pela imposição da leitura do opressor ao oprimido.

O processo educativo libertador é local de encontro, nele a história é contada pelas palavras dos participantes, que buscam sua expressão, ao buscar as palavras, não simplesmente “para colecioná-las na memória”, como diria Freire, mas para partilhar a vida. “Na medida em que se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história” (FREIRE, 1987).

A importância de dizer a sua palavra está, entre outras questões, na importância de tomar para si as rédeas de seu “estar no mundo”, a necessidade de expressar seu mundo e traduzi-lo para que se faça mundo com os outros. A humanização só pode ser construída em espaços onde se possa exercitar o “dizer sua própria palavra”. “Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim observo como vivo” (FREIRE, 1987).

Construída pelo viés do espetáculo, a sociedade não se constitui em um mundo para si, mas um mundo imposto, um mundo para o outro, do subordinador ao subordinado, do opressor para o oprimido, do dominador para o dominado. Este mundo assim exposto, que não convida à participação, mas à acomodação na “cadeira do auditório” (de preferência seguindo as ordens do mestre de cerimônia), paradoxalmente incita a tomada ou retomada do que lhe cabe: como assistir impassivelmente à ruína de sua própria vida? Mesmo a mais ingênua das consciências tem este potencial, quando consegue se perceber imersa na realidade. Não há consciência se não houver a percepção do outro no processo, a conscientização então se dá como processo de consciência do mundo. A consciência é abertura. “Testemunhando objetivamente sua História, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel” (FREIRE, 1987).

O ser humano se encontra a partir do diálogo. O diálogo constrói a contextualização histórica e é o fundamento da historicização humana. A consciência do mundo não se dá no processo de isolamento do mundo, mas de imersão neste através da vivência, da experiência, ativamente. “O mundo da consciência não se constitui na contemplação, mas no trabalho” (FREIRE, 1987).

Quando conto minha história, quando trabalho (busco, reflito) os significados da palavra para traduzir o mundo, tenho aí a grande responsabilidade de construção deste mundo representado e a necessidade de me inserir nele, como ser responsável. O mundo então pode aí se apresentar como projeto humano inacabado, em construção. Como este processo não se dá solitariamente, a tradução do mundo na composição de vários olhares pode fazer surgir a percepção de que há um mundo que é projeto e outro que não (pelo menos para si), ou seja, um projeto que vem deste encontro e outro que vem de outro espaço: o da dominação, do opressor. É claro que não há apenas dois projetos de mundo, mas a sociedade neoliberal capitalista não constrói um mundo para todos, e isto é evidente. O aperceber-se disso pode ser um passo para libertar-se.

Se o mundo é uma construção coletiva, construído por todos, a construção parcial do mundo, a história parcial do mundo, a ciência parcial do mundo, a vida parcial do mundo, como pedaços que são do todo, borram a imagem da realidade e a convertem em “mentira com fins lucrativos”. O lucro é obtido através da escravização e do silenciamento do outro, da violência. A dominação desumaniza e a desumanização é a ferramenta da dominação. O espaço educativo que deveria ser exercício de liberdade torna-se exercício de castração.

Na educação libertadora, a proposta é dizer sua própria palavra, não imposta por este ou aquele, não pré-cozida na panela do opressor. Se uma vivência propicia o dizer de sua própria palavra, está sendo libertadora, se leva a dizer o que se ditou ou o que se espera, a regra, é manipulação, é transfiguração do ser humano em objeto, por isso não transforma, só mantém o que está dado, em geral, pelo opressor. Nos movimentos populares, esta condição flutua, “dá voltas e revoltas”, circula entre quem participa, cria possibilidades. O condicionamento, porém, do “não dizer” é tão forte e invisível que, mesmo onde se poderia construir momentos de criação, há recaídas de momentos de opressão entre parceiros do mesmo processo. Isso é marcante porque há a presença do opressor no cerne do oprimido, e libertar-se muitas vezes significa libertar-se desta condição perversa, e nem sempre percebida. Assim se dá a massificação pela escola formal, pela mídia, pela maneira hegemônica de se fazer saúde, pelo processo de trabalho, pelas relações de afeto e tantas outras situações cotidianas.

No entanto, o contrário, que é o exercício de dizer sua própria palavra, contar sua própria história, muitas vezes é árduo, difícil e penoso, um caminho de contramão onde se corre o risco de ser atropelado. Assim é estar na contra-hegemonia, tentando um novo projeto de mundo. Negar que há possibilidade para este exercício também seria absurdo. No movimento popular e na cultura popular, vemos a todo o tempo a resistência se configurar como ato de rebeldia: desde os mutirões de roça, até os de encher laje; das desconstruções do próprio sagrado, para se sentir pertencimento, como nas festas de alegria do nordeste, onde se deveria cultivar tristeza e culpa dominadoras de gente; passando pelos saberes tão bravamente guardados das tecnologias em saúde e cuidado populares da fitoterapia, da naturologia popular, ou a que ensina que descansar ajuda a recuperar o parto e a doença – há milhares de exemplos onde a palavra essencial, a verdadeira própria palavra dita por quem a diz, se fala e re-fala constantemente, pela resistência.

A leitura do mundo se dá através da reflexão sobre o mundo e sua complexa realidade. Dizer sua própria palavra significa trazer a este mundo a consciência de si e do que diz respeito a todos e a cada um, fazemos parte de um todo que só é respeitado se respeitadas as partes. Portanto, a exclusão é desrespeito, é desumana e quebra a possibilidade de reconstrução. Dizer sua própria palavra é ato de bravura, de construção de novas possibilidades.

Ter consciência das distorções do mundo pode ser ferramenta para transformá-las. Da mesma forma, presenciar a participação na transformação e nas experiências de novos rumos em busca de mais dignidade nos impulsiona a esta caminhada. Como nos afirma uma das

entrevistadas, “se contamina pelo espírito dos Queixadas, quem viu sua luta e a conheceu de perto, não consegue ficar parado porque sente vergonha de não enfrentar os desafios das injustiças sociais” (AS FONTES, 2011).

A educação não pode ela sozinha enfrentar os desafios que a história nos coloca, suas contradições e incoerências. Não podemos ingenuamente acreditar que é possível modificar o mundo apenas pela educação. Além de não ser possível, de que educação estamos falando? A educação como prática de liberdade ou a educação como forma de alienação? A educação para crítica e reconstrução do mundo? ou a educação para manter o *status quo*? Todas são práticas educativas ideologicamente mediadas. Não há neutralidade, quem faz educação tem uma intenção. Ela pode estar bem clara ou oculta atrás de um discurso, mas sempre há uma intenção, um lugar ao qual se deseja chegar no processo. Porém, o processo educativo é tão dinâmico que não conseguimos sequer ter controle sobre ele enquanto processo, que dirá enquanto porvir. Daí a grande arma e desafio perigoso e deslumbrante. Podemos ir adiante ou regredir. No dizer de Freire, “a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou interestruturais, contradições que impedem o homem de ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação” (FREIRE, 1987).

O sectário e o radical, o intolerante e o inflexível? Radicalismo é no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* descrito como “doutrina ou comportamento dos que visam combater pela raiz as anomalias sociais mediante implantação de reformas absolutas” (FERREIRA, 1975). Para Freire, ser radical implica ser alimentado pela criticidade e por isso ser criativo. A sectarização castra, é como uma seita, o que se impõe é um dogma a ser simplesmente aceito sem refutação. A realidade passa a ser uma falsa e imutável versão do mundo. Esta visão paralisa e não abre possibilidades de enfrentamento das contradições perversas da realidade. O mundo está dado e ponto! Não há possibilidades de emancipação humana, a escravidão é a única forma de se viver nesta realidade. “Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica por isso libertadora. Libertadora porque implicando o enraizamento que os homens fazem, na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva” (FREIRE, 1987).

Mesmo os mais fervorosos revolucionários, radicais militantes pela justiça social, não estão livres de se tornarem sectários. Para Freire, o radical e o sectário podem estar em polos do mesmo caminho:

Um pretende domesticar o presente para que o futuro, na melhor das hipóteses, repita o presente domesticado, outro transforma o futuro em algo preestabelecido, destino irremediável. Fecham-se num círculo de segurança do qual não conseguem sair, estabelecem ambos a sua verdade. Girando em torno da “sua” verdade, sentem-se abalados na sua segurança se alguém a discute. Sofrem ambos de falta de dúvida. (FREIRE, 1987).

Por isso não basta só ser radical, é necessário mergulhar na realidade para conhecê-la, sem temer o “desvelamento do mundo”, sem temer a incerteza da vida, enxergar na incerteza a possibilidade, a construção. É necessário que o radical se comprometa com “a libertação dos Homens”, no dizer de Freire (1987).

Conhecer o mundo significa dialogar com as pessoas que estão sendo no mundo, enriquecer saberes, construir novos saberes, reavivar outros já conhecidos. O radical, comprometido com a historicidade do mundo, “Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete dentro do tempo, para com eles lutar” (FREIRE, 1987).

Pensar no outro como alguém incapaz de decidir sobre si ou sobre o rumo que deseja tomar é pensar no outro com um ser menos. Este pensamento o desumaniza, torna-o descartável, invisível. Os invisíveis estão em todo lugar e em lugar algum. Os descartáveis não são mais necessários, nem como exército de reserva, nem como consumidores, nem como seres portadores de direitos e dignidade. Assim se dá a perversa lógica do capital. A desumanidade encontra-se nos que têm sua humanidade roubada e nos que a roubam. A desumanização não pode, no entanto, ser vista como vocação histórica. Se assim fosse, como diz Freire,

nada teríamos a fazer, a não ser adotar uma postura cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na História, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 1987).

Há um opressor que mora no cerne do oprimido, libertar-se da opressão pode então se apresentar ao oprimido como uma forma de vingança onde ele será o próximo opressor de quem o oprime. Libertar-se da opressão, então, deve significar libertar-se a si próprio e aquele que oprime, a não ser que se queira correr o risco de aprisionar-se numa farsa libertadora. Há no jogo da opressão nuances que não devem ser deixadas de lado como menos importantes, são elas também componentes da perversidade do processo. A liberdade não é algo que se receba “caída dos céus”, ela é buscada pelo oprimido com sua força e necessidade. Uma

liberdade dada é apenas uma falsa liberdade, aquela que lhe dou é a mesma que faz com que eu te controle. A falsa “generosidade” do opressor pode ser muito mais castradora e dominadora do que sua inflexibilidade. A inflexibilidade pode gerar reação, a “generosidade” pode gerar acomodação, passividade, perpetuando a injustiça. Freire chama atenção para o fato de que

os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora permanente desta “generosidade”, que se nutre da morte, do desalento e da miséria. Daí o desespero desta “generosidade” de qualquer ameaça, embora tênue, à sua fonte. (FREIRE, 1987).

Quando falamos então em uma pedagogia do oprimido, estamos falando de um realizar do processo de ensino-aprendizagem “forjado” por todos e todas que estão imersos no processo. E este realizar se dá numa busca contínua de humanização, de recuperação da humanidade, no sentido mais amplo que esta palavra contempla. Este realizar-se enquanto processo educativo tem como motor olhar para a injustiça e pensar alternativas a ela. Não está pronto porque é processo, está em permanente construção porque histórico. Um de seus grandes desafios é, na contradição entre opressores e oprimidos, contribuir para fazer surgir o homem livre. No entanto, a liberdade muitas vezes amedronta. Segundo Freire, isto merece reflexão:

Toda prescrição é imposição da opção de uma consciência a outra. O comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores. Os oprimidos que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas. Temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão dessa sombra, exigiria deles que preenchessem o vazio deixado pela expulsão do outro conteúdo – o da sua autonomia. O de sua responsabilidade. Sem o que não seriam livres. A liberdade é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. (FREIRE, 1987).

Para desconstruir a opressão não basta prestar assistência ao oprimido, é necessário se solidarizar com ele, assumindo a situação dele, numa atitude radical, lutar com ele pela transformação da realidade.

A realidade é consequência do contexto produzido pelas ações humanas, não é mera obra do acaso e também não é transformada por acaso. A inserção crítica na realidade traduz a atuação daquele que se insere e só acontece através do conhecimento verdadeiro desta realidade, aquele que é capaz de produzir mudança. “Inserção crítica e ação já são a mesma coisa”, no dizer de Freire (1987); a pesquisa-ação então seria a produção do conhecimento

para a mudança, por isso fruto da imersão na realidade e da solidariedade dos que a constituem e representam.

A história oficial costuma negar a participação dos oprimidos no processo histórico de construção da realidade, é portanto uma história distorcida dos fatos, criada para defesa da classe que o descreveu. Escrever a história do oprimido só pode significar o reconhecimento da história e trazer à história oficial seu componente faltante se quem estiver escrevendo tiver a solidariedade radical advinda da verdadeira imersão na realidade do oprimido. Esta história pode ser ferramenta para uma pedagogia libertadora.

A pedagogia que se utiliza da história do opressor como única e legítima nega a humanidade aos oprimidos. A pedagogia que parte dos interesses dos opressores, mesmo que camuflados de “generosidade”, é ferramenta de opressão tanto quanto a pedagogia do chicote, apesar de o oprimido não a perceber muitas vezes como tal. Tão perversa quanto a violência é a dominação camuflada de benevolência.

No entanto, para realizar prática pedagógica libertadora é necessário poder político. Se o poder político está desigualmente distribuído entre oprimidos e opressores, como exercitar uma prática pedagógica libertadora? Em primeiro lugar, é necessário sempre lembrar que a prática pedagógica não acontece só na sala de aula; pelo contrário, a educação libertadora deve se dar em espaços da vida. A participação no processo de organização dos oprimidos pode ser campo privilegiado da prática pedagógica libertadora, desde que a ação desenvolvida esteja voltada a “uma mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos e depois a expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos na estrutura nova que surge da transformação revolucionária” (FREIRE, 1987). Nesta fase do processo educativo, a pedagogia do oprimido não é mais só do oprimido, mas de toda humanidade em processo de libertação.

Durante o processo de organização comunitária, seja na luta por moradia, educação ou saúde, seja na luta de trabalhadores por melhores condições de trabalho, é necessário prestar atenção às tentativas de superação das questões relativas à opressão, à exclusão e à imposição de uma autoimagem de “fraco”, “incapaz”; falsa, mas impregnada de significados para a vida dos oprimidos (por vezes os paralisa, por vezes incute a ânsia de oprimir). Se estas questões não são colocadas, é necessário trazê-las à tona, colocá-las nas pautas ao lado das outras reivindicações. É importante descobrir a opressão, o opressor e o oprimido dentro do oprimido; sem estas percepções não é possível libertar-se da opressão. Não há como se libertar sem que se esteja consciente da opressão. Se, como afirma Freire, ninguém liberta ninguém, a consciência da necessidade da libertação, ou seja, a consciência da opressão e da

possibilidade de uma nova realidade através da reflexão que conduz a ação é condição para a transformação da realidade desigual e opressiva. Por outro lado, como ninguém se liberta sozinho, a reflexão que se traduz em ação só é possível através do diálogo. O diálogo padronizado, estereotipado, “mediatizado”, discurso vazio e populista, é ferramenta de domesticação e transforma quem está lutando em massa de manobra para uma luta que muitas vezes não é sua, para a luta do opressor em manter sua posição. Nessa inserção na realidade, o oprimido pode aperceber-se de que sua situação pode mudar através da ação que parte de sua consciência; não há como fazer isso de fora para dentro, como numa ação “bancária” de depósito; é portanto processo, não imposição de uma consciência a outra; isto não seria conscientização. As conclusões devem partir do processo de construção de conhecimento propiciado ao oprimido, por isso a importância do papel do educador-educando neste processo. O convencimento da necessidade de lutar contra a opressão tem que brotar da consciência do oprimido, que só assim pode se engajar numa luta verdadeira, crítica e transformadora. A inserção crítica na realidade é que pode levar à ânsia de transformá-la.

Criar e construir uma nova realidade requer, no entanto, liberdade. É preciso libertar-se através da ação e da responsabilidade, “deixar de ser escravo, peça bem alimentada da máquina” (FREIRE, 1987). É papel do processo educativo libertador, a partir de seus sujeitos, construir o conhecimento necessário à transformação da realidade injusta em realidade humana e continuamente recriar este conhecimento.

O diálogo é ferramenta de construção do mundo, o diálogo verdadeiro constrói conhecimento. Não é mais a minha ideia nem a sua, nem a arrebatada luta entre elas, mas a construção de uma nova ideia, a partir das múltiplas que se movimentam dinamicamente, que constitui o diálogo libertador. Não é diálogo o ato de tentar depositar sua ideia no pensamento do outro, nem impor sua ideia pelo grito, pela força ou pela sedução, nem simplesmente trocá-la como mercadoria, mas o desenvolvimento das ideias no diálogo é que o caracteriza como processo de possível transformação criativa.

A história não pode ser construção do olhar dos privilegiados do mundo. Para que seja história da humanidade, deve contemplar a palavra dita sobre a realidade por homens e mulheres do mundo. Dizer a sua palavra deve ser direito de toda a humanidade. Uma educação que seja libertadora deve construir momentos em que seus participantes pronunciem o mundo através de suas palavras.

A educação como prática libertadora é local de encontro, todos têm o que contribuir, “não há sábios absolutos nem ignorantes absolutos” (FREIRE, 1987). O que prejudica o diálogo, além do autoritarismo, é a alienação. Medida da alienação é a não percepção da

possibilidade ou da necessidade da mudança. Mas para construção de consciências podemos trabalhar contra a alienação através da problematização e reflexão da realidade pelos participantes do processo educativo. O que não se pode fazer é impor modelos, impor silêncios ou roubar suas vozes. “Não podemos esperar resultados positivos de um programa educativo (técnico) ou político se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de ‘invasão cultural’ ainda que feita com a melhor das intenções” (FREIRE, 1987). O processo educativo libertador deve ser construído “com” e não “para”, por isso é feito a partir do diálogo no qual se propõe a situação existencial contraditória concreta como problema para desafiar o pensamento a encontrar respostas intelectuais e de ação.

## **2.2. “MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O PÚBLICO”**

### **A educação é um ato político: a pedagogia da insurgência**

“Todo projeto educativo tem que estar enraizado  
no passado e na luta por direitos”

(FREIRE, 1965)

Como uma pesquisa acadêmica se insere no processo educativo? Esta questão pode parecer redundante: uma instituição produtora de conhecimento deveria ter como pressuposto otimizar e aproveitar da forma mais completa possível a experiência educativa em todos os projetos por ela desenvolvidos. Porém, as instituições acadêmicas, numa realidade como a brasileira, muitas vezes se distanciam do conceito que Paulo Freire nos traz da educação construída na reciprocidade: “ninguém se educa sozinho”, o ser humano se educa mutuamente, em relação. A construção do processo educativo implica e é implicada pela trama formada por seus protagonistas.

O que norteia o processo investigativo? O fio condutor em uma pesquisa acadêmica pode ser o processo educativo constitutivo da investigação ali proposta? O que aprendemos a cada passo que damos? Quais as trocas concretizadas? O que compartilhamos durante o processo?

Por ser, na visão de Freire (1987), uma conduta, um conjunto de valores pedagógicos, a educação é um compromisso, uma postura. Se a postura que se quer adotar é crítica e tem o desejo de atuar para a transformação do que deve se transformado no universo estudado, o trabalho do pesquisador passa a ser conectado com o universo estudado, não está descolado dele, não está isolado, não é uma “realidade paralela”. Não há ciência neutra, assim como não

há processo educativo neutro. Estamos imersos na complexidade do cotidiano do mundo. Um processo educativo que se coloca à disposição da estagnação, sem crítica nem contraponto à pedagogia dominante, que caracteriza a educação como mercadoria e atua para a formação de seres humanos acríticos e submissos, não pode ser reconhecido como produtor de conhecimento. Um espaço onde as pessoas não repensam sua realidade em momento algum, onde a crítica é desaconselhada e a dominação é quem dita as regras das relações humanas não pode caracterizar um espaço de construção de saber. A educação é indignação. Se não há espaço para a indignação, não há compromisso com as distorções do mundo, não há possibilidade de construção do novo. A educação deve exercitar a insurgência, e não treinar a subserviência.

“Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças sociais, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência, um papel altamente formador” (FREIRE, 1998, p. 45). Estar no mundo e para o mundo é poder indignar-se com o que está posto como definitivo, sem que seja de fato, apenas pelo dito do poder. O poder circula e por isso também se pode dizer que não há o definitivo, outra organização do mundo é possível, o ser humano tem condições tecnológicas e inteligência suficientes para isso. O que lhe falta, entre tantas necessidades de mudança de seu agir no mundo, é uma cultura de partilha que suplante a arraigada cultura da competição, é a visão de que o outro faz parte de um mesmo mundo, portanto faz parte de mim, somos todos um mesmo organismo terreno. “Tenho direito de ter raiva, de manifestá-la de tê-la como motivação para a minha briga, tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação para a minha briga. Porque histórico, vivo a História como tempo de possibilidade e não de determinação” (FREIRE, 1998). Por isso há o movimento...

VITÓRIA: Não [se pode jogar a história fora], nunca, jamais. Que a história pra mim nunca vai acabar. Ela pode ficar pra trás, ela pode ficar guardada, mas pra acabar, não creio... pelo menos como começou, não acaba nunca e eu acredito que foi muito mais enriquecedor. O começo foi muito mais enriquecedor porque quando você tem muito mais luta é mais enriquecedor.

Para Moretti (2008), o princípio pedagógico latino-americano é a insurgência. O condicionamento na educação estaria em uma matriz externa ao que seria a “nossa” educação em sua vertente libertadora. A educação bancária, fortemente impregnada em nossas práticas educativas, não teria suas origens nos processos de organização que são encontrados nos movimentos de resistência. A resistência pressupõe desobedecer ao que se considera

equivocado, o que oprime. A educação bancária pressupõe uma prática de obediência acrítica do oprimido ao opressor.

No processo educativo, como aponta Freire, os participantes saem modificados pelo encontro. Um educador que não sai modificado pelo processo educativo pode estar vivenciando outra experiência, mas não está vivendo um processo educativo. O ideal de educação estaria ligado aos processos de emancipação e não simplesmente ao desenvolvimento de potencialidades recuperáveis pelo mercado de trabalho.

Os movimentos populares podem ser espaços de desenvolvimento humano, de educação no sentido freiriano. A partir do questionamento da realidade injusta e opressiva, a partir das discussões pela necessidade de se conquistar o que deveria e poderia estar garantido a todos e todas, o espaço educativo pode ser ferramenta de construção de cidadania. Tomar conta de seu próprio espaço no mundo, estar adiante das decisões sobre sua própria existência é exercício fundamental para a criação humana.



**FOTOGRAFIA 1 – Movimento de Chiapas**

Streck (2008), no entanto, adverte contra os riscos de idealização dos movimentos populares como entidades sagradas acima de qualquer crítica ou suspeita. O espaço educativo é o espaço do diálogo, não há pressupostos, está em constante transformação. Lidar com o processo de criação de espaços de exercício de liberdade é também lidar com a imprevisibilidade. O ser humano, como ser inacabado que é, passa por transformações dinâmicas estruturais e de visão do mundo. Não há como se afirmar taxativamente que este ou aquele espaço educativo não estejam também em constante processo de transformação. A experiência é o exercício de experimentação. Neste exercício, o errar é imprescindível e a reflexão é possibilidade de amadurecimento. Portanto, os espaços criados pela

imprevisibilidade dos movimentos populares não são meros retratos de ações contra-hegemônicas. Nem “endeusados”, nem “endemoniados”, como diria Streck (2008), são muito mais, são espaços de possibilidades. Por isso também a característica de movimento, algo que está sendo move-se no tempo, no mundo.

Mas quem está em movimento? A sociedade? Mas a sociedade é feita de pessoas! As pessoas movem-se na construção da sociedade? Ou minimamente de seu espaço local de viver? As pessoas protagonizam movimentos a partir de suas necessidades, concebidas em mundo que é real: há dor, fome, solidão, necessidade de abrigo, de conhecimento...

Para os zapatistas, “ser professor é ser democrático. Os que não são democráticos, não são professores e sim alcançam apenas a categoria de condutores de charretes” (MARCOS apud MORETTI, 2008). Segundo Freire (1986), a leitura crítica do mundo é reinvenção, um refazer do mundo que envolve necessariamente a organização das classes populares, a reflexão de homens e mulheres sobre seu próprio estar no mundo para intervir nesta realidade. A educação crítica é a leitura crítica do mundo. Não se pode passar despercebido no mundo, mesmo quem se declara ausente e assume a postura de desconsiderar a importância da participação, está colocado como presença viva. Mesmo que a atualidade insista em desqualificar homens e mulheres como seres viventes, não há como negá-los em sua existência. Mesmo que se criem categorias de excluídos desnecessários, e realmente nada se coloque que possa dar visibilidade a eles, nessa mesma invisibilidade eles podem estar gritando sua vivência, sua existência.

No mundo inteiro há dois projetos de globalização em disputa. O de cima, que globaliza o conformismo, o cinismo, a estupidez, a guerra, o esquecimento. E o de baixo, que globaliza a rebeldia, a esperança, a criatividade, a inteligência, a imaginação, a vida, a memória, a construção de um mundo onde caibam todos os mundos. Um mundo com [...] democracia! Liberdade! Justiça! (MARCOS apud MORETTI, 2008).

Os invisíveis estão por aí em toda parte, andam pelas ruas e, na periferia, parecem ignorar as calçadas. Já que são invisíveis, ocupam todo o espaço, inclusive o local dos carros e os morros ou córregos ou embaixo das torres de alta tensão. Já que são invisíveis, ninguém pode enxergá-los, nem eles próprios. Suas cores pálidas, seu tempo de existência, sua ancestralidade, nada disso tem importância, porque nada disso os faz ter visibilidade. E sequer têm nome, que dirá história. Sua história é a de outro, daquele que os dominou, que o explora. Não têm história própria porque não são dignos de ter história. Não têm importância nenhuma para possuírem alguma – qualquer – história – que seja.

Não tem passado, é o homem do presente, só tem o momento, não tem a mínima ideia sobre de onde veio, nem para onde está indo, foi esvaziado de si. Só suporta estar vivo porque o momento o suporta, momento a momento. E não sabe por que está ali, a não ser o fato de que está realmente ali, obediente a um sistema que mal o explica, que pouco compreende e que o oprime o suficiente para que esteja oco e frio. E aí, é bem aí que colocam o que quiserem a seu respeito, para mais facilmente o dobrar: é feio, ignorante, fraco, repugnante, indesejável, rude, violento, pobre... e quantos outros adjetivos do instante se quiser ou decidir imprimir ao que não está ali, nem em lugar algum.



**FOTOGRAFIA 2 – Movimento de Chiapas**

Por isso sente-se pouco, por isso sente-se nada, ou quase pouco, ou quase nada... Por isso também não se move e é incapaz de colher sua história como quem colhe a fruta deliciosa do pé.

Não está vivo mais, apenas trabalha. Tudo o que sonhou para si já não tem fôlego para sonhar, perdeu-se, foi pelo ralo, esgotou-se. Só trabalha, nem sorri, nem descansa, está anestesiado. História? Que bobagem! Não precisa disso, compra uma na próxima novela, da mídia poderosa, mãe de todos os pensamentos, que cuida para que não sofram, para que sigam a vida sem questões duvidosas.

História, o que é isso? Não é preciso história para ser chicoteado dia a dia no faça isso faça aquilo da engrenagem do capital financeiro. Está só, não compartilha com ninguém (a história faz de nós seres da partilha – se não podemos partilhar nada porque nos foi proibido, porque é isso que se exige de nós, que pelo menos a história pudéssemos dividir, como quem divide o pão, como quem divide o abraço solidário).

O resgate histórico é mobilizador porque pode ser exercício de comunhão, faz do indivíduo com-divíduo, faz do solitário um pertencente. Se pertença, sinto-me mais forte e seguro, e posso então questionar o que perceber como injusto. O resgate histórico pode ser o exercício da com-idade, a construção do que é comum a todos, pode ser partilhado, compartilhado. Por isso a pressão contrária, por isso a força da violência na tentativa de apagar nossa própria história do imaginário coletivo, da memória de todos. Sem memória, vagamos sem rumo, sem saber como chegar nem como retornar. Sem referencial, sucumbimos, não somos mais nada, só o vazio. Para Freire, “não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (FREIRE, 1996, p. 45). Se não nos sentimos parte da história, dificilmente nos reconheceremos como responsáveis pelo que pode ser motivo da indignação, pelas injustiças, pelas distorções do mundo, nem por sua manutenção nem por sua mudança. Reconheceremo-nos como seres anulados historicamente. Encontrar os pares pode favorecer a sensação de pertencimento e construir espaços de criação para novas possibilidades, porque essa condição pode nos fortalecer e estimular. É necessário, no entanto, estar à vontade, não ser estrangeiro dentro de seu próprio espaço. O espaço de dominação faz do dominado um estranho, alguém fora do contexto. Ao cercar um pedaço de terra e dizer que quem ficou de fora não tem direitos, o homem criou a exclusão. Em sociedades onde a terra é considerada com um bem coletivo, assim como o que a ela se atribui e o que dela se usufrui, pode-se pertencer sem posse. Este estar no mundo diz respeito ao que significa, para Weil (1979), o conceito de enraizamento, a sensação de sentir-se em casa onde quer que se esteja (trabalho, morada, rua, escola). Ao perguntar para um grupo de 30 trabalhadores de saúde em um dos encontros proporcionados pela pesquisa se conheciam algum dos movimentos populares que fazem a história de seu bairro, apenas três levantaram a mão. Como pertencer a um lugar se não me reconheço como parte integrante de sua história? “Compreender como o passado converteu-se no presente nos ajuda a compreender o presente e provavelmente algo do futuro” (HOBBSAWN apud MORETTI, 2008).

Por outro lado, podemos pensar no futuro como apenas um desejo, ou sequer isso, se o presente não favorece a reflexão da perspectiva. No dizer de Weil,

seria vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada, nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva, a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos e assimilados, recriados por nós (WEIL, 1979, p. 353).

E tal como, no passado, uma das nossas tarefas é descobrir as vidas e pensamentos das pessoas comuns e resgatá-las daquilo que E. Tompson chama “enorme

condescendência da posteridade”, assim, no presente, nosso problema é também o de desnudar as suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam saber o que são os fatos e as soluções, e querem impô-las às pessoas (MORETTI, 2008, p. 230).

Segundo Moretti, o *Dicionário de Política* de Bobbio, Matteucci e Pasquino define insurgência como “movimento generalizado contra o poder dominante que tende a coincidir com as manifestações de massa” (MORETTI, 2008, p. 152). Ainda para a autora, “insurgência é um movimento contra a opressão do povo em defesa de libertação geral, conduzida de baixo para cima com finalidades políticas e sociais bem definidas” (MORETTI, 2008, p. 152). O insurgente pode ou não ser agente de transformação da realidade, dependendo de sua postura diante do mundo. Para Streck, a forma de insurgência que pode ser ferramenta para mudanças na estrutura social injusta dada é a “insurgência no sentido de recuperar ou criar a possibilidade de dizer a sua palavra, de fazer com que sua revolta e a indignação contra as condições opressivas se transformem numa força potencializadora de mudanças” (STRECK apud MORETTI, 2008, p. 146). Para Moretti,

o educativo na insurgência acontece quando os conflitos se explicitam de tal forma que geram mudanças no conhecimento, nas ideias, no comportamento e nas práticas. O saber adquirido e modificado não teria um fim em si mesmo, mas tomaria a força e ação como instrumento de luta... (MORETTI, 2008, p. 149).

Porém, não basta a rebelião, é necessário a reflexão para que o que se move se torne crítica e transformação de situações injustas; se não, corre-se o risco de o ato insurgente ser usado como ferramenta para reforçar aquilo que gerou a indignação. Para Freire (1996), em *Educação como prática da liberdade*,

a rebelião se manifesta como um conjunto de disposições mentais, ativistas, nascidas dos novos estímulos, característicos da sociedade em aprendizado e abertura. A emersão um tanto brusca, feita pelo povo do seu estado anterior de imersão, em que não realizara experiências de participação, deixa-o mais ou menos atônito diante de novas experiências a que é levado, as da participação. A rebelião é fartamente ingênua e por isso, carregada de teor emocional. Daí a necessidade de ser transformada em inserção.

Com isso, Freire não quer dizer que a emoção seja algo que enfraquece a luta popular. Nesses tempos de neoliberalismo, é necessário que fique claro esse aspecto da crítica freiriana, porque não se faz nenhuma luta popular sem o vínculo afetivo entre os pares e a indignação é uma emoção forte o suficiente para que pessoas se mobilizem para se opor à realidade perversa. O que o professor coloca, aqui, é a necessidade de reflexão sobre si, sobre sua realidade, a leitura do mundo que chamou de “inserção”, da qual pode se considerar que faz parte a reconstrução ou resgate de sua própria história.

### CAPÍTULO 3

## “SUBIU A CONSTRUÇÃO COMO SE FOSSE SÓLIDO”

### PESQUISA E AÇÃO

Este trabalho tem por **objetivos**:

1. Reconstruir a história do PSF Recanto dos Humildes a partir das narrativas de seus protagonistas.
2. Identificar e compreender as possíveis contribuições do Sistema Único de Saúde (SUS) para o desenvolvimento sociopolítico da comunidade local, potenciais e dificuldades para o incremento desse processo, considerando as questões relativas a iniquidades sociais.
3. Propor, executar, descrever e avaliar uma ação não trivial, considerada pelo grupo factível e prioritária, construída a partir das problemáticas levantadas pelas discussões da pesquisa.

A escolha do método é um ponto importante na pesquisa científica. Cada método, cada técnica, quando adequadamente escolhido, pode funcionar como grande ferramenta na coleta, organização e discussão do universo estudado. Mas como fazer uma escolha adequada? Primeiro é preciso ter clareza do que se pretende com a pesquisa (Um título? Um diploma? Recurso? Conhecimento? Contribuir para um mundo melhor? Construir cultura?...). O longo intervalo entre não ter pretensão nenhuma e ter pretensões demais cria muitas possibilidades éticas, honestas e outras nem tanto. O que quero dizer com isso: o método, quando adequado ao propósito da pesquisa, não a engessa, nem sufoca, pelo contrário, permite que aquela ideia seja gestada, iluminada, apreendida de uma maneira rica e frutífera. Portanto, não colocamos o método como uma fôrma na qual a pesquisa deve se encaixar e sim procuramos um método que se ajuste à forma da pesquisa. Por isso às vezes é difícil escolher antes de enxergar o universo que a pesquisa nos traz. Ao nomear o método, também corremos o risco de criar “camisas de força” e restringir o processo da construção de conhecimento.

Foi nesse dilema entre “o que quero fazer” e “de que ferramentas preciso dispor” que vislumbramos a possibilidade de utilizar a **pesquisa-ação** em nosso trabalho.

Embora, como toda ferramenta, possa ter sido utilizada em processos muito distintos entre si, não sendo colocada como uma experiência científica uniforme ou unânime (até porque a realidade não o é), o que nos atraiu foi a perspectiva que esta ferramenta nos traz de experienciar transformações:

Um dos principais objetivos da pesquisa-ação “consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem sob a forma de diretrizes de ação transformadora” (THIOLLENT, 1994, p. 8).

A pesquisa é um convite para olhar para a história de uma pequena comunidade e para que, ao contar esse processo, os participantes possam utilizá-lo como diagnóstico, instrumento e ponto de partida para identificar e propor, dentro de prioridades escolhidas, ação ou ações factíveis e também observáveis para atuar nessa história.

Não quer dizer que a pesquisa se limite à ação, pretendemos, ao participar do processo e registrá-lo, construir conhecimento para esse e outros grupos que se identifiquem com a problemática encontrada nesta situação.

Mesmo há dois anos longe do convívio com a comunidade do Recanto dos Humildes, ao visitá-los em momentos fugidios no corre-corre da grande metrópole, sinto a festa do reencontro em um abraço, em um sorriso ou em frases como: “É tão bom quando você vem, sinto que vivo de volta um pouquinho do passado...” E por que esse saudosismo? O que tínhamos e perdemos? Sinto nessas incursões, nesses olhares, um pedido.

Alguns convites foram feitos de maneira informal para que eu ajudasse a lidar com a insatisfação, o descontentamento e o estresse das equipes. Esses pedidos de ajuda vieram de várias instâncias: Agentes Comunitários de Saúde (ACS), enfermagem, usuários e gerente. Embutido em um sempre presente “Quando você vai voltar?” está o pedido para “enxergar para onde fomos, onde estamos e aonde vamos...”, ora explicitado verbalmente, ora apenas no ar.

“O qualitativo e o diálogo não são anticientíficos. Reduzir a ciência a um processamento de dados quantificados corresponde a uma visão ultrapassada e criticada até mesmo em alguns setores das ciências da natureza.” (THIOLLENT, 1994, p. 23).

“Sem negar a necessidade de quantificar ou medir, que haja espaço para argumentação e interpretação com base na discussão coletiva.” (THIOLLENT, 1994, p. 98).

A proposta de desenvolvimento desta pesquisa foi dividida nos seguintes passos, a que chamaremos “Tecendo as Ações” e que serão descritos mais à frente:

- **PRIMEIRO** passo: diagnóstico: as entrevistas
- **SEGUNDO** passo: encontros iniciais: devolutiva das entrevistas
- **TERCEIRO** passo:
  - Oficina de teatro
  - O documentário
- **QUARTO** passo:
  - A caminhada
  - O curso

### **3.1. “ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES SÓLIDAS”**

#### **PRIMEIRO passo: O diagnóstico**

O diagnóstico, fase exploratória, foi iniciado pelo registro das narrativas sobre a história do PSF Recanto dos Humildes, feitas pelos profissionais de saúde que participaram do processo e membros do conselho popular de saúde, obtidas por meio de entrevistas abertas semiestruturadas (Apêndice A), e ainda pela compilação de dados, fotografias, reportagens e teses sobre a região.

Após a organização desse material, foram feitas oficinas para discussão da situação, interpretação da realidade e elaboração de diretrizes de ação, submetidas à aprovação dos interessados. As oficinas também foram espaço de devolutiva das situações e memórias apontadas pelos narradores nas entrevistas.

Tendo em conta que a realidade não é fixa, “o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na captação da informação e nas decorrentes representações” (THIOLLENT, 1994, p. 98). É nossa opção ter o cuidado e a precisão metodológicos que possibilitem a avaliação do processo e não dos fatos. Isto vai exigir uma última discussão: Como entrei e como saí da pesquisa.

O campo se apresenta como um universo a ser explorado por vários caminhos. Como não se pode, pelo desconforto, deixar aprisionar pelo labirinto das possibilidades, o desafio da orientação, com seus pares, requer flexibilidade, seriedade, rigor, só possíveis a cientistas com abertura suficiente para a experimentação voltada à produção de conhecimento.

### 3.1.1. Entrevistados e entrevistas

Participaram das entrevistas iniciais 17 trabalhadores de saúde do PSF Recanto dos Humildes que atuam nessa unidade desde a implantação do programa e quatro membros do conselho popular de saúde local que participaram do processo de implantação.

Os quatro participantes do conselho popular de saúde foram contatados e entrevistados em seus locais de atuação Centro de Atenção Psico Social (CAPS), Sindicato do Cimento e Sindicato dos Trabalhadores Aposentados de Perus.

Em dia de reunião geral das cinco equipes do PSF Recanto dos Humildes, a pesquisa foi explicada por mim em linhas gerais para todos os presentes. Com a autorização da gerente e da supervisão técnica Pirituba - Perus, passei a conversar individualmente com os profissionais do PSF que fazem parte do trabalho desde a implantação. A conversa individual deu oportunidade à expressão livre dos entrevistados, que em alguns casos manifestaram desconforto e desconfiança diante do espaço coletivo, e não teria sido tão rica se tivesse sido conduzida de outra forma. Ainda, o fato de os entrevistados, principalmente os trabalhadores, já me conhecerem e terem desenvolvido de certa forma vínculo e confiança em relação à minha pessoa, possibilitou que a conversa propiciasse um espaço seguro de “desabafo” e explicitação de conflitos, o que não pude perceber em outros momentos, quando foram convidados para grupos de reflexão sobre sua realidade.

Os dados foram coletados por meio da técnica da entrevista com a utilização de um instrumento com questões abertas (Apêndice A). Previstas 30 entrevistas, realizadas 21. Dada a riqueza e o volume do material coletado, optamos por não prosseguir as entrevistas que faltavam para completar a lista inicial.

Somando 16 horas, 57 minutos e 33 segundos, e variando de 20 minutos e 37 segundos (a mais curta) até 1 hora, 52 minutos e 57 segundos (a mais longa), as entrevistas foram gravadas em arquivo digital e transcritas por mim.

Dos profissionais de saúde, 14 são agentes comunitários de saúde, um enfermeiro e dois auxiliares de enfermagem. Do total de entrevistados, quatro homens e 17 mulheres, com idades variando entre 25 e 77 anos.

Os 17 profissionais de saúde foram abordados na unidade de saúde após agendamento prévio com a gerente. Nem todos tinham participado da primeira reunião e nem todos sabiam da entrevista, porém todos foram colaborativos e se prontificaram a participar. Deixei a critério de cada um o local das entrevistas: oito (todos agentes de saúde) preferiram fazer a entrevista fora da unidade, sendo que quatro fizeram na sua própria casa, um na sede da

associação de amigos do bairro, um na casa da mãe, um na casa de outro colega de trabalho e um na unidade, porque almoçamos junto e não sobrou tempo para a entrevista. Destes oito, quatro tiveram entrevistas com duração superior a uma hora (os que fizeram na sua própria casa e na casa do colega). Das 11 entrevistas feitas na unidade (oito ACS, um enfermeiro e dois auxiliares), apenas um teve duração superior a uma hora (ACS). As pessoas mais retraídas/tímidas falaram menos de meia hora. Três funcionárias foram entrevistadas em seu último dia de trabalho na unidade, todas ACS que passariam a trabalhar em outra unidade de PSF, duas como auxiliares de enfermagem e uma como Assistente Técnico-Administrativo (ATA).

Os membros do conselho popular de saúde foram entrevistados um mês antes dos profissionais da unidade. As entrevistas na unidade foram realizadas com periodicidade de uma vez por semana durante dois meses (outubro e novembro de 2009). Após dois ou três meses, 19 entrevistas foram devolvidas aos entrevistados para validação, duas foram encaminhadas tardiamente.

Todos concordaram em participar do estudo voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Cada entrevistado escolheu seu novo nome para identificar sua narrativa a partir dos nomes das ruas do bairro. Para tanto, forneci uma lista com o nome de todas as ruas. Escolheram: Beija-Flor, Bem-te-vi, Papagaio, Pavão, Tico-Tico, Liberdade, Conquista, Vitória, Lírios, Nova Flor, Rosas Vermelhas, Girassol, Vitória-Régia, Dama-da-Noite, Brasil, Estados Unidos, Salmista, São Mateus, Paulo Freire, Diamante, à exceção de um dos narradores, que pediu para ser identificado por Mococa. Como personagens/atores desta história, seus novos nomes virão à frente de suas narrativas.

O meu nome, né? Meu nome é **Liberdade**, quer que fala a idade? Ah!, não gosto de fazer essas coisa, doutora [risos] é... tenho 32 anos, sou agente comunitária há 7 anos e ...10 meses eu acho, é... eu vou falar o quê? (LIBERDADE, 2009, entrevista).

O meu nome é **Paulo Freire**, eu sou agente comunitária de saúde no Recanto dos Humildes há mais de sete anos e participei da implantação do PSF aqui no Recanto dos Humildes, além de agente comunitária eu também sou terapeuta comunitária... Eu acho que eu já fazia... Eu acho que a gente é o que a gente é. A essência ela não muda, a gente pode até mudar um monte de coisas, mas essa preocupação de querer mudanças, essa coisa de querer uma coisa melhor, isso eu já trazia, eu já era agente de... agente de pastoral lá no nordeste, eu aprendi muito lá no nordeste. Eu acho que o que eu trouxe, eu só tive, eu só tenho a condição de resistência por causa da minha origem e a minha escola primeira foi o nordeste. Imagine uma pessoa com 20 anos, na flor da idade, num lugar, cheia de sonhos e num lugar escasso de todas as possibilidades de desenvolvimento moral e social, que lá as escassezes são piores que as daqui. Aqui a gente tem as necessidades mas aqui eu tenho pelo menos condição de trabalho. Tenho a possibilidade de trabalhar, lá você não tem, eu não

tinha com 20 anos. Tinha terminado o segundo grau. Não tinha e não via perspectiva, então eu fui trabalhar de voluntária pra não ficar sem fazer nada. E graças a Deus que lá não tinha drogas na minha época, mas a minha sede de querer ver uma coisa diferente é muito grande, mas eu não tinha onde canalizar e onde gastar as minhas energias pra promover isso. Aqui eu ainda não vejo assim, digo assim: “Olha o meu trabalho aqui – eu não enxergo assim – esse meu trabalho aqui tá contribuindo grandemente”. Eu não, não tô ainda. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

Eu sou **São Mateus**, sou moradora aqui do bairro de Perus desde que nasci, 37 anos. E participo do movimento de saúde de Perus... participei do conselho... tem o conselho popular que reúne os conselhos gestores e eu sou... eu participo do conselho gestor da UBS de Perus, aquela da praça do samba. (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

Meu nome é **Estados Unidos**, tenho 45 anos. Tenho três filhos, trabalho no PSF há quase oito anos. Tenho pretensão de sair do PSF um dia, eu já prestei um concurso público e passei, então eu estou esperando vagas e vou fazer cursos, pra minha ajuda profissional. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

Meu nome é **Vitória**, auxiliar de enfermagem, trabalho no PSF há sete anos. Só. (VITÓRIA, 2009, entrevista).

Então... meu nome é **Nova Flor**, trabalho como agente de saúde já há sete anos e dez meses e eu faço parte de um história maravilhosa, não sei se eu vou conseguir falar tudo porque talvez eu posso me emocionar, mas... eu sei que é muito bom fazer parte desse trabalho. Cresci bastante, é isso aí de início... (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

Então, meu nome é **Dama-da-Noite**, tenho 41 anos com muito orgulho e dentro desses 41 anos, sete anos vividos no PSF, bem vividos. Quatro filhos, um neto. Todos adolescentes, até o de 13 anos já se sente adolescente [risos], que é o mais novo... Viúva há seis anos. E um período até da doença do meu marido eu já estava no PSF e veio a falecer. Mas acho que dali começou já a ter importância, que a gente vê todo o acompanhamento, a diferença que é esse trabalho de médico da família, a equipe de PSF juntamente com a família. Então eu pude sentir primeiramente na minha família a importância. Acho que por isso eu tô aí até hoje. E assim, basicamente de mim é isso. (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

Meu nome é **Lírios**, sou auxiliar de enfermagem e trabalho no Recanto dos Humildes há sete anos... (LÍRIOS, 2009, entrevista).

Meu nome é **Rosas Vermelhas**, tenho 39 anos, tenho dois filhos, sou viúva, moro no Recanto já faz 15 anos... 15 anos que eu moro, mas a minha luta já vem, já mais de uns quatro anos atrás, que eu comecei a participar de mutirão, das reuniões, depois eu fui pro mutirão até chegar onde que eu to hoje, né? E foi uma batalha enorme e aí hoje a gente já trabalha no PSF já faz sete anos, foi bom pra mim porque conheci muita gente. A gente achava que a realidade era uma, e sendo que é outra. E a gente aprende com a experiência, com a vida, a superar muitas coisas. Que a gente pensa que as coisas da gente é difícil, mas o outro lá fora é pior, e aí... graças a Deus tenho o meu emprego e tenho meus filhos pra me dar força, porque senão... só Deus sabe... Mas tá bom.

Meu nome é **Bem-te-vi**: só isso? Sou nordestina, estou há mais de 30 anos em São Paulo, fui muito pobre e por isso tenho como opção trabalhar com os pobres. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

Bom, meu nome é **Diamante**, tenho 25 anos, há sete anos tô no PSF, tenho uma filha de 5 anos e tô estudando agora farmácia, faz um ano que eu tô no curso de

farmácia, né, pra conseguir uma coisa melhor, né? Porque o PSF Recanto já deu o que tinha que dar. (DIAMANTE, 2009, entrevista).

Meu nome é **Salmista**, mas eu gosto que me chame de Sal, porque... só não gosto muito desse nome assim. Até a minha mãe, ela fica brava quando eu falo, então assim, meu nome ia chamar um outro, mas ela não gostou e aí porque o nome dela é [...], então ela queria por o primeiro nome dela e juntou esses dois e deu isso, né? Eu falo pra ela assim: “Ah! Quando eu puder eu vou mudar o meu nome, deixar só Sal que é pequeno e é mais delicado”. Eu tenho três filhas, três meninas, sou separada há quatro anos, trabalho aqui no PSF há sete anos. (SALMISTA, 2009, entrevista).

Eu me chamo **Papagaio**, sou agente comunitária, sou casada, tenho dois filhos, tenho 39 anos. (PAPAGAIO, 2009, entrevista).

Bom eu sou **Beija-Flor**, comecei a... sou enfermeiro, formado há 25 anos. Já trabalhei com saúde pública, que foi aqui em Perus na USB da Praça do Samba. Trabalhei dois anos lá, venho trabalhando mais em psiquiatria e mais hospital clínico. E comecei a trabalhar com PSF, mais ou menos há oito anos, em 2002 que iniciou aqui no Recanto dos Humildes, onde eu fui contratado pra trabalhar com a comunidade aqui do Recanto dos Humildes... A gente vem tentando esse período todo fazer alguma melhoria mais e trabalhando com a comunidade que é muito boa. (BEIJA-FLOR, 2009, entrevista).

Eu sou **Vitória-Régia**, sou agente comunitária de saúde do PSF Recanto dos Humildes, tô aqui há... vai fazer oito anos, sete anos e cinco meses. (VITÓRIA-RÉGIA, 2009, entrevista).

Eu sou **Tico-Tico**, nascido em Perus ao 7 de novembro de 1933, sou casado com a dona Aparecida Pereira de Souza, tenho seis filhos, nove netos e dois bisnetos, resido à Rua Felipe Cardoso de Campos, 348, Vila Caiuba, em Perus. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

Meu nome é **Pavão** e... o que eu falo?... Ah, trabalho aqui já há quase oito anos, sou agente de saúde. [Moro no Recanto] Há oito anos... E adoro o que faço, tanto é que teve o concurso aí pra ATA, eu nem quis fazer. Nossa!!! Adoro, adoro mesmo o que eu faço, é verdade!! Não [tinha trabalhado na saúde]... [É a primeira experiência na saúde], primeira. [Tinha trabalhado fora já] sim, eu era costureira, trabalhei numa fábrica de bolsa, durante quatro anos. Aí vim pra cá [risos] [está bem tímida]. (PAVÃO, 2009, entrevista).

Meu nome é **Conquista**, eu fiquei já no PSF há sete anos. Eu nasci aqui em São Paulo... eu nasci no Parque D. Pedro mas sempre morei na zona leste, fui criada na zona leste em Artur Alvim. Eu amo aquele lugar, ainda vou voltar pra lá, entendeu? [...]. A minha família é muito grande. [...]. Então vinha todo mundo pra casa da minha avó, então tudo era na casa da minha avó. Minha avó sempre fazia essas comidanças, por isso eu acho que eu gosto, sabe? É porque eu consigo resgatar isso. Minha avó, era sempre a mesa farta, sempre bastante comida. E todo mundo ia pra casa da minha avó. E quando eu fui morar em Cidade Tiradentes, isso me afastou um pouco mais da família, que todos moram ali ainda em Artur Alvim. Mas assim... minha mãe trabalhava e eu sempre fui meninona assim... Eu nunca fui namorada, eu gostava de sair, eu ia pro samba. Eu gostava de dançar mesmo, entendeu? E a gente foi crescendo assim... [...]. Eu tenho que voltar um dia... Então, eu aprendi, doutora, a ser humilde porque lá em Artur Alvim, o bairro é muito bom, é na porta da estação do metrô, é 500 metros assim... o nível de vida lá é um, o daqui é outro. Eu nunca vi ninguém falar: “Eu não tenho comida na minha casa”. [...] Então eu aprendi a lidar com as dificuldades também. Não que eu não passe por dificuldades, não, mas bem menos do que alguns pacientes que não têm algum recurso, nada disso. Então assim, lá na zona leste eu não tinha nada disso de... de ver a situação, via só pela televisão. É isso. (CONQUISTA, 2009, entrevista).

Meu nome é **Girassol**, eu moro no Recanto há... 14 anos eu vim pra cá, não tinha nada, exceto trilha e arvores no chão. Então assim eu fui, da minha rua, uma das primeiras moradoras e eu vi o desenvolvimento quase todo dos Humildes... (GIRASSOL, 2009, entrevista).

Bom, meu nome é **Brasil**, sou agente comunitário de saúde e trabalho aqui desde 2002 até os dias de hoje. (BRASIL, 2009, entrevista).

Eu sou **Mococa**... sou brasileiro, paulista nascido na cidade de Bariri, Estado de São Paulo. Nascido em 1938 numa fazenda de café e... Meu pai era carroceiro de fazenda e... eu nasci no dia 19 de julho de 1938. Vim morar em Perus já nos anos de 1953, até então eu sempre morei no interior do Estado de São Paulo. (MOCOCA, 2009, entrevista).

### 3.1.2. Primeiro olhar sobre as entrevistas

As narrativas foram tratadas como relatos de história oral procurando-se reconstituir uma memória coletiva dos fatos, resgatando também memórias subterrâneas que possam representar contrapontos aos relatos oficiais ou majoritários. Assim, a análise dos dados contempla a descrição da história resgatada e do processo de discussão trazido por ela.

A ação proposta foi construída e avaliada enquanto processo pelos próprios participantes da pesquisa.

Após a transcrição, foram criadas categorias para os conteúdos das narrativas a partir da leitura das entrevistas. As categorias foram criadas para os temas trazidos tentando reconhecer nas falas os objetivos dos entrevistados, a partir do estímulo da primeira questão colocada a todos: “Conte a história do PSF Recanto dos Humildes”.

Após a categorização, trechos de narrativas foram juntados por semelhança e foi dado ao conjunto um novo título.

O Quadro 1 (a seguir) resume por temas as categorias a ele relacionadas (que deram origem aos recortes a serem trabalhados nas oficinas) e os narradores de cada categoria.

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Narradores</b>
Movimento Popular	Participação popular; o conselho popular de saúde e o movimento popular; mobilização coletiva; parceria com a comunidade; PSF e movimento popular; PSF como transformador social; organização popular; fomento ao movimento popular; parcerias	Tico-Tico; São Mateus; Rosas Vermelhas; Nova Flor; Vitória; Vitória-Régia; Paulo Freire; Beija-Flor; Papagaio; Estados Unidos
História do bairro	História do bairro; crescimento; antes da história; mobilização coletiva	Liberdade; Tico-Tico; São Mateus; Lírios; Rosas Vermelhas; Papagaio; Paulo Freire; Vitória; Diamante; Nova Flor
História do PSF	História do PSF, pulando de galho em galho; a mudança; a construção; chegada da equipe; eu sou a história desse lugar; por que o Recanto; começar do nada; seleção; primeiras reuniões; isso é coisa de política; conquista da população; a rejeição	Vitória Regia, Pavão; Liberdade; Tico-Tico; São Mateus; Lírios; Estados Unidos; Rosas Vermelhas; Paulo Freire; Bem-te-vi; Dama-da-Noite; Diamante; Beija-Flor; Nova Flor; Vitória
Trabalho O tempo	O antes e o agora; o antes e o depois; mudanças	Dama-da-Noite; Salmista; Diamante; Beija-Flor; Vitória-Régia; Pavão; Nova Flor; Vitória; Liberdade; Lírios; Rosas Vermelhas
Trabalho O político	Privatização; o público e o privado; mudanças na gestão; mudanças políticas	Liberdade; São Mateus; Lírios; Estados Unidos; Rosas Vermelhas; Bem-te-vi; Salmista; Diamante
Trabalho O afetivo	Cuidado como cuidador; cobrança; o silêncio; humanização; PSF sem moldes; desumanização; sobrecarga	Pavão; Liberdade; Rosas Vermelhas; Estados Unidos; Vitória; Nova Flor; Bem-te-vi; Dama-da-Noite
Melhorias na saúde	Melhorias na situação de saúde; grupos; melhorias na assistência; mudanças na saúde; importância das visitas	Vitória-Régia; Tico-Tico; Lírios; Estado Unidos; Nova Flor; Paulo Freire; Bem-te-vi; Dama-da-Noite
Ações intersetoriais	Parcerias com a comunidade; ações intersetoriais; mais gente na universidade; melhorias no bairro; projetos	Paulo Freire; Bem-te-vi; Salmista; Dama-da-Noite; Vitória Regia; Pavão; Liberdade; Estado Unidos; Rosas Vermelhas
Violência	Situação de violência; violência e drogas	Paulo Freire; Papagaio; Rosas Vermelhas

**Quadro 1 – Temas, categorias e narradores**

A categorização auxiliou a identificar os temas geradores da discussão proposta para a devolutiva. Como o universo de questões apresentadas na intimidade das entrevistas se mostrou muito extenso (16 horas de falas), houve necessidade de dividir as questões trazidas, para apresentá-las ao grupo que se interessasse em continuar o processo de discussão da problemática contida na resposta à questão “Conte a história do PSF”. A ideia inicial foi propor a leitura das entrevistas, já divididas em categorias, pelo grupo, dividido em subgrupos, para otimizar e viabilizar a leitura do conteúdo integral das falas. Porém, no desenvolvimento das oficinas, percebemos que isso não seria possível e mudamos de estratégia. Isso se deveu a vários fatores: falta de hábito de leitura por parte dos participantes das oficinas, percebida pela falta de desenvoltura em ler em voz alta os textos; número pequeno de participantes em alguns encontros; grande identidade com os temas trazidos gerando um fenômeno de “isso eu já sei”, que tornava a leitura desinteressante; entre outros. Apesar de não ter sido analisado na íntegra nas oficinas, seu conteúdo foi de várias formas apresentado, tanto por mim que o conhecia muito bem como pelas parceiras do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais, cadastrado no CNPq e reconhecido institucionalmente pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)<sup>1</sup>, que também tinham a leitura do texto em sua íntegra.



**FOTOGRAFIA 3 – Sarah e Monie**

Crédito: José Roberto

---

<sup>1</sup> Este núcleo, coordenado pela Profa. Ana Brêtas, tem como característica principal abrir espaços dentro da universidade para discussão da realidade local com representantes de movimentos populares, estudantes e pessoas de várias profissões. Mantém as portas abertas em todas as suas atividades, propiciando fortalecimento, apoio mútuo e oportunidade de troca entre seus participantes.

As falas divididas em categorias foram apresentadas na qualificação do projeto de mestrado e nortearam a discussão pela banca<sup>2</sup>, colaborando para sugestões de condução deste caminho. Uma das sugestões incorporadas foi a de condução do estudo pelo olhar sobre o processo educativo que vai se tecendo em todo o percurso de discussão do tema e da própria realidade narrada. Optamos desta forma por conduzir o trabalho através do olhar para o processo educativo que compõe a participação de todos os atores nesta história, seja na própria história, seja na “contação” desta aos pesquisadores.

A partir da categorização, pudemos também construir duas dimensões ou visões sobre esta história: uma trata do passado, a visão da história como algo que se resgata através da memória, muitas vezes colocada como refúgio para um presente de muitos conflitos, inclusive em relação ao próprio processo histórico relatado; a outra dimensão é a do vivenciado no agora, sempre colocado em contraste com um passado de referência, onde aparece principalmente o sofrimento do trabalhador diante de mudanças no seu processo de trabalho e em última instância nos próprios princípios do PSF. Estas duas dimensões foram abordadas nas discussões que aqui serão apresentadas.

Três aspectos que aparecem na categorização não serão aqui contemplados como capítulos de discussão: dois dizem respeito a uma avaliação do PSF Recanto dos Humildes desde sua implantação até o momento das entrevistas, nomeadas como “ações intersetoriais” e “melhorias na saúde”, e um traz o conteúdo da situação de violência urbana ao contexto da história contada. Embora não tratados como capítulos específicos, eles não deixaram de ser abordados no conteúdo dos outros temas discutidos.

### **3.2. “MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O TRÁFEGO”**

#### **Nossas justificativas... Não reconhecimento da história**

Também a partir da categorização identificamos um conjunto de falas que denominamos “Justificativas”, que trazem à pesquisa seu mote e demonstram a identificação da pesquisadora com um desejo trazido pelos participantes das entrevistas. Este mote foi valorizado e endossado pelo grupo que participou das devolutivas e se tornou norteador do processo de desenvolvimento das ações propostas pelo grupo. Este conjunto de falas foi lido e discutido no primeiro encontro das oficinas de devolutiva. Trago aqui na íntegra, para que

---

<sup>2</sup> Banca de qualificação: Profa. Dra. Ausonia Donatto Favorido e Profa. Dra. Claudia Maria Bógus, em 14 de maio de 2010

também o leitor possa compartilhar conosco, alguns dos elementos que nos conduziram no início da trajetória dentro do campo.

**Nova Flor** – ...Infelizmente nem todos agradecem e nem sabem dessa história... porque por um período nós não podíamos também nem contar, ela pedia pra gente não divulgar. E assim... as pessoas hoje quase... esqueceu, já está construído, né? Então as pessoas esquecem: quem construiu essa unidade? Não sei! [Eu acho importante que saibam.] Ah, eu acho! Porque as pessoas valorizam mais. Pra que elas possam valorizar mais... o benefício que elas têm aqui em mãos. Porque nem todos os lugares têm esse benefício. Acredito que elas possam valorizar mais a partir do momento que elas souberem que essa unidade foi construída através duma vontade de uma pessoa comum, igual a mim, igual a qualquer um, simplesmente pela vontade... e por alguém que ajudou. E alguém esse que não foi a prefeitura, foram padres... e a boa vontade dos amigos, porque quem ela ia achando pela frente, ela ia colhendo e ia trazendo e ia sendo beneficiado e um ajudava e outro ajudava, e assim ia. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Pavão** – Eu acho que de todas, a nossa história é a mais diferente. Então aí o que mais deixa a gente triste assim é a gerente não reconhecer tudo isso que a gente fez, entendeu?... a gente tava na reunião e a gente comentou como que a gente chegou ...o que a gente passou, que a gente tem uma história aqui! Aí ela falou que não queria... pra ela não interessava, o que interessava é aquele dia que ela tinha chegado pra frente e sei lá isso todo mundo... ficou triste de ouvir ela falar nisso...vendo assim, a gente fica triste de saber que as pessoas não reconhecem o que a gente já passou! Colegas da gente foram mandado embora injustamente, sabe? A gente sabe que foi injustamente por causa de fofoca por causa de... picuinha. É isso, que me deixa triste: o não reconhecimento do que a gente já passou, entendeu? [chora]... E cadê reconhecimento de tudo isso? Cê não vê! Aí fala... que a gente é modelo e não sei o quê. Tanto é que vem gente de fora... cê viu uma gente que tá aí? Vem gente de fora... pra ficar aqui com a gente. Eu não vejo isso da parte dela, entendeu? Ela reconhecer que a gente é modelo.

[Entender isso ajudaria um pouco a melhorar.] Lógico que ajudaria, claro! Depois que ela falou aquilo pra gente, pra mim, aquilo que eu falei pra você, que importava era a partir do momento que ela tava aqui, “o que aconteceu no passado é passado”... a gente parecia uns tonto... querendo contar como que foi. Aí ela deu um balde de água fria na gente. A gente queria contar da onde a gente veio, como que a gente começou... que a gente saía e ia lá pro centro de Perus pedir doação, nossa! E a gente era feliz com tudo aquilo... não que não sou agora, mas a gente era muito mais, né? A gente queria contar tudo isso pra ela, só que ela não deixou a gente ouvir, não deixou a gente contar! Ah! Dá vontade de contar [essa história] porque foi a gente... que correu atrás de tudo isso aqui. Pra mim foi uma história triste mas foi bonita, [risos] a gente começou do nada. [Dá orgulho dessa história.] Dá! Muito, muito, nossa! (PAVÃO, 2009, entrevista).

**Salmista** – Eu acho que foi a direção [que mudou]. Eu não sei, doutora, eu acho que os novos gerentes que entraram agora... o meu conceito, assim, eu acho que eles deveriam... tomar a parte de tudo de quando começou a nossa caminhada até agora. Por mais que eles sabem... porque eles não sentiram na pele... a gente foi o começo de tudo, foi coisa boa. A gente ia pras ruas. (SALMISTA, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – [Essa história assim do jeito que foi: ter mudado, ter feito, ter saído pra pedir as coisas, depois ter acompanhado todo esse processo... faz diferença nos profissionais que passaram por isso] Faz, eu acho que faz porque assim a gente tem uma história, a gente conhece a história da raiz, então a gente muitas vezes pode brigar por determinadas coisas, sabe? Reclamar... de repente fala-se alguma coisa, a gente revida porque a gente conhece essa raiz. E eu, no meu ponto de vista, a gente tá sendo até tirado disso... eu sinto que tão querendo que os mais velhos saiam... de alguma forma que os mais velhos saiam daqui pra tá se colocando pessoas novas pra essa

história acabar, é o que eu sinto. Eu acho [que eles querem que a história acabe] pra [eles] fazerem do jeito que querem, da forma que eles querem, do jeito que tem que ser, deles, do jeito deles. Mas é muito difícil a história... acabar, né? Vai ter sempre, por exemplo, até mesmo esse relato nosso, eu acho que ele vai acabar ficando, pra nível disso. Que é o que eu percebo. Tá sempre tendo um concurso, tá sempre incentivando pra que a gente faça faculdade, pra que a gente suba... tudo bem que é uma coisa boa pra nós mesmo, mas ...na verdade aí eu sinto que tem um intuito<sup>3</sup>. Tem um algo mais... pegando bastante funcionários novos, entrando muitas outras pessoas pra... [fica embargada].

[O que tem nessa história que incomoda] eu acho que é a luta, a luta do pobre, que eu acho que o pobre conseguiu vencer. O pessoal do Recanto, que eram aqui chamado pé de barro, pelos mais ricos, pelo pessoal que é até mesmo de Pirituba, eles conseguiram fazer uma história, eles conseguiram sair do nada pra conseguir uma escola, pra ser conseguido uma construção de escola [chora]. Com esses pé de barro, com essas pessoas que... tinham pouca cultura, foi-se construindo esse posto, então foi-se construindo bastante coisa... na luta mesmo, na guerra... tem o Galdino que tá sempre correndo atrás, ele tá sempre lutando aí com o pessoal, não tem... pelo que eu saiba, ele não tem nenhum fim lucrativo. O lucro dele é a luta, é o desejo de conseguir as coisas aqui pro povo... e hoje existe uma cobrança sempre que a gente faz reunião: “Ah! Porque aqui foi muito mal feito e que era pra ter tido sala pro agente”. Mas não se foi visto o que aconteceu. Porque disso não acontecer! Só existiu a cobrança agora pela imperfeição. Mas não tá tão imperfeito assim, tá precisando de uma ajuda a mais... (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Vitória** – Não [pode jogar a história fora], nunca, jamais. Que a história pra mim nunca vai acabar. Ela pode ficar pra trás, ela pode ficar guardada, mas pra acabar, não creio... pelo menos como começou, não acaba nunca e eu acredito que foi muito mais enriquecedor. O começo foi muito mais enriquecedor porque quando você tem muito mais luta é mais enriquecedor. Não vejo [você] como dono [do processo quando você tá lutando], vejo mais como segurança. [Sinto] mais segurança, [quando construí] Eu sinto muito mais, dá mais segurança. (VITÓRIA, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – Dos agente? [Do pessoal que chegou depois, eles procuram escutar a história, valorizam?] Eu acho que não tem muito valor não pra eles lá. Eu acho que até mesmo pra quem tá chegando agora, mesmo grandão, acho que não valoriza muito não. Até mesmo o trabalho daqueles que já tá lá há mais tempo, tem hora que... Não sei dizer [por que isso acontece]. Eu acho que as pessoas que entraram desde o começo dá mais valor, né? Porque passou por muitas coisas e hoje em dia as pessoas que entraram agora pega assim já caminho andado e acha que é mordomia, querem ir pra casa, fazer isso e aquilo. E quando tá chovendo: “Ah, cê tava trabalhando? Cê tem certeza que cê tava trabalhando?”, a gente fala: “Eu tava na casa de fulano, por quê?” “Ah, tava...”, então aí acaba ...não é tanto valorizado não.

[Essa história de que cada um colocou um tijolo lá no PSF, também foi um pouco assim] ...foi ...que o PSF a gente construiu de passo a passo, devagarzinho, devagarzinho, e hoje em dia as pessoas que tão lá... que tá no alto, não viram o sofrimento que a gente já passou, as humilhações, os medos, que cê acaba tendo medo, que cê vê a pessoa passar com arma e ir lá fazer isso, fazer aquilo, um ameaquina, aquilo. E até mesmo os pacientes querem: “Eu to pagando o seu salário, eu to fazendo isso e aquilo...”, mas ...te humilharam, né? Deixava você lá embaixo... (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

**Bem-te-vi** – É... é bom falar [do Recanto]... E eu sou a favor de contar história, né? Senão ela morre. Quanto mais as pessoas contarem, melhor, que nem eu vou contar das mulheres... [dos Queixadas] é muito bom! (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

**Argélia** – Conhecer a história nos transforma em conhecedores da história. Contar a história nos transforma em contadores de história. Refletir a história pode nos transformar em fazedores de história... (ARGÉLIA, 2009, entrevista).

<sup>3</sup> O auxiliar não pode trabalhar na mesma unidade onde ele foi ACS.

## CAPÍTULO 4

### “SEUS OLHOS EMBOTADOS DE CIMENTO E TRÁFEGO”

#### PALCO, ATORES E ATRIZES

#### 4.1. Apresentação de Perus

##### 4.1.1. Um breve histórico da região

Em 1590, a região do pico do Jaraguá e do córrego Santa Fé foi alvo de um mito de que seria a mais rica em ouro da época, chegando a ter grande extração do produto, ganhando o apelido de “novo Peru”. Historiadores do tema questionam se haveria de fato um grande volume aurífero no local, já que os dados registram apenas 930 arrobas, quantidade muito inferior à registrada por Minas Gerais na mesma ocasião. Também não se tem registro de um maior afluxo de população, uma corrida do ouro para o local nesta época. Se o ouro contribuiu para o povoamento do local, não foi importante fator de desenvolvimento, nem de grande crescimento da vila que então surgia. Qual seria o verdadeiro ouro do “novo Peru”?



**FOTOGRAFIA 4 – Estação de trem Perus**

Durante muito tempo, a região se caracterizou por importante produção agrícola – vinícola e de cereais. Em 1867, é inaugurada a estação de trem de Perus, da atual Estrada de Ferro Santos–Jundiaí, iniciando o processo de urbanização. Podemos considerar, por sua importância, presente ainda hoje na região, a instalação em 1890 da empresa Melhoramentos, indústria de papel e celulose; em 1898 a inauguração do hospital psiquiátrico Juquery e sua

fazenda; em 1910 a construção da Estrada de Ferro Perus–Pirapora; em 1926 a instalação da primeira companhia de cimento no Brasil em parceria com o Canadá e os Estados Unidos – a indústria Portland; e, em 1933, é fundado na região o sindicato da indústria cimenteira.

No ano de 1934, o bairro ganha o *status* de distrito com 3.504 habitantes. Na década de 1950, mesmo sem ter luz elétrica, o distrito tinha um cinema. Em 1954, é criada a sociedade de amigos de bairro de Perus. Destaca-se em 1958 a realização de um plebiscito para transformar o bairro em um novo município, contudo, isso não aconteceu e ainda hoje, pelo seu isolamento geográfico e maior relação com os outros municípios que o circundam, é frequente a confusão – Perus é município ou bairro de São Paulo?

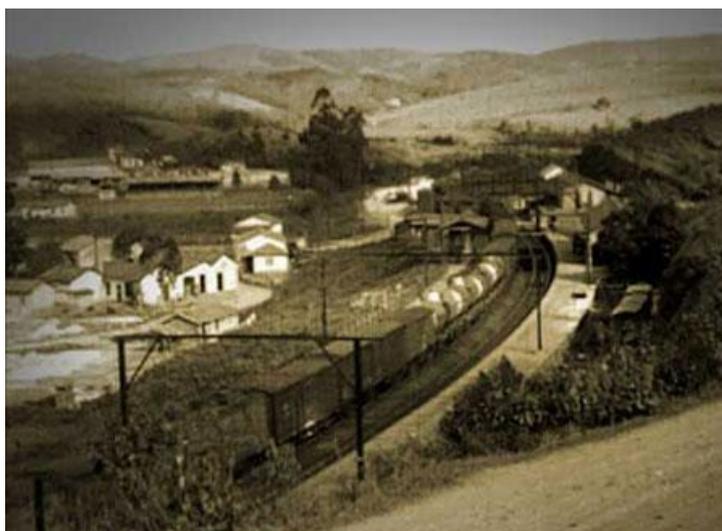
Dentre vários fatos relacionados à região, quero destacar três eventos sócio-históricos que marcam a vida das pessoas em Perus.



**FOTOGRAFIA 5 – Saída do cinema Perus na década de 1950**

O primeiro se refere às paralisações na fábrica de cimento, sendo que a de 1958 foi a primeira greve reconhecida internacionalmente como um importante núcleo do movimento da não violência desencadeado por Gandhi na Índia. Foi marcante o envolvimento da população de trabalhadores e suas famílias nestes movimentos, que se estenderam até a década de 1980, tendo como uma das principais reivindicações o fim da emissão do pó de cimento, finalmente conseguida. As importantes conquistas para os trabalhadores brasileiros atingidos a partir do movimento grevista de Perus foram: a primeira regulamentação do salário-família; a presença do sindicato nos atos de contratação e demissão de mão de obra; o reconhecimento da legalidade das greves por atraso de pagamento – obtida por uma greve realizada em 1967 em plena ditadura militar.

O segundo evento sócio-histórico marca a fase mais dura da ditadura militar brasileira, com o seu braço mais visível em Perus: o Cemitério Dom Bosco, criado durante a Operação Bandeirante (OBAN) para esconder os corpos de cidadãos perseguidos e assassinados por seu engajamento em causas de justiça e liberdade, que chegou a abrigar cadáveres em vala comum.



**FOTOGRAFIA 6 – Vista da estação de trem na década de 1950**

O terceiro se refere aos movimentos sociais contra a instalação do “lixão de Perus” – aterro sanitário no local. A população se organizou impedindo a circulação de caminhões de lixo, paralisando trens, entre outras ações. Contudo, essas ações não impediram as atividades do aterro, mas conseguiram deter a implantação de incineradores no bairro e possibilitaram em 2001 que a Secretaria Estadual do Meio Ambiente indeferisse a exploração por uma empresa privada sobre os serviços de recolhimento e depósito de resíduos industriais na região.

Estes fatos fazem parte de uma memória coletiva da região, muitas vezes escondida, enterrada pela memória oficial e que, se não fosse pela insistência de seus protagonistas históricos, estaria perdida entre imagens de uma população periférica, marginal e enfraquecida, impotente quanto a seus problemas.

#### **4.1.2. Crescimento demográfico e desdobramento do bairro**

Em meados da década de 1960, o núcleo urbano de Perus é ampliado pelas vilas Perus, Caiuba, Osana, Flamengo e Malvina, e pelos jardins São Paulo, Manacá e do Russo.

Na década de 1970, houve o crescimento da Vila Nova Perus. Em 1973, com a inauguração da Rodovia dos Bandeirantes, metade da população da Vila Inácio e um terço do Jardim do Russo foram desapropriados. As famílias desapropriadas não tinham o título da terra, o que resultou em promessas de que seriam indenizadas 20 a 25 anos depois. Assim surgiram as primeiras favelas. Nessa ocasião, não havia abastecimento de água em alguns locais, como o Jardim do Russo.

A próxima arrancada demográfica teve início em meados dos anos 1980 com a Vila Flamengo (2.<sup>a</sup> Gleba), Vila Bottoni e Jardim Adelfiori, processo continuado de modo bastante acelerado nos anos 1990 por conjuntos habitacionais e pelo Recanto dos Humildes.

O Recanto dos Humildes, com mais de 29 mil habitantes, pode ser dividido em duas partes: a primeira e mais antiga construída por mutirão na gestão da prefeita Luiza Erundina e a segunda com uma ocupação desordenada que por muito tempo ficou com esgoto a céu aberto, moradias em área de risco à margem de córrego, barracos de material reaproveitado e alvenaria, sem asfalto. A área de abrangência do PSF de que vamos tratar contempla quatro núcleos distintos: Jardim da Conquista, Recanto do Paraíso, Recanto da Paz e o próprio Recanto dos Humildes. O processo de legalização dos lotes foi interrompido por discontinuidades administrativas que não eram favoráveis à instalação daquela população. Muitos lotes e casas ainda não têm seu documento, o que gerou um engajamento ainda maior na luta pela moradia no local. Segundo o geógrafo Gustavo de Oliveira Coelho, a área foi comprada pelo governo da prefeita Luiza Erundina para atender à demanda de moradia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e de moradores de favelas em situação de risco. Com a transição para o governo Maluf, a população ficou sem assessoria e passou a ocupar sem critério a região.

Em 2007, foi iniciado um processo de reurbanização das áreas de pior infraestrutura, inclusive com a canalização do córrego.

#### **4.2. Apresentação da região do Recanto dos Humildes**

Ao chegar ao bairro vindo do centro de Perus, avista-se o morro cheio de pequenas casas, na maioria sobrados geminados. À medida que subimos a ladeira pela avenida principal, por onde passa o ônibus (que na verdade é uma rua de duas mãos um pouco apertada se houver carros estacionados), percebemos as vielas nas quais não passam os carros. Se adentrarmos as vielas, vamos descobrindo “vales” de casas amontoadas, onde vivem muitas famílias.

Quando descíamos até o córrego, antes da canalização, a visão do bairro era diferente. As mesmas casas vistas de traz não tinham acabamento. O tom avermelhado do barro dos tijolos das paredes sobressaía na paisagem.

A última rua – de terra, esgoto a céu aberto –, a mais perigosa na época, terminava em barracos de material reaproveitado, à beira do córrego, que já fora limpo algum dia. Essa era a “minha área”<sup>4</sup>, a quinta parte do Recanto. No restante, alguma coisa se repetia, outra mudava, mas sob a mesma canção: as casas iguais do mutirão, as casas da ocupação e os barracos.

Nomes de flores, pássaros e países “famosos” tentam superar o estigma de bairro violento nas ruas (Bem-Te-Vi, Girassol, Violeta dos Alpes, Nandiras, Araras, Pica-Pau, João-de-Barro, Pavão, Canário, Beija-Flor, Hortênsias, Violeta Silvestre, Canadá, Argélia...).

Alguns sobrados se equilibram na estrutura pouco adequada e crescem a dois, três, quatro andares, conforme os filhos também crescem e se casam. “Quem vê casca, não vê coração”. Nem sempre a casa por fora é compatível com seu interior ajeitado e cuidadoso. A maior diferença está em como é uma casa de um mineiro, de um nordestino, de um paulistano, muitas vezes nos transportando para seu local de origem quando entramos. Seja pelo retrato de colorido retocado na parede, seja pela estatueta de gesso ou a “força” do café. A xícara sem asa ou o copo, o bolo em cima da mesa e a toalha arrumada com primor traduzem um pouco do cuidado com o interior da casa, como se lá fosse um refúgio do exterior degradante e agressivo, do exterior alheio a qualquer humanidade que pudesse ali se colocar.

As casas do mutirão, iguais em planta, tentavam se diferenciar em pequenas reformas, coloridos diferentes, móveis das Casas Bahia. Dentro era outro mundo.

Na área de ocupação, a desordem cantava outra cantiga. As velas serpenteavam, como um rio de várzea, ora aproximando uma margem da outra, quando vizinhos precisavam apenas sussurrar para se ouvirem, ora se abriam numa curva de espanto.

Portas se abriam para a rua, portões escondiam arremedos de quintais.

O chão não se decidia se queria ser uma rampa ou uma escada.

Olhos fugidios observavam cada passo de quem passava. Fingiam não perceber nada, mas quase tudo controlavam. Não sei se por curiosidade, precaução ou medo. Talvez apenas esperando alguma resposta para planos antigos.

Alguns corredores se fingiam de passagens secretas e atravessavam de um lado para o outro.

---

<sup>4</sup> O PSF é composto por equipes com um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem, seis a dez ACS, que têm responsabilidade por uma área de abrangência de cerca de 4 mil pessoas ou 2500 famílias, determinada após processo de estudo e territorialização.

Certo mistério impregnava aqueles caminhos. Quem estava dentro das casas? Cada casa guardava um segredo. Cômodos escuros, sem janelas, com vontade de se abrir para ser diferente. Paredes tão leves como cortinas de pano dividiam quartos de salas e banheiros. Madeira e tijolos trocados por tecidos de algodão ou plástico semitransparente, a grande leveza de uma arquitetura experimental.

Ao chegar à última rua, a textura do chão acumulava pedaços de muitas histórias: lixo, peças quebradas, restos de sonhos se espalhavam pela rua de terra. No final, casas se abriam para os dois lados. Em um deles o córrego, que escondia o líquido que já fora água.

Pontes, muitas pontes, permitiam comunicar os dois lados do córrego. Pinguelas escorregadias de madeira queimavam acima da enxurrada. Do outro lado, a aventura da escalada para chegar às casas do limite do bairro. Além delas, a “vila nova” de casas chiques contrastava com as casas penduradas no morro que tentavam ser bonitas com seus ladrilhos baratos e cozinhas grandes.

Povoava os morros um mato teimoso que molhava a barra das calças de quem passava em dias úmidos.

Ali só chegávamos com nossas pernas e pés, algumas vezes com a ajuda das mãos.

O Recanto de muitas texturas: o chão de barro com restos de carpete em cima, o cimento remendado, o piso barato, os buracos e valetas da rua, as paredes de bloco, algumas de tijolo, outras rebocadas, texturizadas.

O Recanto de muitos cheiros: o alho fritando perto da hora do almoço, o cheiro da maconha em horas desprevenidas, o cheiro do sabão das mulheres lavando roupa...

O Recanto de muitos sons: de cochichos, do pagode, do *funk*, do *rap*, de crianças na rua... Bem cedo o homem com carrinho de mão vendendo mandioca podia gritar chamando as mulheres para comprar, não sei se seu café da manhã ou seu almoço.

Os muitos bares onde meninos compravam balas e cariavam seus dentes, de portas abertas para a rua, deixavam sentados na calçada, às vezes em cadeiras, homens e velhos desempregados. Tantos recantos dentro do Recanto (que as pessoas pareciam não gostar que fosse “dos humildes”). Cada um com um caso para se contar, para se rir, se chorar.

### 4.3. As pessoas

Essa gente especial, cada casa escondia. No tom de voz, no sotaque e no cumprimento, um universo.

A cor da pele, um arco-íris, a timidez ou expansividade, uma chuva fresca.

Ao entrar nas casas, podia-se sentir a multiplicidade cultural da população.

Alguns mais velhos carregavam de sotaque e tempero a acolhida.

O gosto do café variava conforme percorrido o país de norte a sul.

A história da migração ainda transparecia nas gerações locais.

Os velhos e as crianças, muito presentes, nos rodeavam com muito para contar e muito para indagar.

Não se via adolescentes logo de cara. Muitos se escondiam embaixo de um cobertor, aquecendo uma vida fria, sem perspectivas. Estudavam em sua maioria à noite.

Muito desemprego povoava as ruas e os bares de homens de várias idades.

Sentar era um ritual: uma cadeira oferecida após ser desempoeirada, o sofá coberto de panos, um canto de uma cama, um caixote ou o constrangimento no ar quando não se podia oferecer nenhum lugar.

O bom dia ou boa tarde tinha vários acordes e acompanhava abraços, beijos: um, dois, três... e até “cheiros no cangote”.

A vigilância era permanente, todos da rua sabiam que tínhamos passado e nos viam voltar, tranquilizando-se.

Chamavam sempre; não se podia traçar uma rota objetiva prévia. O caminho milimetricamente se construía na caminhada.

Olhares desconfiados de jovens infratores sempre, furtivamente, observavam nossos passos, sem nos abordar.

Lugares dos mais variados despertavam inúmeras sensações... Sensações trazidas pela “aura” das pessoas... Ora provocando apreensão, ora trazendo alento; ora deixando um peso profundo! Medo? Não sei se um dia chegou a ser medo o respeito que se impunha por algumas pessoas que detinham o poder local do tráfico.

Medidas as palavras e os gestos, entrávamos em ilhas, em um mar de possibilidades, pedindo licença com a clareza de termos sido convidados.

Havia uma cumplicidade humana no olho no olho, possibilitada ali naquela realidade, que bem sei muitas vezes não é possível em outras.

As mãos estavam sempre presentes num aperto, às vezes forte, às vezes quase flutuante. Traziam também prendas nos dias de trabalho intenso: bolos, sucos, água gelada. Ou nos dias de festa preparavam mesas fartas como só se vê em locais onde se tem o que comemorar de fato. E o que se comemorava? A resistência? A delicadeza?

As mãos também tinham muitos tons: duras, fortes, ásperas, macias, magras, gordinhas, pequenas, enormes, quentes, frias. Muitas, infinitas mãos tramando alguma coisa o tempo todo.

Ouvidos bem atentos pediam a todo tempo palavras de conforto e escuta. Muitas histórias para contar podiam finalmente encontrar seu lugar, mostrar sua beleza e complexa simplicidade...

Muitas, muitas, muitas histórias...

#### 4.4. Os recursos de saúde

À ocasião da implantação do PSF, a região contava com um PS, uma UBS e um ambulatório de especialidades. A atenção à saúde prestada pelo PSF tem início em março de 2002 com a ajuda dos ACS, ainda não contratados. A contratação dos ACS foi efetivada ainda em março, e a de enfermeiros em junho. A contratação de médicos começou em março de 2003. Hoje, em 2011, Perus conta com uma UBS, um PS, um Atendimento Médico Ambulatorial (AMA), um AMA especialidade, um CAPS, e duas unidades de PSF (Recanto e Caiuba).

**São Mateus** – A gente conseguiu as equipes, a gente conseguiu o espaço. O que a gente conseguiu do PSF começou naquela gestão, com aquele coordenador [...] A gente via a coisa acontecer realmente, os ofícios, os pedidos... eu lembro que no orçamento participativo de 2001 a gente votou em 100% PSF, quer dizer, mesmo não tendo conhecimento, que era uma coisa nova, a gente falou: “Bom, se é o médico na casa da população isso é bom, né, esse contato”. E a gente votou, passou. Pra isso realmente acontecer foi outra luta. Esse (orçamento participativo) O.P. foi no Gavião [escola]... tinha as várias: saúde, educação, tinha moradia; e aí cada um ia pôr a sua proposta. Colocava a proposta, várias propostas tinham, e depois eram votadas as prioridades. Então um dos orçamentos participativos na área da saúde foi 100% PSF. Então a população entendeu e votou. (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

A implantação do PSF é vista sob vários aspectos pelo grupo entrevistado: fruto de lutas do bairro em relação a necessidades sentidas e ajuda que vem de fora. Provavelmente haja a confluência de um pouco destas e outras condições na construção histórica:

**São Mateus** – É, eu acho que a necessidade deles... Ajudou nessa organização... Não é todo o povo consciente, mas essa minoria já, já faz a diferença, né? (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

**Tico-Tico** – [O PSF] foi uma resposta à luta porque era uma coisa pensada há muito tempo. Muito tempo já se pensava. A saúde era uma preocupação muito grande. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – o PSF quando ele chega, ele vem como um socorro de alguém, de um grupo que já está organizado e que enxerga lá de longe a necessidade desse povo, não é? Como ele é... como povo excluído, e como um povo que naquele momento não tem meios e está no limite da sua resistência e sem condição de se organizar melhor. Que tem lá, apresenta todo um quadro de necessidades mas que neste momento, nesta condição está sem meios, sem condição, sem percepção talvez, pela própria realidade, de grandes organizações, como se espera. Eu acredito que todo mundo tem lá a sua vontade de ver isso aqui ainda cada vez melhor. Mas parece que competindo com essa vontade tem uma coisa assim do crescer pessoal e aí o crescer comunitário vai sendo deixado de lado porque ele não é uma necessidade imediata, ele é uma necessidade secundária. Eu só tenho condição de pensar na organização, na melhora coletiva, automaticamente, quando a minha família estiver alimentada, saudável, educada [silêncio] me parece que a necessidade básica ela vem antes da percepção da mudança coletiva. [...] [Quando falo de grupo de fora] eu falo um grupo que olha de fora pra realidade do Recanto. São as lideranças. A Madalena era gerente da outra unidade nessa época, então ela enxerga, ela diz assim: “Olha... mas eu vejo como o povo do Recanto é tratado. É o povo do Recanto”... (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

O governo federal coloca a proposta da Estratégia Saúde da Família (ESF) no nível federal, correndo o risco de perder a originalidade da ideia e sua complexidade, porque pretendia priorizar naquele momento a questão da universalidade do acesso à atenção básica. Como equacionar diferenças regionais e locais em uma proposta com diretrizes únicas acaba não se esclarecendo e o processo de implantação se dá maciçamente através de incentivos e “imposições”:

**Mococa** – A questão do Recanto dos Humildes em Perus eu que acompanhei à distância, mas porém tinha acesso às autoridades, tinha facilidade de contatos. Como disse anteriormente, quando passei, sempre deixei alguma referência, e graças a isso a gente foi caminhando... e quando tem a implantação do Programa de Saúde da Família em São Paulo, na cidade de São Paulo, nós estávamos por lá, com as autoridades, discutindo... [...] eu sou e fui e defendo o Programa de Saúde da Família porque conheci ele desde que foi anunciado na Conferência Nacional de Saúde em Brasília. Naquela época foi novidade para todos nós. Nós delegados de São Paulo e de outros estados viam com uma certa preocupação como se fosse possível implantar esse programa a nível de Brasil, até porque nós estávamos falando de uma certa proposta que seria implantada tanto no Amazonas com no Rio Grande do Sul, portanto isso tem grandes diferenças e grandes particularidades que merece ser analisadas. (MOCOCA, 2009, entrevista).

As equipes do PSF Recanto dos Humildes passaram por quatro unidades improvisadas: uma casa cedida pela associação de bairro, uma casa alugada por voluntários ligados à gerente, a escola de “latinha” desativada por ordem judicial e um galpão alugado,

anteriormente usado com escola municipal improvisada (a que saiu da “latinha”<sup>5</sup>) e mais anteriormente como ponto de distribuição de drogas ilícitas.

Por fim, a unidade definitiva foi ocupada pela equipe em 2006, após grande envolvimento da comunidade local em sua construção. Hoje o PSF acompanha a 8.199 famílias, atende a uma população de 29.968 pessoas e conta com cinco equipes completas, e uma equipe incompleta.<sup>6</sup>

O foco inicial do estudo era a UBS, mas, ao compreender que ela era o ponto de intersecção entre os movimentos populares, abrimos a lente para outros universos de análise.

Desta história toda, o que não pode faltar? Qual a questão fundamental para a pesquisa-ação?

---

<sup>5</sup> “Escola de latinha” era o nome dado aos contêineres ambientais que improvisavam salas de aula, criados na cidade de São Paulo durante o governo Celso Pitta, e desapropriadas e demolidas durante o governo Marta Suplicy, por determinação judicial, pelas condições insalubres a que as crianças ficavam submetidas – barulho, calor etc.

<sup>6</sup> Dados fornecidos pelo PSF Recanto dos Humildes em 26 de julho de 2011.

## CAPÍTULO 5

### “DANÇOU E GARGALHOU COMO SE OUVISSE MÚSICA”

#### MOVIMENTOS POPULARES

##### 5.1. Sobre a palavra “movimento”

Penso agora na palavra “movimento”. Qual seu significado e por que a usamos quando falamos em mudanças? Transformações? Existem movimentos para continuidade também, movimento para ficar onde se está? O que queremos representar com este termo?

Buscando na memória sentidos para esta palavra, encontrei a lembrança de ouvir a palavra movimento quando assistia a apresentações de orquestra numa época distante. Este fragmento me remeteu a outro em que tive o prazer de assistir a um filme de Fellini que faz uma metáfora das relações humanas e sociais a partir de uma orquestra: *Ensaio de uma orquestra*. Mas o que viria a ser movimento em uma orquestra? Longe de ter a pretensão de discorrer sobre o significado do termo no contexto musical, o que requereria muito estudo sobre o assunto, arrisquei uma rápida pesquisa na *Web* e me deparei com conceitos que em textos mais desavisados se confundem: movimento e andamento. O movimento, segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, está descrito como “cada uma das partes de uma composição instrumental do tipo da suíte (originalmente qualquer sequência de danças destinadas a um coro ou a interpretação musical. Atualmente qualquer conjunto de peças que se justifica pelo contraste de andamentos), ou sonata” (que apresenta inúmeras formas) (FERREIRA, 1975). O andamento representa, segundo o mesmo dicionário, o “grau de velocidade que se imprime à execução de um trecho musical” (FERREIRA, 1975). Há movimentos musicais que se compõem de andamentos. Mas o que mais me chamou a atenção foi o conjunto de termos que explicam os andamentos, normalmente em italiano, que podem ser traduzidos para o português. Se fizermos uma analogia livre com a forma de andar dos movimentos populares, os termos usados para uma orquestra podem descrever de maneira interessante a movimentação popular: devagar, tristonho, dolente, molengamente, dengoso, sentido, saudoso, sem pressa. Podem ter expressão: afetuoso, com alma/com disposição, com entusiasmo, com finura, jocosos, resolvido, brincando, tranquilo, mantendo, depressa, rápido, gingando, saltitante. Em relação à sua dinâmica, podem ser: muito, muitíssimo, mas não

muito, mas não tanto, menos que, com movimento, movimentado, pouco, pouco a pouco, quase (ANDAMENTO, 2011).

A partir desta reflexão sobre a palavra, sugerimos que os movimentos populares aqui apresentados possam ser enxergados como o movimento de uma orquestra, composto por andamentos variados, com vários maestros e músicos empenhados na execução da mais rica melodia.

O Quadro 2 (abaixo) indica seus nomes (em italiano) e suas respectivas definições:

<b>Andamento</b>	<b>Definição</b>
<i>Gravissimo</i>	Extremamente lento
<i>Grave</i>	Muito vagorosamente e solene
<i>Larghissimo</i>	Muito largo e severo
<i>Largo</i>	Largo e severo
<i>Larghetto</i>	Mais suave e ligeiro que o <i>Largo</i>
<i>Lento</i>	Lento
<i>Adágio</i>	Vagorosamente, de expressão terna e patética
<i>Adagietto</i>	Vagorosamente, pouco mais rápido que <i>Adágio</i>
<i>Andante</i>	Velocidade do andar humano, amável e elegante
<i>Andantino</i>	Mais ligeiro que o <i>Andante</i> , agradável e compassado
<i>Moderato</i>	Moderadamente (nem rápido, nem lento)
<i>Allegretto</i>	Nem tão ligeiro como o <i>Allegro</i> ; também chamado de <i>Allegro ma non troppo</i>
<i>Allegro</i>	Ligeiro e alegre
<i>Vivace</i>	Rápido e vivo
<i>Vivacissimo</i>	Mais rápido e vivo que o <i>Vivace</i> ; também chamado de <i>Molto vivace</i>
<i>Presto</i>	Veloz e animado
<i>Prestissimo</i>	Muito rapidamente, com toda a velocidade e presteza

**Quadro 2 – Andamentos da Música**

FONTE: ANDAMENTO, 2011.

## 5.2. Movimento dos Queixadas

**Mococa** – O que era e o que é diferente, hoje muito por causa dessa questão de que o pessoal daqui, como eu disse, dificilmente na família não tinha alguém que [não] trabalhasse aqui mesmo... a pessoa ou o pai, ou o tio, ou o irmão trabalhava aqui mesmo, no caso na fábrica de cimento! (MOCOCA, 2009, entrevista).

Falar sobre o tema “Queixadas” é uma tarefa no mínimo complexa. O caminho traçado neste estudo, que vai de tempos atuais até a década de 1950, coloca-nos em xeque ao exigir que se conte a história dos trabalhadores da Fábrica de Cimento Perus. Não tenho a pretensão de esgotar o tema, muito menos de contextualizar de maneira ampla como se dá o movimento dos Queixadas e como se constrói o sindicalismo em Perus, suas nuanças, a formação humana e política que constitui seu berço, apesar de necessário à compreensão do assunto. Peço licença a seus protagonistas para destacar nesta história, grande fonte de aprendizado e tão significativa para este estudo, apenas um pequeno recorte. Este recorte, que tem início entre as décadas de 1960 e 1970, foi trazido como referência para nós pelo Queixada que emprestou seu aprendizado na fábrica para compor o “currículo da formação” do Movimento Popular de Saúde. As informações que trabalharemos neste momento da dissertação se originaram nas entrevistas e no documentário<sup>7</sup> que constituiu a ação proposta pelo grupo que participou da pesquisa.



**FOTOGRAFIA 7 – Detalhe da fábrica de cimento (grafitti) – 2011**

Crédito: Cris Suzarte

---

<sup>7</sup> Videodocumentário *As Fontes de Perus* (2011) – DVD anexo.

Em primeiro lugar, o significado do termo “Queixada”:

[...] o nome de Queixadas... não tinha a sede para fazer assembleia, foi cedido o cinema para fazer a assembleia, nesse dia apareceu um padre jesuíta e foi lá achando que ele ia fazer com que a gente desistisse da greve, ele falou: “Vocês têm que voltar a trabalhar porque Cristo tem fome de cimento...”, então um companheiro disse: “Cristo tem fome de justiça, não tem fome de cimento...”. Nesse dia tinha também um pessoal da Confederação do Cimento, eles diziam: “O Abdalla é muito forte, é melhor pensar melhor...” e nós respondemos: “Não, nós queremos...”, então alguém disse: “Vocês são como porco-do-mato, na hora que é ameaçado se junta. Se alguém atira no primeiro ele mata, mas não come, os outros vem e estraçalha, mas não deixa comer... esse sentido de se juntar pra se defender...” (AS FONTES, 2011).



**FOTOGRAFIA 8 – Fábrica de cimento, subsolos – 2011**

Crédito: Cris Suzarte



**FOTOGRAFIA 9 – Queixada Senhor Tião e Tião do Anhanguera**

Crédito: Jéssica Moreira

Algumas das características dos queixadas são marcadamente interessantes na comparação com os trabalhadores da fábrica de cimento. Segundo o senhor Ari, indígena da

comunidade Guarani do Jaraguá, grande conhecedor dos queixadas, o queixada é um porco-do-mato que se alimenta de frutos silvestres, anda em bando e é muito perseguido, principalmente pelos caçadores brancos. Em sua experiência, conta-nos que é muito difícil caçar o queixada porque, se você vai pela frente, o bando se junta para atacá-lo. Protegem sua cria, deixando os mais novos no meio do grupo. Para caçá-los é necessário abordá-los por trás, à “traição”, atingindo como alvo preferencialmente um mais distraído, longe do bando, que ficou para trás, em geral mais jovem. Para dormir, descansar, ficam todos juntos encostados em um barranco. Quando enfrentados, fazem um barulho de “estalar” que afugenta o caçador. O senhor Ari nos conta que já teve um de seus cachorros, que ia à frente, ferido. Antigamente eles eram muitos e se organizavam em grupos maiores; hoje em dia, em função de serem tão “perseguidos”, seus grupos são menores (AS FONTES, 2011).



**FOTOGRAFIA 10 – Fábrica de cimento vista do alto – 2011**

Crédito: Cris Suzarte

A perseguição aos trabalhadores Queixadas se acirrou quando o “mau patrão” J. J. Abdalla prometeu “esmagá-los”, segundo um deles nos conta. Porém, unidos conseguiram manter resistência contra seu perseguidor através de uma das greves mais extensas de nossa história. O “cachorro que vai à frente do caçador” tem na fábrica seu papel representado pelos “pelegos” que, contrários às greves, tentaram enfraquecer a estratégia de união dos Queixadas, mas sem um resultado significativo. Havia necessidade de protegerem uns aos outros e a suas famílias, que participaram ativamente das assembleias e manifestações. A necessidade de sobrevivência fez com que montassem uma espécie de cooperativa com os alimentos e outros materiais doados às famílias dos trabalhadores. Visitaram outras cidades para pedir apoio e ajuda material.



**FOTOGRAFIA 11 – Queixadas em greve**



**FOTOGRAFIA 12 – Sede do sindicato do cimento – 2011**

Crédito: Clébio Ferreira

Com a fragmentação da produção e a nova forma de organização do trabalho na indústria, pulverizado em terceirização das várias etapas na produção, o número de trabalhadores em um mesmo espaço físico diminui, assim como suas possibilidades de organização para reivindicar melhores condições de trabalho. Os Queixadas da fábrica de cimento, assim como os porcos-do-mato, viram seu espaço de movimentação aos poucos ser restringido por uma nova conformação do mundo. O crescimento das grandes cidades, a destruição de reservas naturais e as mudanças nas relações interpessoais e de trabalho, cada vez mais mediadas pelo artificialismo determinado pela competição na organização neoliberal, bem como o medo, plantado e acirrado pela falta de postos de trabalho, compõem

hoje um cenário onde se desenvolvem cada vez menos relações de confiança, solidariedade e sentido comum, necessárias à organização dos grupos de trabalhadores para o enfrentamento de condições desumanas de vida e de trabalho. Sem espaço para se movimentar e atuar, os Queixadas se dividiram em grupos menores com a sensação de pouca penetração e visibilidade em seu campo de atuação.



**FOTOGRAFIA 13 – Fábrica de cimento – década de 1950**



**FOTOGRAFIA 14 – Manifestação dos Queixadas – década de 1960**

Antes de 1958, já existia o sindicato dos trabalhadores de cimento. A sede era em Cajamar. Abdalla comprou a fábrica dos canadenses – fora secretário do trabalho de Ademar de Barros, interventor do Estado, antes de comprar a fábrica – e já estava em Perus quando foi deflagrada a greve dos 46 dias:

sempre tinha alguma coisa que ele nunca cumpre ...achou que deveria aumentar o preço do cimento... o sindicato fez as contas e achou que havia uma necessidade de equiparação do salário, 40% de aumento para os trabalhadores... nós topamos de receber menos se baixasse o preço do cimento... uma greve de 46 dias... nesse tempo chegou na assessoria do sindicato o Mário Carvalho de Jesus, que tinha trabalhado

na França com o padre Lebret... Abdalla tinha um império. Nas quatro fábricas... as outras fizeram acordo. A fábrica de cimento manteve a greve e no final de 45 dias assinou o acordo: contrato coletivo de trabalho, salário-família, a única do Brasil, comissão de trabalhadores para resolver os problemas internos... aí todos voltam para trabalhar, foi uma vitória... o contrato dizia que nenhum funcionário poderia ser admitido nem demitido sem a presença do sindicato...

Em 14 de maio de 1962 começou a greve dos sete anos. Começaram a se juntar as reivindicações das quatro fábricas com as do sindicato de Perus. Eram 14 reivindicações, dentre elas o pagamento de 5% da casa própria. Nos 46 dias iniciais houve demissão de um funcionário do sindicato, uma das reivindicações era a de que ele voltasse.

Companheiros de outras fábricas fizeram acordo separado e Abdalla falou: “Pra Perus eu não dou nada, Perus eu quero esmagar...”. Porém, era um problema jogar fora os 501 trabalhadores com mais de dez anos que adquiriram estabilidade pela lei em vigor na época. Mas existiam 300 que tinham menos de dez anos, estes o tribunal no primeiro julgamento já jogou na rua. (AS FONTES, 2011).



Cia Brasileira de Cimento Portland Perus  
Por Júnior Furlan ★ Favorita

#### FOTOGRAFIA 15 – Detalhe da fábrica de cimento – 2011

Crédito: Júnior Furlan

As greves eram ilegais e os trabalhadores vulneráveis.

A gente mantinha o piquete na porta da fábrica. Aqui estava em assembleia permanente e todas as famílias vinham na assembleia. Tinha o apoio de estudantes do quinto ano de medicina... Depois de três meses, eu chego um dia de trem em Perus e vejo assembleia com Conceição da Costa Neves, que chamava os grevistas de comunistas agitadores...

A deputada Conceição da Costa Neves, contratada por Abdalla, fez com que parte dos trabalhadores assinassem, depois de 90 dias, um acordo, furou a greve... os pelegos tinham medo... a greve não era legal.

Neste acordo, a fábrica resgatou as pessoas mais importantes na produção, trabalhadores dos fornos, do moinho... A deputada prometeu apoio da polícia, caminhão com a polícia protegendo os fura-greves... Nas famílias, pelegos e Queixadas. Quando o irmão de um dos Queixadas fura a greve, o Queixada escuta comentários constrangedores de seus companheiros a respeito de seu irmão. Os fura-greves entravam de manhã e não sabiam que horas iam sair. A polícia acompanhava inclusive na saída para o almoço. Esse momento resultou na morte de um trabalhador por exaustão. (AS FONTES, 2011).



**FOTOGRAFIA 16 – Grandes silos para guardar a matéria-prima para a produção de cimento. Com o grafitti, parecem grandes monstros a olhar tudo – 2011**

Crédito: Cris Suzarte

Depois de 90 dias já se sabia que a greve ia durar muito. O sindicato sugeriu que arrumassem outra fonte de renda.

Logo veio a ditadura, houve repressão, os trabalhadores foram investigados e perseguidos:

[...] os policiais... não podia andar sozinho na rua que podiam ser preso por motivos... bater... na ditadura militar, pegam a diretoria toda do sindicato... houve violência da polícia, teve muita gente que apanhou e o nosso presidente apanhou muito no DOPS<sup>8</sup> e no DOI-CODI<sup>9</sup>... fomos em Cumbica visitar ele com o padre, amigo do João Breno... o tenente foi gentil, esperamos três horas... não deixaram a gente ver ele... ele ouvia a gente falar no andar de baixo... na casa dele eles ficavam a noite rondando intimidando a família... a casa do Mário Carvalho de Jesus reviraram procurando achar algo para incriminar... (AS FONTES, 2011).

Durante a greve, decidiram que tinham que fazer alguma manifestação mais contundente. Por sua formação cristã, cabia-lhes bem a ideia do sacrifício, o que resultou em uma greve de fome no centro de São Paulo:

Deus está querendo uma coisa mais forte pra ele se agradar de nosso sacrifício... vamos fazer greve de fome, 13 ou 14 companheiros... durante o dia passam pessoas e perguntam por que estão ali: “Vocês estão loucos, não têm família?” Um dia de madrugada duas e meia da manhã a polícia chegou e chutou as barracas, bateu no pessoal, o Breno trincou o fêmur... (AS FONTES, 2011).

<sup>8</sup> DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>9</sup> DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna.



**FOTOGRAFIA 17 – Visão da base das chaminés –  
no grafitti, olhos que tudo vigiam – 2011**

Crédito: Cris Suzarte

A população se dividia em dois grupos: os pelegos e os Queixadas. Quem apoiava os pelegos automaticamente prejudicava os Queixadas. No comércio ou na assistência, havia discriminação dos trabalhadores em greve. Não havia o que comer, as dívidas cresciam e houve necessidade de organização para pedir ajuda. Os pares se solidarizavam.

minha filha ficou doente... a mãe levou no posto de saúde, chegou para a secretária do médico e falou que a menina estava ruim, ela disse ele não ia atender... os médicos quintanistas ficaram doido quando viu... o *Jornal Última Hora*. que dava cobertura de greve de movimentos sociais escreveu: “Médico de mau patrão não quer atender filha de Queixada”...

os comerciantes foram solidários com os pelegos... o armazém não fornecia mais nada... tivemos ajuda da Cáritas... uma espécie de cooperativa, cada um recebia uma porção para tentar sobreviver... formamos comissão que saiu pelo interior pedindo ajuda no interior depois de 90 dias. Fui em São Carlos, batendo de porta em porta pedindo... Porto Ferreira, São Carlos, Descalvado... eu morava numa casa e pagava o aluguel, como o dono da casa era Queixada e eu? não precisava pagar o aluguel... (AS FONTES, 2011).

A “firmeza permanente”, como os trabalhadores chamaram sua estratégia de enfrentamento, tem raízes no movimento de resistência pacífica indiano liderado por Gandhi:

Abdalla era um mau caráter, mas a gente tinha ódio das ações que ele cometia e não tinha ódio dele... Gandhi foi um grande inspirador... O Dr. Mário falou de Gandhi, é impossível ouvir falar de Gandhi e não se encantar... isso ajudou muito... ser capaz de não ser violento, exigir o cumprimento da lei sem usar da violência... existia o respeito pelo patrimônio... a gente tinha o princípio da firmeza, da não violência... (AS FONTES, 2011).

Os sete anos de greve fizeram com que os trabalhadores da fábrica ganhassem um sentido de união e reciprocidade, exercício de confiança, por eles lembrado como fator importante na consolidação de suas propostas de luta: “o trabalhador só se torna forte quando existe união dos trabalhadores... a gente dizia no começo da greve que a gente seria capaz de morrer mas nunca trair ninguém e não voltar à fábrica como derrotado...” (AS FONTES, 2011).



**FOTOGRAFIA 18 – Da torre vista por dentro ao anoitecer – Perus ao contrário, o grande letreiro decadente da fábrica – 2011**

Crédito: Cris Suzarte

Mesmo com as diferenças entre Queixadas e pelegos, houve momentos em que os trabalhadores tiveram oportunidade de colocar em xeque a “lealdade” ao “mau patrão”, insuportável para uns, necessária para outros, fortalecendo laços entre os que estavam finalmente do mesmo lado do jogo:

o pessoal que acreditava no Abdalla se desiludiu, depois tiveram que fazer greve e fizemos piquete com eles... impedimos a composição de tanque que ia entrar na fábrica, para fazer a fábrica funcionar, deitamos nos trilhos para não entrarem na fábrica, fizemos pelos pelegos... (AS FONTES, 2011).

Anos mais tarde, uma nova discussão se incorporou à luta dos trabalhadores: a questão da poluição do ar e suas consequências para a população:

A esposa lavava roupa daí a cinco minutos estava tudo duro. Lavava roupa, o pó colava na roupa... muita gente morreu de silicose... não tinha outro jeito, a fábrica tinha que evitar. A Cimento Santa Rita da Votorantim tinha vila de casas com verdura, tudo verdinho... o Abdalla conseguiu dinheiro do governo dizendo que ia

colocar os filtros, mas desviou o dinheiro, fomos em cima da CETESB<sup>10</sup> e a fábrica teve que fechar... (AS FONTES, 2011).



**FOTOGRAFIA 19 – Firmeza permanente – Manifestação pacífica – 1972**

A poluição mobilizou uma marcha organizada pelas mulheres dos trabalhadores com a campanha “O pó esmaga a vida”. Como desdobramento da manifestação das mulheres contra o pó de cimento, o braço de ferro da ditadura mostrou suas garras e, por fim, achou “culpados” que sequer tinham ideia de onde estavam “pisando”. Foi o caso da enfermeira suíça, que foi presa e deportada, sem que fosse permitido se comunicar com seus companheiros do bairro para se defender. Não se sabe se foi torturada ou o que de fato aconteceu durante os dias em que ficou detida no DOPS para investigação:

Tinha uma enfermeira suíça na caminhada com as mulheres... um policial disfarçado de repórter conversou com ela... no dia seguinte, o DOPS prendeu ela... Tentamos vê-la... o delegado disse que ia mostrar pela janela, ela apareceu de costas, não se virou. Quando foi uma noite, entregaram em um avião, a passagem do avião foi paga por amigos, foi banida do país... até então a poluição não era motivo para greve... aí se aperceberam que isso era importante... as reclamações fizeram fechar a fábrica... eu nunca fui preso, eu e outras pessoas não interessava pro DOPS... (AS FONTES, 2011).

Ao final dos sete anos de greve, o governo, que havia confiscado a fábrica por conta da poluição, pagou o salário dos trabalhadores. Mais uma vez o dinheiro público alivia a dívida do “mau patrão”: “enfim terminou a greve, sete anos de salário atrasado, não foi o Abdalla que pagou, o governo havia confiscado a fábrica, foi ele que pagou” (AS FONTES, 2011).

<sup>10</sup> CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental.

A experiência na fábrica durante o movimento dos Queixadas foi grande fonte de aprendizado para seus protagonistas e todos aqueles que tiveram oportunidade de entrar em contato com esta história. A firmeza durante os anos de luta e sofrimento, a resistência do grupo e as estratégias de enfrentamento dos problemas trouxeram para estas pessoas marcas que continuam a se refletir na história do bairro e na vida de outras pessoas que os têm como referência: “um dia me perguntaram: ‘Você teria coragem de fazer tudo isso de novo numa greve?’ Eu respondi: ‘Teria com os companheiros que a gente conhece que eram realmente firmes...’” (AS FONTES, 2011).

### 5.3. Movimento de moradia

Um pouco da história do Recanto dos Humildes, “essa multidão de gente”.

Nos anos 1970, a militância política, a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), os movimentos eclesiais de base e as greves caracterizaram um contexto propício que prepara para o surgimento, em 1980, de vários movimentos por moradia na cidade de São Paulo (ARAVECCHIA apud FILADELFO, 2008).



**FOTOGRAFIA 20 – Festa para construção da laje no mutirão**  
Crédito: Família Rosa

Filadelfo (2008) descreve que o movimento de moradia em São Paulo, por desenvolver estratégias semelhantes às do Movimento dos Sem Terra, era por este motivo também assim denominado, em suas origens. Na década de 1980, a luta se dá por ocupações em terrenos e negociações para construção de empreendimentos habitacionais (FILADELFO,

2008). Vários movimentos começam a se articular em um movimento mais abrangente que se constituiria na União dos Movimentos de Moradia (UMM).



**FOTOGRAFIA 21 – Festa**

Crédito: Família Rosa

A Prefeita Luiza Erundina (1989-1992), identificada fortemente como aliada dos movimentos sociais, cria condições que favorecem os mutirões de autoconstrução. Neste contexto se inicia o desenvolvimento do conjunto habitacional do Recanto dos Humildes, na região da subprefeitura de Perus, noroeste da capital.

**São Mateus** – foi na época da gestão da Luiza Erundina, aí teve a ocupação e depois teve um pessoal que se aproveitou e segundo dizem a gestão da Luiza Erundina teve uma proposta boa, começou. No fim ela acabou saindo, mudou o governo e o governo não continuou. (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 22 – Fundações das casas do mutirão do Recanto dos Humildes, gestão Luiza Erundina**

Crédito: Família Rosa

O Recanto dos Humildes foi instalado por uma reivindicação de movimentos de habitação, foi mau visto pela população local e teve a simpatia da parte da população que se identificava com os movimentos populares: os Queixadas.

**Tico-Tico** – Teve a implantação do Recanto dos Humildes na Rua Júlio Maciel, nós tivemos a oportunidade de enfrentar até divergência com pessoas da própria comunidade que achavam que não deveria se receber aquele povo ali, aquelas famílias no Recanto. [...] Aí eu vi nascer o Recanto dos Humildes, a parte de lá onde... e aí eu vi aquilo crescendo, o povo correndo, vindo, fazendo o seu barraco pra fugir de onde estava, fugir de aluguel e... eu sempre apoiei a luta... essa luta. Porque também envolvia a educação, transporte, saúde e principalmente na saúde... [E ao longo do tempo, aí? Eu vi muita... muita coisa acontecer.] Muita coisa acontecer!

**Paulo Freire** – O Recanto era o lugar dos esquecidos, era o lugar dos estranhos. Era o lugar onde as pessoas chegaram... a gente era um povo que incomodava o resto de Perus. Você chegava... quando eu chegava com as minhas crianças pra ser atendida no PS, geralmente a gente tinha que ir direto pro PS porque a Unidade Básica não dava conta, então as pessoas olhavam pra gente e falavam assim: “É o Recanto, só pode ser do Recanto”. Causava estranheza, o jeito, parece que o jeito como a gente andava, a pobreza que a gente ...demonstrava [chora] no vestiário, [chora] enfim, a gente era meio que um povo sem... indesejado [chora] era um povo que causava estranheza [chora]. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 23 – Havia grande participação das mulheres no mutirão e com isso sempre a presença de crianças**

Crédito: Família Rosa

Há em alguns discursos uma diferenciação entre os termos ocupação e invasão, em outros, os termos coincidem. Podemos justificar esta alternância através da heterogeneidade dos participantes do movimento já instalados no bairro. Aqueles que se envolveram mais intensamente nas discussões do movimento provavelmente utilizarão o termo politicamente correto “ocupação”, uma vez que, pelo princípio do movimento, os terrenos em disputa não

eram ocupados e não tinham uso, um paralelo com o que na questão agrária se chama “improdutivo”. No entanto, o termo “invasão” parece, nos discursos, dar uma entonação mais forte à ação “revolucionária”. Sem causar constrangimento, parece representar um certo orgulho em relação a esta estratégia.

Em geral, a memória de uma luta intensa e de que se começou sem nenhuma condição está muito presente nos discursos. As pessoas contam que construíram a partir do nada e dão a este discurso uma conotação positiva de força e resistência, conquistaram algo muito penoso e difícil.



**FOTOGRAFIA 24 – Presença das mulheres**

Crédito: Família Rosa

**Conquista** – Eu vim pra cá bem na invasão mesmo, as ruas eram de terra, elas eram um terrenão, não tinha rua, aí passaram as máquinas abrindo ruas. [...] Não [era com o apoio do governo], era um movimento dos sem terra que até hoje eu não sei se existe esse movimento dos sem terra aqui. E é tanto que na documentação que a gente tem, no papel, tá escrito movimento dos sem terra. [...] e eles disseram que não era pra construir barraco de madeira, que queriam um bairrozinho mais urbanizado. Aí nós morando lá, pagando aluguel e o terreno aqui, e eu e o meu esposo falamos: “Não vou mais pagar aluguel, a gente vai pra lá”. Nossa, eu quase morro [risos] sem água, sem luz... eu vim pra cá não tinha luz, não tinha água, não tinha contato com ninguém, tudo era longe... [...] a luz era clandestina e a água também, [...] e aqui também não tinha banheiro, não tinha fossa, não tinha saneamento básico. No princípio que a gente veio pra cá, fazia as fezes em lata de leite em pó ou na

sacolinha e levava pra lixeira, entendeu? Era muito difícil... e hoje... Eu chorei muito, minha mãe falava assim: “Ai, meu Deus, você foi morar naquela favela, meu Deus!! [risos] Lá é muito longe...” (CONQUISTA, 2009, entrevista).

**Girassol** – Então todo esse desenvolvimento a gente correu atrás de muita coisa. Foi uma luta muito árdua, água, luz, asfalto, telefone, saúde, lixo que envolve todo... foi uma correria. (GIRASSOL, 2009, entrevista).

Ao contrário da ideia hegemônica, veiculada pela mídia, de que o morador da periferia é um “desocupado”, um marginal, nos discursos há uma autorreferência a pessoas com dignidade, trabalhadoras, que de alguma forma se organizaram para a partir do nada construir um bairro.



**FOTOGRAFIA 25 – Mutirão carregando concreto nas latas para encher as lajes**

Crédito: Família Rosa

**Diamante** – Eu tava num lugar que tinha tudo pra ser nada. Pra ser nada mesmo! Pra ser um lugar como era antigamente: de barraquinhos de lona e trilha. Mas não sei assim [se] a garra dos moradores, das pessoas que vieram mesmo com vontade [...] Acho que a diferença do Recanto é essa, de pessoas que querem realmente uma coisa melhor pra vida. Embora seja periferia mas as pessoas são pessoas dignas, trabalhadoras. (DIAMANTE, 2009, entrevista).

**Papagaio** – Um lugar muito feio, sem água, sem luz, minha família me criticou, por que eu vim pra cá num lugar desse? Mas só quem tinha a pedra no sapato era eu que sabia, né? No final hoje todo mundo vê, ficou bonito! E que se eu não tivesse feito, hoje eu não teria a minha casa. Mas eu acho que mudou muito sim! Mudou... as pessoas têm mais consciência. Sabem reclamar, reclamam, mas sabe que aqui melhorou muito mesmo. (PAPAGAIO, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – Tinha energia elétrica assim: roubada. E tinha aquele monte de fio, que eram chamados de gambiarras que a gente puxava lá do poste. Chegava uma hora que eles estavam todos tão... eram tantos, que aquilo o poste não aguentava e dava aqueles estouros e a gente ficava tudo sem energia. [...] a gente aqui era a periferia da periferia. Imagine um povo... [...] Imagine uma mulherzinha magra, de havaianas, com o pé todo sujo de barro, que era essa a característica, com uma criança no braço, puxando outra, chegar num pronto socorro que é meia hora a pé

daqui, lá. Que vai a pé porque não tem sequer o dinheiro da condução. [...] Na minha cabeça uma comunidade nasce, deveria nascer organizada e ir se organizando cada vez mais. Aqui o povo foi chegando pela necessidade imediata de morar. Eu cheguei assim e muita gente chegou assim e a gente, não tendo pra onde ir, ocupou esse lugar. E a gente, tendo filhos pra criar e tendo necessidade de sobreviver, não tinha tempo e não tinha estrutura pra organização. Tinha até algum.... um ou outro que gritava de necessidade. Mas a coisa tava tão... desordenada, né? De um jeito tão desestruturada, de um jeito que não houve espaço pra ouvir isso. [...] Então a gente foi sobrevivendo na raça, sem organização nenhuma, porque a realidade forçou isso e a gente é fruto dessa realidade. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

Há uma forte presença da memória da solidariedade no processo de mutirão. O aprendizado de que é possível se constituir em grupo de ajuda mútua e criar espaços de luta onde cada membro do grupo é bem-vindo, onde não há discriminação e o trabalho é sempre comemorado faz com que as pessoas que participaram do processo se orgulhem e lembrem desses como bons momentos.



**FOTOGRAFIA 26 – Criança na obra**

Crédito: Família Rosa

**Liberdade** – A gente que levantamos as casas... ah, [o pessoal] se ajudava, os vizinhos sempre se ajudava. Um ajudava o outro a bater a laje, o outro ajudava a levantar as paredes... sempre foi assim... (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – aqui era um eucalipal, era um matagal, uma fazenda aqui. E aí resolveram desapropriar, aí desapropriaram, pegaram os moradores, a Erundina que desapropriou aqui pra gente poder tá morando, e veio de muita luta. A gente tinha que pagar luz, a gente tinha que pagar poste, pagava com dinheiro, os arquitetos. Quando a gente começou a viver, começou a vir bem devagarzinho os benefícios. Aí saiu o loteamento, aí fez a divisão do loteamento, cada um construindo a sua casa aos pouquinhos. [...] Tinha que brigar, e feio, viu? De enfrentar... porque quando a gente começou aqui a fazer medida de mutirão, era reunião. Ia começar com construção cada um mutirão, fazer as suas casas, todo mundo ajudando um ao outro. [...] Ninguém via quem era branco quem era preto, tinha cabelo liso, cabelo isso, ninguém via isso. Todo mundo sentava ali, tava todo mundo sujo mesmo, que chegava a uma certas horas tava todo mundo sujo mesmo, e todo mundo ria gostoso e isso, aquilo. Fazia as festas também. Uma vez por mês a gente dava as festa aqui.

Era boa e não tinha luz, não tinha nada, pegava uma gambiarra não sei da onde... aqui era tudo escuro, mas todo mundo vinha participar. [...] Antigamente era 100 pessoas, aliás 160 famílias, porque tinha duas associação, a turma dos 160 e a turma do 99, que é do Paraíso. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

As descontinuidades administrativas no Brasil causam repercussões desastrosas às políticas públicas sociais, como no caso da habitação. A confusão entre os projetos partidários e a política pública causa o enfraquecimento de propostas para a diminuição da exclusão e provoca deterioração dos projetos em andamento. As diferenças ideológico-partidárias são forte motivo para destruição de projetos, muitas vezes bem sucedidos, se o governo que o desenvolveu for oposição ao vigente. Foi o que constatamos neste estudo.



**FOTOGRAFIA 27 – Sr. Agenor orienta participantes do mutirão 94**  
Crédito: Família Rosa

Na descontinuidade administrativa, os dois governos seguintes, pouco identificados com movimentos populares, Maluf e Pitta, tentam dissolver o mutirão iniciado no governo Erundina e transformá-lo no modelo da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). As pessoas que estavam no mutirão não tinham garantia nenhuma de serem contempladas pelos projetos habitacionais dos governos Maluf e Pitta, diferentes que eram dos do governo anterior. Isto os forçou a desmanchar o mutirão e se dividir para construir individualmente. A ideia inicial do mutirão era de que todos participassem da construção de todas as casas e que só ao final as casas fossem sorteadas.

**Rosas Vermelhas** – Aí quando teve a mudança da Erundina pro Pitta, aí o Pitta já não queria mais isso, o Pitta já queria tomar aqui pra poder fazer CDHU, alguma coisa. E aí o que aconteceu? Aí foi na hora que a associação dividiu, resolveu dividir e jogar cada um com o seu terreno. Aí fez o sorteio já só dos terrenos, não foi das casas. [...] Aí quando veio essa nova... o Pitta, o que aconteceu? Foi jogado, porque

senão a gente ia acabar perdendo. [...] Aí decidimos que todo mundo ia mexer, que não era pra construir de barraco... ser de material. Aí cada um foi ajudando o outro... tanto que aqui a maioria tem casa geminada, porque tinha pessoas que não tinha como construir, aí uma construía, pagava metade... tem gente que até hoje não pagou também o vizinho [risos] e a maioria é germinada... [...] (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

No início, as 160 famílias do Recanto dos Humildes e as 99 do Recanto Paraíso tentaram manter o processo de construção em regime de mutirão. Não sendo possível continuar naquela lógica de trabalho, o mutirão acabou por se dissolver e o bairro continuou crescendo, desta vez de maneira desordenada, piorando as condições de vida dos primeiros moradores e acirrando os problemas de moradia e das precárias condições de vida e de organização da população.



**FOTOGRAFIA 28 – Muitas falas das narrativas confirmam que no começo não havia nada**

Crédito: Família Rosa

**Mococa** – Na época havia um projeto de construção de casas para [a] população. [...] na sequência a Erundina deixa o governo, o projeto já está iniciado, mas não tem continuidade. Em virtude disso, surge a questão: então as pessoas arregaçaram as mangas e começaram a construir seguindo os princípios que haviam sido negociados no governo da Erundina, que era a construção das casas. Daí é toda uma longa história dos moradores que vão ocupando a área, ocupando, ocupando, ocupando, que chega aí um limite... um ponto insustentável com relação a diversas questões, desde energia elétrica, até outras questões... e principalmente saúde, que sendo uma área ocupada por pessoas de baixa renda, e aqui já era a tradição ter baixa renda e pouco atendimento à população por parte das autoridades, isso significa que os problemas eram imensos, né? Aí isto vai se dando [...] chegando no final do milênio e nós sem nenhuma perspectiva [...] nesse ínterim, entre o que eu chamo de inchaço... o bairro inchou... houve uma corrida... a corrida do ouro, vamos dizer assim... então era pegar ou largar. As pessoas ocuparam a área, foram ocupando, ocupando, ocupando... e chegou um ponto que tava insuportável porque os equipamentos de saúde disponível no bairro eram os mesmos que foram conseguidos lá nos anos 60, 70, né? Portanto não tinha e não tem condição de... prestar um atendimento à população do porte que se encontra nesse momento de hoje.

**Paulo Freire** – Quando o ônibus do Recanto chega, é uma multidão, é uma coisa grande. O ônibus do Russo para, do Jardim do Russo, é um povinho. Agora, quando é do Recanto, é uma multidão. Você não sabe como cabe tanta gente. E o Recanto é esse braço aberto onde tinha um terreninho, a pessoa construiu em cima ou então dividiu a casa em duas e foi recebendo mais gente, e foi recebendo mais gente... quando essas pessoas estão bem socialmente, e o outro é uma pessoa que se insere logo no mercado de trabalho, ótimo! Essa família é um crescimento saudável. E esse povo que tá lá no ponto do ônibus, eu fico contente que muitos deles vêm do trabalho. Então isso é um sinal de saúde populacional. Significa que esse povo é economicamente ativo. Agora o que me preocupa são os que estão excluídos do mercado de trabalho, porque eles ficam o tempo todo desocupados e aí eles se tornam presas fáceis do tráfico. E isso gera uma bola de neve e aí essa família vai automaticamente se declinando e é muito triste ver. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

O que poderia ter sido um aprendizado de organização comunitária acaba por se restringir, na visão de alguns participantes do processo, porque o contexto dissolveu o grupo e muitas pessoas nem moram mais no mesmo lugar.

**Liberdade** – Era aquela coisa: só ficava aquele pessoalzinho que conhecia daquele mutirão, sabe? Agora não, aí hoje também depois de 16 anos todo mundo não se conhece mais. E também não ajuda mais o outro assim com era, não, viu? Que muitos foi embora. Ficou pouca gente conhecida do tempo que a gente morava todo mundo no mesmo lugar. (LIBERDADE, 2009, entrevista).

O movimento de moradia foi para os participantes do mutirão uma grande escola que acabou por motivar a continuidade da luta pelo transporte, educação, saúde, traduzidos na própria construção por mutirão da Unidade de Saúde do PSF, adiante abordada nesta discussão.



**FOTOGRAFIA 29 – Rua principal no início das obras**

Crédito: Família Rosa

Ao longo do tempo, o incentivo do poder público foi perdido, principalmente por ocasião das mudanças administrativas, e a população se organizou da forma como pôde para conseguir as benfeitorias de infraestrutura do bairro.

**Papagaio** – [O importante nessa história toda é] que a gente teve bastante benefício, que a gente chegou aqui sem nada e hoje a gente tem escola, tem feira, tem creche, tem ônibus, né? O meio de transporte tá organizado... eu acho que muita gente chega aqui: “Nossa, que lugar feio!” Nossa, eu acho que não é lugar feio, eu acho que foi lugar feio, não é mais! [O que fez conseguirmos tudo isso?] Ah! É lutando, conscientizando, falando pras pessoas tentar melhorar que a gente quer ver um lugar bonito, a gente tem que viver melhor mesmo. E é muito bom! [Essa luta] Ah! [risos] as pessoas pondo na cabeça, eles falam que “eu tenho que melhorar, não vou ficar a vida inteira esperando que alguém faça... eu vou fazer a minha parte”. Se cada um fazer a sua parte, aí no final tá tudo feito, né? Eu acho que cada um fez aqui um pouquinho e também o Galdino, que era o seu Agenor e agora é o Galdino [refere-se à Associação], eles tão sempre lutando pra melhorar e é junto com o povo. E isso resolveu bastante. [O Galdino e o seu Agenor trabalhavam a partir da associação]É, eu não sei muito dessas coisas. Eu não infiltrei muito, mas eles ajudaram bastante. O conselho! E eu lembro uma vez o Galdino falou que a gente tinha que priorizar o que a gente queria pro Recanto. Uma das reuniões, que a gente tinha que insistir. Tanto que essas escolas lá de cima, eu acho que foi muito o povo que insistiu, porque não tinha e cê vê que agora... a gente faz as visitas, não tem mais criança fora da escola. De quando um tempinho atrás a gente ia na casa, tinha um monte de criança sem estudar e hoje não, hoje tá todo mundo na escola. Quem tá sem estudar é quem veio do norte e tem que pegar transferência, às vezes não consegue. Eu mesmo dormi na fila dois dias antes pra conseguir vaga do meu filho. Então hoje não tem mais isso. E eu acho que é do povo mesmo, o pessoal se unir e conseguir. [E reivindicar] É! [E brigar] Isso! [Do céu não caiu nada?!] Nada! [risos] (PAPAGAIO, 2009, entrevista).

## 5.4. Movimento de saúde

### 5.4.1. O aprendizado trazido pelos Queixadas e a formação do movimento popular de saúde

A intersecção entre o movimento dos trabalhadores da fábrica de cimento, Queixadas, e o movimento de saúde acontece a partir da percepção de que a fábrica trazia prejuízo para a saúde da população em seu entorno. Como estratégia de aglutinar mais pessoas à sua luta, os Queixadas e suas famílias colocam a questão da fábrica como algo maior que a reivindicação do salário dos trabalhadores. Com o apoio das comunidades eclesiais de base, lançam a campanha “O cimento esmaga a vida” e portanto toda a população é chamada a defender a vida e se colocar contra o “mau patrão”.

**Mococa** – Lá que é uma luta que na verdade ela é uma... até onde eu sei é a primeira manifestação de meio ambiente que é realizada a nível do Estado de São Paulo. Porque é uma campanha contra o pó, quer dizer, dá impressão que a gente tá

mudando a história, é verdade, aqui Perus foi palco de grande manifestação contra o pó de cimento, porque tem até a conversa de cartaz que dizia assim: “O cimento esmaga a vida”. Perus tem... Perus era conhecido como o bairro cinzento... que todo telhado aqui era cor de cimento, era cor cinza... por causa da poeira que caía da fábrica, os telhados era todo... não tinha um telhado marrom, principalmente nessa área aqui, tudo que cê olhasse nas casas antigas... deve ter uma casa antiga que deve ter a marca ainda do... pó de cimento, então... “o pó de cimento esmaga a vida”, então... a gente tinha essa, essa preocupação [...] nós estamos antes de 70... [...] É no pleno regime militar, então... contrariando tudo e a todos, o pessoal foi pra rua, houve de tudo e tal com relação a essa questão do pó do cimento. Houve fatos que marcaram a história, essa luta, contra o pó do cimento. (MOCOCA, 2009, entrevista).

A participação na greve da fábrica de cimento foi grande escola para que algumas pessoas da comunidade de Perus se encontrassem na maneira insurgente de modificar sua realidade. Como já mencionamos, na ocasião da greve, contaram-nos que o bairro se dividiu em dois grupos: os Queixadas (grevistas) e os pelegos (fura-greves). Desta divisão resultou também uma clara divisão ideológica na população: aqueles que eram contrários às práticas autoritárias e aqueles que eram a favor do *status quo* e portanto da divisão de poder como se colocava; os poderosos eram aqueles que detinham o controle do fator econômico à força e à custa de exploração de outros. Há uma forte influência cristã através da esquerda da Igreja Católica em seus movimentos eclesiais de base e da pastoral operária.

A experiência na greve da fábrica de cimento é também colocada como fonte de aprendizado, como escola do movimento popular e “formação” daqueles que viriam a ser os professores dos movimentos pela saúde:

**Tico-Tico** – O início do meu envolvimento nos trabalhos sociais e comunitários foi mais ou menos por volta de 1970! 69-70, por intermédio da igreja católica que eu despertei para essas coisas. Até então eu não ligava muito pras coisas, mais a gente tinha passado antes por uma experiência da greve da Perus. Eu tinha uns sete meses de firma quando começou a greve da Perus em 14 de maio de 62, então a gente já tinha apreendido alguma coisa e nesse tempo também começaram a funcionar as Comunidades Eclesiais de Base de Perus, um trabalho que foi feito antes por umas missionárias do instituto Cristo Missionário da Vila Guilherme e depois vieram aqui pra Perus os padres mãofortinos em 68 e eles começaram a incentivar a gente. Aí eu comecei a despertar para a responsabilidade de olhar pras coisas, que eu não tinha que lembrar que só eu tinha problemas, que todo mundo tinha, que eu deveria ajudar e... essa vivência de dentro da comunidade onde a gente tinha toda a liberdade de se encontrar com os irmãos e colocar os problemas que a gente tinha, todo mundo ajudava pra resolver, a gente dividia enfim as alegrias, as tristezas... Isso me ensinou muito e me deu essa responsabilidade de saber que como cidadão, perante a lei, eu tenho alguns deveres a cumprir também, né? E ao mesmo passo que eu comecei a sentir também que não é só eu que tenho o dever, mas o Estado também tem a obrigação de muita coisa. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

Dois movimentos fortes são lembrados na mesma sequência pelos dois entrevistados mais velhos, a luta contra o pó de cimento e a luta contra a instalação do lixão. As duas

manifestações guardam semelhanças porque caracterizam o aspecto ambientalista da luta daquela comunidade. A questão ambiental, vista como de maior abrangência, é forte aglutinadora de pessoas à luta dos trabalhadores.

**Tico-Tico** – E aí foi que a gente começou... do movimento do lixão, nós tivemos que sair pra rua brigar contra o lixão. [...] E daí pra frente a gente foi... aí começou a aparecer o lixão... o movimento contra o pó de cimento. Teve foi uma briga meio desagradável que a gente enfrentou contra o poder público. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

Além da firmeza permanente colocada como estratégia de luta dos Queixadas, influenciada pelo movimento pacífico de Gandhi, há marcadamente uma organização em rizoma deste movimento, onde não se identificam líderes, o que pode ter possibilitado a sua resistência e adentramento ou desdobramento em outros movimentos.

**Tico-Tico** – Tem uma coisa: eu nunca fui preso, sempre vivi envolvido nesses movimentos, mas nunca fui preso porque justamente as autoridades gostam de prender as grandes ...as pessoas mais esclarecidas, mais... mais diretas na briga. Eu sempre aprendi a lutar junto com as pessoas, nunca fiz nada sozinho. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

O espaço de aprendizado através da luta pelas necessidades básicas coloca as questões do ambiente, saúde, transporte, educação como articuladoras e mobilizadoras da organização popular, tendo como professores os Queixadas e sua longa história de luta contra o “mau patrão”:

**Tico-Tico** – [...] Perus acho que é um lugar marcado por lutas demais, né? Sempre luta, a gente nunca tá sossegado, uma hora... agora tem luta contra o pedágio... no do lixão, que querem implantar de novo em Perus. O transporte melhorou um pouquinho, mas precisa melhorar mais, o trem, precisa melhorar mais. Saúde, tá toda avacalhada. Educação. Quer dizer: não termina nunca; nós temos mais “faltura” do que fartura [risadas], tem mais “faltura” de coisas do que fartura. [E aí é um estímulo pra lutar? Por que aqui se luta tanto? Que tem lugar que tem muita “faltura” mas não se luta tanto! Qual é o segredo?] O problema é as necessidades que são maior, né? E obriga a pessoa a se mexer... Sim, porque olha... pra quem viu uma luta de sete anos contra o J. J. Abdala... [Eu acho que tem escola aí,] Né? Tem porque é aquela história: a gente tava... ele encostou... encantou como se fala, encantou a gente e falou: “Eu vou esmagar vocês!”. E aí a gente teve que se mexer e... conseguir não ser esmagado por ele. Eu acho que isso foi crescendo dentro da gente e... agora eu não sei se a gente vai conseguir passar isso pra filhos, netos, bisnetos.

Mesmo com referência ao problema da greve da Perus, a gente fala com as pessoas... netos, filhos ...muita gente não sabe, não fala, não quer falar, né? E... luta do lixão, problema de saúde, aí... a gente tem que levantar de madrugada pra fazer manifestação contra lixão... eu acho que... não sei também se vai... se vai ter alguém pra lembrar disso! [Como é que se consegue manter essa memória viva assim?] É porque... eu acho que a gente apanha tanto que no fim a gente fica sempre assim, é... desconfiado que de repente vai acontecer alguma coisa ruim e que a gente precisa tá

sempre prevenido, né? Então principalmente, na questão da saúde, nós somos um grupo que sempre está conversando, se encontrando e procurando ver e pensando já, acompanhando o que estão fazendo de... que tá acontecendo de novo que vai prejudicar a gente ou não. Precisa tá sempre desconfiado pra não ser pego de surpresa. [...]

[O senhor acha que todas essas histórias todas aí, assim, são o embriãozinho lá dessa luta pelo... próprio PSF? Dessa luta pela saúde?] [silêncio] Foi! Foi sim, porque a gente foi descobrindo as maneiras que existe... existe o direito que a gente tem e existe o direito de exigir que o Estado cumpra o dever dele. Então... eu acho que dessas pancadas todas que a gente tomou a gente foi aprendendo... daí foi nascendo essa... até chegar no Conselho Popular de Saúde. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

A vivência nas ruas das manifestações populares e sua rica capacidade de sensibilização para enxergar o confronto e a luta de divisão de poder entre aqueles que concentram o poder econômico e aqueles que lutam pela justiça social pode levar a vários caminhos. Quem vive a experiência de “levar as bombas na cabeça” na repressão policial, ou é acuado (concretiza o objetivo do controle policial), ou é instigado à mudança ao perceber a realidade nua e crua da dominação. Este espaço de ações insurgentes aparece então como uma das principais fontes formadoras para mobilizar ao enfrentamento da conquista dos direitos de cidadão. Em outras palavras, sem a repressão policial, talvez não houvesse a possibilidade de enxergar claramente o conflito existente entre dominadores e dominados. As manifestações reivindicatórias da população, na nossa realidade, mesmo quando pacíficas, são reprimidas pela polícia, que defende quem detém o poder econômico e que quer manter essa situação, ou seja, a polícia nunca defende a população, sua intenção é debelar a insurgência, preservar o patrimônio de alguns e manter a organização, injusta como está, da sociedade. Aliás, a injustiça social se sustenta às custas da força bruta, das armas, da guerra e da manipulação da educação.

**São Mateus** – [O que me levou pro movimento de saúde]... Então, na verdade eu sempre fiz parte das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e... tá sempre ligado uma coisa ou outra. Aí eu comecei a participar do conselho popular que reunia as pessoas. Aí apareceu a eleição dos conselhos gestores, a gente acabou participando e quando cê vê cê... e uma coisa que eu percebi também que as pessoas só aprendem participando. Não adianta eu ir numa reunião, reunir mil pessoas, ou cem que seja e contar: “É assim, assim, assim...” As pessoas vão ficar olhando, vão balançar a cabeça, mas se a pessoa não for pra luta e não sentir ela nunca vai... é difícil ela entrar pro movimento só ouvindo. Ela tem que ir pra luta, participar de uma manifestação, sabe? E ir aos poucos, não é de uma, duas, três, porque se ela só ouvir ela não vai pegar gosto, não. Ela tem que ir às vezes... eu lembro que na época da manifestação do lixão, a primeira, uma das primeiras do lixão, fui eu, minha mãe, o pessoal da comunidade foi. Foi quatro horas da manhã, a gente levantou soltando bomba, apitando, se a gente estava de pé, todo mundo tem que estar de pé. Choveu! Quer dizer, tinha tudo... e aí eu falei pro meu pai e pra minha mãe: “Oh, vamo porque é uma manifestação pacífica e tal” e aí tinha polícia, teve gás, bomba de efeito moral e jogaram na gente tudo, e eu falei: “ Nossa, eu falei que ia ser pacífica, né?”! E aí quando o meu pai voltou pra casa eu falei: “Agora vamo ver, né?!” E ele falou: “É, eu vi que eles foram...” Que eles apareceram do nada e começaram a jogar

as bombas lá... muita gente ficou mal, passou mal... foi interessante que eles participaram mas não ficaram com medo. Quer dizer, tirando pelo meu pai e pela minha mãe... nas outras partes eu fiquei pensando assim: “Poxa, nunca mais eles vão!” E ao contrário, depois dessa, só se não desse mesmo, se tivesse trabalhando, alguma coisa assim que impedisse, mas em todas que teve depois eles foram, por isso que eu falo: se a pessoa num participar... e no caso deles foi um negativo, porque na primeira lá já teve bomba, já... como diz o outro: “Já foram batizados”. E mesmo assim eles... eu acho assim é participando... mesmo com coisas boas ou coisas ruins a pessoa acaba tendo gosto, mas se não não vai, falando não vai... eu não lembro exatamente o ano [das manifestações], eu sei assim teve... a gente fechou Perus pra se manifestar contra o lixão que tava pra vir. Depois teve a luta contra incineradores. Eu não lembro exatamente... Eu tinha acho que uns 20 e poucos anos. Acho que [tem uns 10 anos mais ou menos], teve contra o lixão, contra os incineradores, a questão dos créditos de carbono que tá tendo agora também. A gente lutou pra que viesse dinheiro pra saúde e não veio, nós fomos lá na bolsa de valores no dia que foram leiloar os créditos de carbono, as duas vezes não pudemos entrar, nós colocamos faixas, o pessoal passava, perguntava, a gente explicava... quer dizer, a gente se manifesta assim, mas a gente imagina assim, se tem um grupo maior, a coisa acontece, se tem um grupo menor é mais difícil... mas a gente se manifesta do jeito que dá, né? [Ultimamente a bandeira, a luta] na questão da saúde é a efetiva implantação dos SUS, Sistema Único de Saúde, que tenha médicos, que tenha realmente... e a gente luta, como movimento de saúde, a gente luta pela prevenção. Então hospital é uma consequência, mas se a pessoa, se a população tiver prevenção, Unidades Básicas de Saúde, PSF, a questão da prevenção, dificilmente ela vai ficar doente. Então, tendo prevenção, quando cê for no hospital é um caso já mais grave... Então a gente luta pela prevenção e a população não, quer hospital. A gente fala: “Ó! Vamo se manifestar, vamo fazer isso e tal...” Então até essa questão de conscientizar o povo que a gente tem que ter... Medir pressão, ter remédio, ter alimentação, não adianta... tem que ter... a criança desnutrida, né? Então tem tudo isso, a saúde não é só o médico, né?! É um todo e às vezes a população não tem... então cê tem que conscientizar, conversar. (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

Uma das histórias contadas nos encontros de devolutiva e recontada várias vezes por um dos Queixadas sensibilizou o grupo que participou das muitas etapas da discussão, pela sua dramaticidade e semelhança com as histórias de discriminação e humilhação vivenciadas por aquela comunidade:

**Tico-Tico** – Ah! Tem um episódio de saúde aqui que eu vou contar pra você... Então, eu tinha uma filha com uns três anos e pouco, quatro anos... no tempo da... greve da Perus, e alugaram uma sala aí na Vila Hungareza... a Secretaria de Estado alugou uma sala e colocou lá um médico e uma enfermeira, pra atender principalmente as crianças, e um dia uma minha filha teve desidratação, mas não... diarreia brava mesmo. E a minha mulher foi levar a menina no posto de saúde... no postinho, lá. E chegou lá, a enfermeira não deixou o médico atender a minha filha e era o tempo da greve, então a noite nós íamos na assembleia aqui no sindicato e vinham uns médicos quintanistas lá da faculdade de medicina e vinham e davam atendimento aqui pro pessoal. E naquela noite a minha mulher veio e trouxe a minha filha, o médico que atendeu falou: “Desde quando essa menina está assim?” Minha mulher falou: “Ah! Desde ontem”; falou: “Mas, dona, a senhora tem coragem de deixar a sua filha ficar nessa situação?” Aí ela falou: “Não... eu fui no médico, mas cheguei lá no postinho, o médico não quis atender”. Aí tomaram o nome do médico, no dia seguinte veio... naquele tempo era o *Jornal Última Hora*... foi na minha casa, tirou foto de tudo jeito, no dia seguinte saiu no jornal: “Médico do Abdala não quis atender filha de Queixada”, e aí a enfermeira foi exonerada. Foi exonerada! [Isso] Foi em 62 isso!... (TICO-TICO, 2009, entrevista).

### 5.4.2. O Conselho Popular de Saúde

A experiência de conselhos populares orienta a proposta democrática da Constituição de 1988, que prevê formação de conselhos no desenvolvimento de ações sociais públicas, como no caso a saúde. Perus tem essa experiência como relevante na sua maneira de organizar a discussão em torno da problemática da saúde.



**FOTOGRAFIA 30 – Luta contra o lixão , desencadeou a formação do Conselho Popular de Saúde**

**Tico-Tico** – É... o Conselho Popular de Saúde, eu digo que sim... eu defino assim que ele é uma espécie de pai, porque no conselho de saúde todos participam, todas as pessoas, os conselheiros dos conselhos gestores, de UBS, de pronto socorro... então, juntando toda essa gente, toda reivindicação que a gente fazia era em nome, através do Conselho Popular de Saúde para determinadas unidades. Como pronto socorro, UBS... e outras coisas. Então ele era... eu digo assim que era o grupo maior que tinha toda... tinha uma visão, eram todas as pessoas que tinham uma visão geral da necessidade da melhoria de saúde no bairro inteiro. Ninguém olhava só para a minha vila, minha rua, não! Olhava de uma forma geral pra toda necessidade da população de Perus e principalmente do Recanto dos Humildes.

[E ele era autônomo assim? Ou era ligado à secretaria?]

Nós tivemos que fazer... houve uma eleição, tem um regimento interno, foi aprovado em assembleia e... a gente tem uma ligação com a secretaria. É reconhecido porque a secretaria teve que publicar, mandar publicar o nome de todos os conselheiros. Tem 25% da administração, 25% de trabalhadores da saúde, 50% dos usuários. [E ainda funciona o conselho?] Ainda funciona, se bem que agora com a nova administração, quis trocar de coordenação de saúde norte... não sei o quê, não sei o quê. Pra nós, nós somos ainda o Conselho Popular de Saúde de Perus. [E o conselho] continua como pensava antes e com muito mais vontade de brigar agora, porque... Com essa intenção do prefeito de sucatear toda a saúde, pra nós é uma preocupação muito grande e a gente percebe que não se pode ficar calado, porque nem mesmo os nossos vereadores, não nos apoiaram. A gente não esquece nunca que essa lei que foi aprovada na câmara pra que a prefeitura, a secretaria pudesse entregar para as organizações sociais os equipamentos de saúde... isso foi aprovado de madrugada na calada da noite. E então a gente percebe que não pode, tem que ficar mesmo esperto,

olhando sempre e prevenindo para que não deixe as coisas piorar, mais do que está. Isso. Vigiando sempre. [Esse conselho começou] Era gestão da... da Erundina, 89-90. Passou Maluf com o PAS, aquela tranqueira toda. A gente sempre fez muita oposição ao Maluf e depois veio o Pitta, enterrou praticamente o sistema de saúde. E... depois veio a Marta, que era a esperança que a gente tinha de que ela, sendo do partido que a gente militava, de que ela iria dar uma atenção maior para a saúde, ela também não deu toda atenção necessária, né? Enfim, passaram e chegou no que está hoje.

[Como é que consegue superar tantas mudanças e resistir? O conselho resistiu a muita história, né?]

A gente é obrigado, né? Obrigado a resistir, obrigado a se manter firme, porque a audácia dos que querem estragar ou denegrir o trabalho da gente é muito maior. Então, nós só temos a força, por exemplo: nós podemos dizer do conselho de Perus, no momento não temos nenhum vereador que possa dizer pra gente: “Olha, eu vou acompanhar vocês nessa luta, em tal lugar, em tal audiência”. Não temos mais, as pessoas que... temos amigos, alguns amigos que... aceitam... recebem as reclamações da gente, procuram encaminhar. Mas, vereador mesmo, a gente não tem mais. É [difícil]! E agora, quando chegar a eleição, a gente vai ter que dar a resposta pra essa gente, né? Eles vão ter que receber a resposta... e aí a gente espera que o povo, o usuário como nós, saiba reconhecer que as coisas não andam bem e que se estão como estão é porque existe ainda os conselheiros gestores, o Conselho Popular de Saúde que... continua aí lutando. (TICO-TICO, 2009, entrevista).

**Mococa** – O conselho popular, na verdade ele... foi o seguinte... a gente acabou... um pouco da troca de experiência. Nós tínhamos aqui no passado histórico a questão da discussão, como eu disse no início da minha conversa, a questão do meio ambiente e a questão de não vir o aterro sanitário ou lixão. Com isso na mão, com essas preocupações, a gente naquele momento já... conversava com pessoas de outra região... principalmente o pessoal da zona leste... a zona leste tinha já experiências anteriores ao SUS, que era o Conselho Popular de Saúde, eles tinham criado lá já e, quando a gente começou a luta mais intensa aqui com relação ao aterro... ao lixão, a gente solicitou, encaminhou, e conseguimos que esse pessoal da zona leste viesse até aqui em Perus contar um pouco da experiência vivida, porque eles tinham [...] [o] movimento popular de saúde da zona leste é bem mais antigo, talvez o mais antigo da cidade de São Paulo, até onde eu sei.... aí para poder caminhar, poder entrar no barco, o caminho mais curto era criar um Conselho Popular de Saúde, quer dizer, na minha visão é... que com a batata quente na mão, com o problema que nós tínhamos aqui, nós tínhamos que conseguir parceiros pra poder caminhar junto e então usamos, entre aspas, contamos com a colaboração desse pessoal da zona leste, que nos orientava, que a gente costuma dizer assim que a gente aprende o caminho das pedras e aprende o caminho das pedras andando. E... andando, caminhando, chegando lá nas autoridades... tivemos inúmeras pessoas famosas a nível de Estado, a nível mesmo da câmara municipal... na época tivemos que nos aliar, junto com outros movimentos e caminhar junto, cada um com a sua particularidade, entende? Mas numa luta em comum, em benefício da população... então o caminho mais curto entre, entre a população e os conselhos já existentes seria o conselho popular porque o conselho popular ele... que os conselhos de saúde, seja ele qual for, gestor, municipal, estadual, ele tem regras próprias e o Conselho Popular de Saúde não tem... você cria, você cria e você adquire, você faz, você pode, pode ter lá, você faz, pode ter o estatuto, um regimento, alguma coisa, alguma coisa e tal, mas ele não tem limites, entendeu? Ele não tem limites, você reúne 10, 20, 30, 50, não tem número. E os conselhos oficiais têm números, cê tem que obedecer regras. Isso hoje... popular de saúde, não! Ele não precisa disso, até porque se não não tem sentido popular. O que é popular? Se não, não tem sentido. Agora... os conselhos oficiais, é aquele negócio, por exemplo, esses se reúnem, as portas são abertas, tudo bem, o auxiliar tá lá, seja o conselho qual for, você pode ir, qualquer cidadão tem direito, a porta está aberta, pode participar, pode... chega... entra, pode até assinar o livro de presença e tal, mas ele não tem direito, por exemplo, dependendo do conselho, nem a voz, quanto mais o voto. Portanto, ele fica... é um aprendizado, é um aprendizado, cê vai lá, não é prejudicial a quem quer que seja, assistir a uma reunião do conselho, seja

ele qual for, só que tem esse detalhe, como ele tem que ter números, ele tem que ter *quorum*, não sei o quê, todas aquelas regras. O Conselho Popular de Saúde não precisa disso, quanto mais gente tiver e assinar embaixo, melhor, entende? Aí cê faz uma ata... Você faz um abaixo-assinado... Você faz... Aí você arruma um padrinho, seja quem for, pra protocolar aquele documento e vai em frente, e vamos que vamos. Então a diferença é... é interessante, ela existe e é real, e tem muita gente famosa aí que os primeiros passos foram dados no Conselho Popular de Saúde. Olha, pr'ocê ter uma ideia, tem deputado federal e estadual, tem uns quatro que participaram dessa coisa... Eduardo Jorge, por exemplo, participou muitas vezes do Conselho Popular de Saúde da zona leste, Eduardo Jorge, que é hoje secretário do governo municipal. Carlos Neder, que foi deputado, que foi vereador, que foi secretário da saúde, caminhou na zona leste. Zona leste caminhou Eduardo Jorge, Carlos Neder... ói... tem uns quatro figurões aí de renome, é... caminharam... [...] tem mais um nome que eu esqueci, mas num cai a ficha agora, mas um... é nome... às vezes eu esqueço... sou ruim de nome, mas com certeza tem mais uns dois nomes aí famosos, deputados federal, que também... é... a origem das caminhadas... teve daquele que chegou e chegou era tão difícil na época que trancou a matrícula [risos] na faculdade pra continuar... é... na caminhada e tal e foi lá no meio... pisar na lama pra poder... [...] Zona leste tem muitas pessoas que eu conheço que participaram e então é incrível... [...] colaboraram com nós, nós não tínhamos, e... eles são mais antigos, é o mais antigo da unidade de São Paulo. O daqui ele cresce agora com o lixão... ele começa com a implantação da... luta contra o pó de cimento. (MOCOCA, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 31 – Manifestação contra o lixão**

**São Mateus** – O movimento de saúde já tinha o Sebastião, tinha o Felipe, tinha a questão do lixão... eu também participei da luta contra o lixão. Eles já tinham participado da luta contra poluição da fábrica de cimento que eu ouvi falar que é uma das primeiras lutas ecológicas, 70. Hoje tem Greenpeace, tem várias ONGs aí lutando, mas o pessoal lutava sem essa questão de meio ambiente, questão de população mesmo, as crianças que eram as mais prejudicadas, né? E aí eu entrei no movimento apreendendo com eles: João Breno, Antonio Nobre, dois falecidos... [...] Nós fizemos até uma formação também, conseguimos também reunir umas 50, 60 pessoas foi até no Anhanguera que vieram falar pra gente como organizar... porque eles até dão formação pros conselhos gestores, o próprio governo dá. Quem fez a formação foi... gente da União dos Movimentos Populares e aí eles foram lá falar pra população também e... é interessante, mas não basta uma, sabe? Tem que ter... e são pessoas que já estão em determinados movimentos, já estão nas comunidades, então tem uma certa consciência. Agora, pra conseguir consciência de um povo que só vai no hospital, vê que não tem médico e volta já é... (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

A experiência popular trouxe um amadurecimento para o grupo que fez com que resistisse a mudanças administrativas que tentam desmobilizar a organização popular. Esta escola faz com que seus aprendizes passem pela experiência para que se apropriem das estratégias de resistência:

**São Mateus** – [O conselho passou por várias gestões e consegue ainda se manter, e tal, apesar dessas mudanças que acontecem] Eu acho que muitas pessoas, quando veem a gente participando de um conselho, falam: “Por que que cêis participam, cêis não conseguem nada, né?! Nossa, ó!, continua sem médico”, mas na verdade a gente sabe que se lutando tá difícil, se a gente para de lutar aí que a coisa... aí que eles vão tomar conta. E a gente vê assim que... tem governos que se preocupam, tem governo que não se preocupa com a população. A gente percebe também que depende do gerente da unidade, depende do coordenador da região também. Então isso também depende... dependendo do governo, o governo dá uma certa abertura e o gerente também tem uma certa abertura, a gente consegue avanços e... o exemplo na época do PAS, na época do PAS foi implantado primeiro aqui em Perus, Perus-Pirituba, e a gente fez uma manifestação contra até por questão das OSS (Organizações Sociais de Saúde) também, uma coisa que a gente não sabia como seria, os próprios funcionários, nós fizemos uma pesquisa, eles também eram contra, fizeram uma coisa de cima pra baixo e... a população foi contra, a gente foi contra, foi votado na conferência contra e a coisa aconteceu, né?! Então a gente vê que essa coisa vem de cima pra baixo e aí a gente... aí o que aconteceu: depois que saiu o PAS, que saíram as OSS e tudo mais, nós fomos fazer uma visita por exemplo no posto de saúde de Perus, eles levaram tudo, tudo que tinha de equipamentos, até dentista, por exemplo, eles começavam a desentortar, que tava enferrujado, porque é o que eles tinham pra... então tinha o profissional lá, tinha dentista, mas ele não tinha o equipamento pra trabalhar porque eles levaram, quer dizer, a gente perde totalmente o controle. A população, como é que nós vamos... e eles levaram, foi comprovado que foi roubado e tudo mais e o dinheiro... tá tudo bem, não vai prender ninguém, mas: que todo esse dinheiro volte! Não volta, né?! Então, até você montar tudo isso de novo... da questão do PAS, cê montar tudo de novo, tal, é difícil, né? Então a gente tem esse altos e baixos. Então quando a gente tem uma vitória, a gente: “oba!!” Mas é o tempo de tomar um fôlego, pra já... né?! Mas essa questão de governo é assim, se o governo tá... infelizmente tem toda essa verba que vem na época de eleições, a gente sabe a saúde, construção civil sempre investem muito, dão muito dinheiro pra todos, quem ganhar a gente sabe que acaba com o rabo preso. Isso influencia muito, porque aí eles têm que fazer o jogo das empresas... dos planos de saúde e aí a população sai perdendo também. (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

## 5.5. Movimento de cultura

Novos desafios são colocados a partir das transformações sociais. Ficam para as novas gerações a busca e a tentativa de dar respostas às mudanças elaborando novas estratégias, dentre elas os movimentos de cultura... uma releitura de movimentos que deram origem aos círculos de cultura freirianos?

### 5.5.1. Comunidade Cultural Quilombaque<sup>11</sup>

Acho que minha irmã vem para ver o teatro. Ela sempre falou que queria conhecer um quilombo e eu disse para ela: eu estou indo no Quilombaque, serve? Então acho que ela vem, vamos ver... (participante do grupo de teatro Guarus – Netos de Queixadas)

A palavra *quilombo*, de origem bantu, que na África se referia a locais de passagem de viajantes, no Brasil ganha um sentido mais amplo. Consagrado como refúgio de negros fugitivos da escravidão, sabe-se hoje que na composição dos quilombos havia também brancos e índios. Há evidências de organizações sociais coletivistas em estudos como os de Palmares: “Tudo é de todos e nada é de ninguém” (SIQUEIRA, 1995, p. 11).

Em nosso imaginário, o quilombo representa abrigo e festa ao mesmo tempo.

Em 2005, um grupo de três amigos de Perus que tocava percussão, ritmos brasileiros, no Parque do Ibirapuera, com o grupo Caranguejeira, aglutinando muita gente a seus encontros, começa a ter problemas com a administração do parque.



**FOTOGRAFIA 32 – Ver o mundo com outro olhar**

Crédito: Thiago Paraíso

Após o grupo ter acabado por falta de local, os três amigos iniciam um trabalho em seu local de origem, a periferia da cidade. Foi nesse momento que começaram a promover eventos na garagem de uma casa no bairro considerado como mais deficitário em atividades

<sup>11</sup> Texto originado em conversa com participantes da Comunidade Cultural Quilombaque, a partir da necessidade de situar a inserção desse Ponto de Cultura no processo de construção deste estudo e sua adesão à ação proposta. O texto foi revisto e validado por Clébio Ferreira.

culturais da cidade: o bairro de Perus. Com apoio voluntário de vizinhos e conhecidos, realizam oficinas de percussão, teatro, libras, redação e marchetaria.

Em 2006, seus eventos já fecham a rua, agregando cada vez mais pessoas à sua proposta. Nesta ocasião, durante uma inauguração do governo Alckmin, do PSDB, promovem uma manifestação pedindo cultura e lazer para o bairro, onde acabam se chocando com outros movimentos da região que não aceitavam se confrontar com o governador que os visitava. Começa a se construir uma imagem de que são contestadores e briguentos. Somado a este fato o preconceito contra cabelos longos, ritmos afro e a própria percussão – tida pelos grupos hegemônicos como “macumba, feitiçaria” – vai se consolidando sua imagem de grupo “insurgente”.



**FOTOGRAFIA 33 – À noite, na avenida**

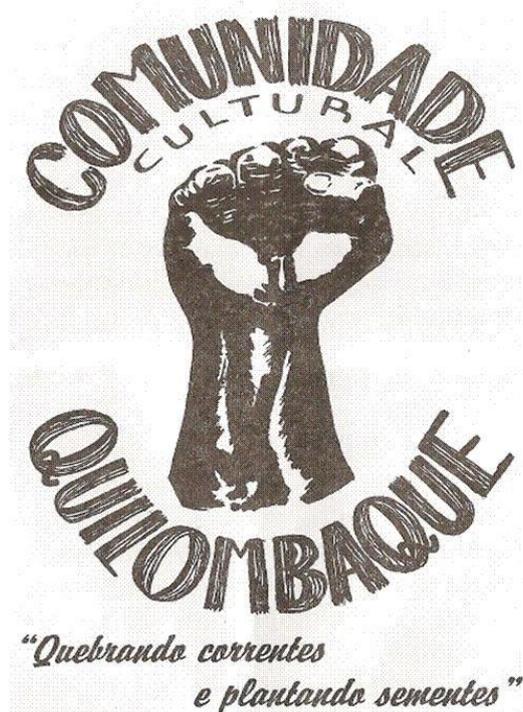
Crédito: Thiago Paraíso

Em 2007, conseguem recurso da municipalidade (através do VAI – Valorização de Iniciativas Culturais). para uma oficina de percussão na Escola Jairo de Almeida, no Recanto dos Humildes, quando o grupo de percussão chegou a ter cerca de 50 participantes e ganhou visibilidade e força. Nesta ocasião, movida pela informação de que Perus seria “o pior lugar de cultura e lazer da cidade”, uma TV aberta faz matéria sobre o grupo e seus comentários irritam a subprefeitura, inaugurando um novo conflito.

Amadurecem uma proposta de revitalização da Praça Inácio Dias, onde o coreto marcara a vida do bairro, próximo ao antigo cinema, da década de 1950, local em que muita gente se encontrava para construir sua convivência. A proposta consistia em mostrar novas formas de linguagem artística como contraponto à cultura de massa. O grupo sai então da garagem e passa a ocupar um galpão alugado próximo à estação de trem. O espaço vai aos

poucos ganhando forma através de materiais simples, reciclados e com uma proposta de permacultura.

O projeto Pinocchio, de marchetaria, também evolui. Conquista várias parcerias, troca suas peças por maquinaria suficiente para organizar uma produção com competitividade no mercado, cujas vendas ajudam na sustentabilidade do espaço. São chamados para eventos, exposições e vendem para fora do país. Participam em cursos como professores de marchetaria e palestrantes desenvolvendo temas como sustentabilidade, reciclagem e meio ambiente, reforçando a questão ambiental como um dos temas motivadores do grupo.



FOTOGRAFIA 34 – Logo do Quilombaque

O projeto Pinocchio passa por momentos de desencantamento quando o grupo se apercebe da exploração a que se submetem quando são intermediados por algumas parcerias que compram seus produtos por um preço muito menor do que conseguem revendê-los, o que chega ser aviltante. Por esse motivo o projeto arrefece.

Participam das manifestações contra o lixão e vão assumindo o papel de revitalização dos movimentos populares locais, principalmente por levarem aos manifestos a percussão e outras expressões artísticas como o circo, o *hip hop* e bonecos gigantes. Constroem, em um espaço de opressão de manifestações culturais, um universo de linguagens, o que faz com que ganhem respeito e visibilidade dentro de uma rede que, a partir do tradicional (circo, ritmos e danças tradicionais, poesia), reconstrói a realidade e procura novos caminhos para os desafios

que ela impõe. Através da manifestação festiva e crítica de encontros de MCs, saraus, trupes de circo, teatro de rua, vão retomando a expressão popular como forma de manifestação contra as injustiças e criando novos espaços de reflexão para alternativas criativas em relação aos problemas locais enfrentados: pobreza, miséria, falta de emprego, violência urbana, discriminação, exploração.



**FOTOGRAFIA 35 – Pandora: “Vou devorar o mau patrão”**

Crédito: Jéssica Moreira

Em 2007, na manifestação movida pela discussão dos créditos de carbono relativos ao lixão de Perus, convertidos em recurso para projetos ligados à questão ambiental, acirram o conflito com a subprefeitura. A subprefeita estaria informando a população sobre os projetos de compensação ambiental aprovados, a maioria plantio de arvores, ao invés de consultar e abrir para propostas de sustentabilidade e desenvolvimento da comunidade, assim como projetos culturais, como eram as feitas pelo grupo. Diante das manifestações de descontentamento, a subprefeita fecha as portas do teatro do Centro de Educação Unificado (CEU), não permitindo a expressão da população. O grupo mobiliza então os presentes a forçarem sua entrada e ocupam à revelia a plateia do teatro. Deste conflito, onde estariam presentes representantes de altos cargos do governo municipal, como o secretário do Meio Ambiente, resulta a retirada da subprefeita do cargo.

Estas ações e o desenvolvimento de seu trabalho fazem com que o grupo ganhe notoriedade diante de seus pares e em outros espaços. Se apoderam da luta pela “cultura como política social” num lugar onde “a cultura é vista como sobra”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Afirmação de Clébio Ferreira em conversa que deu origem a este subitem.

Importante para o amadurecimento e formação política dos precursores do grupo foi a influência de alguns professores do Cursinho da Poli. Ali conheceram outras pessoas que mais tarde integrariam uma rede na região (Sarau na Brasa<sup>13</sup>). Participaram do movimento estudantil e da Associação dos Alunos do Cursinho da Poli. Questionadores por excelência, chegaram a ser convidados a se retirar do cursinho por suas manifestações de oposição aos preços cobrados por um curso tido como de “inclusão”, em plena sala de aula.

Em uma manifestação em Brasília contra as taxas de inscrição para os vestibulares, convidados para almoçar com o MST, acabam por participar da ocupação do prédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em solidariedade a este movimento, mais um acontecimento que engorda sua fama de “agitadores”.

Ao entrar para a Teia dos Pontos de Cultura, conhecem o projeto Tainã e abraçam a proposta do então ministro da Cultura, Gilberto Gil. Concorrem ao edital para Ponto de Cultura em 2010, porém, como é exigido Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) de no mínimo dois anos, fazem parceria com uma instituição para participarem do processo. No atual momento, já com o selo de Ponto de Cultura, repensam sua parceria. Impossibilitados de receber o repasse federal por dívidas da instituição parceira, que parece também estar envolvida em desvios de dinheiro público, e pela “incompetência da atual gestão do Minc”<sup>14</sup>, estão diante de novos desafios para sobreviver às transições políticas partidárias que enfraquecem as políticas culturais. A proposta de Ponto de Cultura, criada no Brasil e referência para o mundo, é em sua opinião “sabotada pelo governo Dilma, através de sua secretária de cultura, a Sra. Ana de Holanda”, confirmando a tradição política brasileira de descontinuidade de boas propostas em função de mudanças partidárias, não permitindo o desenvolvimento de políticas públicas.

Acreditam ser herdeiros dos Queixadas e sua firmeza permanente, agora inundada de arte e alegria. Parte de sua estratégia é rir dos conflitos e não fazer a apologia da dificuldade.

Os olhos brilham e o sorriso quase não cabe no rosto. A risada é plena, gargalhadas o tempo todo. Rir é mais que uma expressão, é também uma estratégia de luta. Um riso sincero e honesto do modo de conduzir a vida através do fazer. Descomplicado, é o que é. Tocar em frente para ver onde vai dar, fazer o caminho caminhando, sem medo, a passos largos. Causar!!! É assim que me fala da Comunidade Cultural Quilombaque o menino-homem que a plantou com seus irmãos num lugar chamado Perus. E eu, ao beber a água desta fonte, me embriago (ainda bem) e me apaixono. Exercício da pedagogia da insurgência, ir contra o que for necessário se contrariar, mas com palhaços, pernas de pau, ritmo e poesia e “macumba da braba”!<sup>15</sup>

<sup>13</sup> O Sarau na Brasa é um encontro quinzenal na Vila Brasilândia onde a população se reúne para recitar poesia, entre outras manifestações culturais que representam uma forma de valorização, autoafirmação e reflexão sobre a realidade das comunidades da periferia da cidade de São Paulo.

<sup>14</sup> Ver nota 11, na p. 76.

<sup>15</sup> Diário de campo da pesquisadora, maio de 2011, construído durante todo o processo da pesquisa a partir de impressões afetivas e interpretações muito pessoais sobre o universo observado.

## CAPÍTULO 6

### “TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO”

#### TECENDO AS AÇÕES

##### **6.1. SEGUNDO passo: Oficinas de devolutiva das entrevistas**

Após a organização e categorização das narrativas, realizamos oficinas devolutivas e de discussão, na sede do sindicato do cimento, para propor e organizar a ação com os entrevistados. A proposta inicial (Apêndice C) foi modificada no desenvolvimento dos encontros a partir das necessidades apontadas pelo novo grupo que se formou, que já não era o mesmo que deu as entrevistas iniciais.

Realizamos quatro encontros de agosto a novembro de 2010 para dar devolutiva das 16 horas de entrevistas realizadas no ano anterior. Na ocasião do primeiro encontro, o grupo de 21 profissionais de saúde do Recanto já não contava mais com cinco pessoas: duas estavam como auxiliares de enfermagem em outra unidade, uma como técnico-administrativo, uma como agente de zoonoses também em outra unidade, em outra região, e uma havia se suicidado. Na ocasião das entrevistas, todas exerciam a função de ACS. Ao final dos quatro encontros, mais uma tinha saído do quadro da unidade por demissão.

A participação nos grupos variou. No primeiro encontro, em agosto, tivemos 15 pessoas presentes. Destas, na ocasião, cinco ACS do Recanto, dois ex-ACS (atualmente auxiliar de enfermagem e administrativo), três pessoas do movimento popular de saúde, um Queixada, duas voluntárias do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e três filhos de ACS. No segundo encontro, em setembro, participaram seis pessoas: duas do movimento popular de saúde, uma ex-ACS (hoje auxiliar em outra unidade), três voluntários do núcleo de estudos. No terceiro encontro, em outubro, estiveram conosco seis pessoas: três ACS e três voluntários, dois do núcleo de estudos da universidade e o pai de um das estudantes (que nos ajudou com o multimídia). Finalmente, no quarto encontro, contamos com a presença de dez pessoas: cinco ACS (uma recentemente demitida), dois ex-ACS (atualmente auxiliares de enfermagem), uma pessoa do movimento popular de saúde, dois voluntários do núcleo de estudos. Ao todo, passaram pelo ciclo dez ACS (dois atualmente auxiliares, um atualmente administrativo, um atualmente zoonoses e uma atualmente desempregada), três pessoas do

movimento popular de saúde, três voluntários do núcleo da universidade e quatro familiares dos convidados; no total, portanto, 20 pessoas contribuíram para a discussão desta fase.

O primeiro encontro tentou resgatar as justificativas da proposta de contar as histórias de lutas daquele grupo, através da leitura de recortes das entrevistas, iniciando a discussão pelas “justificativas” (anteriormente descritas). Não conseguimos terminar a leitura que pretendíamos fazer em grupo. Convidamos para os próximos encontros, a partir dali, todas as pessoas que estavam no PSF desde o início da implantação do programa, mesmo que não tivessem participado das entrevistas. Deste encontro, já ficou a proposta de se fazer um ato na comemoração de 10 anos do PSF Recanto, que seria em 2012. Ao final, as pessoas fizeram uma avaliação positiva do encontro e se comprometeram a voltar nos próximos.

No segundo, a conversa ficou mais centrada no relato das lutas dos Queixadas. Houve uma reflexão muito tocante de um dos Queixadas ao dizer: “quando olho pra trás, não vejo nada”. Isso mobilizou os voluntários do núcleo de estudos a tentar de alguma forma demonstrar que aquela sensação não correspondia à realidade. Há várias pessoas que admiram e valorizam essa história, o que pode ser constatado pelo número de documentários e referências, numa rápida pesquisa na *web*. A partir desse encontro, nosso amigo Queixada não participou mais. Foi também pedido dele que se antecipasse a comemoração para 2011 (tinha receio de que alguém pudesse ter já “viajado” se a caminhada fosse muito adiante – referia-se à sua idade avançada e à imprevisibilidade da morte), e que o final da caminhada fosse na sede do sindicato.

O terceiro encontro ficou centrado na questão de valorização da própria história. As discussões sobre o início do PSF foram estimuladas através de um vídeo sobre os Queixadas, um vídeo sobre as conquistas do bairro feito em oficina por adolescentes e jovens (dentre eles dois ACS), a poesia *Operário em Construção*, de Vinicius de Moraes, a leitura de um trecho do livro de Arundhat Roy que discute a história oficial e a história que pertence ao povo, e a montagem do quebra-cabeça da “Casa da Nossa História” (um jogo construído para esta atividade, onde cada peça é uma parte que não pode faltar da história). O grupo levantou a necessidade de se ter um espaço na reunião geral da unidade para trabalhar o resgate histórico. As dinâmicas foram voltadas para o significado e a reflexão sobre a importância da valorização e do resgate histórico para este grupo. Ficou como proposta convidar grupos da própria comunidade para participar das preparações para a caminhada comemorativa.

No último encontro finalizamos e reforçamos a questão do resgate histórico, ficou mais clara a proposta da ação comemorativa: uma caminhada com o maior número possível de pessoas, a escola de samba, a comunidade cultural Quilombaque, a bateria da Escola Jairo

de Almeida, as equipes de PSF e população. Foi reafirmada a proposta de realização de um documentário sobre essas histórias: movimento dos Queixadas, movimento de moradia do Recanto e movimento popular de saúde.

### **6.1.1. Reflexões sobre esta etapa**

As palavras falam sobre o mundo tanto quanto nada dizem! Difícil não se perder... Não conseguimos nem pretendíamos guardar ou registrar toda a riqueza dos quatro encontros. A grande caixa de surpresas que foi cada um deles nos fez compreender a flexibilidade essencial para a construção do trabalho participativo e como aprender a ouvir e sentir cada movimento dessa orquestra sem saber qual será o maestro no próximo instante.

Tendo em conta que: não houve nenhuma dificuldade em participar das entrevistas individuais e nelas todos os entrevistados reforçaram a importância de valorizar sua própria história; houve divulgação dos encontros para todos os entrevistados, com o cuidado de que ninguém ficasse de fora; foram reforçados os convites pessoalmente para todos os encontros na véspera; após cada encontro foi feita uma visita para tentar identificar se havia dificuldade na participação e a maioria das pessoas convidadas sempre manifestou entusiasmo com a ideia dos encontros – podemos levantar as seguintes questões:

Há para esse grupo algum desconforto em discutir a história do movimento popular coletivamente? O assunto não é suficientemente mobilizador para que doassem um momento do seu fim de semana por mês para essa reflexão? Negar que se tem vontade de valorizar a própria história é desconcertante e por isso sempre o discurso apontava que tinham o desejo de fazê-lo? Revisitar a memória é bom e doloroso ao mesmo tempo, porque foi um tempo que não volta mais a ponto de desmotivar a participação nos encontros? O atual contexto inibe as pessoas de participarem de discussões onde o tema sejam as lutas populares? Participar de encontros para discussão da própria realidade, inclusive profissional, sem a presença de autoridades ou chefias pode ser mal visto e causar medo? Os participantes do grupo podem não ter se sentido suficientemente responsáveis pela condução das atividades, por isso não convidaram outras pessoas para participar? As pessoas estão de uma forma geral desmotivadas para ações coletivas?

Não há como saber com exatidão o que dificultou uma maior participação nos grupos de discussão de devolutiva da pesquisa, com certeza muitos destes fatores podem ter influenciado o grupo convidado a não participar dos encontros. Porém, houve algo que trouxe as pessoas aos encontros que esteve contra essa “maré” de imobilização. Ao final de todos os

encontros, a avaliação foi de que a atividade resgatava energias perdidas pelo grupo no dia a dia, todos afirmavam ter se sentido bem e gostado de estar ali. Houve participação efetiva nas discussões e, quando convidados a se colocar ou dar continuidade à discussão fora daquele espaço, não houve nenhum questionamento. As ideias e sugestões surgidas das discussões do grupo foram bem acolhidas e sua execução foi consensuada. Houve um clima de respeito e alegria entre os participantes, inclusive com vários momentos de agradecimento e valorização do grupo. Nos encontros, novas questões se clarearam: um sentimento coletivo de opressão diante da nova organização do trabalho; um refúgio na história de participação toda vez que a dor do momento atual é visualizada, como se voltar ao passado pudesse estar dizendo o quanto o grupo é forte e portanto capaz de suportar o presente doloroso.

Valorizar uma história é valorizar seus atores, é se autovalorizar, assim como a não valorização desta história pode ter o efeito de desvalorização de seus atores. A condição social e de vida, a situação de “humilhação social” podem “cegar” para um processo de reconhecimento de força própria e valor, fazendo com que seja necessário que alguém “venha de fora” para que se desperte para este reconhecimento. Pelo olhar de outros, posso ver a mim mesmo, num processo de autovalorização, autoafirmação. Porém, esse processo é lento e muito “sabotado”, tanto pelos de fora, como pelos de dentro, inclusive por “mim”. É quase como dizer que não se tem o direito de ter participado de algo importante, já que não se é importante. Já que sou um “invisível”, o que faço também deve ser invisível, não pode ter visibilidade. Essa visão causa medo e desconfiança, “será que vou ser punido por enxergar”? Uma história de luta me torna mais responsável por continuar lutando. Em uma condição que está longe do ideal, onde se tem ainda muito por que “brigar”, talvez não seja muito conveniente se sentir forte o bastante para enfrentamentos. Talvez se “sentir frágil” possa ser uma maneira de se proteger.

O momento de aproximação propiciado pelos encontros parece ser “esfriado” quando em contato com a rotina do dia a dia. Neste sentido, o contar a história de lutas vem como um oásis diante da realidade diária opressiva, paralisante.

### **6.1.2. Desdobramentos da devolutiva**

Dos encontros saíram várias propostas: criar um espaço na reunião geral das equipes de PSF para se mostrar a história dos movimentos populares para estas equipes; favorecer a aproximação e discussão dos ACS com o seu sindicato, na região de Perus, utilizando o apoio do sindicato dos Queixadas; um ato em comemoração aos nove anos de PSF para dar

visibilidade às lutas e movimentos populares que influenciaram e participaram na implantação do PSF, envolvendo grupos culturais da região e os atores dos movimentos; a realização de um documentário em vídeo sobre os movimentos populares dos trabalhadores Queixadas, de moradia e de saúde de Perus e do Recanto dos Humildes; e a oferta de um curso de 20 horas para os trabalhadores da unidade de PSF com o tema “Cidadania e Qualidade de Vida no Trabalho”, com a participação da universidade.

### **6.1.2. O caminhar através da história, em direção à ação**

O Núcleo de Estudo e Pesquisa Sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais, já mencionado, constitui-se em um grupo aberto onde pessoas de diferentes formações e inserções se encontram para discutir e conduzir dentro do espaço da universidade reflexões sobre temas que remetem a realidades locais e dos envolvidos, como população em situação de rua, políticas públicas para a saúde, SUS, movimentos populares e sociais, movimento popular de saúde, entre outros. Por estas características e por seus temas aglutinadores, as pessoas que conduzem os estudos no núcleo se ligam por laços de afeto e ideológicos e compõem uma rede de apoio mútuo e de construção de saber. Os participantes do núcleo foram convidados a fazer parte deste projeto de pesquisa, voluntariamente, sem bolsa ou ajuda de custo. Três pessoas aceitaram participar da pesquisa-ação para o Recanto dos Humildes. Uma delas, farmacêutica de formação, um olhar aguçado para o mundo, participou desde o primeiro convite das discussões sobre planejamento e execução das devolutivas das entrevistas. Com entusiasmo incomum e fôlego de gigante, acompanhou e enriqueceu o processo todo com suas observações e desejo de realização. Quando o grupo decidiu que deveria ser feito um documentário sobre os movimentos populares de Perus, passou a compor o grupo que realizou, captou, editou e produziu o documentário *As Fontes de Perus*, trazendo uma jornalista e uma professora de matemática e estudante de *design* para se somarem ao trabalho, em conjunto com o núcleo de cinema e vídeo Sociedade Autônoma de Cinema Independente (SACI). Apoio nas horas de cansaço, estímulo nas horas de desânimo, emprestou seu brilho por onde andou, caminhou conosco e ajudou a escolhermos nossos caminhos. Ainda outro colega sociólogo participou de alguns encontros e de algumas reflexões.

Durante as oficinas de devolutiva das entrevistas, nosso amigo velho Queixada se surpreendeu com a menina que “tem o sorriso do avô”, também Queixada. Estudante de enfermagem, participou das oficinas de devolutiva e na ação proposta pelo grupo trouxe seu

pai, uma pessoa com experiência em teatro para coordenar a oficina de construção da peça de teatro de rua que contou as experiências dos movimentos populares de moradia, da saúde e dos Queixadas de Perus. Ele preparou um grupo de aproximadamente 15 pessoas de 14 a 77 anos que contou nas ruas um pouco da história do bairro, com ajuda de um dos componentes da comunidade cultural Quilombaque e ainda uma educadora corporal e social voluntária, com experiência em dança, que encantaram o grupo com sua alegria e colocaram arte em nossos movimentos.

Assim formamos então um grupo, multiplicadores de sonhos, responsáveis por reavivar uma memória histórica desconhecida de uns e desvalorizada por outros: a memória dos movimentos populares de Perus.

## **6.2. TERCEIRO passo:**

### **6.2.1 Oficinas de teatro “A história de um lugar construída e contada por seu povo”**

Procuramos a comunidade cultural Quilombaque para nos ajudar na elaboração e execução das oficinas de teatro. Estas oficinas tiveram o objetivo de criar e desenvolver uma apresentação de teatro de rua contando as histórias dos movimentos populares de moradia, dos Queixadas e de saúde. Por sugestão do Quilombaque, convidamos o grupo Pandora para coordenar as oficinas, o que não foi possível porque estavam na ocasião preparando um espetáculo com recurso do VAI.



**FOTOGRAFIA 36 – Adbala e seu capanga**

Crédito: Thiago Paraíso



**FOTOGRAFIA 37 – Adbala quer esmagar vocês**

Crédito: Thiago Paraíso



**FOTOGRAFIA 38 – Dizer a sua própria palavra**

Crédito: Thiago Paraíso

No início da divulgação, imaginei que conseguiria o interesse de jovens e adolescentes. Por esse motivo foram convidados a participar, através de cartazes, estudantes da rede pública de ensino local. Também imaginando ser de interesse dos profissionais do PSF contar sua história, convidamos em uma reunião na unidade do PSF Recanto do Humildes os ACS e demais funcionários. Através de divulgação no encontro mensal dos Terapeutas Comunitários, convidamos os participantes dos grupos de Terapia Comunitária (TC) e os próprios terapeutas. Pedimos para o sindicato do cimento ajuda na divulgação. Por sugestão de um dos componentes do Quilombaque, divulguei a oficina no grupo de caminhada do Recanto dos Humildes, cujos participantes em sua maioria são idosos. Um convite especial foi feito à filha da agente de saúde que se suicidou no período em que a

pesquisa foi realizada, havia uma grande preocupação em acolhe-la e muita vontade de nos aproximarmos dela, já próxima de alguns de nós. Foi feita também divulgação no projeto Guri, no CEU Perus, que desenvolve cursos de música clássica para a população local.



**FOTOGRAFIA 39 – Na frente da associação**

Crédito: Thiago Paraíso

As oficinas aconteceram aos sábados, das 15 às 18 horas, de 5 de fevereiro a 19 de março de 2011, e na última semana anterior ao evento, à noite, num total de dez encontros, somando 30 horas em dois meses de trabalho, com periodicidade de encontros semanal. As sete primeiras oficinas serviram para montar o espetáculo de rua e as três últimas para ensaiar a encenação. Foram anotadas em lista de presença um total de 41 pessoas, incluindo as quatro que coordenaram, que passaram pelos sete primeiros encontros das oficinas. Destas, 28 participaram da caminhada do dia 26 de março, sendo que 18 protagonizaram papéis na dramatização; houve um protagonista que não participou de nenhum encontro de oficinas. Dos que protagonizaram papéis, a idade variou entre 14 e 77 anos. Segundo o local de origem do convite, um veio pelo convite do projeto Guri<sup>16</sup>; oito pelo do grupo de caminhada, que coincide com as pessoas que participaram dos mutirões de moradia, sendo que a maioria destes já participou de grupos de terapia comunitária no Recanto dos Humildes; cinco pelo convite feito aos terapeutas comunitários da região, sendo dois terapeutas e três participantes de TC; uma das pessoas fora gerente do PSF; onze pelo convite do Quilombaque; uma de convite especial; uma funcionária do PSF que participou das oficinas de devolutiva; dez pessoas que foram convidadas pelos participantes das oficinas. Nestes sete dias, a participação variou entre 12 e 20 pessoas e a faixa etária entre 9 e 77 anos. Em relação ao sexo,

<sup>16</sup> O projeto Guri oferece aulas de música clássica no CEU Perus.

participaram no total 21 mulheres e 20 homens. O grupo mais assíduo aos encontros, excetuando a coordenação, foi o vindo da terapia comunitária; o que trouxe mais pessoas foi também o menos assíduo – o do Quilombaque. Algumas pessoas manifestaram que nunca tinham sequer assistido a uma peça de teatro.



**FOTOGRAFIA 40 – Várias gerações na caminhada**

Crédito: Theo Amorim Silveira

O formato das oficinas privilegiou a criação coletiva. Não houve roteiro prévio, o roteiro foi se definindo na própria oficina de acordo com o desenvolvimento dos exercícios, a partir de falas das entrevistas que se repetiram nos encontros e a partir da contribuição de pessoas dos movimentos populares que passaram pelas oficinas (Apêndices D e E). A toda oportunidade, as pessoas que protagonizaram as histórias dos movimentos populares foram convidadas a contá-las, o que se constituiu em um processo educativo rico e emocionante.

#### **6.2.1.1. Algumas considerações**

O grupo que se configurou no dia da caminhada, com 18 participantes, construiu neste processo de dez encontros uma ação baseada na criatividade, corresponsabilidade, respeito e leveza. Este foi o processo de ensino-aprendizagem que possibilitou a pessoas que nunca tiveram vivência de artes cênicas construir uma peça de teatro de rua, ensaiá-la e encená-la com tanto vigor e dedicação. Desde o início, o grupo, sem exceção de ninguém, entregou-se a todos os exercícios propostos e desenvolveu desta forma um grande potencial comunicacional até então, segundo referência deles próprios, pouco exercitado. O teatro tem uma linguagem própria, algumas vezes de difícil apreensão quando não se tem a experiência de desfrutá-la, principalmente diante do condicionamento e velocidade impostos pela mídia e pelo cinema

comercial. A vivência da construção da peça *A história de um lugar construída e contada por seu povo* só foi possível porque o grupo contava sua própria história, e quem não havia participado ativamente de alguma parte do que estava contando (o movimento popular de moradia em relação aos Queixadas, por exemplo) incorporou aquelas outras histórias como sendo suas também. Isso nos transformou a todos em Queixadas, como nos maquiámos na apresentação. Uma espécie de teatro do oprimido, embora nenhum de nós tivesse a experiência técnica da proposta de Augusto Boal. Houve muitos momentos de aprendizado e emoção nos encontros. As pessoas se entusiasmaram em contar sobre todo o processo de luta dos Queixadas, que muitos não conheciam, e dos movimentos de moradia e saúde, também desconhecidos por parte do grupo, aproximando Perus do Recanto dos Humildes, quebrando tabus e preconceitos. Também interessante foi a aproximação das várias gerações e a relação de cuidado e afeto que desenvolveram ao longo dos encontros. O abraço trazido pelos mais jovens, no início substituído por um cumprimento formal quando trocado com os mais velhos, logo ocupou o lugar privilegiado de abertura e fechamento dos encontros: todos passaram a se abraçar. Rir também foi permitido, o que fez com que o sério trabalho ficasse extremamente leve e prazeroso. Não houve dificuldades em tocar, ou abusar da criatividade e expressão corporal, talvez pela característica deste grupo que já tinha experimentado esse tipo de vivência em outros espaços grupais. Também não houve espaço para estresse, característico em principiantes, porque estávamos sendo acolhidos em uma casa (Comunidade Cultural Quilombaque) onde os trabalhos são desenvolvidos em um clima de despreocupação e espontaneidade, quase à maneira “anarquista” de se organizar. Todos estão ali por sua vontade e não há necessidade de cobranças. Apenas em um dos últimos ensaios alguém do grupo colocou: “Temos que fazer ‘bembonito’ no dia!!!”, com um pouco mais de seriedade. Fazer teatro é algo que requer elaboração do personagem, incorporação do texto, tempo e dedicação. Nossos personagens se dividiram em: Queixadas (do movimento popular de moradia, do movimento popular de saúde) e Adbala, seu capanga e dois coadjuvantes no tiroteio, ou seja, o bloco de opressores e o bloco de oprimidos. Assim se configurou o conflito necessário à estrutura da peça teatral. As falas, além de fazerem sentido para aqueles que as pronunciavam, foram repetidas em várias cenas em coro para que a plateia ouvisse melhor, eliminando o fator dificuldade em falar alto, essencial no teatro e principalmente no teatro de rua. Esta estratégia também deu oportunidade à plateia, que, estimulada por algumas pessoas que viram ensaios, também repetiu as frases que falavam sobre elas. A corrente propiciou participação da plateia, assim como o momento das homenagens. Assim, o espetáculo foi montado de maneira participativa e propiciou participação no dia da apresentação. Outra vivência nova

para o grupo foi a intervenção na rua, maneira propriamente insurgente de manifestação cultural. Não houve autorização, o pedido do sindicato para apoio da CET não chegou em tempo hábil e foi também orientado a nosso grupo que pedir autorização muitas vezes significa inviabilizar a ação/ato. A rua portanto foi ocupada (se se preferir a linguagem politicamente correta), ou invadida (se se preferir a linguagem explicativa da ação) pelo grupo de teatro Guarus – Netos de Queixadas<sup>17</sup>. Tomando o espaço das ruas para si e trazendo a população para as janelas e calçadas, contando sua história, a ação cultural insurgente autoriza, a si mesma, a livre expressão popular. Com a “boniteza” de que fala Paulo Freire, ousa ocupar o lugar dos carros, encenar sobre o tema de movimentos populares, cantar e bater tambor, forma mais essencial de chamar para a participação.

### **6.2.2. Documentário *As fontes de Perus***

Feita a proposta de construção de um documentário nas oficinas de devolutiva pelo grupo pesquisado, entrei em contato com a Comunidade Cultural Quilombaque, Ponto de Cultura. Sugeriram contato com o SACI. Para surpresa minha, os integrantes do SACI eram jovens que haviam participado de uma oficina de cinema e vídeo da associação Kinoforum, articulada por mim e apoiada por Madalena no espaço do Centro Pastoral Santa Fé há alguns anos atrás. Essa oficina deveria ter sido realizada no espaço da Associação Nova Esperança do Recanto dos Humildes, porém, por dificuldade de agenda da própria Kinoforum, só saiu quando eu já não estava mais no PSF e a sede da associação do Sr. Agenor estava em reforma. O Centro Pastoral nos acolheu e deu oportunidade de jovens de outros bairros também participarem.

De pronto houve interesse no tema e no projeto. Não registramos as horas de filmagem e edição. Iniciávamos as filmagens pela manhã e seguíamos o dia todo aos finais de semana de janeiro e fevereiro de 2011. A edição seguia madrugadas a dentro em minha casa e as últimas no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP).

As filmagens começaram pela população do Recanto dos Humildes, na Associação de Moradores Nova Esperança, para relatar a história do mutirão e do movimento de moradia que lhe deu origem. Na laje da presidente da associação, Neuza, esposa do Sr. Agenor, entrevistamos também o Índio, que eu não conhecia, parceiro de muitas histórias no

---

<sup>17</sup> Este nome foi escolhido por votação pelo próprio grupo, dentre as várias sugestões. Guarus foi o nome dado a Perus como codinome, por César Vieira, do grupo de teatro de rua União e Olho Vivo, que encena desde a época da ditadura peças que falam sobre lutas populares, como no caso o *Bumba meu Queixada*, que fala sobre a greve na Fábrica de Cimento Perus.

movimento de moradia. Explicaram-nos muitas questões ainda não relatadas até então, por exemplo a origem dos participantes do mutirão, que vinham de diferentes bairros, e o funcionamento do movimento de moradia, que reivindicava do poder público espaço para a construção da casa própria. Com pesar constatamos que os moradores não têm ainda documentação definitiva do imóvel. Quando um pequeno número de moradores ao redor da associação, já conhecidos, percebeu que estávamos documentando seu movimento, houve algo como uma festa espontânea, onde todos trouxeram sua contribuição em falas e fotos. A emoção de revisitar a memória do Sr. Agenor fez muitos de nós chorarem.

Entrevistamos o Queixada Sr. Tião na sede do sindicato, no salão onde se realizavam as assembleias. Sua clareza e didática de grande professor nas explicações sobre a greve da fábrica de cimento de Perus, o “mau patrão” e a firmeza permanente, realçam o processo de aprendizagem que vivenciamos e que tivemos oportunidade de compartilhar ao editar e exibir o documentário. Não quis ir à fábrica, contou-nos que nunca mais voltou lá depois de seu fechamento.



**FOTOGRAFIA 41 – Exibição do documentário**

Crédito: Jéssica Moreira

Seu Felipe nos conta, em sua casa, sobre a saúde, o PAS e a necessidade de lutar para garantir direitos. Recebeu-nos mesmo doente, ficou cianótico ao final da entrevista, emocionado várias vezes ao lado de Sr. Tião.

Madalena foi escolhida para falar do PSF e do movimento popular de saúde. Foi entrevistada no Quilombaue.

Sobre o PSF Recanto dos Humildes, foram convidados todos os profissionais da unidade, participaram das filmagens quatro ACS que deram entrevista e uma que ficou nos bastidores.

As filmagens na fábrica nos proporcionaram sentir o espaço recheado de história. Cada canto do local abandonado, guardado a sete chaves por empregados da família Abdalla, revelava um mistério do passado e do presente. Um verdadeiro cenário cinematográfico. Tivemos que pedir autorização para entrar formalmente pela universidade. O facilitador foi o presidente do sindicato que teria estudado na infância com o responsável pelo imóvel, hoje seu opositor, mas que guarda certa fidelidade proveniente do convívio quando eram crianças. Ele nos acompanhou também na filmagem e deu depoimentos muito ricos que não puderam ser aproveitados na edição por conta da qualidade ruim do som.

Na aldeia, a boa surpresa foi ter explicado o que precisávamos para o guarani Sr. Ari e este responder além das expectativas, trazendo o conceito de “rede de balançar” ao que estávamos pensando em ilustrar na colocação poética da rede social, ou rede de apoio. Sua explicação sobre os Queixadas também elucida muito sobre o apelido que os trabalhadores receberam. As filmagens feitas na feira não foram utilizadas, mas as pessoas, ao responderem sobre conceitos como movimento popular ou se conheciam movimentos populares do local, demonstraram o desconhecimento de ambos. Valorizam, mas não sabem explicar por que consideram importante o movimento de reivindicação popular. Apenas os protagonistas da história, ao acaso encontrados na feira, souberam falar um pouco mais sobre o assunto.

Problemas técnicos com a câmera, necessidade de redublagem das cenas em que a câmera ficou sem som, ruídos captados a mais, excesso de barulho da rua, dificuldade com o microfone direcional, dificuldades em converter os arquivos digitais de câmeras diferentes, dificuldade em encontrar um programa adequado de conversão das imagens atrapalharam muito a edição. Também de grande aprendizado foi esta etapa do trabalho. Alguns de nós com pouca vivência neste campo, uns com mais vivência prática, outros com mais vivência teórica, tivemos a oportunidade de um grande exercício de dedicação, colaboração e tolerância, principalmente quando o cansaço “batia” e nos aconchegávamos a um colchão no chão nas madrugadas.

Nos intervalos, discutíamos outros roteiros de filmes e chegamos a fazer um filme de ficção por pura brincadeira.

Parte da equipe de filmagem, ao participar para documentar a oficina de teatro, acabou se incorporando à peça e encenando um papel no teatro.

A finalização, que seria feita com equipamento melhor disponível em locais públicos de cultura, atrasou até o último dia possível o dia da caminhada. Na apresentação, o equipamento de projeção não rodou a versão que tinha a trilha sonora feita por Théó, de 14 anos.

Uma imagem antiga do Sr. Agenor, muita história de conflitos e enfrentamentos, lindas mensagens de construção e solidariedade foram os ingredientes que emocionaram a plateia, que

mais uma vez se viu, no salão do sindicato, no dia da caminhada, durante a projeção de *As fontes de Perus*, que, para sentir, só vendo!

### 6.2.2. A exposição de fotos

A linguagem fotográfica esteve também presente em vários momentos na contação desta história. Prova documental de um tempo, muitas mãos selecionaram fotos para a exposição montada também no salão do sindicato. Fotos do início do Recanto, fotos do PSF, fotos da terapia comunitária, fotos do bairro ajudaram a resgatar a memória dos movimentos celebrados populares. Pareciam dizer: “Isso tudo aconteceu mesmo”. Várias mãos também para montar a exposição e o cuidado no momento de recolhê-la, como quem está guardando a própria história.



**FOTOGRAFIA 42 – Exposição de fotos – 2011**

Crédito: Clébio Ferreira



**FOTOGRAFIA 43 – Exposição de fotos – montagem**

Crédito: Clébio Ferreira

### 6.3. QUARTO passo: Dizer a sua própria palavra

#### 6.3.1. Descrição breve da caminhada<sup>18</sup>

Não houve reunião prévia, não houve divisão de tarefas, não houve tempo para tensões e ansiedades além das estritamente necessárias. Alguns combinados subentendidos do tipo “nos vemos às dez” ou “nos encontramos a uma na associação para maquiagem”, e cada um já sabia o que tinha que realizar. Não consigo nem quase entender como tudo saiu tão milimetricamente organizado se não houve uma organização milimétrica... o que se formou foi a grande “rede de se balançar”...



**FOTOGRAFIA 44 – Movimento de saúde e moradia Parque Bristol –  
Participação de outros movimentos na ação**

Crédito: Theo Amorim Silveira

Ao acordar fiquei como barata tonta preparando o que já havia preparado para levar. Coisas do tipo: fita crepe, tesoura, grampeador, restante do figurino, etc... O que fez com que me atrasasse quase uma hora para montar a exposição de fotos no salão do sindicato. Ao chegar no Quilombaue me esperavam sem ter o que levar (será que também estavam como

---

<sup>18</sup> Texto extraído do diário de campo da pesquisadora, março de 2011.

eu?)... fui para o sindicato e lá me esperavam também... podiam ter começado, mas me esperavam... quando perceberam que cada um teria que tomar para si o que devia ser feito, não houve mais como desativar a cascata... tudo o que se seguiu foi perfeitamente coletivo.

No salão da associação onde cheguei depois da hora combinada, já maquiavam as pessoas, inclusive quem não era do grupo de teatro mas queria estar incluído na apresentação ou achava bonita a “marca de Queixada” que estávamos deixando no rosto das pessoas. Alguém recebia quem vinha de fora – nossos queridos companheiros do Jardim São Savério/Parque Bristol. Fiquei transportando as coisas do Quilombaque para o sindicato e para a associação. Levei também as alfaias do maracatu Refúgio e duas crianças que iam tocar que se prenderam ao cinto de segurança no banco da frente. Perguntei há quanto tempo tocavam maracatu e responderam, para minha surpresa: “Há quatro anos”... no pouco do caminho até o Recanto, que era onde moravam, expliquei o que iríamos fazer e falei em poucas palavras sobre os movimentos de moradia popular, de saúde e dos Queixadas. Assim também fiz com as crianças que transportei do Valença, escola de samba de Perus que também nos acompanhou.



**FOTOGRAFIA 45 – Escola de Samba Valença – Bateria Mirim**

Crédito: Thiago Paraíso

O salão estava cheio e lá fora muita gente aguardava... alguns envolvidos com a política local, curiosos, gente do Quilombaque, gente do grupo de caminhada, gente do bairro, um carro da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (o então secretário do verde fora convidado pelo seu envolvimento com os Queixadas quando estudante e pelo fato de ter implantado o PSF no município)... O maracatu de Carapicuíba, Evolução Afro Brasil, chegou

ao Recanto mas não encontrava o local da associação. Com algum atraso enfim pudemos começar...

Um carrinho de supermercado levava o que precisaríamos usar. As flores e caixas (representando tijolos) pedi para duas ex-ACS levarem para a casa de uma ACS, que ficava próxima ao posto. A cavadeira e as flores para a cena da “invasão da latinha”, pedi para o diretor levar para a escola.



**FOTOGRAFIA 46 – Participação espontânea – corrente de gente**

Crédito: Thiago Paraíso

A presidenta da associação disse que perguntavam se a polícia tinha sido chamada a acompanhar a ação e eu afirmei que sim só para despreocupá-los, sabendo que não tinham sido chamados, nem poderiam. Disse que não tinham vindo, uma mentira para evitar ansiedade, quase verdadeira porque não sei se viriam se tivessem sido chamados, e no meu ponto de vista polícia não protege a população, não combina com aquele tipo de atividade e tenho medo de estar com pessoas armadas a meu redor. A subprefeitura está sendo administrada por um coronel da Polícia Militar designado pelo prefeito; penso que a ação podia ser boicotada se pedíssemos apoio da polícia, que seria quase o mesmo que pedir autorização. Nossa autorização e proteção estavam dadas por nós mesmos. Alguém pediu para que se falassem algumas palavras de abertura, indicaram a mim, mas pedi para o Sr. Tião, nosso Queixada, abrir. Ele falou sobre caminharmos em paz, em ordem, mostrando que o povo de Perus sabe se manifestar sem tumulto, de forma organizada, para que nossa festa saísse bonita, e disse que deveríamos nos proteger uns aos outros, já que quem deveria fazer isso não estava ali (a polícia).



**FOTOGRAFIA 47 – Criança EMEF e seu desenho sobre os Queixadas**  
Crédito: Jéssica Moreira



**FOTOGRAFIA 48 – Pelas ruas do Recanto**  
Crédito: Thiago Paraíso

Ao começar, uma água em grande volume desceu pela rua, estavam lavando o local da feira. Movimentamo-nos como no ensaio, todos juntos, a contar a história e as frases do movimento de moradia. Para minha surpresa e encantamento, talvez pela filha da presidenta da associação, ex-agente de saúde e atual auxiliar de enfermagem em outra unidade, em vias de ser desempregada, ter participado de um dos últimos ensaios, as pessoas junto com ela começaram também a repetir, como na encenação, as frases ditas, que eram tiradas das frases das entrevistas que falavam sobre a época do mutirão. Havia muita emoção neste momento em frente à sede da associação. As pessoas estavam dizendo em coro “as suas próprias palavras” num festejo de sua história, falando sua história.



**FOTOGRAFIA 49 – Pelas ruas**

Crédito: Thiago Paraíso



**FOTOGRAFIA 50 – Sarau na Brasa**

Crédito: Jéssica Moreira

Havia uma certa preocupação com o trânsito, as pessoas tinham medo de representar na rua, procuravam as calçadas, por orientação do diretor que não tinha experiência com a rua. Mas, como “praticamos a pedagogia da insurgência”, não havia coordenação, não havia chefes, nem donos do evento, quem se sentia à vontade na rua ocupou mais a rua, quem tinha medo se protegeu no encontro com o outro. A cena das vassouras empurrou a água da feira com vigor a ponto de molhar alguns dos que observavam, causando risos e gracejos de indignação. Atravessamos a rua quase com o diretor dizendo para irmos para a calçada. Os carros estacionados e um ônibus quebrado quase em frente à casa modelo quiseram nos atrapalhar mas não conseguiram. Um assistente social do projeto Guri nos brindou com a sua presença e, apesar de não ter participado dos ensaios, acompanhou a intervenção toda com

várias participações improvisadas. A família de Sr. Agenor ficou emocionada quando um dos atores leu o documento de cessão da casa modelo para sede do PSF, devido à semelhança física entre os dois. A corrente de gente que nos levou até a antiga escola de lata seguiu na frente do maracatu e foi aumentando com a participação da população. Chegamos logo na escola Jardim da Conquista, que invadimos para plantar flores. Abdala não nos deixava em nenhum dos espaços que parávamos, em todos os lugares vinha nos perturbar...



**FOTOGRAFIA 51 – Caminhada**

Crédito: Jéssica Moreira



**FOTOGRAFIA 52 – Pandora e o mau patrão**

Crédito: Thiago Paraíso

Da escola fomos para a frente de uma igreja evangélica, onde havíamos também improvisado uma unidade de saúde. Este quadro, que contava o basta dado à situação de não ter um local adequado para desenvolver o trabalho do PSF, mostrou a segurança e apropriação da história pelo grupo que a estava contando. Tiros e susto, os meninos saíram da igreja

lutando, um com um guarda-chuva e outro com um facão porque, distraídos, não verificaram seus figurinos antes, improvisaram mais uma vez, sem perder a linha da história.

Seguimos adiante e por fim, na frente do posto do PSF, homenageamos as pessoas que ajudaram a construir a unidade e convidamos a população a homenagear também quem quisessem. Mais uma vez, emoção. Colocados os tijolos, “a história se faz de tijolos”, cantamos a canção que uma das ACS nos ensinou na terapia comunitária: “Acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor”, e distribuímos flores para quem estava na rua, nas portas das casas e nos acompanhando.



**FOTOGRAFIA 53 – Caminhada até a noite**

Crédito: Jéssica Moreira

Seguimos mais uma vez rua afora com batuques, risos e alegria. Descemos a rua do Recanto entrando um trecho pelas vielas e, neste momento, a caixa de som anunciava o que estávamos fazendo ali: “comemoramos nove anos de PSF e os movimentos populares dos Queixadas, por moradia e saúde”. Quando um grupo se distanciava à frente, logo alguém corria pedindo para esperar a percussão que descia vigorosa atrás.

Descemos a rua do Recanto até a praça no início da rua, que surgiu com a canalização do córrego. Um representante do Sarau na Brasa nos brindou com poesias que falavam da periferia e do “doutorado da vida”. Todos em silêncio ao redor, sentados em círculo, com os tambores nos enfeitando, aplaudimos os poetas do “elo da corrente” na voz forte do moço forte.

Seguimos ao lado da linha do trem até o calçadão onde estendemos a lona para falar do roubo dos nossos sonhos pela pisadeira, bem representada pelo Abdala. Todos deitaram a sonhar e ter pesadelos. Um dos participantes do teatro, também do movimento de moradia, com muito entusiasmo falou sua história, uma história que fala de um mito que retrata uma

realidade vivida: “a pisadeira que vem roubar nossos sonhos tem uma coroa de ouro na cabeça, se a conseguirmos roubar ficamos ricos e não temos mais pesadelos”, metáfora viva da opressão e da injustiça social que rege nosso país desde há muito. Mais emoção e muita gente na rua saindo nas portas do comércio para nos ver.

Daí o caminho passou a ser fora do roteiro, alguém quis que passássemos pela avenida principal, o que fizemos em um trecho curto, tivéssemos pensado mais um pouco atravessaríamos a avenida inteira em uma mão e voltaríamos pela outra mão, até a entrada da rua do sindicato, para marcar mais presença. Pelo adiantado da hora, quase sete, muita gente estava cansada... nos acomodamos no chão e na calçada para ver a cena final, onde o Pandora retratou a exploração do trabalhador e a sua revolução quando “comeu e devorou o mau patrão”.



**FOTOGRAFIA 54 – Maracatu**

Crédito: Jéssica Moreira

No salão do sindicato, com as cadeiras lotadas e gente em pé, assistimos ao documentário que quase não se conseguiu finalizar, sem a trilha sonora, por problemas técnicos. Mais uma vez, forte emoção ao rever a imagem serena de Sr. Agenor falando. Um aplauso caloroso e se levantaram os que participaram do teatro e do documentário. Recebi uma placa do grupo em agradecimento pela ação. Nesta placa eu era colocada como professora, e a idealizadora da homenagem, muito triste pelo “erro”, motivo para grande angústia dela naquele dia, desculpava-se. Abriu um grande sorriso quando lhe disse que adorava ser chamada de professora, aliás, que preferia ser chamada de professora que de doutora! Ali meu certificado de mestre, pelas mãos de meus professores!

O presidente do sindicato nos parabenizou pela atividade e nos ensinou o grito dos Queixadas. O “jovem há mais tempo”, como gosta de se referir a si mesmo, dos membros do

Quilombaque, falou do significado da caminhada, que para ele vinha ao encontro de um desejo antigo de batizar os meninos como Queixadas.

Ao final uma canção.

### **6.3.1.1 Outras considerações**

Contar sua própria história pelas ruas de seu bairro fez com que o evento tivesse, pelo que percebi no comentário de muitas pessoas, uma beleza fora do comum. Em um dos ensaios, uma participante das oficinas falou que ficava feliz em perceber que a maioria das pessoas que estava ali para contar a história era de fora do bairro. Ao contrário do que poderia se pensar: “Puxa, ninguém do bairro, ou pouca gente está aqui, que pena!!”, seu pensamento nos traz a reflexão da importância do reconhecimento de mim pelo outro, aquele que está longe. Eu, que fiz a história e já a conheço, tenho algumas vezes menos chance de valorizá-la, e mais tendência a banalizá-la, quase como uma autorreferência de inferioridade: “Puxa, mas eu fiz isso e foi quase nada”. Quando vemos através do outro o valor do que fizemos, somos acordados pela surpresa: “Nossa!!! Eu fiz tudo isso!!!”. Estar impregnado de uma ideia do não ser capaz, do não poder, torna o grupo muitas vezes pouco aberto a valorizar suas atitudes e realizações. O PSF, através das entrevistas dos trabalhadores, trouxe a questão da falta de valorização da história, do abafamento da história, porque era impregnada de participação popular. Num local onde o poder é disputado palmo a palmo para a dominação e controle do outro, apropriar-se e dizer sua história, uma história onde se é forte, onde se realiza desejos e necessidades, é se posicionar contra esta dominação e controle. Uma arte que parte da realidade vivenciada e é dita por quem comumente não tem voz pode encher de significado e valor um contexto social discriminado e desqualificado. Ao se ver e se emocionar com essa visão de si mesmo, os participantes resgatam, naquele momento, o motivo que os levou a construir suas histórias, muitas vezes abafado por uma realidade opressiva e pelo cotidiano pesado de seu dia a dia.

Como vimos, o grupo de teatro tinha pessoas de 14 a 77 anos, algumas tinham participado do mutirão de moradia, outras eram do movimento popular de saúde, algumas ficaram conhecendo sobre os Queixadas na oficina. Incluímos até o último momento todos que chegaram para participar. Para isso, o roteiro foi construído a partir das falas das pessoas entrevistadas sobre cada movimento. Desta forma, não foi difícil se apropriar das falas que estavam estruturadas de forma poética, numa sequência muito mais emocional que lógica. Não havia propriamente uma estrutura de diálogo, os diálogos eram frases repetidas para serem melhor entendidas pelos observadores, que muitas vezes foram convidados a dizê-las, o que aconteceu inúmeras vezes.

Assim a história pode ser escutada. O grupo de percussão (maracatu e bateria), mesmo sem ter ensaiado conosco, foi brilhante na compreensão do evento. Puxado por um dos participantes do teatro, costurou de maneira bem precisa as esquetes, divididas em oito locais diferentes ao longo do percurso. Não houve conflito entre a bateria e o maracatu, que estava em maioria. Eles se revezavam espontaneamente e se complementavam na medida do que era possível para os dois grupos. No maracatu, outro reavivamento, o do grupo Refúgio, que há muito não se reunia. A linguagem universal do tambor, com tudo o que é capaz de reunir em torno dele, foi essencial para que o grupo de teatro encontrasse na rua um local aconchegante, nada hostil, mesmo sem nunca ter se apresentado para o público, desafio nada fácil mesmo para profissionais. Além disso, convidou quem estava em casa a vir até as janelas, portas e sacadas ver o que estava acontecendo. Não houve praticamente quem não olhasse para aquele grupo nada convencional festejando nas ruas os movimentos populares. A rua é um local de vida própria, não se pode controlar nem prever, a interação com os participantes fortaleceu o grupo de teatro, que construiu uma representação onde couberam todos que quiseram se manifestar. Várias então foram as manifestações espontâneas: falar na cena, comentários fora de cena, dançar, rir, caras de espanto, receber flores, dar flores, controlar o trânsito, observar intrigado tentando entender, observar e acolher o que se via, resmungar por não estar no grito, cantar ou simplesmente caminhar ao lado. Pessoas se agregavam ao longo da caminhada, entrando e saindo do grande cordão de gente de várias idades e rostos. Calculamos cerca de 300 pessoas presentes durante todo o percurso. Umas saíam e outras entravam, fora as que observaram sem nos seguir, portanto fica difícil quantificar o número de participantes do evento.

A avaliação da ação pode ser traduzida pela manifestação de alegria dos que participaram e pela disposição de ir até o fim da maratona de quase quatro horas, desde que iniciamos a caminhada, e de mais do que isso para alguns dos envolvidos, como eu, as pessoas que caminharam desde a devolutiva, apoiadores do próprio Quilombaque, pessoas do sindicato do cimento, educadores da rede local, participantes do Pandora e as pessoas que saíram do outro lado da cidade para estarem conosco. Não se pode medir o que de concreto fica de uma ação como esta, mas o momento vivido em sua força e energia pode deixar pistas de que, para alguns, pode ter sido um despertar para olhar para sua própria história e, para outros, a revitalização de valores e estímulos de luta para prosseguir na caminhada.

Como medir resultados diante da complexidade da vida? Não tínhamos como prever os resultados dessas ações, ainda não “finalizadas”, nem como medi-las neste momento. Não havia, nem ao final dos quatro encontros iniciais de devolutiva, nem ao final da preparação para a caminhada, nem ao final da elaboração do curso, nem após a caminhada e o documentário, como

falar em resultados. Por isso, falaremos em desdobramentos. O desdobramento se move nas mãos dos protagonistas, ou fica por um momento parado para contemplação e hiberna logo após. Talvez siga o ritmo do movimento popular. Um movimento pode ser visto como várias sequências de paradas. Um movimento pode ter vários momentos. Se ele está contido em um tempo histórico, ao observarmos seu desenvolvimento, estamos apenas tirando dele um retrato, dentre os vários possíveis, compatível com este recorte de tempo. Nos encontros de devolutiva, esses momentos emergem todos ao mesmo tempo. Mas formam um mosaico que compõe com cores que se complementam uma figura que sai do quadro e salta aos olhos (movimentando-se). Estão ali sentados representantes de múltiplos momentos, cada um com seu quinhão de aprendizado e experiência, cada um com seu quinhão de frustrações e realizações. A troca se dá e numa espiral se desdobra em movimento.

### **6.3.2. Proposta de curso para os trabalhadores do PSF**

Diante do tema do sofrimento do trabalhador do PSF trazido nas entrevistas iniciais, durante as oficinas de devolutiva foi proposta uma discussão/reflexão, em forma de curso, para dar conta minimamente de pensar estratégias de enfrentamento desta questão. Durante as oficinas, quando o assunto vinha à tona a partir de reflexões de como hoje se dá o processo de trabalho, quando emergia a discussão sobre a opressão que sentiam, rapidamente as pessoas se refugiavam na memória de um passado onde consideravam ser mais ouvidas, acolhidas e terem mais liberdade de se expressar.

Por entender que este tema deve ser discutido e trabalhado dentro do próprio espaço de trabalho, já que estes trabalhadores relatam sobrecarga e insuficiente tempo para a família e os afazeres pessoais, pedimos dispensa sem ônus para a participação em 20 horas de curso, que seria certificado pela universidade, dividido em cinco dias, no dia da semana que fosse melhor para a rotina da unidade, em local próximo, provavelmente dentro da abrangência do PSF. O objetivo principal do curso seria o de discutir, dentro do âmbito do direito e da cidadania, experiências reais e suas estratégias de enfrentamento da situação de sofrimento e adoecimento pelo trabalho, que poderiam ter desdobramentos positivos tanto para os trabalhadores como para os usuários da unidade, seja sob o aspecto humano, seja sob o aspecto técnico, quer dizer, este é um tema importante para a qualidade da própria assistência.

Como este é um tema recorrente no dia a dia do PSF e no Recanto, houve algumas experiências para tentar lidar com esta realidade. Em ocasião anterior à pesquisa pediram a mim que propusesse alguma ação neste sentido. Não houve dificuldade de aceitação da proposta por

parte da gerência, que demonstrou grande entusiasmo e manifestou seu apoio, considerando que não haveria dificuldade por parte da empresa em autorizar a dispensa das 20 horas. Houve também muita aceitação da proposta por parte dos profissionais de todos os níveis de formação, tanto da enfermagem como médicos e ACS.

Decidimos os temas das aulas do curso, que intitulamos: “Cidadania e qualidade de vida no trabalho”:

### **Curso para Trabalhadores de Saúde do Recanto dos Humildes Cidadania e Qualidade de Vida no Trabalho**

#### 1. CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS (Profa. Dra. Ana Cristina Brêtas)

A saúde como um direito

A educação como um direito

A moradia como um direito

A alimentação como um direito

O trabalho como um direito

Material de apoio: Filme *A Guerra dos Cocos*

#### 2. INFORMAÇÃO E CIDADANIA – QUALIDADE DA INFORMAÇÃO

(Prof. Hernani Matias)

O olhar complexo

O olhar histórico oficial e o resgate histórico

Informação e neoliberalismo

Desigualdade social

Material de apoio: Livro: *Zoom*; textos de apoio: *A casa da história, O mundo em dados*; filme: *Media*

#### 3. SUS E CIDADANIA (Profa. Dra. Ana Cristina Brêtas e conselheiros de saúde:

Sr. Felipe e Silvana Camargo)

Universalidade

Equidade

Participação popular

Material de apoio: Livro: *O homem que calculava*; texto: *O Conselho Popular de Saúde*

#### 4. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (Prof. Dr Francisco Lacaz)

Conceito de qualidade de vida no trabalho

A organização científica do trabalho

Humanização e trabalho

Material de apoio: Filme: *Sisal*; textos: *A organização científica do trabalho*,  
*Cultura de Paz e Firmeza Permanente*

#### 5. EXPERIÊNCIAS DO TRABALHADOR PARA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (Mesa redonda – Mediação: Profa. Dra. Ana Cristina Brêtas)

Os Queixadas: luta pela saúde e meio ambiente (Sr. Sebastião, Associação dos Aposentados do Sindicato dos Trabalhadores do Cimento – Queixadas)

Modelo obreiro italiano: consciência e saúde no trabalho (Prof. Dr. Francisco Lacaz)

Experiências com cuidados de cuidadores na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) (Profa. Dra. Izabel Rios FMUSP)

Material de apoio: Textos: *Modelo obreiro italiano*; *Rodas de conversa sobre o trabalho na rua discutindo saúde mental*; *Firmeza permanente*

Os professores da universidade e membros do sindicato convidados a participar de pronto aceitaram. A colaboração dos professores vem de suas experiências: atuação em fábricas e na implantação dos centros de referência de saúde do trabalhador no município; condução do primeiro grupo de escuta de trabalhadores do PSF Recanto dos Humildes no início do programa, trabalho com humanização com profissionais de saúde ligados à FMUSP; estudos das questões de cidadania e direito; participação no conselho popular de saúde; experiência acumulada na luta pela saúde e na cultura de paz e firmeza permanente como ferramentas na reivindicação e conquista de melhores condições de trabalho e de vida; e a história de solidariedade na greve dos sete anos. Todos valorizam e acreditam na importância desses espaços de reflexão, por esse motivo se propuseram a participar voluntariamente, sem custos.

A gerente comunicou a supervisora da Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM) e é interessante que não tenha comunicado a supervisão da prefeitura, o que demonstra a compreensão de que a autorização deveria ser dada exclusivamente pela empresa. Coincidentemente, a empresa, alguns dias depois, pediu oficialmente para a gerência da unidade onde trabalho atualmente informação sobre todos os cursos realizados pelos

funcionários para ter maior controle destas saídas, e minha gerente me informou que isto teria sido solicitado a todas as unidades da SPDM. É prática corrente da Coordenadoria de Vigilância a Saúde (COVISA), que permanece pública, não coordenada oficialmente por nenhuma empresa ou Organização Social de Saúde (OSS), convocar funcionários (médicos, enfermeiros, gerentes, entre outros) para treinamentos e cursos que abordam necessidades diárias às vezes urgentes, como no caso das epidemias de Dengue e da Gripe A. A prefeitura conta ainda com um Centro de Formação Profissional (CEFOP) que promoveu, por exemplo, a primeira etapa da formação dos ACS em técnicos na Escola Técnica do SUS, entre outros.

A supervisão da empresa levou a proposta à sua coordenação, que a questionou, pedindo que a enviasse por escrito. Solicitei uma reunião para expor a proposta, principalmente por conhecer o médico que coordena o setor em questão e me sentir à vontade para tal. Fomos eu e minha orientadora para uma reunião agendada com muita dificuldade com o coordenador das supervisoras da empresa e o coordenador do setor de educação permanente, que foi representado por sua secretária. Apesar de um discurso onde a empresa valoriza que o profissional estude; apesar de afirmar ser o tema sugerido por nós muito importante porque há um grande número de funcionários adoecendo e se afastando, tendo como principal motivo a depressão; apesar de anunciarem uma central de registro de cursos administrados e oferecidos no sentido de melhorar e propiciar mais oportunidade para a formação dos profissionais; e apesar de se comprometerem a dar uma resposta o mais rápido possível – o retorno foi muito tardio, o que impossibilitou a realização do curso, que será ministrado, queremos crer, no segundo semestre de 2011. Nossa leitura, portanto, foi a de que não houve muito interesse pelo tema ou pela abordagem proposta.

## **CAPÍTULO 7**

### **“BEBEU E SOLUÇOU COMO SE FOSSE UM NÁUFRAGO”**

### **O REFÚGIO DA MEMÓRIA**

Ao propor a discussão de rede para o documentário produzido a partir da demanda do registro histórico, pensamos na metáfora de uma rede de pesca. Para representá-la no filme, entrevistamos o Sr. Ari, um índio Guarani que concordou em nos ajudar. Ele nos trouxe, porém, a imagem da rede de se balançar e falou sobre a rede e seu papel na cultura indígena. O que salientou em relação à rede foi sua amarração, explicando como deve ser feita a corda e o nó. A corda, de cipó que é retirado na ocasião certa, quando está maduro, é amarrada de forma a não se fazer um nó cego. Os nós que amarram a rede devem ser firmes, porém fáceis de desatar, para que, quando houver necessidade, possa se amarrar e desamarrar com agilidade. Contou-nos também que a tradição de redes está se perdendo e quem a conhece bem são os anciões da comunidade. A rede dá uma sensação de proteção e é gostoso se balançar nela! Quando está na mata, o índio, na fala do Sr. Ari, só tem medo de um bicho: a cobra. Por isso a rede é ideal, colocando-o no alto, livre desse perigo.

Há uma rede formada entre os movimentos populares de Perus. Desde a greve dos Queixadas, nos sete anos de paralisação da fábrica de cimento, houve a necessidade de desenvolver apoio mútuo e suporte para a sobrevivência dos trabalhadores. As famílias participavam ativamente, culminando nas manifestações contra o pó de cimento, que trouxeram para a luta dos trabalhadores a bandeira da saúde da população.

Quando houve necessidade de se discutir o funcionamento do aterro Bandeirantes e a instalação de incineradores no bairro, o grupo que se mobilizou para tentar reverter a situação tinha a participação de alguns Queixadas e acabou por constituir o conselho popular de saúde local.

Pessoas do mutirão que construiu o Recanto dos Humildes, vindas do movimento de moradia da região, acabaram se envolvendo com a luta por saúde e compondo o conselho popular de saúde e o conselho gestor da Unidade de Saúde da Família (USF) do Recanto dos Humildes.

A rede está formada, ela existe, mas é necessário acioná-la para enxergá-la. Foi o que pudemos perceber ao promover a comemoração de resgate da história de implantação do PSF Recanto dos Humildes e de seu “berço” através do movimento de moradia e dos Queixadas.

O convite mobilizou vários grupos, fazendo-se perceber que o movimento popular ou os vários movimentos não estão parados, como se podia pensar, apenas estão sem se articular, já que não há motivo suficiente para aglutiná-los. Comemorar os movimentos populares de moradia, de saúde e dos trabalhadores da fábrica de cimento foi motivo suficiente para tirar as pessoas de seu lugar de conforto para vir à janela e olhar o que estava acontecendo na rua.

Contar sua própria história pode, como no nosso caso, mobilizar os grupos a participarem de uma ação coletiva. Catalisador disso, também construindo essa rede, foi o movimento de cultura, aqui representado pela Comunidade Cultural Quilombaque, com sua vocação de animar os movimentos populares. Foram trazidos através do movimento de cultura: o grupo SACI de cinema independente, o grupo de teatro Pandora, o Sarau na Brasa, da Brasilândia, os grupos de percussão Escola de Samba Valença, Maracatu Refúgio de Perus e Maracatu Evolução Afro Brasil, de Carapicuíba, todos mobilizados pela ação de rua que caracteriza sua forma de manifestação.

Não há receitas, mas a forma que se mostrou mais adequada ao grupo foi a que partiu da problematização da realidade. A partir do mote “Nossa história está morrendo porque não podemos contá-la”, construiu-se uma ação única, factível, para alguns pontual, para outros “algo que vou levar para o resto da minha vida” (um dos participantes do teatro de rua, 2011, depoimento informal). A academia “estranha” uma forma de se guardar a memória baseada na oralidade, que parece tão frágil. Porém, é esta oralidade que resiste num país tão pouco letrado como o nosso e guarda nossa cultura e história.

A história, colonizada pelas disputas de poder (hoje pelo capital) e escrita pelos grupos hegemônicos, não desperta identificação e por esse motivo também não é valorizada pela população. Uma história onde eu me veja é muito mais atraente, estimulante e a partir dela posso fazer uma leitura do mundo. A partir do meu mundo, posso atingir um mundo maior, ampliando minha interpretação da realidade e possibilitando maiores respostas aos problemas que encontro nela.

Neste construir problematizador, realizo uma prática educativa libertadora. Não é formal, não está fechada nas quatro paredes da instituição escolar, porém, é rico processo de aprendizagem e troca.

Desde as discussões do que as 16 horas de entrevistas nos trouxeram sobre o tema “História do Recanto dos Humildes” até a preparação para caminhada, todos, sem exceção, aprendemos e ensinamos.

A história da implantação do PSF Recanto dos Humildes se apresenta como refúgio para seus protagonistas. Há um caminho que liga o sofrimento psicofísico atual e a memória

da construção do PSF: várias vezes, ao tocar no assunto sobre a dor relacionada ao modo de trabalhar atual, os trabalhadores acionaram a memória dos tempos de implantação.

O refúgio que esta história participativa significava para os trabalhadores de saúde, hoje imersos numa prática neoliberal de trabalhar, impulsionou-nos a um “fazer por eles”, sem no entanto fugir do “fazer com eles”.

A pouca presença dos trabalhadores de saúde nas atividades que prepararam a caminhada (oficina de teatro e produção do filme) assim como na própria caminhada (cinco profissionais egressos do PSF Recanto, e cinco atuantes, destes últimos, dois antigos e três novos) nos fala de muitas questões. Uma questão fundamental é o medo. O medo de se expor foi expresso em um pedido: “façam por nós”. Na fala de uma das participantes do movimento de moradia, na oficina de teatro, um pouco da explicação disso. Enquanto parte do grupo dizia estar frustrada pela pouca participação de pessoas do PSF nas atividades, ela reforçou o quanto achou bacana e importante que “pessoas de fora viessem nos fazer valorizar a nossa própria história”. Em seu brilhante raciocínio, o enxergar da história por pessoas de fora só trazia mais valor a essa história. “Se ela atingiu, estimulou pessoas que nem são daqui, é porque é realmente uma história bonita, digna de ser valorizada”. Fala então da proteção da história. Num contexto massificador, este olhar é importante, pois nos traz a reflexão da qualidade como pressuposto de valor, e não da quantidade. “Estamos aqui, não somos muitos mas estamos aqui, e vêm vocês de outros bairros se juntar a nós porque nossa história faz sentido para vocês, vocês também a valorizaram e a fizeram importante”<sup>19</sup>.

Contar uma história contra-hegemônica não é processo fácil, sem desafios. A história da periferia contada, por exemplo, pelos meios de comunicação é a história da violência urbana, da criminalidade. No imaginário da grande cidade não há criminosos em bairros ricos e bem estruturados, e na favela é bom nem passar perto. Ledo engano, tanto há criminosos em grandes mansões como há pessoas honestas em barracos. Falar positivamente de uma população marginalizada e muitas vezes criminalizada é desconstruir esses mitos e buscar alternativas à humilhação social a que esta população está continuamente sendo submetida. Por que nossos olhos treinados exaustivamente para enxergar a doença não conseguem mais ver a saúde? Tanto uma como a outra são pontos em um processo contínuo que é a vida – não há vida sem saúde, nem sem doença. O que chamamos processo saúde–doença permeia todo o tempo o funcionamento de nosso corpo, as relações entre as pessoas e entre elas e a natureza. Além de se alternarem, podem estar ao mesmo tempo presentes – saudável em um aspecto,

---

<sup>19</sup> Diário de campo da pesquisadora, falas registradas na oficina de teatro, 2011.

doente em outro aspecto da vida. Assim também a realidade, a história. Uma história de vilões e mocinhos sempre na mesma posição, maniqueísta, é no mínimo restrita. Ao tentar fazer-se refletida neste espelho parcial, esta população retratada sofre a grande violência da castração do “não posso”, “não sou”, “não consigo”, “não tenho o direito”. A isso se presta a mídia, controlada por grandes corporações, com interesses muito específicos ligados a grupos econômicos poderosos que almejam perpetuar seu poder. Mídia massificadora em que se diz o tempo todo: “precisamos de polícia”; “precisamos de vigilância”; “precisamos de controle”; “nosso pai – Estado – que venha nos salvar”. Um Estado que serve hoje ao capital e que ao social só destina o suficiente para evitar um colapso.

Neste contexto, o que significa contar a sua própria história?

### **7.1. A compreensão da dor a partir da compreensão da história**

*A casa da história – Com chão de pedra fresca e paredes escuras, e sombras ondulantes enfileiradas lado a lado. Lagartos gordos, translúcidos, viviam atrás dos velhos quadros, e ancestrais pálidos, esfarelantes, com unhas dos pés duras, e hálito cheirando a mapas amarelados, murmuravam em sussurros sibilantes, como papel. “Mas nós não podemos entrar”, Chacko explicou, “porque fomos trancados do lado de fora. E quando olhamos para dentro das janelas, tudo o que vemos são sombras. E quando tentamos ouvir, tudo que ouvimos é um murmúrio. E não podemos entender o murmúrio, porque nossas cabeças foram invadidas por uma guerra. Uma guerra que ganhamos e perdemos. O pior tipo de guerra. Uma guerra que captura os sonhos e ressonha todos. Uma guerra que nos fez adorar nossos conquistadores e desprezar a nós mesmos.” “Casar com os conquistadores, isso sim”, disse Ammu, seca, referindo-se a Margaret Kochamma. Chacko a ignorou. Ele fez os gêmeos procurarem Desprezar. Dizia: não fazer caso de; não levar em conta; desdenhar; aviltar. Chacko disse que no contexto da guerra de que estava falando, a Guerra de Sonhos, desprezar significa todas essas coisas. “Somos prisioneiros de guerra”, disse Chacko. “Nossos sonhos foram manipulados. Não pertencemos a lugar nenhum. Navegamos sem âncora por mares turbulentos. Pode ser que nunca nos permitam desembarcar em terra. A tristeza de nossas tristezas nunca vai ser suficiente. Nem a alegria de nossa felicidade, nem o tamanho de nossos sonhos. Nossas vidas nunca terão importância suficiente para serem levadas em conta.”*  
(ROY, 1998)

#### **7.1.1. A implantação do PSF Recanto dos Humildes**

O PSF vem como proposta pelo governo federal colocada para o SUS em todo o país, num primeiro momento, sem observar atentamente as peculiaridades de cada local. A estratégia que pôde minimizar esta característica foi a participação popular na implantação do programa, conseguida de maneira diferenciada em vários locais onde foi desenvolvida. A participação popular pode ser colocada como grande ferramenta para ajustar programas e propostas generalizadas à realidade local. Vários municípios adotaram a estratégia de discutir

com a população sobre a implantação do PSF antes de realizá-la, o que abriu as portas destas comunidades para o poder público se instalar. Eram, em muitos casos, locais onde a total ausência do poder público já apontava para, ou já se constituía em formas de organização diferenciadas das estatais: organizações populares, ora sob o viés do tráfico, ora em associações de bairro. Ambas poderiam representar ameaça ao poder do Estado, portanto seria interessante minimizá-las para melhor as controlar. Como deixá-las agir somente quando conveniente? Aqui não está posta a discussão democrática, altamente legítima, mas o que se pode fazer tendo o discurso falso-democrático (ou democrático “até onde quero que vá”) também como instrumento de controle da sociedade e não como controle social pela sociedade.

Para fazer jus ao pedido dos entrevistados e parceiros desta pesquisa, esta parte do texto privilegiará suas falas no contar da sua história de Participação Popular para a implantação do PSF Recanto dos Humildes. Mais uma vez o exercício de protagonizar e “tomar conta” de sua própria história, que em todo o caminhar deste trabalho se fez presente.

### 7.1.2. Primeiras reuniões

Muita discussão e participação popular antecede e acompanha todo o processo de implantação do Programa de Saúde da Família no bairro do Recanto dos Humildes.

**Nova Flor** – Eu sinto [que eu ajudei a construir esse espaço] porque eu sou moradora, em primeiro lugar há dez anos e meio, o PSF está há sete anos e dez meses, participei de algumas reuniões. Mas não... como moradora mesmo. Antes de implantar... Porque sempre tinha a associação, onde as reuniões era acontecida ali, na época do seu Agenor. Eu fiquei sabendo a respeito dessa associação aqui, pelo seu Agenor, o nosso falecido, nosso eterno. Fiquei sabendo por ele, participei de duas, três reuniões, onde na verdade eu já sabia que ia ser implantado um posto de saúde aqui, mas não dessa forma, a gente sabia por alto: “Vai ser implantado um posto de saúde!”, não que ia ser PSF e onde eu imaginava que eu estaria trabalhando, formando uma... eu acredito que eu sou parte disso porque cada parede dessa eu vi construir. O projeto, a planta. O sonho desse lugar aqui eu vi ser construído. Então pra mim não tem preço, isso aqui é muito bom, ainda que com todas as dificuldades. Eu sou muito feliz em fazer parte dessa história linda e maravilhosa e isso vai fazer parte do resto da nossa...

**Rosas Vermelhas** – [Eu que participei do mutirão desde o começo acho que essa construção do Recanto, e depois veio a saúde, é fruto duma movimentação da população, do esforço da população. É uma coisa que veio do governo?] Não! Foi uma batalha da população mesmo. Porque quando a gente começou a batalhar aqui sempre queria que tivesse aqui um hospital, alguma coisa. Como a gente tinha os grupos na comunidade, começou a falar: “Ah, lá vem um pessoal, que as pessoas que tiver interessada vai tá participando da reunião pra ver como que vai ficar a população na saúde, pra poder batalhar pra vir um posto, vir pra cá, fazer isso”. E aí, antes de construir o PSF, vieram os médicos sem fronteiras fazer o levantamento

aqui pra ver como que era a região aqui de saúde. A gente fez, não foi do Recanto inteiro, mas cada pedacinho pegou uma parte pra ver qual era a necessidade que tinha aqui do povo mesmo, se era realmente a saúde, o que era. E até que surgiu a ideia de fazer o PSF mesmo. Aí começou a batalhar, batalhar, nós começamos a frequentar as reunião, todas reunião que tinha a gente tinha palestras boas... até que a Madalena falou assim: “Vamo ver se a gente constrói lá, que a gente tem apoio do padre jesuíta”, e aí começou... aí, desses negócios da papelada, essas coisas assim, eu já não sei, né? Deles lá, da politicagem deles de... como é que veio. Mas o povo batalhou bastante... pra poder vir esse PSF mesmo, médico aqui. Um posto, alguma coisa. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

A história da implantação do PSF Recanto dos Humildes apresentou-se durante as narrativas como refúgio na memória dos narradores. Tanto no diagnóstico, como durante as devolutivas e preparo para ação, sempre que o diálogo se convertia para o presente, cheio de conflitos do dia a dia, do processo de trabalho contaminado pelo modo de operar neoliberal, “neofordista”, de exigências de produtividade, e desumanização do cuidado, transformado agora em mercadoria, o assunto se voltava para o “refúgio” de uma memória onde a situação era diferente. Esta era a memória da construção coletiva do PSF, onde as pessoas foram protagonistas de um trabalho reconhecidamente difícil, porém gratificante.

**Nova Flor** – Quando eu falo da luta do começo é assim... é como se voltasse lá no paraíso mesmo [risos] porque hoje o que dá força na verdade pra gente é pensar nessa luta inicial, porque quando tudo começou, foi difícil? Foi, mas nós conseguimos. E aqui nós também vamos conseguir, porque ali era o material que era difícil, era o terreno, a situação financeira. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

### 7.1.3. Eu sou a história desse lugar

**Nova Flor** – Eu fiz. Eu sou a história desse lugar, eu faço parte dessa história e me sinto assim. [...] essa história vai ser pro resto da minha vida, eu vou passar pros meus netos que eu vou ter... vou passar pros meus netos, pros meus bisnetos. Eu quero deixar algo escrito [...], eu tenho que dar essa descrição que eu fiz... e quando chegar no final, eu tenha alguma coisa também que possa me servir de algo que realmente entre pra história. Eu vim pra esse PSF pra ser história. E eu me considero assim. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

A saúde como direito, no caso estudado, é apontada como forma de se resgatar o sentido de ser cidadão. Como organizar-se sem ter o básico? A saúde é um quesito básico para se pensar a cidadania. Sem ter o básico, fica difícil ter condições de organização coletiva. Os grupos já um pouco mais organizados podem ser catalisadores de tentativas de solução para problemas de outros grupos menos organizados e com maiores necessidades? Isso acontece, desde que estes grupos estejam solidarizados com as questões que afligem seus parceiros e que se colocam desta forma como questões também suas. O início do PSF Recanto dos Humildes vem como uma ação proposta por pessoas “de fora”, porém, “estar fora” ou “estar

dentro” é uma perspectiva para o olhar de um narrador, que pode ser outra se observação for feita por outro narrador. Neste caso, o Conselho Popular de Saúde se considera como parceiro das comunidades locais, e portanto está “dentro” da luta pela saúde destas comunidades, apesar de seus membros não necessariamente estarem “dentro” desta ou daquela comunidade. Aqui, a ideia de pertencimento adquire outra explicação/amplitude, pertencço sob algum aspecto, sob outros posso não pertencer. Vai se construindo uma imagem de teia de relações que permitiu também a construção do próprio PSF.

**Bem-te-vi** – Em 2001, março de 2001, eu fui indicada pra trabalhar na UBS Perus. Cheguei na UBS Perus, fiquei assustada com o que encontrei, que eu encontrei uma unidade superlotada, com mais de 90 mil prontuários. E o Recanto, a população do Recanto, sem acesso ao serviço. Nenhum, nenhum, nenhum. Por que o Recanto não tinha acesso ao serviço? Porque ele chegou depois e quando ele chegou já estava superlotado, então não tinha como acolher essa população. Em seguida veio a proposta de Programa de Saúde da Família. Por mais difícil que fosse o atendimento pros outros bairros, eles já estavam no serviço. Tinha a Caiuba, o Russo... Tinham todos os outros bairros que também são pobres, a Rua Árvore de São Tomás que também tem uma população grande, carente... Quer dizer, tem vários em Perus. Mas esses, com todas as dificuldades, a gente ainda achava que esses conseguiam chegar na unidade. O Recanto não! Não sei nem se também não existia até a questão do preconceito porque foi um bairro que tinha se organizado por mutirão e essas coisas de Perus. E quando veio a proposta de PSF a gente reuniu os moradores e fizemos várias reuniões e a gente chegou à conclusão que a gente ia trabalhar como se fosse as margens de Perus. Então, primeiro a gente ia iniciar no Recanto, depois a gente ia pra a Caiuba e em seguida pro Russo... e foi dito e feito: em 2000 (acho que foi... agora não me lembro se foi em 2002 ou 2003) a gente começou lá no Recanto. Mas a gente iniciou com promessa, quer dizer: “Olha, vamos conversar, vamos começar com um espaço emprestado que logo, logo, vem a verba e aí a gente vai construir”. Então a gente inicia lá no sobrado emprestado da associação através do seu Agenor e também usando o espaço, o salão da associação. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – O PSF nasce em 2002 na gestão do PT ...algumas lideranças estavam procurando... Foi assim... estava sendo implantado acho que o PSF em São Paulo. São Paulo é o último lugar onde é implantado o PSF e tinha a possibilidade de trazer uma equipe pra Perus, daí as lideranças foram chamadas pra gente ver onde que seria mais interessante colocar um PSF na região de Perus, na subprefeitura Perus, Morro Doce. Então houveram várias reuniões semanais e eu felizmente fui convidada por ser apontada como liderança por participar das CEBs, que são Comunidades Eclesiais de Base. É assim que nasce o PSF. Daí das discussões as pessoas falavam assim: “Ah, vamos colocar... A Vila Caiuba quer!” Todo mundo queria PSF, né? Perus é grande, só tem uma unidade, na época falava-se pra 90 mil habitantes. E aí alguém falou assim: “E o Recanto, hein? Aquele povo, como que tá aquele povo?”... pois é... a gente foi chamado como liderança do Recanto. Eu fui chamada como pessoa que participava das CEBs, eu comecei por causa dessa comunidade porque eu era participante. E alguém falou assim: “Oh! Chama lá a Paulo Freire”. Não sei por que alguém mandou me chamar, talvez porque eu tenho essa coisa de sair falando pelos cotovelos, e eu fui... tinha membros de associação... que também no Recanto tem associações, entre aspas, e tem associação muito bem atuante, mas são raridades essas associações atuantes, né? Tem aí as histórias tristes que eu digo de associações que não são tão atuantes como deveriam ser. Então chamaram também as pessoas das igrejas e eu fui pela igreja porque na parte a onde eu moro não vingou a organização associação, aliás, a parte aonde eu moro é uma das mais largadas. É um povo que não... que não vingou mesmo. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

#### 7.1.4. Começar do nada...

Decidido que o PSF começaria no Recanto dos Humildes, como começar sem infraestrutura, sem equipamentos, sem recursos humanos?

**Vitória-Régia** – [...] e trabalhar aqui no Recanto foi muito gratificante pra mim. Nós começamos do zero. Não tinha nada e fomos construindo junto, todas as equipes, e hoje temos a unidade onde trabalhamos, mas foi muita dificuldade que tivemos de ter um espaço aqui... tem a Madalena, que era gerente, e a comunidade. Então, PSF aqui tem esse perfil, porque ...começou com a comunidade e os profissionais. E é muito gratificante trabalhar aqui e ver essa melhora... foi uma luta que, quando a gente veio trabalhar, não tinha nada, as vassouras que varria o prédio era os agentes comunitários que trazia; pano de limpeza, agente comunitário que trazia... Não tinha auxiliar de limpeza, não tinha nada, tudo era nós, começamos do zero. (VITÓRIA-RÉGIA, 2009, entrevista).

**Salmista** – [...] a gente foi o começo de tudo, foi coisa boa. A gente ia pras ruas. A gente pedia, pedia uma tinta, pega uma cadeira de cá, um pano de chão, um rodo. Então a gente começou de baixo... a gente sentiu na pele, quem passou, quem sentiu. Muitos que vieram depois, por mais que as pessoas falam que: “Olha: a gente... já aconteceu isso... foi muito difícil a nossa caminhada”. Por mais que eles ouçam e as pessoas falam pra eles, eles nunca passaram por isso. Eu acho que deveria ter um consenso aí. Eu acho que eles deveriam olhar pra esse lado: “Não! A luta foi grande...” (SALMISTA, 2009, entrevista).

**Brasil** – O que eu lembro... nós começamos, não tinha onde iniciar o PSF [...] E nós vivíamos apertado ali... não tinha nem onde colocar os prontuários antigamente e a gente chegava, passava tudo pro enfermeiro. [...] Foi em março, nós entramos em março, no dia primeiro de março de 2002, nós começamos a ir à luta no PSF sem saber nada, chegava... era um aperto ali, [...] eu me lembro que comecei a cadastrar, cheguei até a Avenida da Mina. Deu 236, 237 famílias já. Aí eu falei: “Puxa vida, eu tô vindo, falaram que só até 200, mas eu tô com 230 e poucas famílias”, e ficava difícil. Mas dava pra dar conta, a gente ia fazer as visitas... e o local era muito apertado, tinha um localzinho onde colocava todas as equipes, uma prateleira pra gente colocar uma equipe, pra gente colocar desde o primeiro agente até o sexto. Gente... a gente tinha uma doutora que atendia pra nós das cinco equipes [...] (BRASIL, 2009, entrevista).

**Diamante** – [...] mas começamos e não tinha lugar pra trabalhar. Ficava na igreja fazendo o momento I até o meio-dia. Meio-dia, uma hora da tarde, eles nos dispensavam. Aí a associação nos doou aquele espaço ali pra gente trabalhar, pra gente ficar na realidade, porque não tinha cadeira, não tinha mesa, a gente sentava tudo na escada ou no chão do salão. (DIAMANTE, 2009, entrevista).

**Liberdade** – O prédio foi o seu Agenor que cedeu a casa modelo pra gente trabalhar no início. A prefeitura não deu nada, foi a Madalena que foi comprando e conseguindo com os padres jesuítas, que ela [a prefeitura] não deu nada. Acho que por isso também que a gente ficava mais assim, mais unido assim, porque a gente não tinha nada. A única coisa que tinha era os papel que a prefeitura mandou, pra preencher as ficha, só [...] (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Beija-Flor** – [...] o espaço físico não era adequado porque nós começamos com cinco equipes lá e era inadequada a planta física do local. Nós começamos ali com muita dificuldade sem ter ajuda quase da UNIFESP, né? Nós não temos até hoje material, equipamento pra gente trabalhar. Há oito anos que a gente tá trabalhando. E é muito precária a ajuda que eles dão pra nós. Então a gente já começou com bastante dificuldade. Uma que começou pelo local que a gente tinha não era legalizado, que tinha um terreno de invasão, não era legalizado pela prefeitura então

sempre pedindo as coisas de material e a gente quase não conseguia ajuda de ninguém que era um lugar que não podia, porque não era legalizado. E começamos com esforço nosso da nossa gerente, que era a Madalena, que nos apoiava muito e ela conseguia bastante doação. Teve muito apoio também dos jesuítas. A gente teve mais apoio deles, que nos ajudou muito a chegar até nesse período que a gente tá. Que nós conseguimos outras unidades pra poder... outros local pra gente tá trabalhando e chegamos até nessa planta física que a gente tá agora há três anos e foi construído pra nós. Onde a gente tivemos mais um pouco de prazer...! e ter qualidade mais de trabalho. (BEIJA-FLOR, 2009, entrevista).

**Salmista**– Mas era assim, quando a gente chegou aqui não tinha nada, né? Que a gente ficou na primeira casa lá e eu falei: “Meu Deus, como é que a gente vai trabalhar?” E aí, não! “A gente vamos pras ruas”, a gente foi mesmo e foi muito legal, que foi uma experiência nova pra mim porque eu nunca tinha conhecido isso, nunca tinha participado assim dessas coisas e pra mim foi... porque foi assim: eu fiz amizade, foi divertido. Então a gente ia pra rua, a gente pedia tinta, a gente trazia uma cadeira, pedia pro paciente vassoura, rodo... então assim eu não sei... [...] Então é legal, é gratificante quando você começa de baixo. Sabe assim? Você tem um prazer, você é mais humano, você sabe entender melhor o outro. A gente ia e pedia, eu... é, tanto que eu falava pros meus pacientes: “Olha, gente, lá não tem isso”. Aí o paciente falava: “Não, Sal, eu vou comprar uma vassoura e vou dar e vou comprar um rodo”. (SALMISTA, 2009, entrevista).

**Dama-da-Noite** – [A crise mais difícil foi] primeiro a do local. A gente não tinha local seguro, então sempre ficava naquela expectativa: pra onde a gente vai? Até quando a gente vai ficar aqui? Que tudo é referência pro paciente também, e o crédito. Eu acho que o crédito, a confiança que a gente conquista nas pessoas é muito importante. Uma vez que perde... Então, isso pra mim é importante. Uma crise assim que marcou muito e agora a gente tem essa segurança. Daqui a gente não sai, daqui ninguém me tira, eu acredito, né, doutora? Que seja assim [risos]. E também assim a gente conseguir desenvolver o trabalho da gente com a falta de equipamento, desse respaldo mesmo. Hoje já tem mais, disponibiliza mais material. Mas já teve época da gente ter que comprar o próprio lápis. Foi muito difícil também, porque o trabalho tinha que ser feito, independente se tinha ou não como fazer. (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

#### 7.1.4. Processo seletivo

Os primeiros profissionais do PSF selecionados foram os ACS. Muitos não sabiam o que desenvolveriam dentro daquele novo trabalho.

**Papagaio** – Ah, eu lembro que quando abriu a inscrição pra fazer o PSF eu não sabia o que era agente comunitário. Eu me inscrevi, por causa do salário, não porque... [risos] E aí deu... eu fiz a última inscrição... (PAPAGAI, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – Já! Quando o PSF surgiu já fazia, deixa eu ver... [conta os anos] depois que eu vim morar aqui mesmo depois de oito anos que apareceu, aí tava aquele zum-zum-zum, na escola colocou plaquinha: quem quer trabalhar? Quem quer trabalhar e se inscrever pra trabalhar como agente de saúde? Ninguém sabia [o] que era agente de saúde. Um falava que era pra limpar fralda, outro falava que era pra catar bosta dos pacientes, buscar remédio... [risos] é... buscar remédio, limpar a casa da pessoa... cada um falava uma coisa, ninguém sabia ao certo o que era. Mas aí todo mundo se inscreveu. Aí eu fui lá, se inscrevi... eu sei que teve bastante gente que foi inscrito. Daí teve a prova. Quando começou a primeira prova já começou a descartar, a seleção descartou. [...] Mas, graças a Deus, eu me saí bem lá na hora e

aqui hoje eu estou, né? Gosto do que eu faço. No começo foi muita luta porque até a gente entrar em cada casa, conhecer cada pessoa, saber respeitar o ambiente deles e eles respeitarem a gente também, porque a gente acabou entrando em lugares que não era pra ter entrado, porque eles não queria deixar, mas aí a gente passou, foi entrando, conquistando, até que hoje em dia eles deixam a gente entrar numa boa, aí falam: “Ó, aquela ali é da saúde”. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – E aí, a gente foi passar com o processo seletivo. Imagine mulheres, donas de casa que nunca tinham conseguido um emprego registrado, que não acreditavam em si mesmas, que nunca tinha sido tratada com dignidade, como gente, uma parte que mora no lugar mas que não se sente cidadã, que não se sente pertencente... era meio que essa sensação, né?! De estar no lugar, mas de não se sentir membro efetivo desse lugar. Então eu sinto pessoalmente que antes de trabalhar no PSF eu não sabia o que era cidadania. E aí eu me lembro que eu falei que eu já tinha a minha parte que era participar da decisão, eu pensava que eu tava no processo... tão de fora, que eu pensava que a minha parte era só participar das decisões e pronto. Eu tava acostumada a prestar o serviço voluntário. Então eu pensava que era só isso, quer dizer, eu era diarista e fui e falei pro pessoal que me convidou pra se inscrever: “Eu não vou me inscrever nisso não, porque eu corro o risco de ser um problema dentro desse negócio aí que vocês vão fazer”. E aí pra minha surpresa a pessoa que estava do meu lado, por quem eu tenho um grande respeito, falou que se eu não me inscrevesse ela ia ficar com raiva de mim e eu me inscrevi não foi por me achar que eu ia... que eu ia [ênfase] que eu tinha um grande potencial, mas eu achava que se eu não me inscrevesse eu ia desgostar alguém muito querido e eu me inscrevi pra não contrariar. Aí pra minha surpresa eu fui selecionada e estou trabalhando aí desde o começo. Muita água já rolou por baixo da ponte. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – Bom, eu vou começar pela prova que nós fizemos... lá tava escrito que necessitava de agente comunitário, eu não sabia o que significava, o que iria trabalhar, qual seria a função do agente comunitário! Mesmo assim eu falei: “Não! Eu vou lá!”. Aí a turma falou: “Nossa! Tem 400 pessoas na frente”. Eu falei: “Ah! Mas eu vou ser mais uma!”. (ESTADO UNIDOS, 2009, entrevista).

### **7.1.5. Desconfiança: isso é coisa de política, minha filha**

A população desconfiava da proposta porque era ano eleitoral e já havia a forte vivência de propostas feitas nesta época para ludibriar a população e convencê-la a votar neste ou naquele candidato ou partido que depois das eleições eram totalmente esquecidas. É recorrente a experiência da descontinuidade de políticas públicas, principalmente sociais, em nossa realidade.

**Diamante** – [...] então a gente fazia o que podia pra tentar agradar, mesmo porque era ano político e toda vez que a gente chegava numa casa a gente tomava um esculacho porque eles falavam que era por causa da política, porque o Lula queria ganhar, então estavam nos colocando pra poder receber os votos. (DIAMANTE, 2009, entrevista).

**Liberdade** – [...] não [tinha apoio da população] porque era uma coisa nova pra população. Então eles não botava fé, não botava crédito no PSF, eles achava que era mais uma política, era mais um programa político que no próximo ano acabava e assim... (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Salmista** – Aí meu pai falava assim no começo: “Ê, minha filha, você não vai ficar não, isso é política! Quando acabar a política você está desempregada”. Aí minha mãe: “Para de gorar a menina”. (SALMISTA, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – [...] os primeiros cadastros... o ano seguinte já era um ano de campanha, não é? Não sei! Tinha uma campanha aí próxima, então a gente chegava nas casas pra cadastrar o povo e algumas famílias, algumas pessoas falavam assim: “Isso é programa de governo de campanha eleitoral, quando passar a campanha cêis vão ser tudo demitido”. Então, todo dia eu quando acordava pensava assim: “Até quando?!” Era bom demais pra ser verdade, então eu pensava assim: “Até quando nós... eu vou ficar e... trabalhando registrada, recebendo meu salário!”. Pensava... já tava tão, tão calejada pela exclusão, que eu achava que aquilo ali que o povo falava corria risco de acontecer, então... não acreditava muito que ia durar não, pensava mesmo que aquele povo podia ter razão, e que era só um programa de campanha eleitoral e que depois passava, tamanha era a exclusão. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

### 7.1.6. Chegada do restante da equipe

Depois dos ACS vieram os outros membros das equipes.

**Brasil** – Nós começamos com enfermeiro, depois que veio os médicos, e mudamos pra outra casa, aliviou mais um pouquinho. Marcávamos consulta, exame, já começamos já desse jeito, fazíamos as visitas, levávamos os enfermeiros nos locais pra fazer as visitas... (BRASIL, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – Foram chegando os enfermeiros. Primeiro veio os enfermeiros com a gente. Não tínhamos médico, nem auxiliar. Daí os auxiliar foi chegando. E o último foram os médicos. E aí foram compostas equipes de dez pessoas, seis agentes comunitários, dois auxiliares, um enfermeiro e um médico. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – a gente cadastrava, não tinha médico e aí depois começou a vir um médico voluntário pra atender uma vez por semana os casos mais graves que geralmente eram diabéticos e hipertensos, e a gente é responsável até pela triagem do agendamento. Era questão de bom senso, a gente saía pra visitar, então a gente precisava ser assim um olho muito clínico. E era uma questão assim meio de... sensibilidade e de bom senso, de ouvir a queixa da pessoa, ouvir de um e de outro, de todos, e ver, naqueles todos, quais eram os mais, mais dos mais urgentes, né?! Geralmente a gente tinha a liberdade de escolher um ou dois daqueles tantos que a gente ouvia pra ser atendido. E era com muita alegria que a gente garantia isso e a pessoa estava muito feliz quando a pessoa ia na consulta e valorizava o atendimento, porque ele era muito mais escasso. Geralmente não se perdia consulta não, porque era uma vez por semana e os casos mais... que chamassem mais a atenção. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

### 7.1.7. Pulando de galho em galho (a casa modelo, a casa alugada, a escola de lata, o galpão)

Não havia local adequado para atendimento, porém, o perfil das equipes permitiu que trabalhassem em condições precárias, adaptando seu trabalho, priorizando as necessidades da população em detrimento de condições adequadas de instalação. Por este motivo, o contato inicial com a população foi muito intenso e “além-muros institucionais”, nas ruas, mais próximo, imerso na realidade local.

**Brasil** – Começamos numa casinha, antes numa igreja, participávamos de tudo, se encontrávamos naquela igreja [...] Ficamos numa casinha em cinco equipes, cinco equipes. Acho que um tempo depois mudamos pra segunda casa. Mudamos duas ou três equipes pra lá. E depois fomos pra uma escola, logicamente fomos pra um galpão novamente, que a escola pediu o local, e hoje nós temos o nosso local certo. Nosso localzinho certo pra trabalhar. [...]. De lá pra cá, nós começamos na outra casa. Dividimos numa casa próximo aqui, na Pavão, e fomos em três equipes pra lá, três equipes, e ficamos ali um tempo, também já era mais espaço e tudo. E os nosso consultórios era todos lá, fazíamos as consultas lá direitinho, o doutor Antônio, o pessoal. Depois nós soubemos da escola vaga, entramos na escola vazia, do lado também, no Jairo de Almeida. Então nós fomos pra escola, ali já foi mais gostoso, foi o melhor lugar que nós tivemos até os dias de hoje, era grande, dava pra fazer de tudo lá. Ali tinha a nossa farmacinha, que era no local acho que da gerência, sei lá, diretoria... Essa nossa farmacinha. Nós tínhamos a última sala do lado de lá, o outro pessoal tinha as outras salas, tinha uma sala que dava pra gente fazer um grupinho lá que a gente tinha vontade, que a sala era enorme. Dali, com o passar do tempo, por causa de uma candidatura ou outra, tivemos que ir pra um galpão, galpão onde... bem grande o galpão, pusemos umas divisórias, tudo, e aí passamos ali. E aí meu serviço ali sempre foi de agente de saúde, mas eu nunca ia regular de pregar um prego numa parede, pôr um parafuso na parede, pregar um quadro, pregar um... né? Então eu sempre fiz essa parte, que nós não tínhamos manutenção e a maioria eram mulheres e os enfermeiros não iam fazer isso... também os médicos não iriam fazer uma coisa dessas, pegar uma furadeira e furar a parede. [...] Esses locais aí, alguns o pessoal cederam pra nós, só o da escola mesmo era da prefeitura, o restante era todos cedidos pelo pessoal, associação, por exemplo, pra nós, eles abrem as portas pra nós. A associação do pessoal aqui do bairro mesmo. As escolas que abrem da prefeitura, a igreja, não, também depende da comunidade, do pessoal... o nosso posto que agora a prefeitura tem parte neles, eles tomaram aí, né? E pegaram parte deles, [...] nós fomos pra uma igreja... e aí logo em seguida já arrumou a casa, que nós já tínhamos a casa em vista, ela sempre falava pra nós: “Só que é pequena, a casinha é bem pequena”. E logo em seguida fomos pra casa, e ficamos: casa-igreja, igreja-casa. Dali nós já pegamos outra casa aqui pra cima, um sobradinho. Do sobradinho fomos pra escola, da escola pro galpão [...] Desde moleque eu sempre fiz mudança, tanto que eu nem estranhei aqui. Mas um dia eu conversei com a Madalena aqui na sala dela: “Um dia nós vamos ter o que é nosso, né, Dona Madalena? Nós vamos ter que sair daqui. O galpão parece que é bom aqui. Mas um dia nós vamos ter que sair daqui!”. “Claro, Brasil, nós vamos ter que sair daqui” [risos] Nossa, mas de novo! Essa já é a quarta vez ...então vai ter a quinta, mas não tem nada, a quinta é a última. (BRASIL, 2009, entrevista).

**Papagaio** – [...] depois começou o PSF, a gente não tinha lugar pra ficar e a Madalena conseguiu aquela casa. A gente ficou lá naquela casa, mas eu não tinha esperança que crescesse. [Achava] que ia morrer naquilo. E quando a gente começou a cadastrar as famílias, eles acharam que era política e era porque era época de

política e achou que não ia vingar. Ah, eu lembro que a gente saiu na rua pedindo as coisas porque não tinha pano, não tinha pia, não tinha aonde lavar a mão [risos]. E a gente saiu pedindo. O engraçado é que quem tinha um comerciazinho não ajudava e o pessoal mais pobrezinho ajudava. Engraçado, né? A gente pensa que quem pode mais, ajuda mais, mas é ao contrário. É os que menos têm que ajuda. E eu aprendi isso daí. Achei muito interessante, porque eu achei que aquele que tinha um comércio, ele ia ajudar. E não é, a realidade não é essa... a gente foi pedindo, aí foi montando...

Aí a gente foi pra escola. Desativou a escola, a gente foi pra lá, mas ficou tempo, depois veio pra outra casa, aqui nessa esquina. Aí se dividiu a equipe... naquela época foi um pouco difícil, porque eu percebi que quem ficava de lá se uniu com os de lá, e quem ficou aqui... aí ficou uma equipe meia... não parecia que era pra todo mundo ajudar todo mundo, vamos dizer: aquela equipe ajuda eles, já a nossa... a de cá ajuda a de cá. Não foi muito legal essa divisão. Depois ficou todo mundo junto de novo nesse salão que teve na Rua Recanto, que era o colégio. Mas ali era meio... Eu acho meio desorganizado aquilo. Uai, porque as salas era com divisória, olha, é... não tinha muita liberdade. Eu não sei, eu não gostava de lá. Aí quando a gente veio pra cá foi muito bom, né? Quando inaugurou aqui. (PAPAGAIO, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 55 – Primeira unidade de saúde improvisada na casa modelo cedida pela associação**

Crédito: Madalena Ferreira Alves

**Diamante** – depois nós fomos pra... dividiram o posto, uma casa aqui embaixo e uma casa lá em cima, então isso separou muito as equipes, porque quando a gente tava aqui embaixo a gente era muito mais unido. Os agentes, eu digo, assim, todos. Não tinha esse negócio: “Ah, porque você é da 1 eu sou da 2...”, nós era tudo, como diz, uma equipe só, foi dividido em áreas pra facilitar o trabalho. Com a dividida das equipes lá pra cima, nós ficamos mais distantes da equipe 4 e 5, ficou a 1, 2, 3 lá em cima, e a 4 e 5 aqui embaixo [estamos na associação próximo à casa modelo]. E nós começamos a brigar porque nós achávamos que eles eram mais privilegiados, porque nós tínhamos que todo dia descer aqui na chegada, subir, descer aqui na hora do almoço pra assinar, porque os pontos ficavam aqui. De lá arrumaram a latinha pra gente trabalhar, aí foi todo mundo, porque lá tinha espaço, era muito bom, nós passamos muitos momentos lá na latinha, muitas comemorações. E ficamos lá acho que nem um ano, trabalhamos assim, igual uma empregada doméstica, porque nós tínhamos [que] lavar a unidade todos os dias, porque não tinha quem fizesse. Tinha que arrumar tudo. Tudo o que os ajudantes hoje não fazem... é um serviço chato você ficar lavando o banheiro que os outros sujou mas a gente fazia isso constante, porque não tinha quem fizesse e os agentes tinham que fazer. O posto fechava às cinco e a gente ia embora quase seis e dez, porque tinha que lavar tudo, limpar todas

as cadeiras, passar álcool em tudo pra poder ser dispensado, porque todo esse serviço a gente fazia naquela época. Fomos pra latinha, aí já veio o Clóvis que ajudava na limpeza, então isso foi descartado pra nós. Mas também não tinha as conduções, só era grande, mas não tinha todos os equipamentos que precisava, e tal. Não tinha balança decente pra trabalhar, não tinha papéis, quantas vezes eu lembro que eu trouxe rascunho da casa, do Belardim, até hoje se você for ver os prontuários antigos tem de Guaraná Antártica que a gente usava o verso porque não tinha nem aonde a gente escrever naquele tempo. Aí a Madalena que ajudou muito. Ela trouxe os padres pra construir o posto, tudo lá no posto saía, mas nunca saía. Aí nós mudamos pro galpão que era um galpão horrível, escuro, aquele aglomerado de gente, dividido por divisórias, meia parede e o que um falava de um lado o outro escutava. Ficamos lá acho que um ano... (DIAMANTE, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 56 – Utilizando a escola de latinha**

Crédito: Mário Silva

**Liberdade** – [...] o posto era cedido numa casa, era uma casinha pequena que era aquela casa comunitária, era pequenininho lá, não cabia todas as equipes. Era difícil pra gente trabalhar ali também, que ali não tinha como trabalhar cinco equipes. Quando a gente conseguia trabalhar, eu acho que era até melhor que agora, porque ali todo mundo era no começo, todo mundo era unido, uma equipe precisava da outra, ajudava. Era assim, tudo no começo era muito bom... Agora não! Se separou, né, doutora? Não é mais a mesma coisa assim... Acho que é porque é o começo, muita gente ali não tinha experiência, [o] que era trabalhar com comunidade, nada disso, então a gente acabava se unindo, os que tinham alguma experiência, algum tipo de experiência de trabalhar com a comunidade, um ia ensinando o outro. Aí então era mais fácil. Eu acho que é isso... de lá foi pra...a não sei o nome daquele... galpão que tem aí, na Recanto. Ali já foi ficando melhor, pelo espaço. O espaço ali era bem maior e também as equipes ainda eram mais unidas, tudo... depois a gente foi pra escola, aí da escola ...a gente foi lá pra Pavão... (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Dama-da-Noite** – A gente teve a dificuldade de se fixar no local... a gente chegou a mudar acho que cinco vezes até se fixar. Uma coisa que marcou muito foi isso também, a gente não ter essa segurança de ter um local de trabalho. Então iniciou na casa modelo lá embaixo, lá na travessa das Acácias, aí a gente ficou lá, não tão bem instalado, mas deu pra desenvolver um trabalho considerável. Até sinto saudade, até das reuniões que era equipe mesmo, não era só cada um por si. E deixou saudade, acho que por ser tão pequeno, a gente tava mais unido. Tudo que fazia, fazia junto. E todo mundo dava opinião. Então assim era uma coisa mais equipe mesmo. Não era cada equipe, era uma equipe só de PSF, foi uma época boa. Depois a gente veio, é...

apesar que tinha equipes que tinham... dividia, vinha pra outra casa aqui em cima na Inca Cor-de-Rosa, mas mesmo assim a gente tinha... eu sentia que era mais unido do que hoje. Aí a gente veio pro salão da escolinha de latinha, não sei se foi antes, acho que foi antes do salão lá onde era a igreja, ali. Não tô lembrando bem a sequência. E na escola de latinha a gente teve muita dificuldade por ser de telha [de zinco]. Não podia fazer grupo porque, se chovesse, ninguém ouvia nada. A gente teve bastante dificuldade ali. Era um espaço até bom, mas não era adequado mesmo. Ficamos pouco tempo, então não teve tantos problemas. Depois no salão a gente também ficou pouco tempo, não foi muito bom também. Foi mesmo pra gente poder ter um lugar pra ficar mesmo, por um tempo, mas não era adequado também. E aí depois disso a gente conseguiu finalmente esse terreno que é da comunidade, foi cedido e com a união de todos e a doação que a gente teve dos padres na época. E assim... essa pessoa, a Madalena, né? (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

**Lírios** – Então... no começo a gente ficava numa casinha que é da comunidade. E depois com o passar do tempo a gente veio pra casa de latinha. A gente ficou uma época nessa casa de latinha também e depois que a gente veio aqui pra unidade oficial. [As outras não eram oficiais?] [riso] Eu acredito que não, né? Foi uma coisa que foi doação da comunidade, no caso o sobradinho onde a gente ficava, que fazia parte da comunidade. Foi uma doação, foi uma... tipo emprestado, e a da latinha eu não me lembro como foi, eu sei que a gente foi pra lá porque o espaço que a gente tava, o sobradinho, já não comportava. (LÍRIOS, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – [...] aí começamos a trabalhar... primeiro nós pegamos... a associação cedeu uma casa pra gente trabalhar. Aí era a casa modelo. Ficamos lá, lá não tinha nada, praticamente nada. Aí fomos atrás de doação de vassoura nos mercados pedir vassoura, pedir rodo, pano de prato, pedir material de limpeza... até que ficamos lá acho que um bom tempo ali. Aí começou a surgir outros lugar. Depois dali já começou... dali casa modelo a gente saiu... aí alugaram o galpão. Alugaram o galpão, a gente ficou lá uns dois anos, três anos? É, uns dois anos nós ficamos no galpão. Nós ficamos no galpão que foi alugado pela prefeitura, lá era bom porque o espaço era maior, mas também não tinha nada de estrutura, assim, que pudesse falar “aconteceu alguma coisa”, não tinha nada pra gente. Mas o espaço era bom pra trabalhar. A gente trabalhava assim ...ao redor dos caras, porque ali aonde era, era boca... era não, é boca ainda. Mas daí os caras respeitava a gente porque também a gente não dava palpite nenhum e também não delatava eles nem nada, tudo o que a gente visse ali era muda e cega... cega, muda e surda, né? Ninguém tava nem aí. Mas aí saímos de lá do galpão, viemos pra escolinha. Nesse intervalo de entrar no galpão a gente teve uma separação, uma turma ficou na casa modelo e alugaram outra casa pra outra turma ficar, que era a turma do Paraíso. Ficou duas equipes divididas, 15 lá embaixo e 15 aqui em cima. Lá embaixo pra gente era bom porque a gente tinha um contato mais com a população, nossos próprios pacientes. Agora aqui em cima eu quase não vinha muito, eu só vinha só pra fechar a casa, fazer alguma coisa assim, então não tinha muito contato. Mas a gente, entre nós os ACSs, a gente era muito unidos antigamente. Depois nós viemos pra escola. Então nós trabalhamos na escola que tinha a latinha... tinha uma latinha aqui na escola que era de latinha. Como tava abandonado, eles saíram de lá, aí ficamos um tempo nessa escola de latinha. Quando a gente entrou, tinha merda pra tudo quanto era lugar, pra limpar a sala, fazer isso e aquilo... porque a gente ficou pulando de galho em galho, que a gente não sabia pra onde ia. Até que começou a construção do PSF mesmo, que foi cedido pela associação, e os padres jesuítas ajudaram a gente a construir. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

**Bem-te-vi** –Mas aí começou a aparecer todas as dificuldades. Por exemplo, como construir no Recanto, se era uma ocupação? Como ter... comprar terra no Recanto, sendo ocupação? Como separar terreno para a construção de saúde, se era uma ocupação? Onde estavam os documentos, que aquele terreno tinha sido deixado?... no caso, onde é hoje o terreno, foi deixado pra equipamento social, mas deixado por quem? Era uma ocupação, né? Então aí pronto, tudo emperrou no sentido de construir. A prefeitura não podia fazer nada porque era uma ocupação. E a gente não

entendia, a gente sufocado lá no sobrado... E a gente tinha o atendimento, tínhamos profissionais, sempre foi uma equipe. Acho que o Recanto, a gente sempre teve sorte na equipe porque, enquanto locais que tinham seu espaço físico não tinha profissionais, a gente sem espaço físico tinha profissionais. Aí a gente até alugou um outro sobrado vizinho para ficar uns tempos com os dois sobrados. Mesmo assim era pouco. A escola de latinha, que era ruim pra a educação, acabou sendo pra nós melhor do que aonde a gente tava. Naquilo que a secretária de Educação dizia: “Já não presta pra nós”, a Saúde falou: “Não, a gente vai pra lá...”. Depois, a escola tinha que ser demolida para a construção da nova, tivemos que ir pra um prédio pior ainda. E com outros problemas que nem sei ...depois você vê o que você pode falar, que é a questão da máfia... A questão de ser recebido com uma carta, porque, não sei se eu contei isso pra você, mas quando a gente entrou lá naquele espaço, lá que tinha... que descia, eu recebi uma carta me ameaçando. E a carta dizia assim: (Saiu uma conversa, né, não sei de onde ela saiu direito, que eu tinha dinheiro, que eu tinha conseguido dinheiro, que eu tinha bastante dinheiro até dos jesuítas e que eu ia construir a unidade e quem sabe eu não ia comprar aquele prédio que a gente estava adentrando... só que aquele prédio era de pessoas que foram ligadas à máfia, o pessoal da máfia se achava dono também, além da dona oficial, as outras pessoas também se achavam donas) e aí me mandaram um bilhete dizendo assim: “Se você der algum dinheiro pra a dona do imóvel, você vai ter que nos dar 50 mil reais ou a gente tem 25 quilos de dinamite pra colocar aí”. Foi essa as boas-vindas que eu recebi quando a gente... no mesmo dia da mudança. E aí quem acabou nos ajudando foi o seu Agenor, que eu falei com ele, o seu Agenor pegou a carta e foi conversar com as pessoas. Foi falar pra eles que o sistema estava lá para servir a população, inclusive a eles e aos familiares deles... E aí eles nos deixaram trabalhar tranquilos. E aí a gente foi caminhando, caminhando...

[E a casa lá, o segundo sobrado] Não [foi a prefeitura que alugou]! Quem pagava era o padre Miguel que pagava esse aluguel também. [E o primeiro era] cedido pela [associação] ...nunca pagamos... cedido pela associação dos moradores do local, né? O seu Agenor era o presidente. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – Bom, a gente, o começo mesmo foi até engraçado, a gente não tinha aonde ficar, só tinha uma casa que era meio estranha, não tinha cadeiras, a gente sentava numa escada e a gente acabou falando: “Não!, a gente tem que reformar isso aqui!”, e saímos pra rua pra pedir cano, pedir cimento, tudo que pudesse ajudar a gente nessa construção, e nós fomos todos eufóricos procurar e encontramos até com uma senhora, ela se chama dona Cida, e essa dona Cida deu um ultimato pra gente, a gente acabou ficando com medo, que a gente não podia tá fazendo isso, tá pedindo por aí, que ela ia na prefeitura, que ela ia fazer reclamação da gente, e aí bateu um medo e falamos: “Pronto! Estragou nosso trabalho” [risos] e acabamos voltando para a unidade, mas acabamos conseguindo bastante coisas. Nós conseguimos cano mesmo, torneira, tudo, um monte de coisinhas que tava precisando... dessa casa nós passamos pra a escolinha que era escolinha de latinha. Dali nós fomos pra um outro terreno que construíram uma casona que até uma pessoa acabou, diz que, morrendo ali dentro. E a gente acabou mudando pr’ali, meio até que amedrontada por um assassinato que ocorreu ali, mas ali mesmo a gente trabalhou, a gente fez uma boa parte do trabalho de PSF...

Esses outros espaços eram bastante complicados, sabe? A escola de latinha tinha aquela coisa de que, quando chovia, fazia um barulho ensurdecedor. Quando fazia sol, era aquele calor que a gente não suportava tá ali dentro e a gente trabalhava com muita dificuldade; o espaço era muito bom, era um ótimo espaço, mas existia isso. Nesse outro salão que a gente foi, era bom o espaço, mas era rústico, sabe? Faltava muita ventilação. As divisões a gente teve que improvisar divisões de salas, porque era um salão abertão, a gente teve que fazer essas divisões. Bastante complicado. Até a farmácia, tudo era muito difícil. Todo o trabalho em si foi bastante penoso pra gente, tudo tinha que... era exigido sacrifício da nossa parte.

[...] [do medo de entrar por causa dessa história do assassinato, era medo de quê, assim?] era medo de de repente ...porque havia muita droga rolando tudo em volta, muitas drogas... pessoas que diziam ...a gente estava ali no lugar, eles respeitavam porque nós éramos da saúde, mas se não eles poderiam invadir em qualquer

momento e aí a gente trabalhava com aquele medo de de repente chegar um bandido, querer... prestar contas um com o outro e pensar que estavam ali, invadir e querer destruir a gente. E já até aconteceu de ter confusão ali perto mesmo e eles acabarem entrando pra dentro do que a gente colocava como unidade, e da gente sofrer ali consequência deles. E já aconteceu realmente isso. Então existia aquele medo e a gente não via a hora de mudar pra esse outro posto. Tinha ameaça, eles falavam que aqui ia invadir, ali. A gente de vez em quando recebia essas notícias. Porque o terreno era meio que... como que eu posso falar?... era invadido, era um terreno que não era apropriado pra eles, eles usavam pra nível de droga... essas coisas meio que complicadas ai! E aconteceu de duas pessoas serem assassinadas ali dentro e a gente acabou vendo sangue, vendo as pessoas mortas ali e aquele pavor acabou ficando. Quando a gente entrava, a gente tinha aquela sensação ruim, sabe? Aquela sensação de... de coisa pesada, de carga negativa mesmo. Então nós trabalhávamos assim nesse pânico. Nesse... sem ter certeza do que poderia acontecer naquele dia, dá sempre aquele medo. Quando eles entravam pra ser cuidados, então eles queriam prioridade, os bandidos, né? Eles queriam prioridade, tinha que ser atendido naquela hora, do jeito que eles tavam ali, então era dessa forma. Se tinha uma esposa gestante, a esposa tinha que ter prioridade, não adiantava ela... com uma determinada dor ir procurar o pronto-socorro, não. O pronto socorro era ali. Era na unidade, elas tinham que ser atendidas e era o único jeito e ainda é hoje, ainda continua funcionando mais ou menos assim. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 57 – Atendimento no galpão**

Crédito: Mário Silva

**Paulo Freire** – E aí não tinha espaço físico também destinado ao trabalho... Demorou muito pra gente ter uma unidade. Demorou muito, foi... foi muito... bacana; não digo que sofrível. Foi um pouco judiado, porque a gente trabalhava meio sem condição, mas acho que humanamente nunca a gente trabalhou tão bem. Hoje a gente tem um espaço, que não foi construído pelo poder público e é preciso que se fale isso e que se lembre isso o tempo todo, porque é tão ausente a questão do poder público na periferia que... eles implantaram porque era programa de governo, mas daquela gestão! Foi bacana, tudo bem, a gente agradece pela iniciativa. A gente foi feliz, tinha um respaldo humano muito bom, mas a gente tinha a necessidade de ter um espaço físico que garantisse condições de trabalho. Isso a gente sofreu, padeceu um bocado até conseguir... Primeiro a gente teve aí... a adesão de uma associação, que foi fundamental tanto na discussão do processo quanto no acolhimento da gente. Tinha lá seu Agenor Rosa, que ninguém pode esquecê-lo! E depois, quando a gente viu que aquele espaço não dava mais, era inviável, os jesuítas alugaram um outro sobrado. No início era só um sobrado, imagine 30

agentes, mais 10 auxiliares, mais 5 enfermeiros, mais alguns administrativos, tudo em um sobrado domiciliar pequeno. E ainda as pessoas que iam ser atendidas. Então ficou inviável e aí alugaram um outro sobrado um pouco maior, também de uso domiciliar, e a gente ficou dividido em duas equipes. Mas aí não favoreceu muito não, foi difícil, que o grupo ficou dividido e a comunicação ficou complicada, não tinha nem telefone pra comunicação. Na época houve lá a ação do Ministério Público pra tirar os meninos das escolas que eram de lata. Aí tinha uma escola aqui que era nesse molde. A Educação tirou as crianças e a escola ficou abandonada, enquanto não era reconstruída, e a gente foi meio que os ciganos, o MST, ou sei lá o quê, fez igual, a gente ocupou a escola a contra gosto da administração, porque a gente precisava de um espaço, e aquele espaço que era público estava naquele momento desocupado. Então a gente foi lá, ocupou um espaço. E ficou trabalhando um tempo até sem energia, não tinha telefone, não tinha nada. É uma coisa... assim, pra São Paulo, de um retrocesso, né? A gente imaginava que essas necessidades existam, pra outros lugares que não têm, sei lá! Não estão estruturados. Parece que o negócio é falta de vontade política, mais do que falta de outras coisas. Um lugar tão rico, com tanto recurso, e a gente ser obrigado a passar por isso. E aí a gente nessa vida de cigano, de ocupação, saiu ocupando, quando mandaram a gente sair porque iam construir, a gente foi lá, ocupou um outro espaço que também era particular e aí lá a gente ficou um tempo e até ameaça a gente sofreu. E corremos certos riscos sociais, sem contar que o ambiente era muito insalubre, não tinha condição, mas era o que a gente dispunha e trabalhava feliz, trabalhava feliz porque estava tendo... essa comunidade estava tendo acesso a uma coisa que nunca teve, que é atendimento médico de qualidade, humanizado. O serviço de saúde era um serviço distante e desumanizado onde não se tinha vínculo nenhum da unidade com a população e aqui agora com todas essas dificuldades estava acontecendo este vínculo, a gente estava feliz por ter conseguido ao mesmo tempo trabalho, dignidade, cidadania, como também estar servindo a outro com humanidade! É poder, no pouco que a gente tem a oferecer, poder dizer pra pessoa assim: “Olha, eu estou aqui pelo menos pra te ouvir”, mesmo que a gente não falasse isso, isso é muito claro, e se prestar pelo menos a ouvir, uma tentativa de humanizar esse atendimento que nem existia antes [silêncio]. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

### 7.1.8. A Construção

Não tendo um espaço próprio para o PSF, a população se organiza para construir a unidade de saúde.

**Brasil** – Depois, com o tempo, a dona Madalena... se juntou com os padres lá da faculdade, da Pastoral Santa Fé, e eles construíram pra nós ali, uma coisa até boa, é muito bom trabalhar, gostoso. Ali dava pra ser mais dividido também. Ali tinha lugar até pra garagem, se quisesse. Ali dá pra fazer também uma parte de cima pra que nós tivéssemos uma sala, porque o agente precisa de uma sala, uma sala de... assim, uma sala pra trabalhar, né? Porque tem que arrumar os prontuários, às vezes tem que arrumar os relatórios e a gente faz tudo fora do posto, às vezes tá ventando, não dá pra fazer direito, às vezes tá chovendo. E hoje nós temos bem instalado ali, só falta mais alguma coisinha, só aumentar mais um pouco. O lugar pra grupos, né? Apesar de ter as igrejas todas, as associações. Mas... não tem nada melhor... uma hora lá a gente tem um grupo meio de emergência, que surge de um dia pro outro, a gente marcar pr'ali, e precisava que o local fosse maior, entendeu? [...] [o posto] foi construído pelos padres jesuítas e a dona Madalena participou, o seu Agenor, que esse já faleceu há um tempo aí. A dona Madalena, que hoje já não está com a gente. Que a gente até sente muita falta dela, porque, nossa!, ela... segurou muita barra aí, ajudou muito, que... olha, ela foi uma mulher de coragem, viu? Porque, sabe? Ela chegou aqui do nada, apareceu do nada, e pegou isso aqui do nada [...] Do galpão hoje nós temos aquilo ali porque ela correu atrás... os padres...

ela é da pastoral. Ela chegava lá e conversava com os padres todos e falava que estava no PSF agora, explicava pra eles... [...] [Se tivesse esperado pela prefeitura, o posto teria sido construído, teria já tudo certinho como tem aí? Nesse tempo?] Nesse tempo de hoje? São sete anos, quase oito... Olha, eu creio que ia demorar um pouquinho, mas teria construído sim, mas nos dias de hoje, assim, tipo... nós começamos em 2002... lá pra 2004, 2005 teriam começado, se tivessem legalizado aí o terreno. Como não era legalizado, eles não iam entrar nunca, podiam entrar agora que eles puseram numerações nas casas [2009]. Até poderia dar um jeito de entrar, mas eu acho que até os dias de hoje ia ser meio difícil deles ter feito alguma coisa, podia ter o projeto, placa, como teve no PSF ali do Caiuba, que o Caiuba começou com a gente, cadê? Vão começar agora, acho que vão inaugurar esse dias. (BRASIL, 2009, entrevista).

**Pavão** – Aqui foi conquista da população, os padres jesuíta... E a prefeitura que é bom, nada. É isso. E que conquista, né? Que conquista... tanto é que tem o respeito da população por aqui. Cê não vê ninguém... pichar... como fala?... roubar! Assaltar aqui... o pessoal respeita! [Respeita porque foi uma coisa construída por todo mundo?] Eu acredito que sim, eu acredito que sim – cê vê, nem o muro aí na frente não tem... ninguém picha. Eu acredito nisso...

Do que eu me orgulho mais? Como já te falei, d’aonde a gente veio. O que a gente construiu aqui. Por exemplo, quando a gente foi trabalhar nessa construção aí... tanto é que eu fiz um *Orkut* pra ele. Aí eu coloquei assim: “fazendo a diferença”, que eu sei que a gente fez a diferença aqui. Só cê olhar aqui no Recanto você vai ver! Muita coisa aconteceu aqui de bom, que eu me orgulho de tá aqui, muito. Eu falo pra qualquer um. Que nem esses cursos que a gente vai, no “Cuidando do Cuidador”, né? Aí eles perguntam, aí eu respondo: “Olha, eu tenho orgulho de trabalhar aqui, eu não tenho vergonha de dizer isso! Pra ninguém...” [Tem que se orgulhar mesmo, né?] É verdade, mas eu queria que o salário fosse melhor. (PAVÃO, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 58 – Sr. Agenor e Madalena – início da obra de construção da Unidade de Saúde do PSF**

Crédito: Passos

**Bem-te-vi** – Certa vez aconteceu um tiroteio lá em frente, eu não sei se você tava nesse... cê tava, né?... que um ...o rapaz falava... a pessoa que estava com a arma falava que não ia mexer com a gente, mas queria o vizinho do lado. Aí o padre Miguel ficou indignado com isso porque a gente tava meio encurralado naquele dia lá embaixo sem poder sair e depois eu comentei com ele. Ele ficou indignado, então ele falou que eles iam construir a unidade. Foi aí onde os jesuítas através do padre Miguel conseguiram dinheiro até de fora. O padre Miguel conseguiu dinheiro inclusive com a família dele, os irmãos dele mandaram dinheiro para ajudá-lo a

construir e os jesuítas também, a congregação também. E... foi assim que a gente construiu... O que eu sei é que quando eu saí, só tava construído aquilo que a gente construiu, não tinham feito mais nada. Eu saí em maio de 2007 e aquilo que ficou pra fazer ainda não tinha sido feito. O que a prefeitura ajudou a gente na época com profissionais e com medicamentos. Com laboratório essas coisas... Com a parte física, a prefeitura não tinha feito nada, só essa ajuda que a gente recebeu de fora.

[Na construção, além dos jesuítas, quem participou foi] a família do padre Miguel lá da Espanha, que eles moram lá. É... a própria população... o seu Agenor que ajudou muito... Acho que algumas pessoas a gente tem que lembrar no Recanto, que é o seu Agenor, o Galdino, aquelas pessoas do conselho que agora eu não me lembro o nome, aquela senhora... depois a gente levanta o nome dela pra colocar porque, eu acho, foram importantes... Os funcionários, porque... a gente tinha... (eu não tô dizendo “tem” porque eu não tô lá, não sei agora), mas a gente tinha profissionais decentes, ...profissionais que têm problemas, como qualquer outro... mas que são decentes. Acho que isso tem que ficar claro, porque... às vezes tinha a impressão que eu passava a mão na cabeça de todo mundo... Não! Eu era só mais uma que trabalhava junto... eu nunca fiz trabalho... pra... alguma vez eu atendi em seu lugar? [risadas] né? Eu nunca atendi, eu nunca fiz o trabalho de ninguém. As pessoas faziam o seu trabalho com todas as dificuldades que tinha. Mas a dificuldade maior vinha da própria instituição... Que se a gente não tinha nem onde trabalhar e trabalhava!... Como é que uma pessoa trabalha... num espaço que não tem condições nem para moradia, porque esse último prédio não dava pra morar, não tinha banheiro, os banheiro não tinha porta, não sei se você lembra? A cozinha não tinha azulejo, não tinha nada, não tinha porta, não tinha janela, lá embaixo não tinha ventilação e os profissionais se submetendo a isso. Então... Isso que me deixava... relevar algumas coisas. Porque as pessoas estavam trabalhando sem condições de trabalho... e trabalhavam... pelo menos, raríssimas vezes a gente recebeu reclamações... então, eu sempre falo que a equipe era boa, apesar de qualquer outra pessoa falar o contrário, eu digo que a equipe era boa. Pode ser que ainda eu tô falando no passado [risos]. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 59 – Unidade de Saúde da Família construída pela comunidade do Recanto dos Humildes**

Crédito: Mário Silva

**Estados Unidos** – [...] a Madalena, ela trabalhava na pastoral, Pastoral Santa Fé e os padres, eles tinham um trabalho lá e eles queriam ajudar, eles queriam dar uma ajuda onde tivesse necessitando. Como ela... já era lá de dentro e tinha aqui como... um trabalho dela e uma necessidade de desenvolver, aí ela pediu e aí eles ajudaram a resolver, acho que nesse período, me parece, não é certeza, foi 90, me parece foi 95 mil que eles fizeram de doação pra tá fazendo essa construção. Foi feito uma planta,

essa planta foi colocada em prática, muitas coisas teve que ser tiradas devido ao espaço, que o espaço era muito pequeno pra o que estava na planta, teve que ser tirado. E o seu Agenor, junto com os outros funcionários, é... Começou a construção e enquanto tava construindo a gente só ia lá e dava uma olhada, e pedia a Deus pra que fosse construído um pouco mais rápido. E realmente foi rápida essa construção, não demorou muito, mas não foi como realmente tava na primeira planta, teve que haver mudanças pra uma segunda. Porque na primeira planta tinha até a salinha pro agente comunitário e acabou tendo que ser tirado. Não [teve ajuda da prefeitura pra construir]! Que eu sei: nenhuma, nenhuma. A prefeitura só resolveu querer vir inaugurar, mas pra dizer que foi da prefeitura, mas ajuda da prefeitura, que eu saiba, não teve, não teve nenhuma, eles estão querendo... quiseram fazer uma reforma, fizeram alguma coisinha lá, ficou bastante tempo pessoas lá dentro, fazendo alguma coisa, mas pra meu ponto de vista foi pra nível de enganação, que na verdade tudo tá ali no jeito que foi da planta, houve pouca mudança. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – Depois da segunda ocupação, como a gente tava vendo a gestão acabar e sabia que já tinha esperado demais, a nossa gerente anterior, que era assistente social, ela tinha um outro vínculo numa instituição jesuíta e aí com certeza ela levava um pouco dessa carga, não é? Do dia, pra outra instituição! Comentários: “Ah, mas hoje aconteceu isso... Ah... mas o Recanto tá assim”. De tanto eles ouvirem falar no Recanto, eles não eram... muito conhecidos, não conheciam muito a nossa realidade. A gente tem algumas pessoas da comunidade que eram assistidas lá na instituição em um programa de inclusão pela educação, e aí eles começaram a se interessar por iss. “Espera aí, a gente precisa ir lá e ver como é que é isso!”. E aí vindo, vendo o trabalho que era feito, a dificuldade, a insalubridade, decidiu-se investir... financeiramente pra construção definitiva da unidade e aí graças à colaboração financeira desta instituição é que existe hoje um espaço físico... garantido, construído, que muita gente nem sabe que foi construído por uma iniciativa particular, precisa saber disso, eles precisam ser de vez em quando lembrado. Tem que lembrar, porque a gente tem uma tendência muito grande a esquecer e... quando eles decidiram construir a unidade, eles não quiseram que ninguém soubesse. Então eles construíram meio caladinho, foram embora e deixaram a unidade pra ser usufruída, mas parte da população... tá muito ocupada com a preocupação da sobrevivência imediata. Tem pessoas que só vêm em casa pra dormir e sair cedo, e chega tarde, a gente nem vê a pessoa. São pessoas que trabalham o tempo todo pra garantir a sua sobrevivência. Uns porque querem sair do aluguel, outros que já têm a sua casa mas têm ainda uma dificuldade muito grande de participação popular. Então eu acho que isso tem que ser lembrado pra que eles saibam que existiu pessoas que não tinham... embora não morassem aqui... tiveram uma grande sensibilidade... isso não é pra ficar quieto não, é pra exigir do poder público que faça a sua parte. O poder que geralmente, sempre que pode, se ausenta da sua responsabilidade e deixa o povo aí à mercê das necessidades [silêncio]. Eu espero que lembrando isso acorde, não é?, muita gente a ver como que a gente vive, como que a gente é visto. Como a gente é tratado e que as coisas não acontecem de graça... quando alguém faz alguma coisa... faz pra despertar, eu acredito, pra despertar outras ações. Eu não vejo a ação de ter feito isso simplesmente como uma doação. Não, eu acho que eles fizeram pra que a gente se sentisse melhor acolhidos, melhor instalados, trabalhássemos melhor e posteriormente despertássemos... tanto na comunidade como em nós mesmos, o desejo de melhorar, sempre cada vez mais. [E depois...] Então, a gente começou com cinco equipes, agora tem mais uma equipe recém contratada, a unidade foi informatizada, que antes a gente era agente comunitário e ATA, que não tinha ATA... fazia as duas coisas. Agora a gente já tem os ATAs... Alguns trabalhos foram mais dinamizados, mas ainda tem muito que melhorar. Muito [ênfase], mesmo esse despertar pra participação popular eu acho que ainda é necessário, muito [ênfase] de se incutir, de se despertar na população essa participação. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

### 7.1.9. A Mudança / A Ocupação / A Invasão

Não podendo mudar porque a Secretaria Municipal de Saúde não tinha agenda para a inauguração da nova unidade construída pela população, os profissionais, com apoio do conselho e dos padres jesuítas, mudam à revelia e “invadem/ocupam” a unidade de saúde construída por eles próprios.



**FOTOGRAFIA 60 – A mudança**

Crédito: Andréa Amorim

**Estados Unidos** – e dali é que nos mudamos pra um posto mesmo, onde a Madalena, junto com os padres jesuítas, construíram ali. E nós invadimos mesmo. Já quando acabou de construir a gente não precisou de aval de prefeitura, de ninguém, porque se não eles iam dizer que foram eles que construíram e na verdade foi doação dos padres jesuítas pra gente. Aí a gente invadiu, entrou e ficou lá, aí a prefeitura resolveu querer vir inaugurar, inauguração de faz de conta... (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Brasil** – esse pedaço aí foi uma loucura. Nós combinamos, posso falar da Madalena? [...] A Madalena falava pra gente o seguinte: “Gente, já tá pronto lá o local, só que agora tem que esperar um parecer do pessoal da prefeitura, a doutora “*supervisora*” que é a coordenadora, não queria que nós mudássemos assim, ela queria fazer o que tinha que ser feito. E aí, que cêis acham?” “Que nós achamos? Nós temos que ir embora pra lá, vamos pegar mala, vamos embora.” Aí ela falou assim: “Eu não tô nessa, né? Eu vou estar junto com vocês, mas vou tá por fora”. Aí, tanto que nós pegamos tudo, arrumamos as malas, pegamos tudo, que tinha que arrumar tudo direitinho, veio dois carros da prefeitura ajudar a gente. Um pouco nós levamos na mão, um pouco foi nos carros, e nós fizemos... Dois carros da prefeitura, aquelas caminhonetes... dois caminhãozinho, caminhonetezinha, vieram ajudar a gente tudo. Acho que foi a Madalena que pediu, deve ter sido ela que pediu pro pessoal vir ajudar a gente, aí vieram, os dois pessoal vieram ajudar a gente. O que aconteceu? Nós mudamos. Quando foi... terminamos tudo, tava quase terminando, aí chega a doutora “*supervisora*” lá da coordenadoria, aí tinham ficado duas pessoas, acho que uma era a senhora, né? É, a senhora tinha ficado lá pra conversar com ela [risos], aí ela retrucou, fez o que fez, tudo, mas permitiu, depois foi feito o resto, mudou a cor do posto que era amarelinha... aí ela trocou a cor, agora é verdinho, e tal... no local lá onde é o posto é verdinho, ela fez umas coisinhas lá, aumentou o

consultório, mudou a equipe 3 pra lá, que o consultório era muito pequeno, e... nós fizemos aquela mudança louca, mas foi bom aquele dia lá, viu? [...] Na raça, nós fizemos na raça... se for, vai tudo pra rua, ce vê? Se fosse, ia todo mundo, não podia todo mundo, ela não ia mandar todo mundo embora. Se pegasse, a gente pegava, reunia todo mundo e: “Olha!!, não vamos deixar o pessoal sozinho, não!”. Aí depois parece que a Madalena chegou, conversou com... começou a conversar... vocês conversaram também... acho que o doutor Antônio tava esse dia também, né? [Tava sim a gente tava desde manhã...] É, mandaram a gente parar lá: “Para, que a doutora Andréia chegou...” “Não, pessoal, vamos continuar...”, tava com a mala quase lá!, a mala já tava dentro do posto de saúde... “vamo inaugurar” ...e o pessoal: “Não, para, para, para... a doutora Andréia tá lá com o doutor Antônio...” “Não, não!, é melhor a gente continuar, porque não adianta parar mais, ela já pegou mesmo, né?” Tinha pego no flagra, não tinha jeito mais, mas alguém tinha avisado ela... [É... 5 horas da tarde ela chegou, né? Não foi?] É, 5 horas da tarde. Alguém tinha indicado alguma coisa pra ela: “Ah, vai lá porque o negócio tá... acontecendo lá”. Ela chegou ali, aí depois ela mandou o pessoal dela aí já vir marcar tudo. [E essa força que teve nesse dia da mudança, isso...] Ah... não tem mais não... [E se um dia precisar ela aparece de novo?] A força? Tomara, espero que sim, tomara. Eu tô pro que der e vier [risos], tô pro que der e vier, entendeu?, que dos mais antigos tem poucos agora, tão renovando tudo, tem hora que eu desconfio que o pessoal tá querendo tirar nós tudo fora daí. Os mais antigos. (BRASIL, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 61 – Chão rústico do galpão (antes)**

Crédito: Andréa Amorim



**FOTOGRAFIA 62 – Chão do novo posto (depois)**

Crédito: Andréa Amorim

**São Mateus** – E... e aí a luta pelo Recanto, né? Que ele cresceu bastante, a ocupação teve toda essa luta. E aí conseguiram um espaço cedido também pela associação de moradores lá. E a luta era ter um espaço deles mesmo, porque o local não era assim tão adequado por ser a área da saúde. Era uma boa vontade lá, mas precisaria de melhoria por ser a área da saúde. E aí com a organização do povo, com membros da associação, com a ajuda da igreja também, no caso do Centro Pastoral Santa Fé, a coisa foi nascendo... aparentemente teve uma certa resistência da secretaria quando eles viram que a população... a associação de moradores doou o terreno... Centro Pastoral Santa Fé conseguiu verba pra ajudar na construção. E no dia da mudança do antigo espaço pro espaço novo, que foi a construção pela população e o centro pastoral, teve uma resistência... eles não queriam ...a gente ia em reunião, falava, tal, e a secretaria mandou até gente... da secretaria vistoriar pra ver como tá, se tava adequado ou não. Sempre achava problema, mas dizia: “Olha, assim não pode, pinturas de parede”... até cor de parede eles... e aí eles mudaram junto com a população, mudaram mesmo sem a secretaria não concordar. Então, na verdade, tinha... um certo ciúme, uma certa rejeição. E o interessante era ver aquela coisa assim... um espaço bem organizado, que a população precisa, às vezes se vai num hospital, num pronto-socorro, cê vê aquele negócio, parece coisa de guerra. Porta quebrada, banheiro sem... né? E você dá uma... unidade em estado perfeito, a pessoa fala: “Nossa, que gostoso!”. As pessoa se sentem bem. Então eu acho que isso

também é importante. E aí foi essa luta. Eu lembro, até o padre Miguel lá ajudando a transportar. Porque o transporte do material que tava no... antigo prédio pro novo, foi tudo o pessoal que fez, não foi a secretaria que fez, e tinha até seu Agenor que ficava lá dormindo pra cuidar e tal... eu acho assim que foi uma coisa... uma luta, né? Uma organização, não foi uma coisa rápida, foi passo a passo, muitas noites sem dormir, muitos questionamentos, muitos... acho que é assim, é uma coisa atrás da outra... (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 63 – Iluminação improvisada no galpão (antes)**

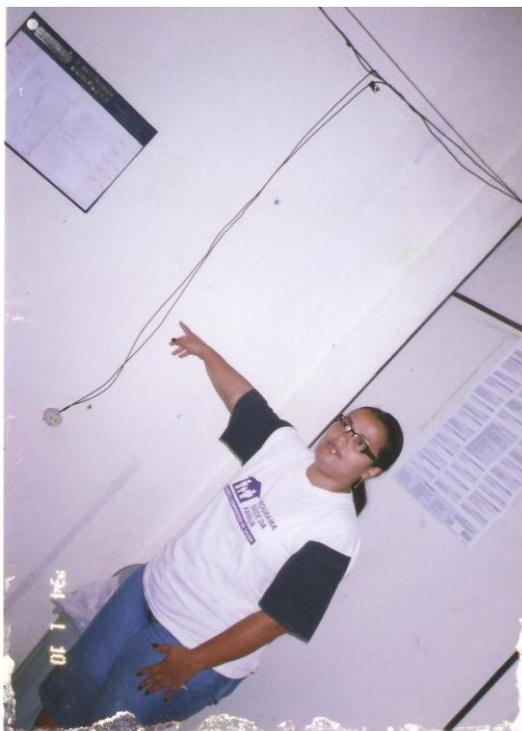
Crédito: Andréa Amorim

**Papagaio** – [A vinda pra cá] foi na base do... É, a gente... que veio a pulso... carregando as caixas. Eu lembro que a senhora fez várias viagens com o carro [risos], trazendo as coisa, né? Mas acho que a Prefeitura, que eu lembro, acho que não queria que a gente entrasse, porque tinha o negócio de água, luz. E não sei o que aconteceu que... era meio... a gente veio mesmo, invadiu [risos] e deu certo. (PAPAGAIO, 2009, entrevista).

**Pavão** – Eu sinto [que essa conquista é um pouquinho nossa também, eu faço parte disso] [risos] Ah! Como faço! Eu lembro quando teve a inauguração, daqui. Nossa, eu tava assim uma besta! Até a dona Madalena [risos] já comentou. Nossa, eu fiquei muito feliz, muito, muito, muito. Foi uma conquista nossa, né? (PAVÃO, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – Aí quando foi pra mudar pro prédio lá que a gente tamos hoje, a Andréa Bergamine queria fazer a inauguração, mas a nossa gerente Madalena conversou com a gente, falou assim: “Olha, se vocês quiserem mudar vocês muda, não tô vendo vocês mudar e nada, porque esse espaço que vocês estão não pode ficar do jeito que tá”, que tinha rato, tinha um monte de coisa aliada. A gente mudou pra lá sem ordem deles. Ficou assim entre aspas, escondido. Quando eles chegaram a ver mesmo estava todo mundo instalado, ela veio e falou que a gente não podia ter feito aquilo sem ordem dela, tava passando por cima dela. Mas aí a população ficou em cima e tamos aí até hoje num espaço bom. Teve pessoas que ajudaram bastante [quando mudou]. Ajudou a gente a mudar, carregar as coisa. Aí tivemos a missa de inauguração, a população veio, foi bom. Aí quando falaram que não era pra

inaugurar: “Não!, se for o caso fazia abaixo-assinado, fazia alguma coisa...”, eles ficaram em cima. O pessoal sabe que foi uma coisa boa pra eles. No fim não teve inauguração, não teve nada, deles lá, dos grandão, da população que teve a missa ...nos povos lá dentro mesmo inaugurando, usando, né? Desfrutando lá... (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 64 – Iluminação improvisada no galpão (antes)**

Crédito: Andréa Amorim

**Bem-te-vi** – É... foi difícil a nossa mudança. Tivemos que mudar à revelia porque precisava oficializar o prédio. Não sei se era a documentação ou se não era, só sei que a gente tava nesse prédio, que não tinha condições de uso. Mas a gente tava atendendo saúde num prédio que não tinha nem piso, nem azulejo, nem ventilação [risos]. Nem banheiro decente, nem nada, que era o prédio que tinha sido escola que era um prédio, que tinha sido alugado também pra escola, que não era mais a latinha, mas que era esse prédio que tinha esse problema com a máfia, não sei se é o nome correto da gente falar, não conheço outro. E...adiavam, adiamam, não liberavam a mudança. A gente mudou à revelia. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

**Tico-Tico** – Tanto é que eu tive que participar no dia da mudança do PSF... Que foi, a meu ver, uma coisa muito... muito bacana. A gente ver os padres jesuítas, Agenor, Madalena... as assistentes sociais, as agentes de saúde. Todo mundo andando quase um quilômetro com peças na cabeça, no braço, pra mudar lá no Recanto... quando a gente percebeu que a secretaria teria até mesmo a coragem de tentar punir a Madalena porque era... a gerente, enfim, punir todo, todo o povo com aquela ordem dizendo que aquilo era clandestino, a gente procurou pessoas influentes, como o bispo da região, pedimos apoio a ele e ele nos ajudou muito nisso. E enfim hoje o Recanto, o PSF do Recanto é uma realidade. Com todos os problemas que nós temos, que a secretaria da saúde não cuida da parte que ela deveria cuidar, que seria: ter lá no ...no Recanto dos Humildes os médicos, os enfermeiros, enfim, todo o aparelhamento suficiente para que aquilo funcione, atenda. Mas assim mesmo precariamente... eu vejo um grande esforço... das agentes de saúde, dos enfermeiros e dos médicos que estão lá, de procurar atender o povo e para a população de Perus principalmente... o PSF do Recanto ajudou muito porque diminuiu em parte o número exorbitante de consultas que era feita na UBS daqui da Praça do Samba e o

atendimento do pronto-socorro. Então pra mim... eu vejo isso e acho que isso realmente foi uma vitória... da população de Perus, vitória do povo do Recanto dos Humildes em conseguir a implantação... do PSF e ver o que hoje está... [Essa história da mudança, porque teve que mudar... foi o conselho que foi fazer a mudança lá...] Eu lembro de você. A gente tinha que tomar uma atitude e fazer mesmo alguma coisa porque se não a prefeitura ia enrolar a gente. Secretaria ia enrolar a gente e reprovar o prédio e não ia deixar. E na situação e no local que estava, na escola de lata... É da secretaria de educação, da cultura, como é que vai...? uma secretaria não pode invadir a área da outra e... tomando um prédio. Então a gente viu... era a necessidade, ou vai ou então morre. A história de morrer ou matar, então a gente... foi assim... era necessário mudar e... pra ter uma coisa melhor organizada, um espaço físico melhor, e tudo. O mais difícil foi através do Agenor que foi conseguido a área, porque era da associação, dos moradores. Eles cederam a área... e aí foi regularizada e construiu-se então. Mas a mudança era necessária, e nós fomos lá para incentivar o povo de lá a caminhar junto com a gente. Se bem que no dia da mudança teve muito pouca gente lá do Recanto ajudando... Da população. Funcionários ajudaram todos, eu acho que todos, todos mesmo. Então era muito bonito ver desfile daquela gente na rua carregando as coisas. É isso! (TICO-TICO, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 65 – Iluminação obra nova (depois)**

Crédito: Andréa Amorim

**Mococa** – Bom, aprovado e tratado, como fazer? Tem que fazer... O programa foi aprovado e veio e até onde eu sei, do que eu pude discutir com outros encarregados, com outros conselheiros do município de São Paulo, a criação, a discussão, a implantação do PSF, Programa de Saúde da Família no Recanto dos Humildes foi uma das coisas mais bonitas que eu pude ver ao longo da minha caminhada, então... graças à participação de todos. Não posso mencionar, porque se eu começar a mencionar nomes, eu posso até me emocionar, posso até chorar [nessa hora, tira o lenço do bolso, enxuga a testa e enxuga lágrimas que iam se formando], porque foi muito gratificante a participação da comunidade com respeito para implantar no Recanto dos Humildes o programa do PSF... era o que restava, porque, se até hoje nós não temos ainda... até ali então nós só tínhamos duas unidades, que prestava atendimento à população de Perus, imagine hoje, que nós temos uma população em torno de 100 mil habitantes só no bairro de Perus, como é que fica um atendimento à população?... era uma coisa de... deixar qualquer um pasmado. Até porque a distância que nos separa do centro de São Paulo, as dificuldades que já São Paulo enfrentava naquele momento, a questão do funcionalismo público, as questões das nossas autoridades...que estavam voltadas para outros [ênfase] projetos. Então... isso tudo fez com que a comunidade, arregaçasse as mangas e partisse para a construção... porque o programa foi implantado, reunido em espaço cedido pela própria comunidade... pequenas casas...

casas abandonadas por alguma razão, coisas de toda ordem... a cada seis meses por aí, o PSF tinha um novo endereço ...então a gente tentou de todas as maneiras e a solução encontrada, até porque havia proposta de colaboração de entidades da região para que fosse construído um espaço físico definitivo para que as pessoas pudessem ser melhor atendidas. Isso tudo foi discutido e... foi cedido o espaço, as pessoas... fizeram de tudo para que... a tempo *record* fosse construído... e nós estávamos acompanhando e... participamos até do... último dia em que tiramos os bens, o que restava de toda parte burocrática, documentos, etc. etc... tudo o que pertencia... ao PSF que estava de alguma forma... mal colocado, fosse transferido para... contrariando, inclusive a orientação da própria Secretaria Municipal de Saúde. Eu digo isso aí porque eu não tenho dúvida nenhuma, contrariando, porque a ideia seria a aprovação por esse órgão, mais o outro, mais o outro... conhecendo a máquina burocrática e dadas as circunstâncias foi feita a mudança... no braço, na unha e na brava... conseguiram levar pra onde está colocado hoje lá. Não é mérito meu, é mérito da comunidade, PSF de Perus é diferente de tudo que eu já vi na questão do PSF, Programa de Saúde da Família aqui em São Paulo. Ele surge diferente e prestou um grande serviço e está em condições de prestar esses atendimentos à população. A população merece, ela é, ela colaborou, ela colabora e eu quero crer que... de minha parte eu me sinto assim, se eu morrer amanhã, se eu não pude fazer nada, eu acho que o que eu pude fazer, e foi só um pouquinho, esse pouquinho, eu... mais os outros, também valeu... e o Recanto dos Humildes e Perus tá de parabéns por ter conseguido em tempo *record* a construção, a doação da área, eles mesmos, eles cederam a área, eles colaboraram, eles fizeram vigília, eles montaram guarda permanente, guarda para não haver desvio de material, enfim... houve de tudo mas chegou-se lá. Felizmente era isso, assim... um resumo do que eu posso dar da implantação do Programa de Saúde da Família do Recanto dos Humildes em Perus. (MOCOCA, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 66 – Mudança (padre Miguel à direita)**

Crédito: Andréa Amorim

Esta história, assim contada com muita emoção por seus protagonistas, tem, como dissemos, lugar na memória como refúgio para um novo momento onde as ações comunitárias não são mais valorizadas e a participação popular se restringe a queixas sobre a presteza do agendamento, como numa loja de conveniência que tem prazos de entrega das mercadorias. Enquanto a mídia vai aos poucos contaminando o imaginário da população com imagens de filas em corredores, de mau atendimento em prédios precarizados, e a propaganda dos planos de

saúde mostra lindas imagens dos “convênios” (que têm o poder de escolher seus clientes e glosar suas necessidades de acordo com a conta apresentada), os trabalhadores de saúde do Recanto dos Humildes são demitidos e recontratam outros que, para atender às exigências burocráticas do sistema, de preferência não tenham disposição de exercer criatividade e criticidade, e muito menos vínculo com a população. O que foi construído acaba por ser expropriado de seus idealizadores para dar lugar à empresa de saúde, tida como competente organizadora de serviço. O caráter humano do processo sucumbe e as possibilidades de promover cidadania através da saúde são minimizadas.

## **CAPÍTULO 8**

### **“BEBEU E SOLUÇOU COMO SE FOSSE MÁQUINA”**

### **SAÚDE E NEOLIBERALISMO**

Considerando o neoliberalismo como conjunto de manobras, políticas e ações que visam ampliar as regiões de livre comércio mundiais e tendo em conta que é caracterizado pela precarização e flexibilização de emprego e trabalho, pelo enxugamento de políticas sociais e pela contaminação da economia em todos os campos da vida humana e do planeta, podemos tomar a atual conjuntura histórica como contexto gerador de conflitos e sofrimento. A priorização do consumo “a qualquer preço” faz de nossa sociedade um grande balcão de negócios. Tudo se negocia: alimento, informação, comunicação, moradia, educação, saúde. Os “olhos gananciosos” do capital cobiçam tudo que possa se transformar em fonte de lucro para si e de seu incremento, são “olhos maiores que a barriga”.

O mito contado para mim por um amigo índio Suyá, considerado como de seu povo, descreve que do alto de uma colina dois guerreiros avistaram algo muito brilhante bem lá embaixo. Ao descerem, constataram que eram duas cobras: uma de prata e outra de ouro. Deslumbrados, levaram-nas para a aldeia. Todos foram encantados por elas, tão lindas que eram, e as deixaram num lugar onde todos as pudessem admirar, dentro de uma grande gaiola, para que ficassem à vontade, porém controladas. Foi necessário alimentá-las e todos se dispuseram a contribuir com seu trabalho, trazendo sempre um pedaço de carne de sua caça ou o que tivessem de bom alimento para elas. E eram vorazes. Sua fome insaciável foi aos poucos mobilizando a comunidade para “colaborar”. Mas elas sempre queriam mais e mais e nunca estavam satisfeitas. E assim elas foram crescendo e escravizando a comunidade, que praticamente só vivia em função de sustentá-las.

Até que um dia o pajé acordou com um tremendo estrondo e, assustado, foi ver o que era. Ao sair de sua casa, apavorou-se com o que viu: duas imensas cobras estavam comendo as grades da gaiola. Assim fugiram, totalmente fora de controle. Uma foi para o norte e a outra foi para o sul, comendo tudo o que viam pela frente. O grande pajé só teve tempo de correr e gritar para os outros que se escondessem, que fugissem dos monstros devoradores do mundo.

Pelo caminho onde andaram, foram comendo cada coisa: casas, árvores, a roça, o rio, os peixes, o ar e até os homens que estavam dormindo e não acordaram a tempo de escapar. Se houvesse cidade, passariam por ela e comeriam as fábricas, os hospitais, as estradas, os

postes de luz e fios de telefone, as escolas e prédios e *shopping centers*, os carros e semáforos, tudo que houvesse em seu caminho. E cada coisa que comiam as fazia crescer mais e ter mais-fome-de-comer-mais...

As notícias iam chegando através dos poucos homens e mulheres que conseguiam fugir. O pajé, muito preocupado, conversou com seu grupo e disse: “Nós não podemos ficar aqui parados enquanto tudo isso acontece!” E pediu para os dois melhores corredores que restaram que fossem ver com seus próprios olhos o que estava acontecendo. Assim ele pediu, assim eles fizeram. Um foi em direção ao sul e o outro em direção ao norte. O que foi para o norte, mais rápido, chegou primeiro, mas foi percebido por ela e num instante foi comido. O segundo, não tão rápido, mas mais silencioso e observador, chegou a tempo de ver bem do alto o reencontro das duas, onde a do norte engolia a do sul... Voltou quase voando e contou o que viu ao pajé. Este, muito preocupado, foi conversar com o que restou do conselho da aldeia. Pediram então que cada um desse seu cabelo para que fizessem uma grande corda. O que aconteceu depois ninguém sabe. Tudo ia depender de como aqueles que tinham fugido conseguiriam se organizar, ia depender da força de seu cabelo e da capacidade de fazer uma corda firme e bem feita, capaz de tecer uma armadilha que acabasse por fim com o monstro engolidor e devorador.

Ao terminar a história, meu amigo sorriu e disse: “Cuidado, que pode ser que esta cobra esteja bem embaixo de seu cobertor”.

Essa bem que poderia ser uma metáfora sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista. No atual momento, alguns de nós estão com medo, outros, nem acordaram e tantos já “foram devorados”. A falta de segurança alimentar, a falta de segurança urbana com a maior parte da humanidade vivendo em cidades, a falta de saúde e educação compatíveis com todos os avanços tecnológicos atingidos apontam para o total desequilíbrio em que estamos imersos. É causa de dor e sofrimento. O desgaste da luta pelo óbvio, básico, essencial (ou como se queira chamar) enfraquece a resistência, a manutenção dos direitos já conquistados. É assim no mundo todo e de uma maneira mais perversa nos bolsões do dito “subdesenvolvimento”.

## 8.1. O sofrimento dos trabalhadores de saúde do PSF Recanto dos Humildes

O que ainda é mais grave é isto: é preciso desconfiar dos cientistas, porque na maioria do tempo eles não são sinceros. Nada mais fácil para um industrial do que comprar um cientista e, quando o patrão é o Estado, nada mais fácil para ele do que impor uma ou outra regra científica... Os trabalhadores não devem ter confiança nos cientistas, nos intelectuais ou nos técnicos... podem, é claro, aceitar seus conselhos, mas só devem contar consigo mesmos e, se apelarem para a ciência, deverá ser de modo a assimilarem-na eles próprios (WEIL, 1979, p. 127).

Quando eu lembro que eu tenho oito anos aqui nesse lugar praticamente, que em abril faz oito anos, é como se eu tivesse feito realmente uma faculdade na minha vida. Quando as pessoas me falam: “Ah, você precisa se formar numa faculdade pra você ser gente, pra você crescer”, eu respondo: “Eu já cresci como agente de saúde e essa é a minha faculdade”. Porque eu acredito que aqui é um mestrado maravilhoso [risos], é muito bom. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

### 8.1.1. O Estado e as políticas sociais: breve contextualização histórica

Hoje, o Estado tem protagonismo no desenvolvimento de ações para o bem-estar da sociedade? Ao que parece, as grandes corporações definem hoje o papel do Estado nas políticas públicas, mas sempre foi assim?

A reforma do Estado brasileiro tem início em 1995 com a política de Bresser Pereira, configurando-se o núcleo duro do Estado brasileiro, onde as forças armadas, o controle das fronteiras e a arrecadação de impostos seriam as únicas instâncias que não poderiam ser privatizadas. Desde o final do governo Collor até hoje, o executivo legisla a partir de medidas provisórias; influenciado pela economia, influencia o legislativo.

No período que circunda a Segunda Grande Guerra, a Europa vivencia a brutalidade despótica de Hitler na Alemanha (1933 a 1945), Mussolini na Itália (1922 a 1943), Salazar em Portugal (1933 a 1974), Stalin na União Soviética (1924 a 1953) e Franco na Espanha (1939 a 1975), além da Polônia, Áustria, Hungria e outros países, fragilizando os princípios da Revolução Francesa (1789) “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”. No pós-Segunda Guerra, o Plano Marshall estadunidense financia a reconstrução da Europa em troca de benefícios na disputa pela hegemonia do mercado. Somada a isso, a necessidade de se construir um contraponto ao bloco socialista contribui para que se configure na Europa o Estado de Bem-Estar Social (EBS), uma tentativa da social-democracia de ir ao encontro das necessidades apontadas pelas lutas dos trabalhadores, minimizar os problemas gerados pelo modo de produção capitalista, tornando-o mais suportável. Ao pensar o EBS como uma conquista dos trabalhadores, quando o partido dos trabalhadores inglês assume o governo no pós-guerra, tem-se a impressão de que os conflitos de classes estão apaziguados. O EBS seria um avanço

do ponto de vista das políticas sociais públicas (HABERMAS, 1991), o que futuramente teria como consequência uma acomodação da classe trabalhadora e um esfriamento das lutas por melhorias nas condições de vida e trabalho. Na Europa, o EBS se ampliou a tal ponto que havia perspectiva de pleno emprego (Suécia, Dinamarca, entre outros). Sindicatos, empresários e trabalhadores construíram pactuações. Na democracia participativa da Europa das décadas de 1960 e 1970, havia participação dos trabalhadores nos meios de produção (indústria alemã, Renault – França). Porém, a tese habermasiana da pacificação dos conflitos de classe pelo EBS, segundo Antunes,

há menos de 20 anos de sua publicação, encontra-se hoje sofrendo forte questionamento. Não só o *welfare state* vem desmoronando no relativamente escasso conjunto de países onde ele teve efetiva vigência, como também as mutações presenciadas no interior do Estado intervencionista acentuaram seu sentido fortemente privatizante. (ANTUNES, 1999, p. 163).

Nos Estados Unidos, o EBS se apresenta como um EBS liberal com intervenções mercantilistas.

A interferência nos lucros conquistada principalmente por luta dos trabalhadores europeus incomoda os capitalistas, que, aos poucos, acabam implantando a ideia de que a crise do EBS é causada por um Estado perdulário com grande desperdício de recursos em sua gestão, gastos sociais, previdenciários, que seriam operações parasitárias. A saída seria um Estado forte com poucos gastos sociais e disciplina orçamentária. O neoliberalismo incide sobre os direitos adquiridos. Na visão neoliberal, o Estado, com suas políticas sociais, é paternalista e geraria acomodação, tendo que se colocar a competição para o desenvolvimento da sociedade humana, ideia muito arraigada e de difícil desconstrução, principalmente na classe burguesa controlada por meios de comunicação formadores de opinião, monopólio de grandes corporações com interesses mercadológicos capitalistas (bola de neve? Quem viria primeiro, o ovo ou a galinha?). A perspectiva “revolucionária” vai sendo perdida e substituída por perspectiva de “mercado”. Surgem as políticas de focalização fomentadas e impostas pelas grandes agências financiadoras (Banco Mundial, FMI, Nações Unidas etc.): as políticas muito inclusivas estimulam a “preguiça”! Foi sendo abandonada a ideia de pleno emprego, surgindo a categoria dos “inempregáveis”, que não contam e são descartáveis por incompetência própria e não como consequência da configuração da sociedade. Constrói-se a ideia dos “pobres porque querem”, “desempregados porque querem”, por falta de competência ou vontade.

Friedrich Hayek, mentor do neoliberalismo, em seu texto *O caminho da servidão*, propõe que o Estado não limite o mercado, o que seria “uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política” (ANDERSON, 1995, p. 9), e compara a social democracia ao nazismo. A sociedade de Mont Pèlerin, logo após a guerra em 1947, uma franco-maçonomia neoliberal composta por intelectuais como “Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Planyi, Salvador de Madariaga, entre outros” (ANDERSON, 1995, p. 10), constrói uma seita “altamente organizada e dedicada que se reúne a cada dois anos” (ANDERSON, 1995, p. 10), que centra suas ações contra o EBS: “o igualitarismo promovido pelo Estado de bem-estar social destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, da qual dependia a prosperidade de todos” (ANDERSON, 1995, p. 10). Travam uma guerra contra o solidarismo, pois consideram a desigualdade como um fator positivo; uma sociedade igualitária não favorece o lucro. O que de início se coloca como questão ideológica vai sendo “cozinhado” em 20 anos, desembocando em 1973 em um ideário que, tendo justificativa econômica, conceitos alimentados com a imprensa, seminários e construção teórica, considera que o

poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, [...] havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicatórias sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais (ANDERSON, 1995, p. 10).

A partir da década de 1970, de acordo com Featherston (1994), “a uniformização e difusão internacional de hábitos, convenções e informações crescentes”, uma padronização mundial entre conceitos de cidadania, a homogeneização cultural e, para Lamounier (1996), “a reorganização das estruturas produtivas, aumento dos fluxos comerciais crescente e mundial [...] no contexto de aceleração do desenvolvimento tecnológico” caracterizam o que passa a ser chamado de globalização (SCHERER, 1997, p. 114). Consolida-se a ideologia neoliberal, que no contexto comunicacional informatizado mais tarde seria também globalizada em ideário de um mundo sem fronteiras, onde haveria empresas sem nacionalidade (SCHERER, 1997, p. 115), cujas relações não mais seriam regulamentadas pelo Estado:

As leis intrínsecas do modo de produção capitalista manifestam-se [...] com maior intensidade, determinando a mercantilização e financeirização de todas as relações econômicas e sociais. As alterações verificáveis nas relações de produção não atenuam a essência do modo de produção capitalista; ao contrário, fortalecem seus traços fundamentais, cuja contundência como que se incrementa ao infinito. Esses traços resumem-se no capital e na sua dinâmica. Um dos indicadores de tal

fenômeno explicita-se no discurso sobre a inelutabilidade da competição, e em consequência, sobre as virtudes ecumênicas da competitividade. Proclama-se na teoria econômica, a soberania virtuosa do mercado e repele-se toda intervenção externa que possa afetá-la ao atingir o curso espontâneo e autônomo dos agentes mercantis. (GORENDER, 1997, p. 311).

Para Oscar Feo Istúriz (2003), a globalização neoliberal se apresenta como uma ideologia baseada em três princípios:

1. O fundamentalismo do mercado, que exalta a livre mobilização do capital, a liberdade do comércio e o livre fluxo dos fatores de produção, exceto a força de trabalho, que continua submetida a múltiplas e variadas restrições;
2. O desmantelamento dos Estados nacionais, o desaparecimento das fronteiras para a atividade econômica e a perda de poder e soberania das nações periféricas, o que alguns chamam de monarquia do capital [...];
3. A homogeneização das culturas e costumes, imitação de padrões de consumo, fortalecimento da ideologia consumista, que gera um “consumismo desenfreado”, reforça as concepções individuais e cria expectativas de vida que não estão de acordo com a realidade [...] com consequente deterioração ambiental e esgotamento dos recursos naturais. (ISTÚRIZ, 2003, p. 889).

A crise de 1970 dá sustentação para que a teoria neoliberal floresça. A Europa ocidental vive uma direitização (eleição dos governos Thatcher – 1979, Inglaterra; Kohl – 1982, Alemanha; Schluter – 1983, Dinamarca) (ANDERSON, 1995, p. 11). A década de 1980 é o triunfo do capitalismo, nos países de capitalismo avançado. Os governos neoliberais diminuem impostos sobre os altos rendimentos, cortam gastos sociais, privatizam empresas e serviços públicos. Em um contexto de alto desemprego, a luta dos trabalhadores se restringe à manutenção dos postos de trabalho, minando e enfraquecendo os sindicatos. Aos poucos, mesmo os governos ditos de esquerda vão aderindo ao novo modelo, configurando-se a hegemonia neoliberal da Europa e dos Estados Unidos, caracterizada por uma política centrada em deter a inflação, para não trincar o poder de compra, o consumo, o aumento das taxas de lucro, aumento do capital financeiro (capital que não tem lastro) e diminuição do capital produtivo (um trilhão de dólares circula por dia através da especulação financeira). Do que antes fora direito conquistado, mantém-se apenas o arcabouço em alguns países da Europa.

Nos anos 1990, uma nova recessão promove crise, porém, não há reação contra o neoliberalismo. Continua o processo de *direitização* e mesmo países ditos socialistas adotam posturas neoliberais. Na Europa Oriental, configura-se um neoliberalismo radical, pós-queda do muro de Berlim, um “efeito de demonstração” da transformação gigantesca neoliberal, usado e reusado como exemplo de triunfo do capitalismo.

### 8.1.2. Enquanto isso no quintal... na Colônia...

Temos que lembrar que neste período a América Latina e a África estão em processo de descolonização para se transformar em fornecedores de matéria-prima para a revolução industrial de forma mais rentável, mais econômica no processo continuado de exploração (da Revolução Francesa, Segunda Guerra e pós-guerra até bem recentemente – o último país a se emancipar da colônia na América Latina foi Cuba, em 1934, e na África foram Djibouti, em 1997, colônia africana da França, e a Eritreia, em 1993, colônia da Etiópia). O que se deu após este período foi o braço de ferro entre a busca de soberania das nações emergentes e a continuidade da exploração imperialista das recém ex-colônias, através de estratégias calcadas na implantação das ditaduras pró-interesses “imperiais”, descaradamente trocando a democracia pela liberdade do capital.

A democracia, em si mesma, – como explicava incansavelmente Hayek – jamais havia sido um valor central do neoliberalismo. A liberdade e a democracia, explicava Hayek, podiam facilmente tornar-se incompatíveis, se a maioria democrática decidisse interferir com os direitos incondicionais de cada agente econômico de dispor de sua renda e de sua propriedade como quisesse. (ANDERSON, 1995, p. 19-20).

Com o fim das ditaduras e extermínio de grande parte da oposição ao sistema, constituída pela massa crítica militante, não foi preciso autoritarismo para recuperar o receituário neoliberal na América Latina. Tanto o trauma das ditaduras como a hiperinflação atuaram como “mecanismo para induzir a democracia e o povo a aceitar políticas neoliberais mais drásticas” (ANDERSON, 1995, p. 21). Se não se tem uma mudança estrutural, a história do poder alterna direita e esquerda sem transformações reais.

O neoliberalismo é, portanto,

um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional. [...] qualquer balanço atual do neoliberalismo só pode ser provisório. Este é um movimento ainda inacabado. (ANDERSON, 1995, p. 23).

Na região onde amadureceu,

é possível dar um veredicto em relação a sua atuação durante quase 15 anos nos países mais ricos do mundo. [...] Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos de seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como

queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores jamais sonharam, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas. Provavelmente nenhuma sabedoria convencional conseguiu um predomínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes. A tarefa de seus opositores é oferecer outras receitas e preparar outros regimes. Apenas não há como prever quando ou onde vão surgir. Historicamente, o momento de virada de uma onda é uma surpresa. (ANDERSON, 1995, p. 23).

### **8.1.2. Saúde como um direito *versus* saúde como mercadoria: o SUS na contramão do neoliberalismo**

O que são direitos e conquistas para os brasileiros?

Direitos fundamentais do homem, como educação, moradia, saúde, segurança alimentar, trabalho, livre expressão em contraposição à manipulação, desabrigo, doença, fome, escravidão e opressão, são historicamente, em nossa realidade brasileira, de acesso restrito, desigual. Interferem para isso questões culturais, históricas, econômicas, sociais, onde destaque o racismo, o machismo, a herança escravista senhorial, o autoritarismo, no contexto complexo em que o país se configura e se desenvolve. Desta forma, o próprio conceito de direito, pelo olhar do povo brasileiro, é distorcido. Isto vai ao encontro de um pensamento hegemônico que, segundo Navarro, caracteriza a classe capitalista, uma oposição clara “a qualquer desenvolvimento dentro do espaço democrático, por menor que seja, incluindo o estabelecimento de direitos civis e sociais através do Estado de bem-estar” (NAVARRO, 1995, p. 119).

No Brasil, primam as relações hierárquicas, a começar pela família:

As relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior que manda e um inferior que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação de mando—obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos [...] As relações entre os que se julgam iguais são de “parentesco”, isto é, de cumplicidade; e entre os que são vistos como desiguais o relacionamento toma a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma de opressão. (CHAUÍ, 2001, p. 13).

Percebida pelos trabalhadores da unidade estudada, a estrutura hierárquica, que não “deve” ser rompida (há punição com advertência quando acontece), apresenta-se como obstáculo ao desenvolvimento do cuidado:

**Dama-da-Noite** – Eu até já me prejudiquei por isso. Não sei nem se eu deveria falar, eu me sinto à vontade de falar porque, assim... eu já assinei até advertência, e eu falei: “Olha, eu assino porque eu tô tranquila que eu fiz o que eu sempre fiz, que é o meu trabalho, com excesso até, porque... pra ajudar o paciente, pra tentar acolher o paciente”. Então... se eu não posso resolver, indicar pra alguém que resolva... Só que aí não é minha função, tem toda essa burocracia, passar pro auxiliar, passar pra enfermagem, chegar na médica e eu, muitas das vezes eu fazia isso, eu ia direto. E assinei advertência por isso, em outras épocas ia se conversar, seria uma advertência verbal, vamos se dizer assim. Aí não, eu assinei em três vias bonitinho: “Falta de ética profissional”. Falei: “Gente, tá bom então, né?”... e por ter indicado uma pessoa, porque a minha enfermeira não tava na hora, a médica também não tava porque já tava de licença, a médica que poderia atender não atendia pela conduta que é de outra equipe, eu conversei com uma do NASF<sup>20</sup> e ela atendeu, e por isso eu assinei uma advertência, que pra chegar até o NASF tem uma burocracia. [Então quebrar a burocracia é falta de ética], profissional. (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 67 – Atendimento da equipe – 2002**

Temos então uma sociedade onde o direito não é de todos, mas dos “merecedores de direitos”, pois o que marca as relações são o “privilégio” e o “favor”. Isso se traduz em visões onde os desiguais, portanto, “os pobres”, são “vagabundos”, “pesos para a sociedade”, “acomodados”, improdutivos”, e assim por diante. Daí medidas de saneamento da pobreza através de eliminação das pessoas desprovidas de recursos econômicos da paisagem urbana e do imaginário sobre o bom, o desejável, o saudável, ao invés de se imprimir mudanças estruturais da sociedade para eliminação das condições que desencadeiam as misérias.

Assim como o conceito de direito, o conceito de democracia também é distorcido e incompleto para boa parte dos brasileiros e se restringe apenas à ideia de um regime ou partido político. Para Chauí, a democracia pode ser considerada como:

<sup>20</sup> Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

1 – forma geral da existência social em que uma sociedade, dividida em classes, estabelece as regras sociais, os valores, os símbolos e o poder político a partir da determinação do justo e do injusto, do legal e do ilegal, do legítimo e do ilegítimo, do verdadeiro e do falso, do bom e do mau, do possível e do necessário, da liberdade e da coerção;

2 – forma sociopolítica definida pelo princípio da isonomia (igualdade dos cidadãos perante a lei) e da isegoria (direito de todos para expor em público suas opiniões, vê-las discutidas, aceitas ou recusadas em público), tendo como base a afirmação de que todos são iguais porque livres, isto é, ninguém está sob o poder de um outro porque todos obedecem às mesmas leis das quais todos são autores [...] o maior problema da democracia numa sociedade de classes [é] o da manutenção de seus princípios – igualdade e liberdade – sob os efeitos da desigualdade real.

3 – forma política na qual, ao contrário de todas as outras, o conflito é considerado legítimo e necessário [...] A democracia não é o regime do consenso, mas do trabalho dos e sobre os conflitos [...] mas como operar com os conflitos quando esses possuem a forma da contradição e não da mera oposição?

4 – forma sociopolítica que busca enfrentar as dificuldades antes apontadas, conciliando o princípio da igualdade e da liberdade e a existência real das desigualdades, bem como o princípio da legitimidade do conflito e a existência de contradições materiais, introduzindo o conceito de direitos (econômicos, sociais, políticos e culturais) [...] com a ideia dos direitos, estabelece-se o vínculo profundo entre democracia e a ideia de justiça.

5 – Pela criação dos direitos, a democracia surge como único regime político realmente aberto às mudanças temporais, uma vez que faz surgir o novo como parte de sua existência e, conseqüentemente, a temporalidade como constitutiva de seu modo de ser;

6 – única forma sociopolítica na qual o caráter popular do poder e das lutas tende a evidenciar-se nas sociedades de classes, na medida em que seus direitos só ampliam seu alcance ou surgem como novos pela ação das classes populares contra a cristalização jurídico-política que favorece a classe dominante [...] somente as classes populares e os excluídos (as “minorias”) sentem a exigência de reivindicar direitos e criar novos direitos.

7 – forma política na qual a disjunção entre o poder e o governante é garantida não só pela presença de leis e pela divisão de várias esferas da autoridade, mas também pela existência das eleições [...] que assinalam que o poder está sempre vazio, que seu detentor é a sociedade e que o governante apenas o ocupa por haver recebido um mandato temporário para isto. [...] eleger é afirmar-se soberano para escolher ocupantes temporários para o governo. (CHAUÍ, 2001, p. 10).

A vivência democrática é essencial para o desenvolvimento de políticas sociais voltadas para o combate às iniquidades.

No que nos indica Boron (1999, p.8) “é preciso lembrar que a lógica de funcionamento da democracia é incompatível com o que prima nos mercados”.

Faz-se necessário, como aponta Chauí (2001), diferenciar privilégios, carências, de direitos. Um dos problemas centrais da sociedade brasileira está na polarização do espaço social entre o privilégio (das oligarquias) e as carências (populares) e a dificuldade para instituir e conservar a cidadania num espaço de desigualdades.

A cidadania se constitui pela e na criação de espaços de lutas (movimentos sociais, movimentos populares, movimentos sindicais) e pela instituição de formas políticas de expressão permanente (partidos políticos, Estado de direito, políticas econômicas e sociais) que criem, reconheçam e garantam a igualdade e liberdade dos cidadãos,

declaradas sob forma de direitos [...] a democracia é inseparável da ideia de espaço público. (CHAUÍ, 2001, p. 12).

É também no espaço público que as construções democráticas podem ser primordialmente exercitadas. Onde esse exercício é restringido ou ausente, a participação democrática se fragiliza. Isso assim é percebido por uma das entrevistadas quando cita a participação dos movimentos populares nas conquistas do bairro:

**Paulo Freire** – Teve uma história aí no início, muito dolorosa, que o tráfico é que comandava a distribuição dos terrenos, né? Quando eu cheguei já tava mais tranquilo, mas tinha muita coisa terrível ainda. E isso desestruturou. E aí assim... esse povo organizado, eu digo, esse grupo que teve que tinha a mentalidade da organização. [...] Eram lideranças diversas. Das associações tinha o seu Agenor, tinha outras pessoas de outras associações que não permaneceram muito porque eles não [...] tinham a cabeça tão erguida, não tinham uma organização [...] tão autêntica pra apresentar e aí não dava pra continuar. É... de igrejas, aí tinha padres ... Tinha do sindicato do cimento... É que o governo do PT ele é muito diferenciado dos outros governos. É um governo assim da discussão, da chamada das pessoas que têm perfil de liderança pras decisões, então esse era um diferencial muito grande da gestão anterior, da gestão petista. Tem lá seus defeitos, tem lá os seus problemas, mas tem esse diferencial que agora não tem e que faz falta. Isso faz muita falta. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

A dificuldade de se construir no Brasil espaços legitimamente democráticos se dá por vários fatores. Chauí (2001) destaca a estrutura autoritária da sociedade brasileira e a hegemonia econômica e política do neoliberalismo.

Na percepção dos entrevistados, o atual modelo neoliberal reforça a subordinação de um grupo de trabalhadores por outro, entendido como um processo onde as mudanças administrativas acirram as desigualdades entre os trabalhadores:

**Pavão** – Ah, difícil? [risos] Ah, difícil é a falta de respeito, é isso cê quer saber? Também pode ser? O que mais me entristece aqui dentro é a falta de respeito... das gerências, da administração. Com os colegas, não! Os colegas... muito boa a convivência com eles, mas os que vêm lá de cima é que é complicado. (PAVÃO, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – ...e eu acho que isso aqui hoje tá pior. Antes existia? Existia, mas nós tínhamos uma gerente que nos acolhia. Verificava o que tava acontecendo e sempre nos apoiava. Nós agentes de saúde, assim, pra ela era a menina dos olhos. E hoje não é isso, hoje nós somos subordinados. Então, eu não sei te explicar bem assim o porquê que mudou [a direção], não sei direito. Ao mesmo tempo que eu acho certo, ter uma direção ...tem que ter pulso firme, claro. Mas eu acredito que pra se trabalhar na saúde tem que ter também uma flexibilidade. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Diamante** – Então a gente, assim, acaba até com um pouco de respeito, assim, se você não te enxerga como profissional e te enxerga só como colega, acaba assim um pouco com o respeito, eu te pulo e vou falar com a médica, que é quem pode resolver, acho que se perdeu nisso, acho que um pouco a falta de respeito de todas as

partes, de não respeitar a minha categoria, que é auxiliar, e eu me revoltar contra você porque é enfermeiro, porque você fez a faculdade e não me respeita porque sou agente, e que não respeita o auxiliar porque ele é o enfermeiro, então ele pode gritar e aí eu acabo vendo e fico revoltada com ele, que não respeita, e não respeito. Não olho mais pro médico com aquele olhar, porque ele tem a liberdade de entrar e sair e fazer o que ele quer, e eu não, e tenho que segurar a bronca pra ele quando alguém perguntar. Entendeu? Acho que acaba assim, doutora. A chegada de novas pessoas diferentes, que vieram pra somar, mas, assim... são pessoas que cada um, porque cada um tem um... um gênio. (DIAMANTE, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 68 – Grupo de Relaxamento – 2003**

Crédito: Mário Silva

O autoritarismo e a cultura senhorial fazem com que haja predomínio do espaço privado sobre o público. Os espaços públicos vão se caracterizando por espaços de controle e opressão. O processo de mudanças na gestão da unidade (que caracterizo como processo de privatização) é descrito como transformação para uma conformação opressiva nas relações de poder:

**Diamante** – Aí chegou a nova gerente na nossa vida, que foi o desastre da nossa vida, quando ela chegou em cara de anjo nós já esperávamos, porque as meninas que têm contato nas outras unidades falaram mesmo que os gerentes da UNIFESP iam pegar pesado com a gente, e um mês depois da chegada dela começou o nosso inferno, a questão psicológica, trabalhar sob pressão, tudo que falar... você não pode dar sua opinião porque ali você fica taxado, se você encarar de frente e falar o que você acha pra ela ali você ficou taxado e já era. Se você pisar fora da linha, ela te queima. Se ela não te queima ela tem os enviados dela pra ficar vigiando você 24 horas. Assim, agora depois de um ano se passado a gente até aprendeu a se acostumar com ela. Não vou falar dos outros, eu vou falar de mim, eu me acostumei a trabalhar com ela, do jeito dela, mas mesmo assim quando ela fala alguma coisa, quando a gente ouve o toc-toc do salto dela, a gente já fica em choque, porque se você... se é pra você tá ali e você tá aqui, ela já pergunta o que você tá fazendo aí, que você não tem mais liberdade de... (DIAMANTE, 2009, entrevista).

As leis são percebidas como inócuas e injustas porque há

dificuldade para lutar contra formas de opressão social e econômicas: para os grandes, a lei é um privilégio; para as camadas populares, repressão [...] a tarefa da lei é a conservação dos privilégios e o exercício da repressão. Por esse motivo, as leis são vistas como inócuas, inúteis, ou incompreensíveis, feitas para serem transgredidas e não para serem transformadas. [...] conflitos e contradições são considerados sinônimos de perigo, crise, desordem, e a eles se oferece uma única resposta: repressão policial para as classes populares. [...] A sociedade auto-organizada é vista como perigosa para o Estado e para o funcionamento “racional” do mercado. [...] os *mass media* monopolizam a informação, e o consenso é confundido com a unanimidade, de sorte que a discordância é posta como atraso ou ignorância. (CHAUÍ, 2001, p. 15).

O Estado é visto como “salvador” e percebe a sociedade “como inimiga e perigosa, bloqueando as iniciativas dos movimentos populares”. (CHAUÍ, 2001, p. 15).

Na unidade estudada, há por parte dos entrevistados a percepção de que a participação popular na construção e implantação do PSF deve ser apagada da memória coletiva:

**Nova Flor** – É como se hoje essa história tivesse sido esquecida, tivesse lá atrás, não faz parte nem do prédio e nem da nova história. É novo século. É como se tivesse ficado lá atrás. Eu falo assim, esses últimos dias não só a mim, mas várias pessoas teve a oportunidade de ouvir: “Essa unidade ela é capenga, ela só tem corpo, não tem braço, não tem pernas, mas a gente vai colocando, braço, perna, nariz, cabeça...”, e foi falado o seguinte: “Não, ela foi montada com braço, perna, cabeça e olhos, com todos os órgãos, internos e externos. A única coisa que acontece é que hoje tem pessoas que têm um outro olhar, têm um outro olhar porque não conheceu anteriormente”. Então, assim... isso é uma coisa que magoa, machuca, deixa a gente triste... [E é uma história tão bonita pra ser valorizada, a impressão que dá é que é uma tentativa de apagar a história.] Talvez é porque esse depois quer marcar uma história diferente. Só que essa história que tá sendo diferente tá sendo marcada pela pressão, não pela continuidade do que foi implantado no PSF, Programa Saúde da Família. E da família, que família? Em primeiro lugar nossa, que somos nós funcionários. E somos vistos numa posição de quê? De último lugar. Agentes de saúde, subordinados. PSF ...os cursos que nós fazemos, aqui foi falado, é falado pela nossa direção de equipe: “Isso não é pra ser feito... Pra que que vocês fazem isso? Tem que falar que não é pra fazer”. [...] Aqui já é diferente. Hoje nós temos uma estrutura ótima, maravilhosa. Mas nós não temos o básico. Respeito, informação circulando e o ouvir, não temos. Quando a gente pensa lá atrás, da luta, é uma força a mais pra gente. Porque a gente sabe que a gente vai conseguir, nos dá força até. A gente pensar que amanhã vai ser diferente. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

Atividades fora do espaço de controle da empresa e de desenvolvimento de autonomia e criatividade comunitária devem ser evitadas, fator de desmotivação para ações coletivas ou de participação comunitária. Grupos que não obedecem ao formato preestabelecido pela gerência não têm espaço de exercício:

**Estados Unidos** – Eu sinceramente... eu não trabalho hoje com o amor que eu trabalhava antes, eu faço a minha função, mas não com amor, não com... sabe?... os

pormenores. Antes eu montava grupo na comunidade, eu montei grupo na comunidade, eu chamei aqueles grupinhos de chá da tarde e era gostoso... eu fazia numa garagem ali, pegava uma garagem do próprio paciente, a gente se reunia e ia conversar e eu ia falar com relação ao lixo e com relação à dengue, todas essas coisas ali de uma forma gostosa... de uma forma bem participativa. E até fazia, até leituras de escritura, fazia até aquela coisa de buscar a autoestima do paciente. A gente programava de repente fazer um penteado no cabelo do paciente pra que aquilo ...ele se enxergasse melhor, que ele tivesse o desejo de seguir o caminho de cuidar de si, de cuidar de sua saúde, então até isso eu programava e eu fiz com o paciente, mas foi tão assim... aquela coisa de: “Ah, você não pode fazer isso, ah, e hoje não pode fazer aquilo outro!”, eu acabei tirando, hoje não faço mais. Eu não faço mais porque eles colocaram como uma coisa: “Ah, você está trabalhando... você está saindo do teu trabalho, você tá deixando de fazer a tua função”, então você tá fazendo uma função paralela, então isso não pode. Quem que fala? A gerência! São as pessoas que têm um poder a mais do que... é a gerência, então ela traz tudo pra gente aquilo que a gente não pode fazer... (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

Por sua vez, a configuração do mundo neoliberal faz com que a economia dite as regras sociais, o desemprego estrutural se consolide e a terceirização seja o modelo prioritário de organização das ações do Estado, excluindo, na visão de Chauí,

a ideia de um vínculo necessário entre justiça social e igualdade socioeconômica, desobrigando o Estado de lidar com o problema da exclusão. [...] O Estado não precisa enfrentar o perigoso problema da distribuição de renda e resolve sua dificuldade com a privatização dos direitos sociais, transformados em serviços sociais regidos pela lógica do mercado (CHAUÍ, 2001, p. 33).

O mercado é visto como lugar de expressão da liberdade individual, a igualdade acaba se definindo como igualdade de oportunidades e a justiça social como merecimento nos ganhos ou perdas de acordo com regras mercantis, no dizer de Chauí.

Constatamos no dia a dia uma

avassaladora tendência à mercantilização de direitos e prerrogativas conquistadas pelas classes populares ao longo de mais de um século de luta, convertidos agora em “bens” ou “serviços” adquiríveis no mercado. A saúde, a educação e a seguridade social, por exemplo, deixaram de ser componentes inalienáveis dos direitos de cidadão e se transformaram em simples mercadorias intercambiáveis entre “fornecedores” e compradores à margem de toda estipulação política. (BORON, 1999, p. 9).

Está claro que para que isso vigorasse foi construída uma guerra ideológica, no dizer da escritora indiana Arundat Roy, “o pior tipo de guerra. Uma guerra que captura os sonhos e ressonha todos. Uma guerra que nos fez adorar nossos conquistadores e desprezar a nós próprios” (ROY, 1998, p. 62). Investindo recursos multimilionários e alta tecnologia para fabricar um consenso, hoje se sataniza o Estado e se exaltam as virtudes do mercado (BORON, 1999, p. 10). Produziu-se uma “lavagem cerebral duradoura” (BORON, 1999) que

permite a aplicação das políticas regidas pelo capital e ordenadas pelos capitalistas e se implanta a ideia de que não há outra alternativa, apregoando inclusive o final da história.

A empresa traz ao imaginário sobre o trabalho a confusão entre o que tem um sentido de “organização científica” (as aspas são para salientar, como no dizer de Simone Weil (1979), que é “impossível chamar de científico um sistema desses, a não ser que os homens não sejam homens e se dê à ciência o papel degradante de instrumento de pressão”) e o “humano”, que não teria relação com um sentido de competência. Desqualifica o trabalho humanizado, caracterizando-o como pouco profissional, colocando-o em segundo plano e desvalorizando as questões subjetivas relacionadas ao vínculo com a população. Imprime o “impessoal” como referência de profissionalismo. Assim como se apregoa a neutralidade na ciência, escamoteando intenções e o jogo político que movimenta toda criação humana, inclusive a científica, em nome de uma pseudoimparcialidade, que seria o referencial do “justo”, constrói-se no modelo neoliberal um processo de desumanização do cuidado:

**Diamante** – [...] tudo bem que lá é o serviço, mas lá você tem pessoas, você precisa conversar, encontra um, diz um oi, aí já vai contar uma história, pergunta do filho... Não! Não pode! Não é nem pra você dar a mão pro paciente porque lá você é profissional, você não é amiga de ninguém. É isso que ela diz pra gente: “Vocês são profissional, vocês não são amigos de ninguém, então vocês têm que trabalhar aqui, não têm que ficar ‘conversando’”, bem no jeito das palavras dela, que ela muda totalmente as palavras, né? Mas é isso que ela quer dizer... (DIAMANTE, 2009, entrevista).

**Liberdade** – Que ela logo no começo que ela entrou essa nova gerente, ela falou que não queria, assim... intimidade com o paciente... vínculo, assim, sabe? Tipo, de intimidade, cê chegar, abraçar, dar um beijo, não pode. Ela não quis, não era pra acontecer isso. [Ela explicou por quê?] Não, o que ela falou é que isso não é conduta. Não quer esse tipo de intimidade. E assim: a gente trabalha com o público, né, com a comunidade, geralmente a gente acaba pegando afeto, não é? Acaba pegando, aí chega um, cumprimenta, abraça a gente, dá um beijo. Eu acho que assim se torna mais fácil, porque você às vezes consegue perceber que um paciente não tá bem só de você olhar pra ele. Não aquele papel que a gente é obrigado a ficar escrevendo, entendeu? E isso era mais fácil, porque a gente sabe que tem que fazer relatório e tudo, mas ...quando a gente vai na casa do paciente, que ela não tá bem, a gente não escreve pra escutar ele falar... agora tem que fazer esse relatório, parece que cê não tá nem dando mais atenção pra ele. Aí ela disse que não queria. Eu não ligo não, porque eu dou assim mesmo [risos] [E por que cê dá?] Porque eu gosto!! Eu acho que é [que é importante pro meu trabalho]. Se eu não desse atenção, o meu trabalho vai se tornar um nada!, qualquer coisa, vai se tornar. “Só porque eu to trabalhando pra ganhar dinheiro?” Não! Eu fiquei aqui e nunca quis fazer outra coisa, quis ficar assim mesmo, ser agente de saúde... (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Brasil** – [...] não que eu tô tirando sarro da doença dele, não é nada disso. O paciente, ele já tem doença, se ele chegar aqui no posto, eu maltratar ele ou se eu encontrar ele no meio da rua: “Ah, eu não quero saber, ah, é problema seu”. Ele fala assim: “Sabe onde é esse lugar?”. Quando eu não sei, eu falo assim: “Eu não sei não, viu? Mas é por aqui” [risos], depois dá risada, “é por aqui, é perto daqui, não é longe não”. Então eu sempre fui assim, não consigo me modificar. Que nem... a gerente

não quer que a gente tenha muito vínculo com o paciente, assim, muito... sabe, assim? ...tem que tratar ele assim: “Ele, paciente, e eu sou funcionário da saúde”, então... mas eu não consigo, pra mim ele é meu amigo e eu tenho que tratar ele daquele jeito como a gente sempre foi do começo, que assim eu aprendi... que assim já as portas já tão fechadas pra mim, os portões [...] Entendeu? Imagina se eu maltratar? Aí que não vão querer que eu vá nem no portão... (BRASIL, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 69 – Grupo de bebês Shantalla – 2003**

Crédito: Mário Silva

**Dama-da-Noite** – Então, até hoje eu ainda falo algumas coisas que eu sinto, que eu penso... eu posso tá errada algumas vezes, mas a gente percebe que a gente é ouvida mas [...] não é muito considerada. Ah, eu acredito que [o que fez isso mudar] foi a estrutura. Porque da forma que foi estruturado antes, eu não sei se posso usar a palavra, amadora? De uma forma assim... não acho a palavra agora... [Diferente? Era diferente?] Era muito diferente. É incrível, é o mesmo trabalho, mas eu sinto que era diferente. [Se você chamasse ela de amadora antes, agora seria profissional?] Então! Não é amadora que eu queria usar. [Porque amadora tem um tom pejorativo...] Não é? Não é isso! Eu acho que era mais com o coração, era... mais humano, assim! Agora é mais burocrático, é mais político, sabe? Por isso que eu acho que se tornou muito frio. Que a política é fria em si, né? Alguma... vamos se dizer, igual agora: tudo é diretamente com o UNIFESP. A própria gerência tem a UNIFESP, tem um perfil. Então tem que ser de acordo com o que eles trazem de lá pra gente tá fazendo aqui. E, antes, muitos trabalhos a gente desenvolveu daqui pra tá indo pra lá. Então saía com o nosso jeitão. A nossa carinha, vamos dizer. E hoje não, você tem que adaptar da forma que tem que ser. Que nem o relatório mesmo. Eu vou dar o exemplo da minha área: [...] eu tinha assim ...um RX da minha área todo mês, de acordo como o meu trabalho, lá na agenda. Hoje não, eu tenho de acordo com o relatório. Então isso pra mim tá tão... que às vezes eu vejo que não tá em ordem, o relatório, sabe? Aí eu trago pra casa, coisa que não era pra tá trazendo, mais pra tá fazendo bonitinho [...] às vezes... eu extrapolo nas visitas o dia que tá mais livre. Eu não consigo fazer todos os relatórios, então eu tenho que trazer pra escrever, mas [...], eu continuo por dentro acompanhando cada família, na medida do possível. Mas assim eu não tô bem no meu trabalho porque, se eu não colocar no relatório, como que eu vou provar que eu tô fazendo o meu trabalho? Como? Então isso deixa a gente meio angustiada. [Antes também era UNIFESP?] Era, é, sempre foi UNIFESP. É então... por isso que eu falo antes a gente desenvolvia um trabalho aqui e era aceito lá, de uma certa forma. Agora não! Isso daqui tem que tá da forma que eles querem, a gente não pode desenvolver do nosso jeito. [Tem que seguir o que tá sendo determinado?] Sim. Eu tô falando menos... [balança a cabeça afirmativamente – chora] pra me proteger [silêncio]. Mas é difícil ficar quieto, né?

Eu fico procurando oportunidade de falar. Se der oportunidade eu falo. Mas... Tem que pensar, né? (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

Para Boron, as reformas econômicas impostas à América Latina recentemente são na realidade

contrarreformas, orientadas para aumentar a desigualdade econômica e social e para esvaziar de todo conteúdo as instituições democráticas [...] os dolorosos e cruéis processos de ajuste foram “naturalizados”, concebidos como resultados espontâneos e naturais de uma ordem econômica subjacente – misteriosa e anônima – onde, se existem ganhadores e perdedores, isso é devido a fatores “metassociais”, e não às iniquidades intrínsecas do capitalismo. [...] A operação ideológico-cultural fecha hermeticamente o círculo aberto pela ofensiva econômica e política do grande capital: não apenas se diz que a escravidão do trabalho assalariado não é assim, mas que é a “ordem natural” das coisas, como, além disso, é rejeitado como ilusórias fantasias todo discurso que se atreva a dizer que a sociedade pode se organizar de outra maneira” (BORON, 1999, p. 12).

Privatizam-se direitos, e

esta privatização selvagem exprimiou-se em algo muito mais profundo que a mera venda ou desmantelamento das empresas públicas: acabou por reconverter – em função da mais pura lógica mercantil – direitos tais como a educação, a saúde, a segurança social, a recriação e preservação do meio ambiente em bens ou “serviços” adquiríveis segundo as regras do mercado. Deste modo certos direitos elementares [...] transmutam-se na perversa alquimia do neoliberalismo, em apetecíveis mercadorias cuja provisão rende enormes benefícios aos capitalistas (BORON, 1999, p. 16).

O mercado não tem uma lógica includente, nem

um afã de potenciar a participação de todos. Pelo contrário, a competição, a segmentação e a seletividade são os traços que o definem [...] o mercado opera sobre a base da competição e da “sobrevivência dos mais aptos”, e não está em seus planos promover o acesso universal da população a todos os bens que são trocados em seu âmbito. (BORON, 1999, p. 23).

A lógica “do mercado é a de um jogo de soma zero: o lucro do capitalista é a insuficiência do salário. Portanto no mercado para que alguém ganhe, o outro tem que perder”. Não é compatível com um Estado democrático, não segue nenhuma lógica de justiça. “A justiça é uma distorção ‘extraeconômica’ que interfere no cálculo de custos e benefícios” (BORON, 1999, p. 25).

Para Boron (1999), já na década de 1970, no neoliberalismo com “a ‘privatização’ ou ‘mercantilização’ dos velhos direitos de cidadania” há uma

descidadanização de grandes setores sociais, vítimas do avassalador predomínio de critérios econômicos ou contáveis em esferas antes estruturadas em função de

categorias éticas, normativas ou pelo menos extramercantis. Direitos, demandas e necessidades anteriormente consideradas como assuntos públicos transformam-se, da noite para o dia, em questões individuais diante das quais os governos de inspiração neoliberal consideram que nada têm a fazer a não ser criar condições mais favoráveis para que seja o mercado o encarregado a lhes dar uma resposta [...] se antes a saúde ou a educação eram direitos consubstanciais à definição da cidadania, a colonização da política pela economia os transforma em outras tantas mercadorias que devem ser adquiridas no mercado, por aqueles que podem pagá-las! (BORON, 1999, p. 28).

Se a lógica do mercado impera, rapidamente temos cifras consideráveis para a saúde sendo transferidas do âmbito público para dentro do capital de empresas, visando lucros e não sendo destinadas para a consolidação do direito à saúde. Como apontou Boron em 1992, ao lado da indicação de PIB de vários países, numa lista em que se unifiquem as cifras de vendas de grandes transnacionais teríamos, para América Latina, o Brasil, com PIB de 360 bilhões de dólares, o México com 329 bilhões, a Argentina com 228 bilhões; depois começaria a aparecer uma série de “países muito estranhos”: General Motors, 132 bilhões; Exxon, 115 bilhões; Ford, 100 bilhões; Shell, 96 bilhões; Toyota, IBM, depois apareceria a Venezuela, com 61 bilhões, e no final a Bolívia, com apenas 5,3 bilhões de dólares de PIB (UNRISD<sup>21</sup> apud BORON, 1999, p. 21).

A nação, no dizer de Boron, acaba por ser relegada à categoria de um mercado, e por conseguinte “os homens e mulheres da democracia são despojados de sua dignidade de cidadãos e se tornam simples meios, ao serviço dos negócios das empresas”, reduzindo o significado de nossas vidas à “mera obtenção de uma taxa de lucro” (BORON, 1999, p. 51).

Para Werneck Vianna (2008), esta situação é agravada pelo esvaziamento da discussão sobre a questão social no meio acadêmico, o que acentua a “naturalização” do modelo de política social vigente. Uma das questões contidas em sua reflexão é como conciliar “a liberdade e a igualdade” ou, em outras palavras, a questão de como conciliar “a liberdade de mercado” com “a igualdade de direitos”. Para Werneck Viana, “a liberdade é, por definição, ‘desigualizadora’ no plano da vida real – se a liberdade não permite que desigualdades se concretizem, não é liberdade; pois o ideal de igualdade, para deixar de ser um ideal abstrato, requer freios ao exercício da liberdade” (VIANA, 2008, p. 69). Na mesma reflexão afirma que: “a igualdade não pode ser concebida apenas como igualdade natural ou abstrata. Opressões e injustiças denunciam desigualdades concretas que a igualdade natural não previne nem apaga” (VIANA, 2008, p. 69). A discussão está posta e as diferentes correntes afirmam ou questionam o modelo neoliberal.

---

<sup>21</sup> UNRISD. **Estados de desorden**: Los efectos sociales de la globalización, Ginebra, UNRID/ONU, 1995, p. 164.

Neste contexto, a “saúde como um direito de todos e dever do Estado”, os princípios do SUS de universalização, equidade, integralidade e controle social, que têm como pressuposto a construção de uma sociedade justa e democrática, encontram-se na contramão do neoliberalismo. Portanto, não é possível conciliar a privatização, a transformação da saúde em mercadoria, regida pelas “leis” do mercado, com os direitos garantidos pela Carta Magna. Para Laurell (1995), na visão neoliberal de EBS,

não se admite o conceito de direitos sociais, ou seja, o direito de ter acesso aos bens sociais pelo simples fato de ser membro da sociedade, e a obrigação desta última de garanti-los através do Estado. O ponto de vista neoliberal é, ao contrário, que ao gozo dos benefícios deve corresponder uma contrapartida, o desempenho de trabalho ou seu pagamento. [...] portanto, o neoliberalismo opõe-se radicalmente à universalidade, à igualdade e gratuidade dos serviços sociais. (LAURELL, 1995, p. 155).

Ainda para Laurell,

A condição política para o êxito desse projeto [neoliberal] é a derrota, ou pelo menos, o enfraquecimento das classes trabalhadoras e das suas organizações reivindicatórias e partidárias. Neste contexto, torna-se primordial destruir as instituições de bem-estar social, por constituírem uma das bases da ação coletiva e solidária que diminuem a força desagregadora da competição entre os indivíduos no mercado de trabalho. A essa necessidade política acrescenta-se o objetivo econômico de destruir as instituições públicas, para estender aos investimentos privados todas as atividades econômicas rentáveis. (LAURELL, 1995, p. 164).

Neste sentido, toda obra de iniciativa popular que considere o Estado como seu representante, o que na prática deixa a desejar, está sujeita a ser expropriada da população para ser entregue à exploração do mercado. É o que acontece nos locais onde o Estado está ausente e a população toma para si a luta pela construção de espaços e serviços públicos. Quando o Estado chega, é para tirar da população e “doar” para a iniciativa empresarial, ainda com a justificativa do “profissionalismo” do mercado, apregoado pelo ideário neoliberal, e da incompetência do coletivo, ou em última instância, do público. Para Laura Tavares Soares,

a ideologia neoliberal produziu um retrocesso histórico no que diz respeito à origem do bem-estar social, que sai da esfera do público e passa para o âmbito privado. Dessa forma, cabe às pessoas e às ‘comunidades’ encontrar suas próprias soluções para os problemas sociais. [desconstruindo fundamentos filosóficos de responsabilidade social], o que permite ‘acusar a vítima’ como única responsável por sua infelicidade e lhe pregar a ‘autoajuda’. [...] partindo do pressuposto de que os bens e serviços sociais são de ‘consumo privado’, tratar-se-ia de promover algum tipo de subsídio à demanda desses pobres para que possam adquirir esses bens e serviços no ‘mercado’[gerando um ciclo contínuo de financiamento do privado pelo público, onde o lucro permanece no privado e não volta à sociedade.] (SOARES, 2005, p. 58-59).

O princípio de universalidade do SUS passa a ser questionado, o que para Werneck Vianna (2008) se traduz na prática na “ideia de que política social é, por excelência, algum tipo de ação voltada para os excluídos (os pobres) e, por definição, focalizada”. Tal questionamento “não se resume a escolhas que governantes fazem diante dos recursos finitos e demandas infundáveis” (SOARES, 2008), mas também no campo de discussão teórico conceitual.

Muitos programas têm caráter transitório, não perdurando ao longo do tempo, e é estimulado que as ações focalizadas sejam realizadas por voluntários, como foi o início do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Segundo Soares,

apesar desses programas serem financiados por recursos públicos, o caráter público de suas ações não tem sido preservado, levando a uma espécie de privatização que pode ocorrer de diversas formas, como por exemplo no caráter discriminatório na escolha dos beneficiários. Os critérios de acesso nem sempre são publicamente definidos nem muito menos socialmente controlados. A forma de utilização dos recursos públicos tampouco é transparente. [...] Nesse modelo os critérios públicos são substituídos por critérios privados de organização e de acesso a bens e serviços sociais. (SOARES, 2008, p. 60).

A lógica do mercado atinge a organização dos serviços públicos e o “funcionário público” passa a ser “funcionário da empresa”, obedecendo a critérios éticos empresariais e não relacionados ao bem-estar social. Ainda para Soares (2008),

os “novos” trabalhadores do setor público já não possuem nenhum tipo de compromisso com a qualidade dos resultados de suas ações. Como eles próprios se sentem “desprotegidos”, não são capazes de brindar uma proteção aos que dependem de suas ações, muitas vezes cruciais para a própria sobrevivência, como é o caso da saúde. Como afirma Bourdieu (1998), àqueles que são “enviados à linha de frente, para desempenhar as funções ditas ‘sociais’ e suprir as insuficiências mais intoleráveis da lógica do mercado” não lhes são dados os meios para cumprir verdadeiramente sua missão (SOARES, 2008).

Com o argumento de que o Estado é ineficiente, corrupto e caro, desmontam-se ações adquiridas como direito pela população, para introduzir o mercado, sem atingir as reais causas dos problemas e desafios inerentes à realização desses serviços, apenas substituindo a “administração burocrática” pela “administração gerencial”. (SOARES, 2008, p. 65). E, no entanto, o Estado foi peça fundamental para “desregulamentar a economia, flexibilizar as relações de trabalho, e patrocinar as reformas consideradas ‘indispensáveis’ para o êxito do modelo neoliberal” (SOARES, 2008, p. 64).

Laurell (1995) assinala que

as quatro estratégias concretas de implantação da política social neoliberal são o corte dos gastos sociais, a privatização, a centralização dos gastos sociais públicos em programas seletivos contra a pobreza e a descentralização. A privatização é o elemento articulador dessas estratégias que têm o objetivo econômico de abrir todas as atividades econômicas rentáveis aos investimentos privados, com o intuito de ampliar os âmbitos de acumulação, e ao objetivo político-ideológico de remercantilizar o bem-estar social. Porém atingir tais objetivos sem sobressaltos políticos que ameacem o seu cumprimento impõe a necessidade de legitimar ideologicamente o processo de privatização e de gerar as mudanças estruturais necessárias. (LAURELL, 1995, p. 167).

A reestruturação dos modos de produção atinge frontalmente os trabalhadores de todo o mundo e o Brasil não poderia ficar de fora. Segundo Antunes,

quase um terço da força humana disponível para o trabalho, em escala global, ou se encontra exercendo trabalhos parciais, precários, temporários, ou já vivenciava a barbárie do desemprego. Mais de um bilhão de homens e mulheres padecem das vicissitudes do trabalho precarizado, instável, temporário, terceirizado, quase virtual, dos quais centenas de milhões têm seu cotidiano moldado pelo desemprego estrutural. Se contabilizados dados da Índia e da China, a conta se avoluma ainda mais. [...] Os serviços públicos como saúde, energia, educação, telecomunicações, previdência etc. também sofreram, como não poderia deixar de ser, significativo processo de reestruturação, subordinando-se à máxima da mercantilização, que vem afetando fortemente os trabalhadores do setor estatal e público. (ANTUNES, 1999, p. 13).

A Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo dá início a esse processo de privatização quando se propõe a parceria de entidades não governamentais para contratação de profissionais de saúde em várias frentes de atuação, a que dou destaque para o PSF. Gradativamente, o município foi substituindo a gestão pública dos serviços de saúde pela gestão privada, inclusive dos processos de trabalho. No PSF Recanto dos Humildes tivemos, por exemplo, três gerentes: a primeira (2002 a 2006) e a segunda (2006 a 2007) eram funcionárias públicas estatutárias concursadas; atualmente a gerente (desde 2007) da unidade é de total responsabilidade, seleção e controle de uma OSS.

Para Soares,

As OSS– definidas como entidades de direito privado que, por iniciativa do Poder Executivo, obtêm autorização legislativa para celebrar contrato de gestão com esse poder, e assim ter direito a “dotação orçamentária” – teriam autonomia financeira e administrativa, respeitadas as condições descritas em lei, por exemplo, constituição de seus conselhos de administração. Além dos recursos orçamentários, poderiam obter outros ingressos através da prestação de serviços, cobrança aos usuários, doações, legados, financiamentos, etc., constituindo uma série de mecanismos de autofinanciamento. Essa suposta “autonomia” financeira e administrativa pode implicar sua total subordinação a interesses privados locais, comprometidos ou não com a entidade que passa a denominar-se OS. O suposto controle social sobre ela dar-se-ia por meio do chamado Conselho de Administração, o qual, muito

provavelmente, ficaria comprometido com os interesses acima mencionados. (SOARES, 2003, p. 69).

No caso estudado, há a percepção por parte dos entrevistados de que o espaço para o controle social fica mais restrito com o desenvolvimento do controle da unidade pela OS:

**Nova Flor** – A população participou muito pouco, pelo que eu sei, e aquelas que participaram até hoje trabalha em benefício da melhoria aqui pela unidade, embora não é mais aceito, porque pela direção atual não é mais aceito. O porquê também eu não sei. [Não é mais aceita] a interação dessas pessoas aqui, porque, quando [havia outra gerente da prefeitura], sempre tinha reuniões junto com eles. Era bem participativo. Hoje não mais, o porquê eu também não sei. Eu acho que a postura mudou, eu acho que a pessoa não se sente assim tão à vontade de chegar... a população. Aquelas pessoas que participavam. Não do conselho gestor, mas as reuniões que aconteciam junto à população que tinha bem mais... tinha um vínculo maior. Eu creio que tinha um vínculo maior. Hoje não mais. [E o PSF perde com isso?] Sem dúvida, porque eu acho que a força do PSF é a população, é a comunidade. Sem eles, o PSF perde força, porque eles são a força maior, sem dúvida. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 70 – Vínculo do ACS com a comunidade – 2008**

Crédito: Juliana Cupinni

**São Mateus** – [...] tinha nosso medo, também tinha a questão das OSs, a gente não sabia se o PSF ia ser uma OS embutida ali, enrustida, a questão do controle social, do dinheiro que entra e a gente não sabe pra onde vai, então a gente também tinha esse medo. É um programa bom, mas como é que vai ser gerenciado a questão do dinheiro? E aí a coisa foi acontecendo, a gente também tinha pessoas lá da população, que a população confiava, então já era um passo, que cê tem sempre que tá de olho. Infelizmente o governo, ele sorri pra gente, mas às vezes já tá armando. Então cê tem que saber com quem que cê tá lidando. E a questão do PSF era nesse sentido... [...] Não [passou o medo de OS], a gente ainda tem medo. Por quê? Por que as OSS, o que eles justificam? Uma das justificativas é assim: os médicos não querem vir para a periferia, os médicos têm medo da periferia. Só que na verdade a gente vê que não é questão de medo, é questão de salário, é questão de trabalho, de formas de trabalho. Carga horária. É... distância, [...] tem tudo isso. [...] Então tem o médico que tem boa vontade, tem o médico que dá a vida realmente, a gente percebe que são realmente comprometidos, e tem aqueles que acaba se aproveitando da

situação, então cê tem que fazer o meio de campo, mas essa luta contra as OSS é porque o dinheiro entra tenha médico ou não tenha, o dinheiro entra mas a gente não sabe como é usado esse dinheiro, e a população continua... sem atendimento. Eles falam: “Ó, tá marcado aqui que tem três médicos”, mas cê vai só tem um, tem vez que não tem nenhum. O médico tá marcado pra um horário e cumpre outro e a gente não tem como gerenciar isso, os conselhos gestores, porque as OSS não prevê conselho gestor, então, se tiver um gerente que ele até concorda: “Ah, então vamo ter um conselho gestor aqui”, ele até pode fazer, mas não é, não existe uma lei que obrigue as OSS a ter conselho gestor. Já o Sistema Único de Saúde tem. A gente sempre questiona também se os governos não usam a lei do Sistema Único de Saúde pra ganhar o dinheiro, mas, assim... Conferência Municipal de Saúde, Conferência Estadual de Saúde, Conferência Federal lá em Brasília. Tem toda essa participação, então as pessoas votam o que querem, tem sindicato, usuários, trabalhadores. Mas aquilo na prática não acontece e a lei fala que tem que ter as conferências pra receber o dinheiro, então eles recebem o dinheiro mas não fazem. Então a gente pensa: “Então não adianta a gente participar das conferências porque eles não fazem”, mas outro caso a gente diria: “Bom, se a gente não participar, pra eles é melhor ainda”, a gente pensa: “Se a gente não participar, eles vão receber o dinheiro”, é, mas... [risos] então tem essa coisa, mas, de qualquer forma, o conselho, ele é usado, eles são indicados, são votados, tem toda... tem direito a voz, pá, não sei o que lá... só que na prática, ce vê, cê vai numa conferência, depois de 20 anos cê vai na mesma conferência, as mesmas coisas que estão se pedindo, tem coisa que a gente pede que já tá na lei, quer dizer: “Não, isso daí tem que tirar porque já tá na lei, é só fazer a lei...” [...] Então [é] importante esse controle social e a gente acredita que os conselhos, mesmo assim eles passando a perna, porque eles não fazem tudo que a gente quer ou o que a lei manda, mas pelo menos a gente se sente assim uma formiguinha, nós tamos lá cutucando, né? (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

Esta situação afeta diretamente a assistência prestada pelos trabalhadores de saúde:

**Dama-da-Noite** – As pessoas tão preocupadas com o sistema com... “Olha, eu tenho tantas vagas, é isso que você veio buscar? Não? Então, fala com fulano”... Então pode direcionar a pessoa, mas deixa de ouvir, às vezes. É, eu acho [que] tá se perdendo essa importância de ouvir a pessoa, o que realmente ela veio procurar na unidade... (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

A percepção das mudanças pelos funcionários é claramente identificável, apesar de não relacionarem nem o motivo, nem o processo, com a privatização, como demonstram em seus relatos. Não expressam uma compreensão mais ampla sobre as mudanças sentidas e na maioria das vezes atribuem o que vivenciam ao perfil de quem ocupa certos postos de mando. Conseguem perceber com certa nebulosidade a estrutura por trás das pessoas. É comum confundirem a empresa contratante (OSS) com a universidade a que ela esteve historicamente ligada<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> A SPDM tem início durante a formação da UNIFESP para gerir o hospital-escola que era neste período uma instituição privada e passaria a ser sem fins lucrativos. Com as mudanças advindas do neoliberalismo, a SPDM se desenvolveu como empresa e mais recentemente, após auditorias, teve que iniciar um processo de desvinculação ao nome da universidade. A UNIFESP por sua vez se inicia com a Escola Paulista de Medicina, instituição pública, e é encampada pelo governo federal, crescendo como universidade federal nos últimos 17 anos, hoje composta por 6 *campi*. Apesar de ser predominantemente de ensino público, também oferece cursos pagos, principalmente de especialização.

**Salmista** – Olha, [mudou a gerência] porque, na época, falaram que tinha que ter... que não era mais na prefeitura. Eu nunca entendi muito bem isso aí. Que a [outra gerente], como ela tava com a gente desde o começo, ela saiu e ficou a [outra]. Então não tinha que ser da prefeitura. Eu nunca tentei procurar entender muito isso assim a profundo, mas tinha que ser só da SPDM, a UNIFESP. Teria que ser, que em geral só a UNIFESP que tinha que contratar esses novos gerente ...e porque agora tinha que ser assim. Então... quando falou isso, eu falei: “Ai, caramba, então...”. Tudo bem, teve a dona [...] que era ótima, teve a [...], que eu também gostava muito da [...]. Mas aí a gente ficava... as meninas começavam a falar assim: “Nossa, é tudo loira, né? As novas gerentes é tudo loira”. “Ah é, a UNIFESP escolheu a dedo, escolheu só loirinha”. E a gente ficava brincando. Só que é legal porque eles querem uma coisa certa, da SPDM, da UNIFESP, e tal... mas eu não sei, eu sei lá ...eu fico assim... “Caramba, né, mas por quê?” Aí a gente vai pra reuniões, tem as agentes que fala: “Ah, a minha gerente é isso...” e a gente fica até bobo... (SALMISTA, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – Por que [mudou a gerência]? Porque a... disseram que a UNIFESP queria pessoas de confiança lá dentro. Queria pessoas da própria UNIFESP e não queria vínculo com a prefeitura. Como a [gerente] era da prefeitura, e [ela] sempre dizia pra nós que se ela tivesse que gerenciar como carrasca pra nós, que ela tivesse que impor uma determinada situação e que a gente não trabalhasse, que não pudesse ela enxergar o nosso trabalho como um trabalho de pessoas que tavam ali com o desejo de trabalhar e que tivesse tendo que trabalhar por imposição, que ela deixaria de ser gerente. E foi o que realmente aconteceu. A UNIFESP impôs, impôs situações, impôs coisas que ela falou que ela não iria cumprir, que ela não iria fazer, que ela... ela trabalhava conosco de uma forma diferente, ela trabalhava com amor. E foi aonde ela deixou o cargo e acabou entrando o pessoal da UNIFESP, que eles não queriam pessoas da prefeitura, que tivessem vínculo com a prefeitura. Eu bato sempre na mesma tecla, doutora, porque existe sempre aquela coisa [do] poder ter que falar mais alto. O dinheiro tem que falar mais alto. O humano fica sempre pra depois. Então eu enxergo isso. Que existe aquela coisa de... como que eu posso falar? [silêncio] de... ah!, eu não acho as palavras certas... de querer rolar dinheiro, do poder, de ter a ampliação, de... e não enxergar o lado humano. Tanto que [...] a UNIFESP tomou conta, é dividido sim com a prefeitura, mas existem coisas que não é feito... [...] Se existe um pensamento no bem-estar da comunidade, da população em si, muitas coisas, pequenas coisas, coisas que não deveria faltar, acaba faltando... Falta caneta, até coisas básicas, coisas mínimas pra nós trabalharmos. Falta muita coisa que não se leva em consideração, que não... não se preocupa. Se preocupam com números, a gente tem que dar a quantidade de visitas certa, de acamados, de hipertenso, de diabético... Tá certo! Não tô querendo dizer que tá errado, mas a cobrança é muito maior em cima disso e muito pouco se faz. Porque, se existisse aquela cobrança e daquela cobrança fosse pra existir melhoria, pra existir coisas pra ajudar a comunidade, eu faria com muita satisfação, mas na verdade é só pra se mostrar número. Só. [risos] (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Girassol** – Pra mim não é político, porque quando a [gerente] saiu não teve nada a ver, entendeu? Pra mim acho que é mais uma norma, porque, assim... você é gerente, mas não tem o vínculo com a UNIFESP, como no caso a contratante, né? É mais fácil, mais prático pra UNIFESP contratar um gerente que ele tenha totalmente o poder sobre o gerente do que colocar um da prefeitura, que ele tem parcialmente o poder sobre essa pessoa, ele não tem o poder totalmente igual, ele tem o poder total em cima da gerente que é a [atual] e no caso se a gerente vem metade da UNIFESP, metade da prefeitura, ela não tem todo aquele poder, entendeu? A gerente não vai atender todas as normas da empresa. Eu penso dessa forma. E aqui [...] a gerente sendo da UNIFESP ela é obrigada a criar normas da empresa, horário da empresa, rígido ali com a empresa. Já uma terceirizada pensando assim, como a [...] que era da prefeitura, não tem tanto a obrigação de estar assim, apesar de que segue, porque normas são normas, regras são regras, mas acho que o domínio em cima de nós funcionários é da própria gerência em si. E a cobrança também é maior quando a

gerência é deles, porque eles só cobram, porque dar mesmo que é bom... [risos] não dá... É isso! [Então ficou mais puxando] pra empresa porque é como se eu fosse da prefeitura e da UNIFESP, eu trabalho meio período para a UNIFESP e eu trabalho meio período para a prefeitura, mas não tô nem aí com a UNIFESP porque eu tenho a prefeitura. Eu vou obedecer a UNIFESP? Por que eu vou obedecer a UNIFESP? Não que a gerência faça isso, é lógico, não é como eu penso, né? Mas o domínio sobre a gente é maior tendo a gerente deles mesmo, próprio da casa, que não seja vinculado com ninguém. Eu penso que é isso. [...] tiraram uma ótima gerente também... mas eu penso que é isso... o domínio mesmo sobre o... (GIRASSOL, 2009, entrevista).

Alguns trabalhadores identificam as mudanças com características pessoais das gerentes. Embora não relacionem com o desenvolvimento da privatização, observam que houve no processo de mudança incremento de disputas e competição dos trabalhadores, fomentado pela atual gerência. Percebem um clima de desconfiança que vem de uma nova (para eles) forma de organização do trabalho. Que seria científica, taylorista?

**Liberdade** – aí hoje mudou em termos, né, doutora, porque acho que a parte de organização... que nem regras, toda empresa tem regras, e hoje nessa parte eu acho que é mais organizado, negócio de regras, porque o pessoal bem que abusava um pouquinho, né? Hoje não, com essa nova gerente aí eles não abusam muito, não. Mas eu digo assim, na parte de ser unido, não tinha esse negócio de fofquinha. Hoje tem mais isso. Acho que é mais por disputa, uma coisa assim, sabe? Eu tenho essa impressão. [O que faz aparecer essa disputa] acho que é quando a gerente fala: “É assim...” e a pessoa fica... quer mostrar que uma equipe é melhor do que a outra. Entendeu? Esquece que a gente tá ali pela comunidade... a gente tá ali pra trabalhar pra comunidade. As equipes acabam esquecendo isso, aí acho que acaba se tornando, tipo, que nem aquilo, vai apontar a falha do outro? Uma disputa? Aí acaba se tornando isso... [de fazer as pessoas ficarem disputando um com o outro], eu acho que é mais assim a eficiência dela [da gerente]... que ela quer mostrar que não pode ter falha, ela quer mostrar isso, tem que seguir certinho. Então antigamente eles era mais solto. Não tava nem aí, muitos ali entrava na hora que queria. Hoje em dia não, tem a regra, organização dos prontuários, organização de tudo, agora. Nessa parte eu acho que melhorou bem. Mas eu digo assim é do jeito que ela... cê não pode falhar. Aí acaba se tornando... se você falha, a outra equipe se acha melhor ...então eu acho que isso se torna uma competição, isso aí. [Antes não tinha, competição?] Não, antes não era assim. Ah, [antes] a [outra gerente] sentava e conversava. Ela conversava com a gente. Se você tivesse algum problema, nem que seja pessoal, ela te ajudava, ela tentava resolver. E essa daí acho que não tem muita conversa com isso. Cê tem que esquecer se você tem algum problema pessoal. Às vezes ela fala: “Ah, se tiver algum problema pode me falar”, mas ...o povo tem medo de falar. Então... antes a [outra gerente] conversava, ela tentava resolver, agora não é mais assim. Até a [outra gerente] também... ela sentava, conversava. (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Vitória-Régia** – [E desse tempo pra cá assim mudou muita coisa,] mudou muito, porque antes não tinha tanta cobrança da empresa que nós fomos contratados... Antes era a prefeitura com parceria, mas era maleável, que tinha outras administradoras, outras pessoas da prefeitura e não era tanta... que hoje a unidade não vê tanto disso. Só a empresa que tem respaldo, e isso dificultou muito, que é muita cobrança, e é isso. Dificulta? Dificulta o trabalho porque, com tanta cobrança, com tanto... não tem respaldo, dificulta tanto... pra gente realizar o nosso serviço, tanto como pra ganhos assim de... digamos... algum serviço mais bem legal sem ter esse tipo de cobrança. Eu acredito que ficou pior. Antes o trabalho era mais prazeroso... mas... Eu gosto do que eu faço, eu gosto muito, mas no início... eu não sei, não era tanta cobrança, era mais legal. Conseguia desenvolver tudo, era tudo

melhor. Tinha bastante grupos, não tinha aquele, aquele controle de horário. Os agentes de saúde que vêm da rua, um paciente para pra conversar, só que o agente tá ali com tanta cobrança... tanto de horário pra cumprir, que eles não têm nem... pra falar: “Olha, eu não posso falar com você porque no momento agora, se eu falar com você, se eu te dar essa orientação, vou chegar atrasada”. Eu acredito que [houve essas mudanças] seja prefeitura, as gestões, prefeito, de prefeitura que mudou, não sei. Ou [por]que tiraram também gerentes que eram da prefeitura, que tiraram daqui, aí veio gerente da própria outra empresa, então... acredito que seja isso. (VITÓRIA-RÉGIA, 2009, entrevista).

Para Joachim Hirsch, em reflexão de Antunes:

[...] uma revolução social em sentido profundo entrará em ação quando não somente o aparato político, como também as estruturas básicas da sociedade tiverem se transformado. E essas transformações formam a base de todo o processo. Isso se refere às formas de trabalho e da divisão do trabalho, à relação da sociedade com a natureza, às relações inter-sexos que alcançam a estrutura familiar (...fundamento da opressão feminina), ao âmbito da vida cotidiana e aos modelos dominantes de consumo, às normas válidas e valores. Isso é um processo mais difícil, muitas vezes doloroso, e sobretudo extraordinariamente longo e lento. Não pode se ordenar por decreto, nem ser imposto pelo poder estatal. Para tanto se requer uma organização social independente, que deve possibilitar aos seres humanos expressar e elaborar suas experiências, dissentir e consentir, formular objetos comuns, impor-se contra os aparatos dominantes, concretizar os objetivos comuns e outorgar-lhe vigência contra o Estado e o capital [que se mesclam e se confundem neste atual momento histórico]. (HIRSCH apud ANTUNES, 1999, p.164).

Daí falar em direito à qualidade no trabalho, condição muitas vezes impedida pelo modo de produção capitalista, minimizada por movimentos operários e atualmente negligenciada na “nova moda” do modelo neoliberal.

### **8.1.3. A centralidade do trabalho: o trabalhador social e a reestruturação do trabalho**

Para Lukács, o trabalho está no centro da humanização do homem (ANTUNES, 1999). Antunes afirma que “o trabalho [...] é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação dinâmica constitui-se na especificidade do ser social” (ANTUNES, 1999, p. 141). Em outras palavras, o trabalho é fator primordial para a organização do ser social. Além de questão para reflexão filosófica, podemos afirmar a partir do senso comum que é inegável a importância do papel do trabalho no mundo subdesenvolvido de exploração da força de trabalho. Não fosse apenas pelo número de horas dedicadas às tarefas do trabalho que se estendem para além do contrato trabalhista no mundo neoliberal, que exige constante aperfeiçoamento pessoal, sem investimento do capital para isso, há que se considerar também o aspecto cultural relacionado aos valores que cercam o

tema do trabalho. Como a sabedoria popular gosta de afirmar, o conceito de que “o trabalho enobrece o homem” ainda continua forte no imaginário de pessoas, inclusive das que estão constantemente sendo exploradas. Porém, um trabalho que não faça sentido para aquele que o realiza, além de não enobrecer ninguém, fere os princípios da dignidade humana. Ainda para Antunes,

dizer que uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um completo absurdo. [...] Se o trabalho se torna autodeterminado, autônomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do uso autônomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo. (ANTUNES, 1999, p. 143).



**FOTOGRAFIA 71 – Controle de peso das crianças – 2002**

Crédito: Mário Silva

Está claro, na discussão de Antunes, que isso só poderá ser atingido se houver possibilidades de escolha dentro do campo do trabalho, do contrário o trabalho se tornará desumano, alienado (no dizer marxista) e alienante.

Na saúde, num modelo neoliberal, como na fábrica, encontramos por parte do trabalhador a percepção da perda de controle e de criatividade em relação ao próprio trabalho por ele desenvolvido:

**Vitória** – Então há diferença. [Antes era] mais aberto, tinha-se mais abertura. Dava-se mais abertura pra criar. Hoje não, hoje cê tem que seguir as regras. Cê tem regras para se seguir. Às vezes [dá pra discutir as regras] sim, mas é difícil. Muito difícil, as regras elas já são impostas. Então, mesmo que você tenha ideias, fica difícil ... cê (VITÓRIA, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 72 – Grupo de crianças – 2002**

Crédito: Mário Silva

Para Navarro, “o direito de cada um de controlar seu próprio destino inclui o direito de controlar nosso trabalho, nossa educação, nossa saúde, e muitos outros direitos que não foram conseguidos nas democracias do mundo...” (NAVARRO, 1995, p. 121). Não controlar seu trabalho é, portanto, um dos componentes da desigualdade social.

Acompanhando as reformas neoliberais, o modo de produzir saúde é também modificado e passa a adquirir características fordistas e toyotistas. Na América Latina e no Brasil, não poderia deixar de ser, vivemos num misto de Idade Média com uma agroestrutura feudal escravista e modernidade de “*tempos modernos*” a “explorar a força de trabalho muscular dos trabalhadores, privando-os de qualquer iniciativa e mantendo-os enclausurados nas compartimentações estritas do taylorismo e do fordismo” (ANTUNES, 1999, p. 45). Há ainda a reestruturação produtiva onde alguns capitalistas percebem que, em vez de se limitar a exploração física dos trabalhadores, podem “multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, seu dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtudes da

inteligência” (ANTUNES, 1999, p. 45). De qualquer forma, impera, nos “tristes trópicos”, o abuso dos que detêm o poder em relação aos que produzem a sociedade.

Navarro (1995) salienta no contexto industrial a adoção do modelo japonês de organização empresarial, caracterizado pela terceirização e flexibilização, que requer o desmantelamento do movimento operário, atingido em geral com apoio dos governos onde se consolidou. O autor cita Tsuzukuken, do sindicalismo japonês, quando relata a relação com a autoridade, camuflada de parceria:

por detrás da cooperação gerencial/trabalhista, do conceito de equipe, do paternalismo, das reuniões matinais, e por detrás de cantar em conjunto a canção da companhia, oculta-se uma função totalitária, que fomenta o enfrentamento entre os trabalhadores estimulando-os a se espionarem uns aos outros e a se disciplinarem. As condições no local de trabalho não são de cooperação, mas de medo e terror. (TSUZUKUKEN apud NAVARRO, 1995, p. 99).



**FOTOGRAFIA 73 – Grupo de HAS – 2003**

Crédito: Mário Silva

Não há possibilidade de errar, uns vigiam os outros e a busca eterna pelo aperfeiçoamento torna-se uma neurose. Também nos serviços de saúde isso pode ser verificado, como pode se perceber nestes relatos:

**Estados Unidos** – [...] [O poder ficou] muito centralizado e existiu uma reunião que eu não esqueço até hoje, que foi se falado: “Olha: tudo o que vocês veem, o que vocês ouvirem, passa pra mim, sabe?, qualquer fofquinha, qualquer coisa que vocês ouvirem, passa pra mim”, e foi se instigado esse tipo de coisa lá dentro. Então as pessoas... ah, um cometeu um erro, o outro vai lá e cagueta. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Liberdade** – [...] é, acho que é mais ou menos assim. No começo era tudo bom, depois... não que é ruim, teve algumas coisas que melhorou... mas teve algumas coisas também que... acho que não precisava ser do jeito assim que ela [a gerente atual] coloca, sabe? [...] assim, vamos supor... tem que ser do jeito que ela quer,

assim, assim... Não é assim... eu acho que não tem que ser assim. Ela não conversa... não! Ela se mostra ser uma pessoa bem, assim... prestativa, que vai ajudar ...só que na hora que acontece uma certa coisa ela não mostra ser aquilo, então a pessoa se sente insegura de falar uma coisa com ela. Ninguém quer... eu não tenho coragem de falar assim com ela, eu acho que é assim... [E antes tinha segurança?] Tinha, antes tinha, hoje eu só tenho segurança com a minha enfermeira, pra falar as coisas, mais pelo tempo, né? Se tiver acontecendo alguma coisa, mais com a minha equipe, com a minha enfermeira. Da gerência, não... aí prefiro nem falar. (LIBERDADE, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – [A luta mais difícil é] essa de hoje. Porque lá existia respeito, união. Eu acredito que pelas pessoas que ali estava na direção, que valorizavam muito mais, não só o nosso trabalho, mas nós como pessoa, como ser humano que somos. Que nós hoje não podemos errar, não pode ter falha, ninguém pode ficar doente. Lá atrás não, lá atrás raramente alguém pegava um atestado, porque tava doente. Antes era mais humano. Hoje é... automático. Como um máquina. Hoje é com uma máquina, né? A gente tem que produzir, temos que produzir. E a partir do momento que não produzimos... [...] [o] que aconteceu? Foi preocupado a condição técnica, não em saúde, nem a saúde da família, que no qual tem problemas até hoje, nem na minha saúde... (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Pavão** – Que mais? Ah, nada que a gente faz tá bom, sabe? Muita coisa em cima das nossas costas. Tudo é agente de saúde, agente de saúde, isso aí cê vê que tem um monte de gente doente, afastado. Eu espero não chegar a esse ponto. É isso. (PAVÃO, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 74 – Visita domiciliar ACS**

Crédito: Mário Silva

O medo da autoridade atrapalha o desenvolvimento do sentido humano do trabalho, os trabalhadores se sentem constantemente ameaçados pela possibilidade da perda do seu posto de trabalho e isso incrementa a dificuldade da busca de espaços autônomos dentro da prestação do serviço:

**Lírios** – Ah, tem... muita diferença. Hoje... não vou dizer que a gente trabalha sobre pressão, porque a gente sabe que você trabalha numa empresa, e que precisa trabalhar. Mas a gente trabalha mais com medo, trabalha com cisma... a gente trabalha com cisma, a gente trabalha sempre preocupado. Porque cada hora você... qualquer coisa tá ...falando de advertência, de advertência, de advertência, então cê trabalha assim preocupado. Embora eu ache assim que quem trabalha com responsabilidade não precisa ter medo disso, não precisa ter cisma... mas a gente trabalha sempre com o pé atrás. (LÍRIOS, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – As equipes continuam as mesmas, mas equipes modificadas. Bom, entraram equipes novas, mas, assim... houve mudanças até... [...] Hoje não, hoje o enfermeiro já tem medo, então ele joga toda a bomba pra gerência, mas porque a própria gerência tirou o poder do enfermeiro, com cobranças, com ameaças: “Ah, porque isso tem que acontecer, porque se não acontecer vai se fazer isso, vai ser feito aquilo ...Ah! tem que dar advertência”, então o enfermeiro acabou tendo medo e ele não resolve as coisas. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

No caso estudado, os entrevistados apontam para o fato de terem desenvolvido qualidade na forma de trabalhar e construírem certa autonomia no desempenho das ações de saúde, o que ao longo da modificação advinda do processo de privatização foi transformado em um trabalho opressivo e burocratizado. Percebem a existência de antagonismos entre os interesses da empresa e os interesses relacionados ao cuidado, a humanização e a participação popular:

**Estados Unidos** – Existia assim um trabalho que era tão gostoso conosco que eu acho que se isso tivesse continuado não existiria funcionários doentes, os funcionários afastados, os funcionários com o desejo de não trabalhar. Que se você perguntar ali dentro se existe um funcionário com desejo de trabalhar com afinco, com humanidade... eles podem até algum te dizer, mas não é verdade... talvez até o que entrou hoje, mas os antigos, não, os antigos, não. Porque hoje nós não estamos trabalhando dessa forma, porque só é reclamação, é só insatisfação, o que existe é insatisfação. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Dama-da-Noite** – E aí eu faço, converso, dou atenção pro paciente, e tento memorizar o que é de importante pra anotar, que se eu ficar presa pra ficar lá escrevendo... o paciente também se sente mal. Que ele quer que você olhe pra ele, que você escute ele. Parece que você não tá ouvindo se você ficar presa no papel. Tem o espaço [pra discussão], mas nem sempre é aceito o que a gente sugere, da forma que a gente sugere. (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

**Brasil** – Até o dia de hoje é o mesmo jeito, só aumentou um pouquinho os papéis hoje, né? Aumentou a papelada, e a gente não tá com muito tempo também de dar muita atenção pro paciente. Tem paciente que conversa com a gente e a gente tá escrevendo, então muitas vezes o pessoal fala assim: “Olha, você não tá me dando atenção, tô te explicando isso e isso... cê entendeu o que eu falei?”, “Ah, não, começa de novo que eu tava escrevendo aqui”, “Não, então para de escrever e presta atenção no que eu estou dizendo”. Já tomei muitas broncas no meio da rua por isso, por causa do relatório [risos], que antigamente não tinha. O tempo passado era bem melhor porque a gente tinha mais ação e menos papéis, hoje tem muitos papéis e menos ação, eu acho, na minha opinião. (BRASIL, 2009, entrevista).

As mudanças de gerentes são vistas como causa para as transformações do processo de trabalho consideradas desencadeantes de sofrimento, assim como a perda de oportunidade de lidar com questões que são contingências da atividade exercida.

**Vitória** – Mas o que eu vejo de antes e de agora, a diferença, antes se via muito mais o funcionário. Como que eu posso tentar explicar? É... o funcionário ele era muito mais visto... que fossem os seus problemas pessoais ou não, ou que ele viesse adquirir dentro do serviço até por tá sobrecarregado no serviço, e tal. Já na nova gestão não, o que eu vejo, é menos visto o funcionário. Você vê o problema do paciente, mas se você tiver um problema, você não é visto como um paciente, é visto que você tem que resolver... que você tá aqui pra resolver o problema do paciente, o teu problema, indiferente se for psicológico ou não, tá te acarretando, não te sobrecarregar, estressante ou não ...é menos visto. Pro funcionário. Eu acho que [teve essa mudança] devido a muita mudança de gerenciamento, desde o alto até chegar aqui no posto. E por ter muito mais serviço a ser cobrado. Talvez também por ter aumentado o número de pacientes pra ser atendido dos habitantes, então muito mais pacientes. Então acaba sobrecarregando muito mais... [O que fez o pessoal mudar pra cá mesmo sendo escondido?] Eu acho que a liderança, eu não sei como explicar, que na verdade antes se tinha muito mais liderança, e tinha muito mais união, a palavra certa, entre os funcionários. Talvez porque [a outra gerente] ela tinha uma visão muito mais acessível em ter tempo de escutar todos os lados, seja o lado do funcionário, seja o lado do paciente, seja o lado do profissional, quisesse ser ele médico ou até a faxineira. Ela tinha um olhar como um todo. E procurava resolver, ajudar a resolver. Hoje é... talvez pelo número grande de funcionários, tenha se esquecido um pouco mais dos funcionários em si. [...] Hoje tá um pouco mais diferente, talvez por não ter tempo e por se estar realmente muito sobrecarregado, hoje, os funcionários muito mais sobrecarregado, muito mais cobrado. Hoje o que eu vejo é mais cobrança. Cada profissional tem que fazer o seu papel? Tem, mas é... todos são seres humanos, todos estão no mesmo papel, um dia fica doente, no outro dia não fica, seja família, seja filho, seja pai, seja mãe... só que hoje a questão é menos vista por esse lado, você vem pra trabalhar, você tem que ver o paciente. (VITÓRIA, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – E às vezes isso não tem e aí é que eu acho estranho e não sei explicar por que foi mudado de direção, essa é a terceira vez, de gerência, e eu não sei explicar o porquê, mas eu sinto que o poder aqui está na profissão das pessoas, nós, como agente de saúde, hoje somos pessoas que não podemos errar, não podemos ter falha alguma, nós temos que sempre acertar, porque se errar, em qualquer coisa, é advertência, é pressionado, isso é falado o tempo todo pra gente. E talvez por isso a gente se sente assim um pouco acuado... e aí a profissão em si fica... por mais que a gente goste, porque no meu caso eu adoro o que eu faço, gosto muito do que eu faço, gosto de ser agente de saúde, tenho orgulho do jalequinho azul, gosto muito. Eu espero que no futuro talvez isso possa vir a mudar. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

#### 8.1.4. O Ministério da Saúde adverte: trabalhar na saúde faz mal a saúde?

*Porque os capitais necessitam de trabalho vivo em seu processo de valorização do capital, o trabalho vivo é uma potência constituinte, sem o trabalho vivo não há criação de valor. Se o capitalismo pudesse, ele já teria eliminado o trabalho vivo. A classe trabalhadora atrapalha os capitais, ela faz greve, ela faz oposição. Enfim, ela tem as múltiplas formas de ação das quais se utiliza para dizer “não” à violência do trabalho assalariado. O capital não pode eliminar o trabalho vivo, mas ele pode tornar supérflua uma parte enorme de nossa classe trabalhadora.*  
(ANTUNES, 1999)

Segundo afirma Sato (2002, p. 1148), “a depender de forma como o processo de trabalho é organizado, o cotidiano no local de trabalho é configurado por contextos nos quais os modos de trabalhar, de se relacionar, de lidar com o tempo, com o espaço e como os equipamentos são sabidamente danosos a saúde”. Nos países da periferia do capital, a presença de formas arcaicas e modernas de trabalho implica em mudanças no diagnóstico e na causalidade de doenças relacionadas ao trabalho caracterizando o que Lacaz denomina “de um perfil híbrido, no qual os nexos de causalidade com o trabalho tornam-se mais complexos e onde nexos anteriormente não cogitados ou desvalorizados devem ser (re)colocados em pauta”. (LACAZ, 2000).

O campo de saúde do trabalhador, por emprestar conceitos da saúde coletiva, diferencia-se das tradicionais visões que relacionam saúde e trabalho (saúde ocupacional e medicina do trabalho) porque traz à discussão do processo saúde–doença no trabalho conceitos e fundamentos teóricos que permitem enxergá-lo dentro de um contexto sociopolítico. Tomando como referencial o materialismo histórico, considera o trabalho como categoria central na sociedade, sempre historicamente presente, realizado e distribuído de formas características em cada tempo histórico. A saúde do trabalhador “pensa” respostas para as questões do adoecimento e do sofrimento no trabalho, através da transformação do trabalho em um processo criativo, onde se desenvolvessem potencialidades humanas, onde as relações se dessem de maneira igualitária e cuja distribuição fosse equânime. Traz as relações de trabalho à pauta da discussão e incorpora a organização do trabalho (em última instância, como o capital organiza o trabalho, movido pelo exclusivo interesse de cada vez mais lucro) como ponto primordial para as reflexões. As condições de trabalho são dessa forma influenciadas pelas relações hierárquicas, relações de poder, controle, ritmo, jornada, turno, que por sua vez estão configuradas a partir das necessidades da produção, e não das necessidades de vida do trabalhador.

“Conciliar as exigências da fabricação com as aspirações dos homens é um problema que os capitalistas resolvem suprimindo um dos termos: como se esses homens não existissem”. (WEIL, 1997, p.114). Simone Weil (1997) descreve o taylorismo a partir dos primeiros estudos de Taylor em 1880. Segundo a autora, a preocupação de Taylor era aumentar a cadência dos operários e evitar perda de tempo no trabalho. Foi o primeiro a estudar os melhores processos para utilizar as máquinas existentes e os homens. Tinha por finalidade tirar dos trabalhadores a possibilidade de determinar por si o processo e o ritmo de trabalho e colocar nas mãos da direção. O laboratório era seu meio de pressão. Estudou os melhores procedimentos a empregar em qualquer trabalho, cronometrou os tempos necessários para operações muito variadas. Seu método consistia em criar vários chefes e dividir o trabalho entre eles. Além disso, pregava a vigilância dos operários, propunha despedir os que não queriam ou não podiam acompanhar a cadência, premiar quem produzisse mais em uma hora, eliminando os que não eram capazes de atingir esse máximo. Ficavam os mais fortes, sem provas de que havia homens fortes o suficiente para preencher o total de vagas. “Por um método de domesticação que não se dirige a nada do que é propriamente humano, doma-se o operário como se doma um cão, combinando chicote com pedaços de açúcar” (WEIL, 1997, p.125). A intensidade do trabalho pode variar:

enquanto não se está morto, ao fim de uma jornada de trabalho, do ponto de vista dos patrões é que se pode trabalhar mais. [...] A força transforma o homem em coisa porque o transforma em cadáver. Os contramestres egípcios tinham chicotes para levar os operários a produzirem. Taylor substituiu os chicotes pelos escritórios e pelos laboratórios com cobertura da ciência... gabava-se de suprimir a luta de classes, resolver todos os conflitos sociais e ter criado a harmonia social. [...]. Tira do operário a escolha de seu método e a inteligência de seu trabalho transferindo-a para a seção de planejamento e estudos [...] não procurava um método de racionalizar o trabalho, mas um meio de controle dos operários. (WEIL, 1997, p.119).

A mesma opressão do modelo fordista, guardadas as proporções e considerado o contexto histórico em que se dá, pode ser descrita também no grupo de trabalhadores de saúde da unidade estudada, como se percebe em seus relatos:

**Bem-te-vi** – Não é com chicote que você faz a pessoa trabalhar, é com carinho, com respeito, é isso que vai fazer as pessoas darem o melhor de si, cê não vai dar o melhor de si pra quem você não gosta, cê dá o melhor de si pra quem você gosta! isso eu nem preciso falar pra você que você sabe [risos], eu falo porque faz parte da reportagem. Não é exigindo que você trabalhe, não é cartão de ponto, não é... sabe... uma pessoa olhando lá o horário que você chega que faz você trabalhar. E o fato de você estar num local, o corpo presente, não significa que você está trabalhando. Precisa tá o corpo, a alma, o coração [risos] pra você trabalhar, e você só dá tudo isso se você gosta. Se você gosta, você passa por cima dos problemas, caminha. [Até certo limite, que se a pessoa adoecer...] Então... aí o corpo fala, a gente como

terapeuta comunitário dizendo que o corpo fala. A boca cala, o corpo fala, aí adoecem e nós temos muitos casos aqui. Eu... se eu tivesse que também pensar em alguma coisa pro Recanto hoje em dia, eu pensaria em “cuidando do cuidador” pra eles, mas uma coisa constante, sabe? Assim, quinzenal no mínimo, porque se não mais gente vai adoecer, e olha que nós estamos aqui. Sei não viu? Deve ter umas oito pessoas [trabalhadores do Recanto] aqui [no CAPS] que a gente tem acompanhado e outros que não vêm. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

Neste estudo, pode-se constatar a influência do modelo de produção taylorista-fordista nas atuais formas de organização do trabalho na saúde, que coincidem com as mudanças na gestão do PSF, antes menos intensamente dentro da lógica privada. Segundo Breilh,

em um contexto de trabalho polarizado, onde predomina a subordinação dos trabalhadores aos interesses dos empresários, tanto as taxas de rentabilidade dos proprietários como a qualidade de vida dos trabalhadores dependem do modo como se organiza a produção. Lamentavelmente o interesse privado e a tendência monopólica que condicionam as empresas determinam a presença de uma contradição muito grave para a saúde humana: as formas de organização do trabalho e os padrões de vida dos operários que mais alimentam a rentabilidade do capital são as que maior destruição produzem nos corpos, mentes e até condições genéticas dos trabalhadores e sua famílias, sem contar com todas as consequências negativas que os modelos monopólicos produzem na vida social fora do espaço produtivo. (BREILH, 1997, p. 85).

Os entrevistados caracterizam o espaço do trabalho de hoje como um lugar de desconfiança e perigo, onde uns vigiam os outros, onde são pressionados e ameaçados constantemente. Conseguem perceber aí fatores desencadeantes do processo de adoecimento:

**Estados Unidos** – Eles falam, e muitos, nossa! muitos mesmo. Fala que entra ali dentro... eu já ouvi depoimento de paciente falar: “Olha, eu entro ali dentro daquele posto, eu tenho até medo, parece que existe uma sombra ruim ali dentro”, eu já ouvi isso de paciente, eu posso até te apresentar quem falou isso: “Existe uma sombra ruim ali dentro, dá até um arrepio, uma coisa ruim que parece que existe um vazio, parece que tá faltando alguma coisa ali dentro, parece que tá um vazio e um vazio muito fundo”, sabe? Pacientes, não foi só um, foram vários pacientes que já vieram me falar isso. O que eu enxergo [como sombra]? Sabe, eu enxergo que lá dentro, hoje em dia as pessoas estão trabalhando com muita maldade, é um querendo caguetar o outro, é um: “Ah! que fulano não fez isso” e já vai ali, aquele procedimento saiu errado, já vai direto pra gerência. Não existe aquela coisa de se discutir ali e aquilo ali acabar, já vai direto pra alguém que tem o poder de ir lá e fazer alguma coisa [...]. Então fica todo mundo um olhando pro outro desconfiado, é isso que tem, eu só ouço: “Ah! não posso confiar em fulano”, “Aqui dentro não pode se confiar em falar nada”, então é uma... gerou uma desconfiança muito grande lá dentro das pessoas umas pras outras e isso torna o ambiente de trabalho muito sufocante, muito ruim, a gente não poder confiar um no outro de desabafar, de falar alguma coisa que tá errada, e antes não, antes se falava, antes se discutia, antes a gerente fazia reunião: “Olha: o que tá errado? Bota agora aqui pra se falar, se fala”. Hoje a gerente fala até isso, mas quem é doido de abrir a boca? Porque sabe que se abrir a boca já tem o... a gente já vai receber o que deve receber ...não lembro a palavra que pode falar, sabe? A gente já tem a punição ali, então quem vai abrir a boca? Ninguém. Fica assim todo mundo calado achando que tá lindo e maravilhoso, mas o medo da fala... Hoje as pessoas se calam mais, muito mais do que antes.

Antes não! E a gente tinha antes aquela coisa de chegar final de ano reunir todo mundo, praticamente todos os funcionários, e ir pra uma chácara, iam se divertir, iam conversar, espairar a mente. Hoje não! Hoje até se faz, mas ninguém vem. Nem querem mais alugar porque as pessoas não querem mais ir, porque tá existindo aquela inimizade, aquela coisa de dizer: “Pra quê? Confraternizar o quê? Não existe mais motivo pra se comemorar”. E são coisas que eu falo aqui, mas que eu não tenho como dar uma determinada explicação, só você vivendo ali dentro pra saber. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – [...] e assim nós somos chantageados praticamente o tempo todo: “Dependendo do que vocês falarem, vocês podem ser prejudicados de alguma forma”. Então... na maioria das vezes é trabalhar quieto, calado, fazer o nosso... que tem que fazer e pronto. Eu acho que [isso] já tá definitivo porque ...já se tem o quê? dois, três anos mais ou menos. É preocupante até. Porque ninguém consegue trabalhar dessa forma, aliás até consegue porque nós estamos conseguindo. Mas até quando? [...] Eu acho que a pressão não [vem do norteador], a pressão não. Porque eu acho que o norteador ele só esclarece as nossas dúvidas, e mostra que a gente fazer o que é certo e o que é errado. Porque o que está aí é... são eles, não é nada de palavra escrito. E nem tudo a gente sabe, na verdade. Mas aquilo que sabemos também a gente não pode confessar ou falar qualquer tipo de coisa. Porque é ameaçado e chantageado. Eu tenho medo de comentar determinadas coisas, não pelo meu trabalho, porque pelo meu trabalho eu encaro e enfrento qualquer situação. Pelo meu trabalho, por ser agente de saúde, eu vou, eu faço, o que tiver no meu possível eu vou, falo, faço... pra mim não tem problema, agora lidar com os profissionais técnicos é complicado, é complicado porque PSF, é como se não existisse, existisse talvez um PS. E aí a gente acaba ficando um pouco meio perdido, sem liberdade pra falar, sem liberdade na equipe. A única coisa que faz é aquele negócio automático. Sai, faz novamente e entrega na mão é como se nós não tivéssemos liberdade, não tem liberdade de expressão, nada. Eu acredito que [reverteria isso] se tivesse uma consciência junto à equipe técnica mesmo, não nós agentes de saúde, porque ninguém tem coragem de falar. Porque se um só fala a bomba sobra pr’aquele. Então eu acredito que, se todo mundo tivesse uma condição da mesma fala, não pra prejudicar ou até mesmo pressioná-los, mas pra que eles pudessem ter outro olhar. Porque diante do que nós estamos vivendo, se não tiver uma condição de escuta, de respeito, eu acredito que a situação vai piorar. É complicado. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Girassol** – Porque era assim: ela é uma pessoa que exige, ela quer as coisas certinho, mas é pelo jeito dela falar uma vez e pelo modo que ela se coloca com você, você não tem mesmo... você chega e você faz e você faz contente, você faz... Não porque você tá sendo pressionado: “Você tem que fazer. Você tem que fazer”. Você faz porque você se sente bem em fazer aquilo. Pelo modo que você coloca com você e não assim: “Se você não fizer: rua”, “Se você não fizer: advertência”. Não, ela falava: “Gente, eu quero assim, assim, assim, assado”. Quer dizer, nem todo mundo fazia corretamente, mas pelo menos essa parte que me tocava, eu me achava que eu fazia muito bem a minha parte, não sei os demais. Mas se você for perguntar acho que você vai ver que a opinião acho que a grande parte ainda é essa [...] Cê? não tinha aquela coisa: “Eu tenho que fazer isso hoje”, a meta, não! Você chegava, você atingia o que você tinha que atingir no tempo que você tinha que ter pra atingir aquela meta e sem cansaço, sem burocracia, sem passar mal, sem dor de cabeça, sem se estressar. Você se sentia muito bem, eu, pelo menos, falo dessa forma, tanto é que eu... vim ficar meia perturbada, faz uns seis, sete meses, que eu voltei da licença... Mas... (GIRASSOL, 2009, entrevista).

## Simone Weil aponta para o fato de que

Ford diz que é excelente ter operários que se deem bem, mas é preciso que eles não se deem bem demais, porque isso diminui o espírito de concorrência e de emulação

indispensável à produção. [...] Os operários da Ford não tinham o direito de falar. Não procuravam um trabalho variado, porque depois de um certo tempo de trabalho monótono, ficavam incapazes de fazer outra coisa. (WEIL, 1979, p. 124).

Pode-se, então, falar em um neofordismo na saúde?

Na unidade do estudo, várias foram as colocações em relação a não se ter espaço para falar:

**Dama-da-Noite** – E assim... eu ainda falei. Eu falei: Ai! O pior que eu sinto às vezes, eu quero falar mas eu vejo que não vai ser aceito, então... a gente guarda. [Não tem esse espaço pra falar] Porque a gente tem que se adequar [chora]. A gente começou errado, a gente tem hábitos errados. Então, na minha opinião, dava certo. Mas... então às vezes a gente se pega... estressada, só que o meu estresse é assim, eu guardo pra mim, eu não transmito. Às vezes em reunião eu falo, às vezes até me cutuca, mas eu sempre tenho que falar alguma coisa. Mas eu falo pensando no que eu vou falar porque eu sei que pode não ser aceito. Igual, eu dei uma ideia pra mudar o mural, simplesmente... “Não! Tá lá e vai ficar lá”. Que, assim, se a gente não tem acesso num determinado local, nada mais justo do que você ter acesso, o mural estar onde você tem mais acesso, que foi passado algumas informações e a maioria não sabia, não era um ou dois, a maioria dos agentes. Aí eu sugeri então mudar o local do mural que o agente não entra na cozinha mais, a gente se habituou a não entrar, porque é tão... pressionado a sair... E aí o mural tá lá e você às vezes nem lembra que tem mural na cozinha. E eu sugeri. Eu falei que podia tá pondo na sala de prontuário, vê um cantinho. “Não, é lá que vai ficar e você tem que ter o hábito de entrar lá e olhar, nem se for só pra olhar o mural” (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

**Conquista** – Foi um dia terrível, mas é porque é assim, às vezes eu sofro porque eu não falo, mas eu prefiro sofrer por não falar, entendeu? [não tem, eu não sinto espaço pra falar]. Não, doutora, as pessoas até me deixam falar, eu tenho livre-arbítrio pra falar o que eu quero, mas... e o que eu sinto. Mas só que nem sempre as pessoas interpretam da maneira que eu expressei, acho que por isso, por causa do meu jeitão, assim, entendeu? Então... eu prefiro não expressar muito ali o que eu sinto, o que eu penso. Mas em reuniões às vezes eu quero colocar uma opinião, aí eu também não falo, nem em reunião de equipe e muito menos geral. [...] É isso! Né?! Que depois que a gente sofre as consequências fortes. Sabe, eu sou totalmente contra tomar calmante, fluoxetina, essas coisas ...e tem bastante gente tomando esse tipo de medicamento. Então às vezes eu penso que é por isso também, que eu fico me segurando muito, sabe? Assim... eu acho que não sou uma pessoa depressiva, eu saio muito, viajo, eu passeio bastante, eu já dirijo por isso...desaparecer às vezes, entendeu? (CONQUISTA, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – Eu sempre tive medo de falar, já fui até ...foi me falado: “Você não é nada, você não é nada. Quem é você? Quem você pensa que você é?” Então, assim... no momento eu acabava me calando pelo meu trabalho, pelo medo de ser mandado embora. Eu tive problemas seríssimos. Hoje eu passo na psicóloga já há um ano. Tive que me afastar durante três meses, por causa desses transtornos aí. Eu acredito que talvez da minha parte tenha faltado um pouco de informação ou coragem de chegar e falar a respeito disso, eu guardei muito tempo muitas coisas. Ao mesmo tempo que foi bom pra mim esse trabalho, me deu bastante conhecimento, me mostrou uma outra condição de vida, tanto financeira quanto no conhecimento de pessoas, a forma de falar, o agir... a interação mesmo entre as pessoas... saber respeitar o diferente, pra mim foi muito bom. Mas existe esse lado que eu ainda também ainda não superei. Eu tô tentando, eu tento dia a dia superar. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

Ainda segundo Weil: “aqueles que, entre os militantes operários, permanecem submetidos à disciplina industrial não têm a possibilidade nem o gosto de analisar teoricamente a pressão que sofrem: precisam evadir-se” (WEIL, 1979, p.112). No momento de serem entrevistados, muitos trabalhadores da saúde consideraram que não conseguem espaço nem disposição para refletir sobre seu cotidiano e perceberam na entrevista uma possibilidade para essa reflexão e um espaço de valorização.

**Estados Unidos** – [...] como é que é contar a história do Recanto? Lembrar essas coisas, eu me emocionei com algumas coisas... É, eu acho que é maravilhoso... eu acho que é ... é um presente pra mim, foi um presente relembrar algumas coisas, coisas que eu não consegui passar, existem muitas coisas que a gente na hora a gente não consegue passar, do jeito que é, da forma que... mas, o que eu sei que pra mim foi um presente poder falar, poder passar alguma coisa, algum aprendizado. E eu espero que dê frutos, né? Só o que eu desejo que... uma frutinha saia daí, nem que seja uma mudança de ...é de trabalho mecânico pra uma visão mais humana, né? Eu espero que isso haja uma mudança, pra mim é a mudança maior eu acho que aí... que quando nós... quando fomos fazer o curso de técnico de agente de saúde foi só o que foi dito: é muito bonito o PSF lá descrito, mas a prática é outra, a visão é outra, então... e a gente aprendeu bastante com esse curso e se falava muito de humanização, humanização... mas quando a gente busca a humanização não existe nem na unidade que a gente trabalha, nem na unidade... [Tá bom ...quer falar mais alguma coisa?] [risos] (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Dama-da-Noite:** Agradecer! Querendo ou não é um desabafo, né? Uma oportunidade de falar o quanto é importante. (DAMA-DA-NOITE, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – Não deu pra falar direito porque eu tô nervosa. [Eu queria entender por que que você tá nervosa. Por falar isso, ou por que...?]. É que eu nunca tive essa oportunidade, né, de falar assim. Eu falo com os pacientes, eu não falo com a doutora, eu não dou entrevista... eu não tô... eu sei que eu sou importante... [Daqui a pouco eu tô pedindo autógrafo] [risos]. Eu sei que eu sou importante, mas... é diferente e eu só tenho agradecer, obrigada, doutora, e desculpa alguma coisa... (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

Como Simone Weil, quem passa pelo processo de desumanização através do trabalho tem melhor condição de descrever a situação, porque, segundo a autora, “os teóricos estavam, talvez, mal colocados para tratar desse assunto, por não terem estado pessoalmente no número de arruelas de uma fábrica” (WEIL, 1979, p.112).

**Nova Flor** – O trabalho tem que ser desenvolvido, as visitas tem que se fazer, tem que se fechar estatística tal dia, e é uma pressão que a gente não sabe como lidar. Eu acho que o humanismo aí tá faltando um pouquinho. Se colocar no lugar, tentar enxergar... Porque antes de eu ser agente de saúde, eu sou paciente, eu sou usuária dessa unidade, então eu sinto falta disso, dessa coisa de não olhar aí realmente pra nossa saúde, tanto psicológica quanto... o resto. [O que aconteceu no sistema que caminhou pra isso? [...] que sempre foi PSF...] O nome sempre foi [silêncio]. Eu acredito que mudança de profissionais, perfil de pessoas. A falta de cursos mesmo que pudesse dar um suporte... Porque é desgastante realmente... [cursos] pra todos os profissionais. Eu acredito que dentro da unidade teria que ter. Como que se fala? Não é... é um curso... é... educação continuada. Porque o pessoal eles imaginam o

quê? Eles estão trabalhando dentro de uma unidade que funciona talvez como um pronto-socorro, às vezes como um hospital, e não é assim. É PSF, Programa da Saúde da Família. Humanizar desde nós até os pacientes, precisa ter um cuidado, porque, se não houver esse cuidado, todo mundo fica doente. E aqui já aconteceram casos assim terríveis, coisas que eu acho que as pessoas não tão importando... Eu falo com os profissionais. E não só conosco, as agentes de saúde, mas com os demais, auxiliares, enfermeiros... Têm casos aqui que tem auxiliar afastada há um ano, praticamente. Então eu acredito que nessa parte teria que ter um suporte. [Suporte da instituição?] Eu creio que sim. Uma base pra se direcionar se realmente... profissional de saúde como um todo, não como um número. Que o trabalho é satisfatório, mas ele é satisfatório até ele não é pressionado, quando se é pressionado... ainda que tem amor, já pode [não] sair perfeito. E antes a gente trabalhava, tinha uma confiabilidade. Fala-se que o nosso trabalho é de confiabilidade, mas hoje é como se tivesse olhos e olhos em cima da gente, você tem que dar produção é por produção, não por qualidade, de saúde. [Hoje não tem mais essa confiança?] Não, não tem mais, e é o que é difícil. Acaba ficando difícil pra qualquer um. Eu acredito que [pra mudar precisava] as pessoas se colocar sempre no lugar do outro, respeitar a condição e a situação que o outro tá vivendo. Procurasse ajudar mais. Não ser um por si, cada um por si. [Mas como que faz isso?] [silêncio] Acho que dando uma oportunidade pra ouvir e falar. Escutar mais do que falar, eu acredito que, se a gente começar a observar e perceber isso, a gente consegue. Sem tá primeiro julgando. E pela direção que eu falo, da própria equipe, pelo fato dessa faculdade é nos colocado muito diminuído, então, assim... ali dentro da equipe tem que haver união, tem que ter uma troca, ninguém trabalha sozinho. Ninguém consegue trabalhar sozinho. As informações têm que circular e isso não acontece, na maioria das vezes tem proteção de ...na maioria das vezes as coisas acontecem... é como se você tem qualidade e você não tem, você fica num canto e você vem cá. Isso acaba sendo uma coisa um pouco chata, porque querendo ou não nós trabalhamos na mesma área, é a mesma coisa que fazemos, é por uma posição só. Qualidade de vida de quem? Nossa, do usuário, profissional e usuário. A gente trabalha, ganha pra isso, mas temos que ser beneficiados também com relação de respeito, entre nós profissionais. E eu acredito que falta muito isso, respeito. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

O vínculo com o trabalho (e também entre o cuidador e a população) pode ser ao mesmo tempo estimulante e aterrorizador, para o trabalhador de saúde. Ambas as condições vividas intensamente no cotidiano fazem com que os aspectos subjetivos da relação ajam como determinantes no processo saúde–doença. “O que é remédio pode ser também veneno”, como diz um ditado popular. Lacaz evidencia a reflexão de Dejours, segundo a qual

o trabalho prazeroso é aquele em que cabe ao trabalhador uma parte importante da concepção. Assim, a inventividade, a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, o emprego da inteligência é o que deve ser buscado, e é disso que fala De Masi (1999) quando estuda as principais experiências criativas de trabalho entre meados do século XIX e do século XX, tanto em empresas, como em instituições de pesquisa. (LACAZ, 2000, p. 152).

No entanto, estar submetido à alternância entre o “poder criativo autônomo” e “o poder só quando convém aos interesses da empresa”, sem que sequer haja discussão para entendimento de que motivos sustentam uma ou outra situação (o abandono total e a total tutela), pode tornar o dia a dia fonte de perturbações psicoafetivas e insegurança. Mesmo

reconhecendo que o trabalho pode ser causa de adoecimento, há a percepção de que o prazer encontrado na sua realização e o reconhecimento de seus resultados servem de apoio para superar os conflitos, como aponta este relato:

**Rosas Vermelhas** – Porque pra ser agente de saúde tem que gostar, que se não gostar, não consegue, não... porque mexe muito com a gente. Mexe com o sentimento, com o lado... Ah, acho que mexe com tudo! Se a pessoa não se segurar... porque cada casa é um caso. Cê vai, escuta uma coisa, escuta outra, escuta alegria, tristeza. A pessoa te conta um negócio mas não é pra gente contar pra ninguém, você fica ali: “O que é que eu vou fazer, o que eu não vou fazer?”. Acaba ficando na mão deles. [Dá pra ser agente mais alguns anos aí?] Ah, eu pretendo, viu? Eu pretendo ser bastante tempo ainda, ficar um tempão ainda. Não deu pra ficar doida ainda não, nem abalar nada ainda não [risos]. Não, não deu não! O que me ajuda [a não ficar doida]? Tem gente que fica, né? Fica. Tem gente que fica com miolos mole, deixa... que já tivemos, deixa eu ver... dois casos, dois casos com pessoa de psico mesmo, diz que tá ...vê coisas, alucinações, e pessoas que já passaram por motivo de doença, de dor no braço, coisaiada, mas aí... acho que o que me ajuda mesmo é saber que eu tenho meus filhos pra criar. Que me fortalece muito eles, que cada vez que eu... que eu já pensei de parar já. Mas aí eu vejo que têm eles pra mim cuidar, e também têm pessoas que fala assim: “Rosas Vermelhas, é legal o trabalho que você faz, cê se preocupa com a gente, faz isso e aquilo...”, então... e a gente procura sempre fazer o melhor, o melhor. A gente não agrada a todos, mas tem a maioria, a gente tenta agradar em alguma coisa, fazer uma coisa de útil pra eles. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

Sem a pretensão de analisar em profundidade, neste momento, a perspectiva que defende a saúde como mercadoria e seu acesso mediado pela empresa, podemos dizer que, mesmo para o senso comum, tão grandemente influenciado pelo ideário consumista, há grande dificuldade de relacionar o cuidado ao comércio, assim como o valor da vida, no processo do cuidado em saúde, a um valor quantificável. O que está claro é que há um conflito entre a qualidade do que se pode produzir em saúde e a quantidade do produto de um serviço de saúde, toda vez que se coloca em discussão a atenção à saúde. Mesmo quando colocamos a questão no âmbito da saúde coletiva, podemos relacionar necessidade de gastos, otimização de recursos e outros aspectos, mas a qualidade é sempre trazida como um objetivo a se alcançar. Um dos pontos importantes para nossa reflexão está no caminho que se pode percorrer para desenvolver o cuidado de saúde com qualidade. Para Lacaz, “é inadmissível falar em qualidade do produto sem tocar na qualidade dos ambientes e condições de trabalho, o que seria sobremaneira auxiliado pela democratização das relações sociais nos locais de trabalho” (LACAZ, 2000, p. 153). Portanto, as condições de trabalho dos trabalhadores de saúde também devem ser consideradas quando se pensa na qualidade da produção de saúde. Apesar de percebido pelos trabalhadores, estes apontam que o modelo proposto pela empresa que atualmente os gerencia parece não estar de acordo com esse argumento:

**Nova Flor** – Só que assim... eu passei um período na minha vida que eu tive que parar no psicólogo por causa disso, porque apesar de me inteirar bastante com o trabalho, eu sentia falta, e sinto falta até hoje, de uma ligação maior com as pessoas da minha própria equipe, eu sinto falta de alguma coisa, é como se eu tivesse trabalhando o tempo todo pra passar números, numa condição de trabalho que não tem uma interação, não tem uma união concreta digamos assim. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Estados Unidos** – Hoje eu... me desculpe, talvez eu seja muito crítica. E rígida nesse sentido, não diria a palavra rígida, que não é essa, mas não consegui achar a certa... eu vejo que isso tá sendo destruído na verdade, tá se construindo pessoas mecânicas, pessoas que têm que dar números, pessoas que têm que mostrar aquilo que tá fazendo e pessoas que tá tendo que mostrar aquilo que tá fazendo e que na verdade não tá conseguindo dar conta daquilo e tá existindo uma mentira. Está existindo uma mentira ali: “Ah, é números, é isso que a gente tem que mostrar, então vamos mostrar números e não qualidade”, e a qualidade de trabalho e a qualidade de vida das pessoas está... até a nossa própria saúde tá indo embora com isso. Tá existindo muita cobrança, em cima de coisas... que a gente já faz, mas que a cobrança tá sendo maior, você tem que provar, provar, ter prova daquilo, e a gente tá acabando ficando doente com isso. É muito papel, é muita coisa pra gente e tá se esquecendo de que a gente tá trabalhando com seres humanos. Nós estamos trabalhando com pessoas, com pessoas que querem muitas vezes uma atenção, que querem um carinho, não: “Ah! Eu sou obrigada a fazer um tanto de visita num dia”, quando que às vezes eu faço menos visita mas que eu faço com qualidade. Então isso não tá sendo visto. Eu acho que deixou de ter pessoas humanas, que trabalhe com humanidade, pessoas que trabalhem só porque tem que ser mostrado, tem que se apresentar coisas que às vezes não são verdadeiras, e aí deixou de existir pessoas humanas do nosso lado, pessoas que trabalham, que têm uma visão mais ampla das necessidades das pessoas. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – Acho que a situação é mais complicada aqui dentro já, eu falo geral mesmo. Às vezes até um “bom dia” a gente não dá mais. Quando se direciona um “bom dia” pra qualquer pessoa, não responde na maioria das vezes, o corre-corre é muito... é uma coisa que não se trabalha com qualidade de saúde, se trabalha com números e aí acaba ficando preocupante (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

Para Sato, há uma concepção da organização “que pensa as pessoas apenas como uma engrenagem ou, no máximo, quando se vê a dimensão humana da organização, busca-se prever e normatizar o comportamento das pessoas nas situações de trabalho, o que se sustenta em modelos simplistas de homem” (SATO, 2002, p. 1149).

Segundo Lacaz (2000),

pode-se afirmar que esta *nova* empresa incorpora exigências com relações contraditórias no que se refere à saúde, tais como: maior intensidade do ritmo, maior controle e conhecimento do trabalho; polivalência e criatividade; maior liberdade de ação, reconhecimento maior do trabalho e critérios rígidos de avaliação. (LACAZ, 2000, p. 155).

Como se pode trabalhar com maior ritmo e ser criativo ao mesmo tempo? Traçando um paralelo entre o que o autor coloca sobre a fábrica e nosso recorte em relação à empresa de saúde, percebe-se que o trabalhador também vê mudanças no que é exigido pela empresa,

que sabe que tem que responder, mas que nem sempre encontra um caminho que concilie o que ele pensa e o que está se exigindo dele:

**Girassol** – Bem, mudou, não vou falar que mudou pra pior, porque tudo tem o seu tempo, né? Tudo tem seu tempo de acontecer. Lógico que [ela] não ia ficar com a gente pro resto da vida também, né? Então... só que assim... as exigências tornaram-se igual eu falei, é aquilo, você chegar falando: “Eu quero isso aqui”. Pronto, eu tenho dez dias pra fazer isso aqui, aí ele chega: “Já fez? Por que você não fez?” “Tinha dez dias, não tenho? Então em dez dias eu tenho que te entregar isso”. Aí não: “É pra ontem, o que é de hoje é pra ontem”, entendeu? E você fica assim... As atribuições dos agentes de saúde aumentaram, de um certa forma aumentou e agora tá voltando assim ao ritmo que seria normal. Mas no início foi muita cobrança, muita cobrança mesmo. Então a gente acaba meio atordoado, meio sem saber o que eu posso fazer, o que eu faço primeiro, que eu entrego primeiro. Eu tô sendo cobrada por tudo, mas [do] que eu dou conta primeiro, que eu consigo primeiro. Não tinha nada mais fácil pra você falar, assim: “Isso é mais fácil”? Não! você tinha que fazer o todo de uma única vez, então essa cobrança da nossa parte foi muito... uma coisa que você não faz, você não é perfeita: “Você não faz, eu te mando embora”... então você tinha que fazer tudo de uma vez, ou fazer errado, ou fazer correndo e não fica bem feito, a pior coisa é você fazer uma coisa correndo e não ficar bem feito, você ter que refazer três, quatro vezes, então é melhor você fazer uma coisa bem feita em um tempo determinado do que você ter um monte de coisa pra um único tempo e você não dá conta de nada e quando dá é tudo errado, né? Você não consegue que não há nada. Você fazer dois, três coisa ao mesmo tempo. Então essa nossa cobrança que foi muito, foi muita cobrança em cima da gente, foi muita coisa e acabou... eu por minha parte acabei surtando. Foi de pouquinho, aí pronto, surtei de vez. (GIRASSOL, 2009, entrevista).

A atual configuração do processo de trabalho favorece situações de sofrimento que, segundo Lacaz,

expressam-se num quadro variado de queixas no qual prevalecem o mal-estar difuso, como dores de cabeça e nas costas, dificuldade de dormir e cansaço que não melhora com o descanso (*apud* Monteiro, 1995). [...] Os estudos realizados sobre as formas de *gestão participativa* no Brasil apontam para uma alienação maximizada na medida em que se exige além do trabalho, a afetividade e/ou até o inconsciente (*apud* Heloani, 1994). E, quando se trata da análise da participação dos trabalhadores *versus* poder, observa-se que ela é apenas consultiva e que o poder de decisão não pertence a eles, particularmente em questões cruciais como no caso de demissões, por exemplo (*apud* Monteiro, 1995). [...] Diante disso, um novo perfil patológico configura-se, o qual é caracterizado pela maior prevalência, na população trabalhadora, de agravos à saúde marcados pelas doenças crônicas, cujo nexos de causalidade com o trabalho não é mais evidente como ocorria com as doenças (e acidentes) classicamente a ele relacionadas, os chamados infortúnios do trabalho. Proliferam então as doenças cardiocirculatórias, gastroclicas, psicossomáticas, os cânceres, a morbidade músculo-esquelética expressa nas lesões por esforços repetitivos (LERs), às quais somam-se o desgaste mental e físico patológicos e mesmo as mortes por excesso de trabalho, além das doenças psicoafetivas e neurológicas ligadas ao estresse (*apud* Gorender, 1997). Seriam, então, tais agravos os indicadores mais apropriados, nos dias que correm, para expressar o grau em que as condições, ambientes e organização do trabalho realmente se enquadram nos padrões de qualidade do trabalho que incorporam os parâmetros aqui defendidos?” (LACAZ, 2000, p. 157).

Em várias entrevistas, a situação de sofrimento e agravos acima descritos é evidenciada como marcadamente presente na realidade do trabalhador de saúde da unidade estudada:

**Estados Unidos** – As coisas pequenas que são tão pequenas, que se levam em consideração, que se transformam em algo tão grande, coisa tão mínimas e essas coisa mínimas que poderiam acabar ali e trazer a nossa saúde, é que essas coisa mínimas é que tá pegando, é que tá levando nós a ficarmos doentes. Às vezes eu penso que é difícil [ter cura]. Às vezes eu penso que não tem, porque quando se forma uma ferida, por mais que cure, mas a cicatriz fica, a cicatriz acaba ficando. Eu, por exemplo, eu já tinha um certo tremorzinho, sabe? Que eu lembro que eu falava dele até no período do doutor, ele dizia assim pra mim: “Ah, isso aí é nada, isso passa, cê tem nervoso, isso passa...”. Hoje o meu tremor tá me fazendo eu sentir vergonha, às vezes eu fico em pé, assim, as pessoas falam: “Ah, cê tá tremendo”. Enquanto eu não percebo, beleza, mas quando as pessoas vêm pra mim: “Cê tá tremendo”, aquilo já me dá uma vontade de enfiar embaixo de uma terra, achar que eu não sirvo mais pra nada [está chorando] e isso eu sei que eu adquiri com o passar das situações, com o passar das coisas, com o querer e não conseguir, nossa!! É muito difícil... e hoje eu tremo bastante, tremo mesmo, então tô tentando, tenho tomado remédio, mas não tem adiantado... e tudo de sobrecarga. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

**Nova Flor** – Eu tive que surtar aqui dentro pra que eu pudesse ser acolhida. E não fui acolhida pela equipe, eu fui acolhida por outra equipe que me encaminhou. Sofri um preconceito imenso, fui chamada de louca várias vezes, pelas próprias pessoas da equipe, fiquei só três meses afastada, onde a profissional de saúde psiquiatra que me atendeu falou pra mim: “Você tem condições de voltar, erga a tua cabeça e você vai voltar, se você gosta do que você faz, se você acredita naquilo que um dia você ajudou a construir, você faz parte dessa história e você vai voltar”. E nesse um ano eu tô controlando isso, voltei... (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

**Lírios** – [E em relação ao enfarto] eu acho também que tem a ver com o serviço, sim. Porque é estressante trabalhar no PSF, é muito cansativo, muito estressante. [O que é mais estressante?] Ai, o que eu poderia dizer? Assim... a gente tenta, tenta, tenta... um pouco é a desorganização. Por mais que a gente queira, nem sempre a gente consegue manter tudo da forma que a gente pensa. Então, como nós somos equipe, é como uma família, então a gente tá tentando buscar isso. A gente tá tentando buscar isso. Então um pouquinho de cada um, ficaria mais fácil, eu acho que a desorganização, por mais que a gente queira, a gente não consegue manter tudo organizado. Eu acho que [eu sou] um pouco [perfeccionista] [risos], acho que um pouco, viu? [Eu] Gosto [de trabalhar aqui], me identifico muito. Às vezes eu penso em sair, mas... sei lá... penso muito, muito, muito, porque já tentei fazer besteira, duas vezes. Pedi pra ser mandada embora e... eu tenho certeza que se eu sair eu sinto falta. [O que a motiva a pensar em sair?] Ah! É quando a gente chega no limite. Sei lá, tem coisas que você não concorda na equipe, chega no seu limite, aí você fala... eu quero dizer, eu penso assim: vou sair, vou deixar o lugar pra uma outra pessoa começar, quem sabe muda alguma coisa, meu pensamento é sempre esse (LÍRIOS, 2009, entrevista).

O autoritarismo presente também nos locais de trabalho em saúde muitas vezes impede a construção de espaços para aproximação dos vários atores sociais que teriam papel importante na luta pela saúde do trabalhador. Lacaz evidencia esta questão na realidade brasileira:

Não por acaso, no Brasil, a possibilidade de organização dos trabalhadores nos locais de trabalho, que deveria ser um dos pilares da busca pela qualidade do trabalho, é uma realidade muito pouco encontrada, quando não considerada indesejável ou até ilegal, dada a histórica repulsa do patronato às manifestações de independência e autonomia das classes trabalhadoras (RODRIGUES apud LACAZ, 2000, p. 153).

Para se construir saúde no trabalho é necessário criar momentos de reflexão sobre como se dá no cotidiano o processo de trabalho. O primeiro passo para a reflexão é ter um espaço compartilhado para percepção de que o problema não é individual/pontual, mas coletivo. Sofrimentos coletivos podem ser beneficiados com intervenções pactuadas coletivamente. Lidar individualmente não é eficaz. Se não há manifestação, são descartados os indivíduos que, sob o olhar organizacional, não se adaptam às regras colocadas. Para Lacaz,

melhorar a qualidade das condições de saúde no trabalho [...], acarreta identificar os problemas em cada situação, com a participação efetiva dos sujeitos do processo de trabalho e replanejá-lo, o que envolve sempre um processo de negociação (Laurell & Noriega, 1989). Não há apenas um modo racional de fazer o trabalho, mas diversos. Diante disso, não cabe somente aos gestores o papel de pensar e replanejar. Devem estar envolvidos também os trabalhadores produtivos para, no limite, acabar com a separação, advinda da administração racional, entre o planejamento e a execução de qualquer trabalho (Laurell & Noriega, 1989; Sato, 1999). (LACAZ, 2000, p. 154).

A saúde e a qualidade do trabalho não podem ser negociados como mais um mero elemento da produção:

que se defenda a conquista de um (re)planejamento do trabalho em que a gestão participativa seja real, com verdadeiros canais coletivos de negociação capital-trabalho, visando à resolução dos conflitos/contradições de interesses e a superação de uma certa gestão participativa de caráter patronal, episódica e reversível, porque acompanhada da intensificação, da precariedade do trabalho e dos contratos e direitos trabalhistas (Antunes, 1995). (LACAZ, 2000, p. 161).

Sato nos ajuda a refletir sobre as condições históricas que atrapalham a criação de espaços mais democráticos de construção e negociação dentro dos ambientes de trabalho:

como é possível conceber o planejamento/replanejamento como processo negociado, com uma prática passível de efetivação nas empresas privadas no Brasil, uma vez que há fortes evidências de que a assimetria de poder nesses locais de trabalho é fator impeditivo para a democratização da fala? Ou, em outras palavras, como é possível conceber a negociação quando o local de trabalho é um espaço privado e, como tal, impede que argumentos sejam validados por critérios de justiça, veracidade e sinceridade e não pela coação? [...]. O próprio conceito de trabalho está fortemente impregnado pela nossa herança escravagista. [...] Séculos de trabalho

escravizado produziram um universo de padrões, valores, ideias, modos de ser e agir. (SATO, 2002, p. 1150).

No grupo estudado, é observada a necessidade de que se crie e estabeleçam espaços de reflexão sobre a saúde incluindo a sua própria:

**Vitória** – Tem [um jeito de ser diferente]. Eu acredito que trabalhando ambos os lados, seja funcionário, seja comunidade, dá pra se resgatar. Por que que eu revogo muito funcionário? Porque eu acho que o funcionário é pouco visto. Pouco visto de que lado? Deveria de ser colocado mais o trabalho, psicólogo pros funcionários, sim, porque a gente não tá lidando com um paciente, mas com a família toda. Uma família ela carrega dez, doze. Ter um tempo pros funcionários, ter conversa com os funcionários, uma reunião mais baseada sobre isso, sobre o que tá acontecendo em si ou não, dentro da comunidade ou dentro até do próprio serviço mesmo. Até onde nós conseguimos crescer, até onde não conseguimos crescer, até onde tá o problema da equipe, até onde não tá o problema da equipe, até onde dá pra ver como um problema geral, cada equipe do que tá passando tentar ver se esse problema tá ocasionando a todos. Então eu acredito que quando for feito esse trabalho com todos os funcionários vai dar pra se resgatar, sim. [Mas] Eu acho [isso] mais um sonho do que realidade. O que a gente vê de realidade, onde tenta-se fazer é mais pra parte dos ACSs, mas devido muito serviço, acaba às vezes brecando. Que até eles fazem o liantim, ou o “cuidando do cuidador”, que muitas vezes até nós acabamos cobrando outras áreas e acaba não dando tempo. E é aonde eu falo, é por causa do crescimento. Porque, se no período de oito horas você trabalha, você não tem o espaço pra fazer e acaba se vendo muito “Ah, não posso fechar tal estrutura”, “Não pode disponibilizar tal funcionário”, seja um de cada equipe pra tá fazendo, então você acaba se sobrecarregando. Você perde aquele tempo e eu acredito que acaba ficando, funcionário... cada vez mais estressante. (VITÓRIA, 2009, entrevista).

**Bem-te-vi** – [...] O cachorro que pode te atacar. Você pode ser maltratado na família, tem pessoa que não quer te receber e tudo isso mexe com o nosso emocional. Que nós não somos... nós não temos um botãozinho: agora você é só profissional [riso]... o tempo todo você é você. E é esse negócio de ir, entrar na casa, não saber como... encontra todos os tipos de doença. Isso tem um fator muito interessante emocional que alguém tem que ter... Ah! tem esses profissionais que têm essas categorias famosas, as pessoas são acompanhadas. Cadê os jogadores, por exemplo, são acompanhados por psicólogos, tratamento preventivo. E a gente, aliás toda a saúde, a gente cuida dos outros, mas ninguém cuida da gente. Quem cuida dos funcionários da saúde?... A gente fica aí levando porrada, e dizendo eu sou da saúde. A gente vê que as pessoas precisam. [...] mas eu acho que tem que investir mais... se quiser que o profissional que está na rua não tenha prazo de validade, tem que investir em prevenção das doenças mentais. Eu tenho... [uma pessoa que] tá irreconhecível... aquela moça que era trabalhadeira, agora, agora não tem mais ânimo pra nada, e olha que era uma boa profissional, muito pelo contrário, até enchia o saco da gente de tanto que queria lutar pelos direitos do seu paciente. [Tinha um trabalho com a doutora Isabel (psiquiatra) no começo?] Tinha, tinha, o pessoal daqui também foi um tempo, lembra? Que a [psicóloga] também ia pra fazer umas atividades... Mas... é a própria cultura do funcionário... parece que ele não se permite se cuidar. E vai deixando pra outro dia, vai... mas acho que tem que criar essa cultura, de grupos de trabalhos pra funcionários que trabalham na saúde. Noutro dia eu fui ao banco, tava assim, vi um bilhete... não sei se você já viu: “A cada uma hora esse funcionário vai fazer exercício durante dez minutos”. Então... quer dizer, o privado faz, por que que o público não faz? E quanto mais a gente cuidar dos funcionários... melhor resultado cê vai ter. O funcionário da saúde precisa é... se cuidar também! Todos, desde o menor ao maior. E que isso seja incentivado... inconscientemente a pessoa vai percebendo que aquilo não é tão importante... assim... você não pode ir porque tem pouca gente na farmácia ...cê não pode que cê

tá atendendo ali e ali, pré... então se tudo é mais importante, então pra que é que eu faço isso que não tem importância?!?! Então quando eu falo em criar a cultura é criar nesse sentido, mostrar a importância, mostrar pra pessoa: você precisa se cuidar. Como é que eu cuido do outro, se eu não cuido de mim? E é até contraditório. Eu vivo cuidando que eu tô morrendo... nós conhecemos pessoas da saúde que morreu por hipertensão... é lógico que a pessoa pode até morrer por hipertensão, mas por falta de cuidado? Por que não se cuidava? Porque não teve a cultura: eu cuido dos outros, mas eu preciso também me cuidar. (BEM-TE-VI, 2009, entrevista).

A dor que paralisa, bem diferente da raiva que mobiliza, pode gerar a doença crônica do abandono de si mesmo. Sem esperança de mudanças o trabalhador vê com desconforto qualquer proposta para minimizar seu sofrimento. Para Weil:

Os principais obstáculos estão nas almas. É difícil vencer o medo e o desprezo. Os operários, ou pelo menos muitos deles adquiriram, depois de mil feridas, uma amargura quase incurável que faz com que comecem a olhar como uma cilada tudo o que lhes vem de cima, sobretudo dos patrões; esta desconfiança sofrida, que tornaria estéril qualquer esforço para melhorar, não pode ser vencida sem paciência, sem perseverança. (WEIL, 1979, p.144).

A coisificação impregnada também no imaginário do trabalhador é representada pelo seu discurso quando se autorrefere como um produto que tem “prazo de validade”. Agora, qual é a indústria que o está produzindo? Em outras palavras, “quem” seria o responsável por transformar o trabalhador de saúde em mais um produto? Está claro que há muitas respostas a esta questão. Porém, antes de tentar encontrar todas as respostas, fica evidente que se faz necessária uma atitude imediata, para que (usando suas palavras) não se esgotem os “prazos de validade”. Como sugestão de Lacaz,

urge, portanto, um debate que tenha como foco a possibilidade de organização a partir dos locais de trabalho, de forma a possibilitar uma discussão das demandas de maneira democrática e igualitária, visando submeter as questões ligadas à competitividade/produção e qualidade do produto à qualidade do trabalho e à defesa da vida e da saúde no trabalho. (LACAZ, 2006, p. 139).

**CONSIDERAÇÕES longe do fim...**  
**“ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES MÁGICAS”**

**“COMEU FEIJÃO COM ARROZ COMO SE FOSSE UM PRÍNCIPE”**

**Situações apontadas como desafios ao movimento popular de saúde**

As necessidades básicas mobilizam para a organização da população, porém a conjuntura política e histórica também é facilitadora, motivadora ou castradora da manifestação popular:

**São Mateus** – [De início o pessoal não pensava na questão da saúde], não. Na realidade eu sempre vi uma luta muito grande na questão da educação. Então ia aparecendo a necessidade, o pessoal ia lutando. Uma outra coisa também é que os movimentos sociais teve sua alta e teve sua baixa também, não só a saúde; saúde, educação, sindicalismo, tudo. [...] na questão do golpe militar tinha um povo que era consciente e sabia e tinha um povo que não entendia nada... que achou que o golpe militar foi bom, os militares foram bons. Então, quer dizer, em 80, essa ascensão dos movimentos, não só o movimento popular, mas os movimentos sociais... eu acho que depois caiu isso e... isso de cair, as pessoas lutam menos, têm menos consciência, lutam menos. Então acho que também a gente enfrenta isso hoje muito mais, se você tem um povo consciente, organizado, se você consegue lutar, mesmo assim você tem as barreiras. Agora se você não tem um povo consciente que ele tá sendo explorado, que ele precisa lutar, aí você não consegue, então ficam grupos pequenos quando antes você tinha grupos maiores. Os grupos, os movimentos conseguiam se unir, um exemplo nas manifestações que a gente participa hoje, se vê que eles falam muito no passado, mas hoje no presente cê não tem gestos concretos, o que mais tem é o MST, né?! Mas os outros movimentos não têm aquele... é... militância realmente, aquele povo de base mesmo.

Há muitas circunstâncias que atrapalham o desenvolvimento e desencadeiam o enfraquecimento de movimentos populares. Algumas delas são traduzidas como cooptação, outras como comodidade, outras como medo:

**São Mateus** – E infelizmente uma outra coisa que aconteceu é que às vezes a pessoa acaba sendo cooptada e aí acaba: “Oh! cê é muito, vou te colocar aqui num cargo” e... a pessoa infelizmente, não são todos, toda regra há exceção, mas acaba mudando a cabeça. Dizem que a pessoa pensa conforme o pé pisa, então se a pessoa tá lá no barro fala: “Não! Vou querer que aqui tenha asfalto”. Mas se a pessoa pensa, tá numa caminha quente, num carrinho lá, ela fala: “Opa! Não quero perder esse carro nunca mais”, então a gente tem que tomar muito cuidado com isso, vigiar e orar, porque se não a gente acaba sendo cooptado. Isso movimentos se a gente não tiver sempre reunidos, conversando, um puxando a orelha do outro... é até interessante que no nosso movimento, no nosso grupo não tem essa coisa de um querer ser melhor do que o outro, a gente consegue se entender nas nossas diferenças. Mas tem grupos aí que é... E aí cê tem isso também, né? Se o próprio conselho não se entende, como é que cê vai... a gente aparentemente não tem essa... tem suas

diferenças, mas nada que atrapalhe o andar do movimento e às vezes tem isso também, não querer parecer ou querer, né?... (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

Há várias formas de manifestação de medo implicadas em participar de um movimento popular. Uma delas se encontra no medo do novo, na ansiedade pela estabilidade, que é quase um desejo de morte, porque a vida não é nada estável como a conhecemos. Não quero com isso afirmar que os abusos da injustiça social no Brasil representem a instabilidade esperada ao processo de desenvolvimento de uma comunidade, ao contrário, as situações de injustiça, marcadamente no Brasil, funcionam como grandes obstáculos, paralisantes de qualquer tentativa de mobilização:

**Tico-Tico** – [...] [Em relação à mobilização da comunidade] Ah... aí eu tenho uma reclamação, viu? Eu acho que... aquela coisa que acontece, né? Briga-se por uma coisa, quando consegue: “Agora eu não preciso mais correr atrás de nada”. Eu noto isso um pouco lá, no Recanto. [...] Mas é gozado que... não sei ...existe uma coisa na cabeça do nosso povo que só lembra de correr quando apertou demais, não tem jeito mesmo, não tem saída. Então aí a pessoa lembra e... (TICO-TICO, 2009, entrevista).

**Paulo Freire** – Olha, eu não sei se a gente fica muito dentro e aí corre o risco de não enxergar o que já avançou. Talvez quem venha de fora tenha mais essa percepção. Eu tenho dificuldade de enxergar os avanços. Avanços, quando eu digo, eu falo da questão da participação popular. Eu vejo assim, o conselho da comunidade eu acho que é lá um avanço, ainda tímido, mas é. Mas eu tenho uma ansiedade danada de ver as pessoas atuantes, brigando, brigando no bom sentido, lutando, exigindo para que a qualidade do ensino melhore, participando dos conselhos de escola que ainda têm muito pouca adesão popular. O conselho da unidade, que ele fosse um conselho maior e mais atuante mesmo. Eu vejo que tem pouca gente, ainda tem uns poucos que estão lá e que têm um grande potencial, mas é preciso que se acorde mais gente e que as pessoas tenham isso não por uma obrigação chata, mas por um desejo de melhora, de qualidade de vida. Um desejo de concretização da cidadania. A gente ainda tem aí, muito presente, pra nossa tristeza, a questão da violência... É uma coisa assim do arco da velha. E as pessoas que estão mais vulneráveis são as que estão mais fora desse processo de discussão, são as mais difíceis de despertar. Elas geralmente nem admitem que precisam do cuidado. Do cuidado da saúde. Geralmente elas só vão no PS quando elas têm uma necessidade urgente e aí você... eu me vejo assim: eu estou lá pra oferecer um atendimento, pra oferecer a possibilidade delas serem atendidas e eu fico meio com a pulga atrás da orelha quando a pessoa diz que tá tudo bem, que ela não precisa. E quando o entorno dela tá denunciando que ela sim está mais vulnerável, isso pra mim é muito preocupante. É ver que em algumas coisas a gente avançou e noutras a gente está ainda tão... tão pra trás... (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

As transições de governo também atrapalham o desenvolvimento do processo que desencadeia o fortalecimento dos movimentos populares:

**Paulo Freire** – [Houve uma mudança nessa característica do governo chamar as lideranças para discussão e decisões?] Houve. Houve, e eu acho que tá havendo um retrocesso da organização popular por causa disso. Não existe um investimento na figura da liderança. Isso não existe, tem meia dúzia pra responder por um mundo, que parece que é a política do enfraquecimento da liderança mesmo, não precisa de

liderança. E isso é muito desastroso. [Isso tem repercussão no PSF] Eu acho que a qualidade da organização de uma comunidade é fundamental pra avanço, qualquer avanço, né? A participação popular, eu acredito que é muito importante. Eu falo de participação popular é... de participação popular! Do povo! Em que o povo possa formular, pensar as suas necessidades, falar, discutir, e ver a necessidade sendo mudada! A realidade sendo mudada. Eu vejo aí umas articulações pra manter o que já tem, pra conformar; que é isso mesmo, que isso não passa disso. E isso me... isso nem me preocupa mais, isso já me calejou. E aí eu me vejo assim aquela... o espantinho, né? No meio dos outros... Puxa vida, eu penso assim... eu não me arrependo de pensar assim, mas parece que o meu pensamento é um pouco diferente dos demais. É muito mais fácil se conformar com o que já tem, é muito mais cômodo achar que esses problemas aí não têm nada a ver comigo não. É muito mais fácil achar que: “Ah, eu sozinha não vou resolver muito problema, não”. É o se consolar muito fácil. Eu não acho. É claro que às vezes isso me causa sofrimento e sofrimentos significativos, mas também isso me dá alento de pensar que eu não posso parar. Se eu perder essa ótica, se eu não olhar por isso, eu me desestimo. (PAULO FREIRE, 2009, entrevista).

**São Mateus** – [...] Então, isso que eu falo: depende do governo, depende do supervisor, do gerente, depende de tudo, se ele tiver realmente comprometimento com o povo, acho que até consegue alguma coisa, mas se ele tiver comprometimento com o governo, for indicado, por questão eleitoral, aí a gente ... a gente apanha muito, porque ... quer queira, quer não, ele vai defender o outro interesse, e tem os que, por exemplo como esse, que a gente não se entendia, e no fim seu certo. [...] Então esse radio peão, um vai avisando o outro, um avisando o outro e aí a população vai, então isso é interessante também, tem que mostrar que não é o conselho sozinho que faz a coisa, é o conselho junto com a população. O conselho tem um pouquinho mais voz, vamos dizer assim, é o que fala, mas é a população quem pede, não é o conselho sozinho não! [Hoje,] como a gente sempre tá próximo, conversa com um, conversa com outro, conversa nas reuniões. Antigamente a gente se reunia mais, se reunia mensalmente, trazia os problemas... hoje não, a gente se reúne se aparece um problema, a gente se reúne, faz ofício, fala na reunião: “Ó, na reunião cê fala isso, cê fala isso!”, pra não ficar um só, né?! ...antigamente tinha reunião mensal, já chegamos a chamar os políticos pra falar: “Oh! Explica pra gente o que tá acontecendo, como é que a gente pode...” (SÃO MATEUS, 2009, entrevista).

O movimento popular de saúde deveria estar a pleno vapor diante da atual situação de ameaça à saúde pública pelo avanço da organização neoliberal do modo de produção capitalista. No entanto, percebemos que a capacidade de mobilização para a questão vai sendo minada dentro do próprio construir em saúde. Os protagonistas do fazer em saúde, com possibilidade de crítica sobre este processo, emudecem, adoecem, e a população fica cada vez mais como presa fácil de uma mídia que defende o privado como única saída para uma assistência de qualidade em saúde. Em breve, conquistas tão caras à luta dos movimentos pelo SUS, como os conselhos com representação da população e a assistência gratuita, humanizada e universal, serão colocadas em xeque pelas instituições financeiras e transformadas em mais uma mercadoria, à mercê dos grandes “monstros engolidores e devoradores” do mercado, ao invés de serem tratadas como direito do cidadão.

## “ATRAVESSOU A RUA COM SEU PASSO TÍMIDO”

### Mobilização popular: como foi, como poderia ter sido a parceria com o PSF

A incompetência administrativa do poder público é apontada nas entrevistas como uma das causas da precarização da Saúde:

**Tico-Tico** [...] Mas agora tá tudo ruim, o hospital de Taipas tá caindo pelas tabelas, a UBS que a gente... As UBSs que a gente pediu não vieram. E o PSF do Recanto só não vai dar conta... porque aqui é Perus e Anhanguera. A população entre Perus e Anhanguera já estima-se em 140 mil pessoas. Nós estamos vendo construir ali na Vila Caiuba um PSF, então vamos ver quando que inaugura e esse também já vai diminuir um pouco o número de pessoas que vão procurar... [O que atrapalha de concretizar esses projetos todos?] De construir, de construção de melhoria da saúde? Falta de vergonha de... de... de... falta de vergonha, falta de capacidade da prefeitura. Não tem... Quantos, quantos bilhões foi reservado para a saúde nesse ano no município? Foi três bilhões? Três bilhões, não é? Então! Eles pegam esses três bilhões, jogam tudo na mão das organizações sociais e não cumprem, não fazem aquilo que é necessário. Então se chega aí... são equipamentos que faltam, contratar médicos e tudo. É isso que eu falo: é incapacidade de administrar da prefeitura. É por isso que existe isso... (TICO-TICO, 2009, entrevista).



FOTOGRAFIA 75 – SUS e Associação Nova Esperança

Crédito: Juliana Cupinni

O SUS poderia ser um ponto de apoio para alimentar os movimentos em busca de direitos e cidadania. Por estar muito próximo à população e ser campo de atuação de enfrentamentos ligados aos problemas de saúde, que de uma maneira mais ampla se ligam também à vida da população, é um local com grande potencial de reflexão. Porém, não vemos na prática este potencial muito bem aproveitado.

**Nova Flor** – [Devia ser diferente a falta de interesse das pessoas em participar?] Sem dúvida. [E o PSF poderia ajudar a mudar isso?] Tem ajudado, na verdade

porque tem alguns desses moradores que fazem parte de alguns movimentos também. Então já ajuda bastante. Só que tem alguns que não se interessam mesmo, que acha que é bobagem, acha que não vai resolver nada. Enquanto dois, três, cinco está ali, eles acham que está jogando tempo, é tempo perdido. Eles acham que: “Ah, é reunião, só vai lá ouvir, só...”, essas coisas. (NOVA FLOR, 2009, entrevista).

O PSF foi referido pelos participantes das entrevistas como parceiro da população em relação às lutas para melhorias de infraestrutura no bairro:

**Vitória-Régia** – A pavimentação foi os próprios moradores se reuniram e cobraram, é reivindicação deles mesmos, dos moradores. [O PSF ajudou?] Ajudou muito, porque o PSF mostrou; ninguém enxergava, o PSF veio pra mostrar e falar: “Ó: tem isso e isso... pra ter saúde tem que ter condições de moradia”, então o PSF ajudou, que ele mostrou, e aí os moradores da comunidade foram atrás. Mas com a ajuda do PSF, com certeza. (VITÓRIA-RÉGIA, 2009, entrevista).

**Beija-Flor** – [Essa segurança que se sente 'tando aqui, em poder andar pelas ruas sem medo da violência vem] Pela atividade que a gente implantou, né? Que eles tão acolhendo nós a partir do início que eles viram que a gente tá aqui é pra ajudar, a gente tá plantando uma sociedade melhor. Conseguimos muita coisa que nós também batalhamos bastante com eles, com a comunidade, com a associação dos bairros das comunidades, como implantação de esgoto, benfeitoria de pavimentação. É todo asfaltado hoje aqui, o que há três anos atrás era tudo esgoto aberto, era tudo terra, dificuldade que a gente tinha até pra fazer visita que não tinha pra onde passar. Hoje já nós temos uma pavimentação muito boa que a gente consegue ir pra qualquer lugar das nossas áreas. Então a gente conseguiu também com eles, batalharam junto com nós. Então nós temos muito apoio deles, a gente temos a conscientização desse pessoal da comunidade que a gente tá aqui é pra ajudar, não pra atrapalhar em nada. E eles nos ajudam, né? Eles também nos defendem, procuram tá mais próximos de nós. E não aquela visão de... de... tão consciente que nós tamos fazendo... (BEIJA-FLOR, 2009, entrevista).

[Essa parceria da comunidade com a unidade do PSF foi construída] com bastante contato com a população né, de corpo a corpo. A gente tá sempre na residência deles, procurando eles, trazendo eles pra nós, pra tá... né? Em grupos, a gente faz os grupos nas especialidade com hipertensos, diabéticos, gestantes. Então a gente conseguiu ter um vínculo aberto com eles. Também melhorou bastante a parceria que começou com o pessoal das equipes fazendo caminhadas com os diabéticos e hipertensos, então tá tendo bastante contato direto com o PSF. É o que melhorou mais o conceito com eles... (BEIJA-FLOR, 2009, entrevista).

**Diamante** – [De uma certa forma, o PSF ajuda a movimentar esse movimento da população?] Sim! [Ele devolve pra população o que a população tá trazendo pra ele?] Traz e devolve como forma de exercício de responsabilidade, se responsabilizarem por tudo que tá no bairro. Porque é nosso, o posto faz a parte dele, pega e depois devolve. Pegou o projeto de arborização e trouxe pro Recanto, devolvemos na mão dos moradores. Então essa árvore é sua pra plantar na sua calçada, pra enfeitar, é sua pra você cuidar, então o lixo é a mesma coisa. O posto [de coleta] tá lá. Lógico, é em frente ao posto [de saúde], mas não é a responsabilidade só do posto de manter ali limpo, de orientar. Isso é responsabilidade de cada um dos moradores de ter sua consciência. O posto pega a questão e devolve pra eles. É, tanto que a gente tá com outro projeto do lixo também. Agora nós tamos montando ainda o projeto de conscientização, que a gente pega o problema que é da comunidade, depois devolve pra própria comunidade resolver e achar o que é melhor de se fazer. (DIAMANTE, 2009, entrevista).

**Rosas Vermelhas** – [Da mesma forma que a população batalhou pelas coisas, o PSF ajuda, ele devolve isso pra população, apoiando a população nas suas lutas, nas

reivindicações, ou é uma coisa que tá se separando?] Não! O PSF procura ajudar, sim, procura, porque quando eles fala: “Ah, quero isso e aquilo”, a gente vai atrás ver. Até mesmo as escolas, quando querem palestras pra adolescente, alguma coisa, o PSF tá trabalhando junto com eles. Quando não pode ser o próprio posto, eles vão atrás, pegar pessoas que possa, ser capacitada pra poder trabalhar com a comunidade. Então, quanto a isso, acho que eles dois são parceria; acho, não, eu tenho certeza que é bem parceria os dois, o PSF e a população. Que a população acaba cobrando também, como tem os gestores [refere-se ao conselho gestor] ...então acaba tendo aquela cobrança: “Oh, tem que fazer isso e isso”, aí, onde o PSF tá errando, procura se consertar, aí o PSF também faz a mesma coisa com a população: “Cê foi representante da população, a população também tem que colaborar, isso e isso”, aí eles acabam entrando em acordo. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).



**FOTOGRAFIA 76 – Em defesa do SUS**

Crédito: Juliana Cupinni

Porém, o apoio vai até certo ponto, tem limites claros descritos como medo. Quando o espaço do trabalho é tomado pelo medo, também a parceria com a comunidade se fragiliza. A empresa passa a ter mais voz que a população a quem ela serve:

**Rosas Vermelhas** – [Se a população precisar fazer uma reivindicação, uma manifestação, precisar brigar assim com o governo, ela tem o apoio do PSF, ou cê acha que o pessoal vai ficar com medo de apoiar?] Ah, eu acho que sim... vai ficar com medo, dependendo do que for não vai entrar não, porque tudo tem uma politicagem atrás, né? Aí acaba as pessoas que tá lá dentro não querendo se envolver muito pra não perder seus empregos... eles podem ajudar, sim, mas integral mesmo, não, inteiramente, eu acho que não. Não sei não... [muda o tom de voz, parece triste com essa afirmação]

[Se fosse hoje que tivesse fazendo o mutirão e tal, o PSF, as equipes apoiariam o pessoal nessa luta?] Creio que sim. Nessa parte acho que apoiaria sim. Que ia ser um benefício, um crescimento. Tanto pro PSF como pra população. Que não adianta nada ter o PSF se não tiver a população junto com ela pra trabalhar. Que aí ia tomar conta de quem? Fazer a prevenção com quem? Por isso que um depende do outro [risos] nisso. Mas é bom... nós tivemos muitos casos bons aqui. (ROSAS VERMELHAS, 2009, entrevista).

**Írios** – [As reivindicações deles, o movimento da comunidade, o PSF faz uma parceria?] Olha: eu acredito que poderia ser melhor. A gente já tem, sei lá, uma boa parceria, eu posso dizer pelo pessoal da caminhada, que eles tão bem, né? A terapia comunitária é uma coisa que funciona também, o pessoal tem procurado, a gente tem onde encaminhar aquelas pessoas que estão angustiadas. Nós temos também a Alzira, que trabalha com artes ensinando bordado, essas coisas... o pessoal tem procurado, tem crescido. Então eu acredito que poderia ser mais, mas a comunidade tem procurado esse serviço, sim. [O que impede que essa parte se desenvolva?...] Ai, sei lá, viu? Eu acho assim que talvez mais abertura da gerente, sei lá, mais oportunidade, porque... pra gente, o que falta mesmo às vezes é tempo, a gente não tem tempo, a gente tem boas ideias, mas às vezes não tem como exercer, então fica difícil, porque é muita ocupação que a gente tem na unidade, então... às vezes você tem ideias boas, que nem: você até se programa dentro da equipe, um passeio com as pessoas da terceira idade, que fica muito sozinha na residência, a gente até se programa, mas às vezes você não consegue... fica na outra ocupação e não consegue sair disso, então eu acho que poderia batalhar mais sobre isso. (LÍRIOS, 2009, entrevista).

Há um grande potencial de colaborar para o exercício do fazer coletivo na comunidade através do PSF. Porém, para vencer obstáculos, na própria pressão para que o individualismo prevaleça, é necessário abraçar este objetivo como quem abraça “uma causa”, neste caso a causa da justiça social:

**Estados Unidos** – [E no aspecto coletivo?] Na comunidade?... Olha, o aspecto coletivo ainda tem que ter muitas mudanças. Eu acho que eles ainda não acordaram para o poder que têm, precisa a gente tá incentivando: “Olha, a gente pode brigar por isso e isso pode acontecer...”. Ainda não existe aquela coisa de acordarem pras coisas que podem... pras mudanças que podem acontecer. [O PSF poderia ajudar mais nisso?] Com certeza, eu acredito que sim. Eu acredito que o PSF ainda pode fazer muito mais, e tem coisas que... tende a ser acomodado, tá existindo comodismo no PSF. Eu sinto falta da doutora Argélia, sabe, no PSF [risos]. É verdade, eu não tô sendo irônica, nem um pouco. Porque a doutora Argélia era aquela que fazia os movimentos, que movimentava o pessoal: “Olha, vocês têm que mudar isso, tem que acontecer aquilo”. Sabe? Existe aí uma terapia comunitária, existe a caminhada que é graças à doutora Argélia, sabe? Isso eu digo com certeza, e as pessoas que participam, elas sabem disso, elas sabem o valor da doutora Argélia com relação a isto. É... [O que me deixa feliz é vocês terem abraçado, você, o Mário, a Alzira... que podia ter acabado, né? Doutora Argélia sai, o grupo acaba! E não acabou! Isso que é bonito, as pessoas que participam abraçaram também!] Mas a árvore que dá fruto, que dá bom fruto, aquele fruto sempre fica, não adianta! Você saiu, mas o fruto era tão bom que acabou ficando. Porque foi uma semente boa que você plantou, e não foi só isso, foi os cuidados com os pacientes que até hoje eles sentem falta disso, eles sentem muita... eu vejo eles me comunicarem isso, ontem mesmo o seu Carmino: “Poxa, uma médica como a doutora Argélia acho que não vai existir mais aqui dentro”, né? Isso faz falta. De pessoas assim que faz muita falta aqui dentro, que tem poucas que querem abraçar uma causa, que querem seguir em frente. Na primeira dificuldade fala: “Ah não, isso não vai dar certo” e não constrói. Que causa é essa [que a gente abraça]? Olha, doutora, eu acho que assim... a causa da necessidade, sabe? Eu acho que quando a gente vê uma necessidade ali... as coisas pegando, então a gente tem que abraçar pra conseguir fazer alguma coisa, porque se não... não consegue vencer, não consegue se fazer nada... [Isso poderia ser diferente, fazer algo mais pela comunidade?...] Acho, acho! Eu acho que nós como comunidade, atendendo a comunidade... existe aqui um espaço, tem aqui um espaço que poderia ser construído pra ajudar pessoas... que as pessoas pudessem fazer trabalhos, que pudesse ser em benefício da própria comunidade. Por exemplo, que lá tivesse um local onde fosse feito fraldas e tivessem pessoas que trabalhassem nisso e

pudessem ajudar outras pessoas, que tivessem um centro ali onde aquela pessoa que tá... que a gente enxergasse o caso de violência, de estupro... a gente corresse ali, falasse: “Olha, isso tá acontecendo assim, assim, assado...” E que houvesse uma solução, mesmo que não fosse de imediato, mas que aquele caso a gente soubesse: “Nossa! Ali tá em boas mãos! Vai ser abraçado e vai ser resolvido”. Isso não tem. Eu acho que a instituição é lenta, a instituição acaba nem pensando, nem querendo se envolver. E a comunidade acha, por sua vez, que não tem uma forma de luta, não tem como. A gente passa: “Olha, vai lá, luta, briga por isso, por aquilo”, “Ah... mas não dá”, “Ah, mas eu acho empecilho”, “Ah, mas as pessoas não querem me ajudar”. [Mas se houvesse uma parceria maior da instituição com a comunidade poderia ir mais longe nessas lutas?] Com certeza, eu penso. Eu acho que teria mais força, eu acho que... Eu sei que a população tá muito acomodada, eu sei que as pessoas querem tudo nas mãos... não todos, mas algumas sim. Mas eu acho que se a gente pudesse fazer algo mais, eu acho que a coisa melhoraria. Movimentaria mais e eu acho que esse desejo também é de poucos agentes comunitários, não são todos também que querem abraçar uma causa, não são todos que pensam, que desejam uma mudança... sabe? Existe aqueles que: “Faço o meu trabalho, faço a minha função, ah, eu entro na casa... e isso pra mim é o que conta”, não tem aquele desejo de mais. [Que não vê isso como uma coisa da saúde?] É!! Como se não fosse [com ele], como se: “Ah, as drogas tá aí, mas a gente vai se envolver com drogas pra quê? Pra que a gente vai montar um projeto pensando em drogas? Eles nem veem?”. Então já existe aquela visão negativa das coisas, antes de começar, antes de montar um projeto, já existe aquela visão negativa. Mesmo da instituição... Eu acredito que se houver empenho sai do papel, acontecem, entra no papel e sai dele pra concretização. Mas não sei... e quando as coisas não acontecem a gente acaba caindo na descrença, a gente acaba perdendo o espírito de luta. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

A presença das lutas populares por condições mais dignas de vida flutuam, como sementes aladas esperando cair em solo fértil, ao sabor do movimento dos ventos e tempestades que a história nos coloca, seja de maneira óbvia e previsível, seja de maneira totalmente inesperada. O conjunto de situações que propicia a mudança se apresenta como oportunidade real para seguir adiante tentando, num país como o nosso, o quase impossível desejo de transformação, de justiça social...

**Estados Unidos** – Olha, doutora, eu falo assim e volto atrás... a gente continua sempre com aquela sementinha, que quando ela é regada, rapidinho desenvolve, então precisa de uma aguinha ali pra regar. Perder totalmente... acho que quando a gente tem, quando a gente adquire, a gente não perde. Fica só adormecida, só adormece. (ESTADOS UNIDOS, 2009, entrevista).

### “SENTOU PRA DESCANSAR COMO SE FOSSE UM PÁSSARO”

Ao final desta dissertação, gostaria de refletir em torno de alguns pontos que nos foram apresentados durante o processo de pesquisa:

O que a pesquisa-ação traz de diferencial para a discussão da realidade local?

Como os movimentos populares se entrelaçam e se constituem em local relevante para o processo de ensino-aprendizagem?

A pedagogia da insurgência, forma não convencional de construir conhecimento, contra-hegemônica, aprendida em situações que se colocam como paradoxais, em que é exigida uma resposta às distorções impostas pela realidade social injusta, pode se apresentar como alternativa para uma educação libertadora?

A pesquisa ação permitiu à pesquisadora e a todos e todas as participantes do processo de construção deste trabalho, em algum momento e de formas diversas, refletirem sobre suas realidades e como são constituídas historicamente. Outra metodologia não caminharia tão delicada e precisamente em direção a estas reflexões.

Há um aprendizado não sistematizado, orgânico e vivo, no interior dos movimentos populares. Estes são espaços relevantes para o aprendizado de questões como cidadania, direito, dever, urgência, coletividade, entre outros. Longe de conceituar estes termos, o processo de ensino-aprendizagem os incorpora como fundamentos das ações constituídas. Assim se aprendem lições como a ideia de que estar submetido à mesma situação de necessidade pode nos aproximar, unir, motivar, movimentar. Enquanto houver a necessidade, haverá o movimento. Mesmo sem a possibilidade de enxergá-lo, não significa que esteja parado. Como os revolucionários de Chiapas consideram, é necessário momentos de refluxo para que o movimento se reabasteça de reflexão e energia, mesmo que isto se dê solitariamente.

Quem se movimenta são os seres que compõem o movimento, sujeitos às dinâmicas sociais, culturais, políticas, biológicas. Alcançar a precisão de um movimento, quando começa, quando termina, é quase como descrever em que momento o átomo descansou ou iniciou uma troca de cargas. Podemos pensar que o movimento existe desde sua intenção. É mais fácil, no entanto, apontar momentos em que os movimentos adquirem maior visibilidade, momentos em que nos apercebemos dos movimentos, que podem ser apercebidos de maneiras diferentes em diferentes contextos e por diferentes observadores. O termo “movimento popular” aqui, desta forma, refere-se a um processo muito antigo que vai desde a percepção de necessidades de um grupo e percorre o caminho até sanar e aperfeiçoar este vazio, com fluxos, refluxos e desdobramentos. Sendo o ser humano inacabado, no dizer de Freire, o movimento humano, e principalmente o movimento popular, provavelmente continuará como grande palco de construção histórica e do mundo, por “menor” que possa parecer. O resgate histórico – conhecer e reavivar a história – é uma ferramenta importante na valorização e motivação de continuidade no processo de busca contido no interior dos movimentos populares.

Quando desejamos compreender os movimentos populares e como se constituem, logo pensamos em como se organizam. No entanto, podemos propor um outro olhar... A concepção *rizomática* de construção de um trabalho coletivo manifesta vantagens em relação a seu alcance

e desdobramentos. Uma organização em pirâmide, em que um ou alguns têm o controle e as direções predeterminadas a serem seguidas, impede um desenvolvimento maior do potencial do grupo e atende muito mais às necessidades ou visões de necessidades de seus dirigentes do que às necessidades reais do próprio grupo. A forma *rizomática* exige uma composição baseada muito mais na cooperação, na reciprocidade e identificação, do que a forma *organizada em estratos*, com papéis muito claros, definidos e hierarquizados. O *rizoma* se entrelaça a outros e pode deste modo formar bases de sustentação mais fortes; a pirâmide, ou facilmente se abala, ou necessita de um arsenal militar que a proteja.

Quero chamar a atenção para alguns aspectos em relação ao significado das palavras composição e organização. A composição se desdobra em música, a organização em uma linha de montagem... para além da poética, critico aqui a maneira de construir relações humanas e de trabalho em “organizações” a serviço da economia e do capital, que nada têm a ver com as necessidades humanas essenciais ligadas à vida (bem-estar, alegria, abrigo, menos dor, convivência etc.). O consumo não é essencialmente uma necessidade humana, mas sim uma necessidade do mercado. O ser humano necessita utilizar-se das coisas produzidas, e não simplesmente consumi-las e descartá-las. O ser humano necessita manejar os bens, e não consumi-los pura e simplesmente. Assim como também os seres humanos necessitam viver, e não serem consumidos pelo sistema, fazendo da vida algo supérfluo, descartável, consumível pura e simplesmente. Consumir a vida, assim como consumir os seres humanos, os seres vivos e o próprio planeta, é decretar o fim da existência como a conhecemos. Sem negar que a vida e os próprios seres vivos possam ser compreendidos através de um *olhar pela organização*, mais abrangente é o *olhar pelo processo* em que constantemente se “organiza” e se “des-organiza”, ou seja, pelo “movimento” que “compõe” sua dinâmica no mundo, seu ritmo na existência.

A leitura *organizacional* tem retratos unidirecionais dos fluxos e refluxos, momentos *estanques* entre as relações, *organogramas*, *fluxogramas*. O *rizoma* é vivo, está em *movimento*, é ao mesmo tempo parte e todo, é *flexível* e *imprevisível*.

Pensar a dinâmica de um movimento popular como algo “organizado” (ou a ser organizado) é pensá-lo diminuído em seu potencial mobilizador e de realização. O movimento popular se compõe de maneira caótica, “*multi-trans-pluri-organizada*”, como tudo que está vivo, em pulsar, em ritmos, em andamentos, como música. Para sua construção é necessário flexibilidade, rearranjos, escuta contínua, possibilidades de vários caminhos. Cada um que o compõe traz sua contribuição para seu caminhar. O entrelaçar dos vários movimentos vai compondo a própria vida tão fácil de sentir e tão difícil de conceituar.

## REFERÊNCIAS

ANDAMENTO. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Andamento>>. Acesso em: 19 set. 2010.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANSARA, S. **Memória política, repressão e ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo de. **A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia**: uma etnografia do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC). Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ARROYO, Miguel. **A contribuição de Paulo Freire para a construção do projeto popular para o Brasil**. Ibirité, MG: Consulta Popular, 2000.

AS FONTES de Perus. Produção, Roteiro e edição: criação coletiva: Márcio José Moreno, Paula Moreno, Andréa Lúcia Torres Amorim, Sarah Soares, Rizzia, Janaina, Bin Laden, Marília Almeida, São Paulo: SACI Cinema e Vídeo, 2011. 1 DVD.

BEIJA-FLOR. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

BEM-TE-VI. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

BORON, Atilio A. Os “novos leviatãs” e a pólis democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.). **Neoliberalismo II**: Que Estado para que democracia. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **Casa de Escola**. Campinas: Papyrus, 1984.

BRASIL. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

BREILH, Jaime. **Nuevos conceptos y técnicas de investigación**: guía pedagógica para un taller de metodología. 3. ed. Quito: CEAS, 1997.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CHAVES, Marcelo Antonio. Da periferia ao centro da(o) capital: perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro do Brasil, 1925-1945. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; GERALDI, J. W. **Educação continuada: a política da descontinuidade. Educação e sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000300011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000300011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 9 set. 2010.

CONQUISTA. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

DAMA-DA-NOITE. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

DIAMANTE. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

DOWBOR, L. **O mosaico partido**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ESTADOS UNIDOS. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A.; MAZZA, D. **Fazer escola conhecendo a vida**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1990. (Coleção Krisis.)

GIRASSOL. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

IANNI, Octavio. **Estilos de pensamento: explicar, compreender, revelar**. Araraquara: UNESP/Araraquara; Cultura Acadêmica, 2003.

IANNI, Octavio. Variações sobre ciência e arte. *Tempo social*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004.

ISTÚRIZ, Oscar Feo. Reflexiones sobre la globalización y su impacto sobre la salud de los trabajadores y el ambiente. Conferência proferida na II Conferência Internacional sobre Saúde Ocupacional e Ambiental, Bahia, Brasil, jun. 2002. **Ciência e Saúde Coletiva**, 8 (4): 887-896. p. 887-896, São Paulo, 2003.

JESUS, M. C.; GONÇALVES, J. A.. **A máfia do cimento: desapropriação e autogestão na Perus**. São Paulo: Loyola, sem data especificada (quando o telefone tinha 7 números em São Paulo)

JESUS, Mario Carvalho de. **Cimento Perus**: 40 anos de ação sindical transformam velha fábrica em centro de cultura municipal. *JMJ*, 1992. (Coleção Cadernos para Mudar.)

JESUS, Mario Carvalho de. **Perus**: os “Queixadas” resistem às artimanhas do grupo Chohfi-Abdalla em Cajamar. São Paulo: Sindicato dos trabalhadores da indústria de cimento, cal e gesso de São Paulo; Frente Nacional do Trabalho; Serviço Nacional de Justiça e Não Violência; Advocacia Operária Carvalho de Jesus, 1983.

LACAZ, F. A. C. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença, FAC Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Manguinhos, RJ, Revista Eletrônica Fio Cruz Saúde do Trabalhador: e “cenários e perspectivas numa conjuntura privatista”, Rio de Janeiro, 2000.

LACAZ, F. A. C. Saúde dos trabalhadores: cenários e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, 13 (supl. 2): 7-19, São Paulo, 1997.

LACAZ, F. A. C.; SATO, L. In: DESLANDES, S.F. (org.) **Humanização dos Cuidados em Saúde**: conceitos, dilemas e críticas. Humanização e qualidade do processo de trabalho em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006

LACAZ, F.A.C., O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, 23 (4): 757-766. São Paulo, 2007.

LAURELL, Ana Cristina. Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo. In: LAURELL, A. C. (org.) **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1995.

LIBERDADE. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

LÍRIOS. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

MAFRA, J.; ROMÃO, J. E.; SCOCUGLIA, A. C.; GADOTTI, M. **Globalização, educação e movimentos sociais**: 40 anos da pedagogia do oprimido. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Esfera, 2009.

MARTINS, J. S. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. **Tempo Social**, São Paulo, Rev. Sociol. USP, 5(1-2): 1-29, 1993 (editado em nov. 1994).

MEIHY, José Carlos S. Bom, **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERHY E. E.; FRANCO, T. B. Programa de Saúde da Família: somos contra ou a favor? **Saúde em Debate**, Campinas, 2002. Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, ano XXVI, v.26, n.60, p. 118-122.

MOCOCA. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

MORETTI, Cheron Zanini. **Educação Popular em Jose Marti, no Movimento Indígena de Chiapas**: a insurgência como princípio educativo da pedagogia latino-americana. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2008.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006
- NASCIMENTO E. P. do. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. **Cad CRH**, Salvador, n. 21, p. 29-47, 1994.
- NAVARRO, Vicente. Produção e bem-estar social no contexto de reformas. In: LAURELL, Ana Cristina (org.). **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1995.
- NOVA FLOR. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- PAPAGAIO. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- PAULO FREIRE. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- PAVÃO. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- ROSAS VERMELHAS. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- ROY, Arundhaty. **O deus das pequenas coisas**. 7. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SALMISTA. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- SÃO MATEUS. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.
- SATO, Leny. Prevenção de agravos à saúde do trabalhador: replanejando o trabalho através de negociações cotidianas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p. 1147-1166, set./out. 2002.
- SCHERER, André Luis Forti. Globalização. In: CATTANI, Antonio David (org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SIQUEIRA, E. **Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus: contribuição para uma história da indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1887)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Economia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 2001.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes; CARDOSO, Marcos. **Zumbi dos Palmares**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- SISSON, M. C. Considerações sobre o Programa de Saúde da Família e a promoção de maior equidade na política de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.85-91, 2007.
- SOARES, Laura Tavares. **O desastre social: os porquês da desordem social**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOARES, Laura Tavares. O público e o privado na análise da questão social brasileira. In: HEIMANN, Luiza Sterman; IBANHES, Lauro César; BARBOSA, Renato. **O público e o privado na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- STRECK, Danilo R. **Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras**. São Leopoldo: Universidade Vale dos Sinos (Unisinos), 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TICO-TICO. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

VIANNA, Maria Lúcia Werneck. O culpado é o mordomo?: constrangimentos outros (que não os do modelo econômico) à seguridade social. In: LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa; FLEURY, Sonia (orgs.). **Seguridade Social, Cidadania e Saúde**. São Paulo: CEBES, 2008. (Coleção Pensar em Saúde.)

VITÓRIA. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

VITÓRIA-RÉGIA. Entrevista concedida a Andréa Lúcia Torres Amorim. São Paulo, 2009.

WEIL, S. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

**APÊNDICE A**  
**ROTEIRO PARA ENTREVISTA (FASE EXPLORATÓRIA)**

1. Apresente-se.
2. Conte a história do PSF Recanto dos Humildes e sua participação nela.
3. O que aconteceu de bom para a comunidade com o PSF e o que impediu o PSF de se desenvolver mais do que se desenvolveu? Ou, dessa história, quais foram as experiências nas quais o PSF melhorou a situação social da comunidade e quais foram as experiências em que não conseguiu atuar? O que ajudou e o que atrapalhou essa atuação?

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: A HISTÓRIA DO PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO RECANTO DOS HUMILDES A PARTIR DA NARRATIVA DE SEUS PROTAGONISTAS

Eu, Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini, pesquisadora do mestrado em Saúde Coletiva UNIFESP convido o(a) Sr.(a) a participar desta pesquisa, que tem como objetivo reconstruir a história do PSF Recanto dos Humildes a partir dos depoimentos das pessoas que participaram dela. Este estudo tenta identificar e compreender as possíveis contribuições do PSF para o desenvolvimento social e político da comunidade local, suas dificuldades e potenciais. Ao final os participantes irão propor, executar, descrever e avaliar uma ação construída a partir das questões levantadas pelas discussões da pesquisa.

Os dados serão coletados por meio de entrevistas, gravadas e transcritas por mim, sob a orientação da professora Ana Cristina Passarella Bretas, cujos arquivos digitais serão destruídos ao término do projeto.

Não será divulgada a identificação de nenhum participante. O sigilo será assegurado durante todo o processo da pesquisa e também no momento de divulgação dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. A participação não é obrigatória e pode ser retirada a qualquer momento, se desejar, sem penalidades ou prejuízo para os participantes. Se a discussão dos temas ou problemas levantados causar qualquer constrangimento, a garantia de anonimato nas entrevistas não irá expor as pessoas que os identificaram.

A principal pesquisadora é Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini, que pode ser encontrada no endereço R. Napoleão de Barros, 754 – Vila Clementino – São Paulo, telefone 5576-4421 ou cel 8447-8467. Se o(a) senhor(a) tiver alguma consideração, dúvida ou denúncia sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, na Rua General Jardim, 36 – 1.º andar – telefones (11) 3397-2464 – [smscep@gmail.com](mailto:smscep@gmail.com).

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “A história do Programa de Saúde da Família do Recanto dos Humildes a partir da narrativa de seus protagonistas” e concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Data:     /     /     \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste(a) narrador(a) para a participação neste estudo.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini

## APÊNDICE C

### PROPOSTA INICIAL DE DEVOLUTIVA

#### 1º Encontro

**Apresentação da proposta inicial** (10min): Reflexão sobre o conteúdo trazido pelas entrevistas; propor ação.

**Apresentação dos participantes/aquecimento** (15min): Salada de frutas – falar nome e uma fruta que goste, repetir o nome de quem estiver do lado desde o início da roda; dividir em subgrupos de pé, com movimentação, de acordo com as perguntas lançadas (solteiros, casados, corintianos, gosta de dançar, gosta de churrasco, gosta de uma boa briga e perguntas sugeridas pelo grupo).

**Combinado** (30min): discutir entre os participantes quais serão as regras dos encontros (horário de chegada; quem traz o quê; pode-se falar livremente? Comprometemo-nos a guardar o que foi discutido até que esteja preparado para compartilhar com os outros que não participaram? Falar um de cada vez? Não atrasar? Não faltar? Como resgatar o que foi discutido para a participação de quem não conseguiu vir? Resolver mal-entendidos individualmente ou em grupos? Consenso ou votação pela maioria? etc...).

**Leitura das narrativas** (40min): propor para os grupos as leituras das narrativas resumindo para compartilhar e escolhendo palavras-chave, escrevendo em tarjetas para que possam ser colocadas em painel do planejamento no último encontro.

**Apresentação de um resumo dos grupos** (30min):

- História do movimento popular local
- História do bairro
- História do PSF

**Intervalo** (20min)

**Compartilhar** (40min): Mostrar o material trazido, contar, recontar, montar apresentação e dividir tarefas.

**Fechamento** (30min): O que senti? O que estou levando? (Em roda, cada um se manifesta de acordo com a vontade.)

**Combinar** (para o próximo encontro, trazer fotos para montar a apresentação da história para a comunidade/equipe) mão na cabeça, mão na cintura.

## 2º Encontro

**Recordatório do último encontro** (15min)

**Aquecimento** (15min): amigos de Jô, discutir a importância da organização, da participação, do lúdico, da comunicação etc. para realização de uma atividade coletiva.

**Leitura das narrativas** (40min)

**Apresentação de um resumo dos grupos** (30min):

- Processo de trabalho – o tempo (antes e depois, transições)
- Processo de trabalho – o político (privatização, descontinuidade administrativa)
- Processo de trabalho – o afetivo (desumanização, conflitos, cobrança excessiva, burocratização)

**Intervalo** (20min)

**Alongamento** (10min)

**Leitura das narrativas** (40min)

**Apresentação de um resumo dos grupos** (30min):

- Melhorias na assistência com o PSF
- Ações intersetoriais
- Situação de violência

**Fechamento** (30min): roda – o que senti, o que estou levando?

**Combinar** o próximo encontro (10min).

### **3º Encontro**

**Recordatório dos encontros anteriores** (15min)

**Aquecimento** (20min): “naufrágio”, discutir a importância de um planejamento voltado para a problemática e realidades locais etc.

**Planejamento estratégico** (40min): trabalhar tarjetas; problemas e situações levantadas.

**Intervalo** (20min)

**Escolha da situação a ser trabalhada** (20min)

**Em grupo** (40min): enumerar o que pode e o que não pode ser feito, dimensionar tempo, listar e descrever propostas.

**Apresentação dos grupos** (30min)

**Escolha da ação; divisão de tarefas; cronograma** (40min)

**Fechamento**

### **Demais encontros**

**Desenvolvimento da ação proposta**

## APÊNDICE D

### ROTEIRO DO TEATRO

#### A HISTÓRIA DE UM LUGAR CONSTRUÍDA E CONTADA POR SEU POVO

Núcleo de teatro “Guarus – Netos de Queixadas”

PRIMEIRO ATO – *Movimento de Moradia (em frente à sede da Associação Nova Esperança).*

O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “OS PÉS DE BARRO”.

*As pessoas andam e falam frases que são repetidas em coro pelo restante do grupo (dividir em duas as frases mais longas).*

– Nossa, que lugar feio, aqui não tem nada, só toco de árvore, barro..., CORO.

– Eu fiz, eu sou a história deste lugar, CORO.

– Essa é a história do pobre que conseguiu vencer, CORO, os “pés de barro” que construíram suas casas, as escolas e o posto de saúde, CORO.

– A gente vai começar do nada, CORO.

– A gente faz festa mesmo sem luz – comemora cada parede, cada laje, CORO.

– A gente faz a massa e as paredes todos juntos, CORO.

– O bonito é que ninguém vê quem é preto, quem é branco, CORO, cabelo isso, cabelo aquilo, todo mundo aqui é igual, CORO.

– Nossa meta faz a gente irmão, CORO.

– Todos juntos vamos construir este lugar, CORO.

– Todos têm o direito de morar com dignidade, CORO

– Eles disseram que o bairro vai ficar feio, que vamos esculhambar o bairro, CORO.

– Esse pedaço de chão que eu lutei pra ganhar é meu lar! É meu lar!, CORO.

Aparece ABDALA – Agora terminou o governo Erundina (*imita a voz do Maluf*), vocês podem correr daqui que nós vamos fazer CDHU, nada de mutirãozinho, com todo mundo fazendo as coisas juntas, que isso é muito perigoso! Dá de vocês acharem que dá certo, e se acostumarem a colaborar um com outro, isto é muito perigoso. Xô, xô!

*Todos embalados juntos num só lugar se equilibrando com medo.*

– E o dinheiro pra terminar a obra?!, CORO

– E o dinheiro do povo?!, CORO.

ABDALA *faz não com a mão* – Eu é quem sou o dono desse lugar! Vou esmagar vocês!

CORO – O QUÊ?? (batem, como *Queixadas, taquinhos de madeira; ele surge de longe com o cabeção atrás*).

ADBALA dá risada, mas vai se afastando... até sair.

CORO (em roda) — Temos que reagir ! Agora não tem mais jeito, é cada um por si! (E saem correndo, erguendo casas cenográficas; no final, cansadas, se juntam.)

*Alguém pergunta:*

– E a escola pra nossas crianças? CORO.

– E a saúde? CORO.

– E o transporte? CORO.

– E o salão da associação? CORO.

*(Abdala pode aparecer dentro de uma televisão.)*

*Alguém sai de dentro da associação, as portas se abrem, alguém explica o que vão cantar (Dedê), e tocam um coco:*

– Xô, Xô patrão, sai de cima do telhado (bis)

– Deixa o meu neném dormir um soninho assossegado (bis)

CORNETEIRO – FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “MUTIRÃO”. Várias pessoas com vassouras, rodos, baldes, panos, atravessam a rua. Varrendo:

SR. MÁXIMO (de longe) – Mas aqui não tem nada!!!!

TODOS (*param e olham para Sr. Max*) – Mas todo mundo ajuda!!! (*continuam varrendo*).

SR. MÁXIMO (*vai para outra direção, ainda longe do grupo*) – Mas aqui não tem nada!!!

TODOS (*param e procuram onde Sr. Max está e olham para ele*) – Mas, todo mundo junto, a coisa muda!!! (*deixam as vassouras no chão*).

*TODOS se agrupam e começam a andar com a bolinha na mão, enquanto Madalena vai atrás dizendo que todos devem seguir seus sonhos.*

SR. CARMINO – Saúde!

TODOS *se manifestam* – Queremos saúde!

EMANU – Medo!!!

TODOS – Sem medo, sem medo!!!

BIN – Luta!! TODOS...

INÊS – Vitória!!! (*TODOS gritam em comemoração em frente à casa modelo.*)

*Leitura do documento de ceder a casa modelo para posto de saúde: “A Associação Nova Esperança etc...”*, comemoram novamente. Alguém fala:

– Mas aqui é tão apertado.... Então vamos para outro espaço!!! A escola de lata!!!

*A CORRENTE (cada um virado para um lado, de braços dados, vão andando formando uma corrente que desprende seus elos e os refaz até chegarem na frente da Escola Jardim da Conquista).*

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “INVASÃO DA LATA” (em frente à EMEF Jardim da Conquista). Ao chegar próximo do pátio da escola, param e gritam:

TODOS – A escola de lata está abandonada, vamos ocupar o espaço público, com um trabalho público – conquistar e resistir!!!! (e todos correm para dentro com manifestações de alegria).

*Dentro da escola cada um simula alguma coisa – varrer, carpir, pintar etc., alguns vão plantar flores.*

ABDALA aparece e diz – Não pode ficar aqui. Esse espaço é meu, eu fiz pra ser derrubado. O seu destino é ir pro chão! É disso que eu gosto: dinheiro, dinheiro, dinheiro na mão!

*Os que estavam separados se reúnem e fazem o barulho dos Queixadas:*

TODOS – Nós vamos ficar aqui (repetem várias vezes).

ADBALA – Não, não, não! Vão ter que sair ou eu vou esmagar vocês!

QUEIXADAS (juntos) – Então vamos pra outro lugar, ele não vai poder nos esmagar... (e saem com o cortejo de Maracatu até a frente do galpão).

FIM DO TERCEIRO ATO

QUARTO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “TIROTEIO” (em frente ao local onde foi adaptada a terceira USF, hoje igreja evangélica).

*TODOS de costas para o prédio e de frente para as pessoas, cada um vem à frente e fala:*

– Esse lugar era...

– Chão rústico de cimento...

– Porão úmido...

- Banheiro sem porta...
- Escuro (*etc...*)
  
- Mas apesar disso...
- Nós trabalhamos com carinho...
- Atenção à população...
- Respeitosamente...
- Com Amor...
- Com Responsabilidade...
- Com Honestidade...

*Barulhos de tiros. TODOS, com medo, se encolhem e se juntam.*

*De repente, a encenação do tiroteio na frente de onde era o posto, um cangaceiro e um pirata.*

PIRATA – Fica tranquilo que não vai acontecer nada não com vocês! Só não pode sair pra fora.

CANGACEIRO – Vem cá que eu te pegar.

OS QUEIXADAS *fazem barulho e os dois se espantam e vão embora.*

TODOS – Agora basta!!! Vamos construir em outro lugar, aqui está muito perigoso! Merecemos um lugar decente!!!!

FIM DO QUARTO ATO

QUINTO ATO – *Música na laje da casa da Kátia (não foi feito).*

FIM DO QUINTO ATO

SEXTO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “CONSTRUÇÃO” (em frente à atual USF, construída por mutirão).

Tijolos na frente do posto. TODOS, um de cada vez, transferem os “tijolos” feitos de caixas de papelão de um lado para outro, empilhando e homenageando as pessoas que contribuíram para a construção.

TODOS CORO – Com tijolos se faz a História.

Cada um coloca um tijolo:

- Quero agradecer ao Sr. Agenor, que fez... (conta a história).
- Quero agradecer à Madalena, porque...
- Quero agradecer ao Pe. Miguel, porque...
- Quero agradecer aos parentes do Pe. Miguel, porque...
- Quero agradecer ao ex-diretor do Jairo, porque...
- Quero agradecer ao pedreiro, porque...
- Quero agradecer ao conselho gestor, porque...
- Ao Conselho Popular de Saúde, porque... (etc.)

Ao terminar:

CORO – Conseguimos construir um lugar decente. Agora podemos mudar. (Festejam.)

ADBALA – Não, não, não, o que é isso? Tem a minha autorização? Não pode, não! Eu tenho que ver minha agenda. E esse muro torto mal feito?! Olha que coisa horrorosa! E a cor da parede?! As maçanetas! Não pode, não pode, não!...

TODOS – Podemos, sim, podemos, sim. (Viram as costas para Adbala que sai meio sem graça.)

TODOS passam de mão em mão flores que vão ser distribuídas entre as pessoas que estão assistindo.

TODOS – Nossa mudança vai ser nossa alegria, porque a bagagem que trazemos é de flores!!!!

TODOS *cantam* – Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor.

*Música: violão, cello, violino – Projeto GURI (não foi feito)*

#### FIM DO SEXTO ATO

SÉTIMO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “SARAU NA BRASA” (no começo do Recanto, em frente ao mercado próximo à EMEF).

#### FIM DO SÉTIMO ATO

OITAVO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “A PISADEIRA” (no calçadão de Perus).

SR. CARMINO conta a história da “PISADEIRA”<sup>23</sup> e como se livrar dele tirando a sua coroa.

*Após a fala, as pessoas falam de seus sonhos e deitam em uma lona esticada no chão com figurino de pijama etc. Cada um fala e senta ou deita no chão para dormir:*

– Eu tenho um sonho lindo: o sonho de ter minha casa própria, a casa para os meus filhos, meu abrigo, não precisa de muito luxo, mas aquele lugar onde me conforto, onde me protejo, sem o medo de ter que sair no dia seguinte, porque não paguei o meu aluguel, esse é o meu sonho.

– Eu tenho um sonho: o sonho de ver meu povo unido, lutando pela mesma causa, construindo em mutirão suas casas, um ajuda outro, ninguém vê se está com roupa rasgada ou

---

<sup>23</sup> Pisadeira é uma entidade mítica do folclore das regiões sudeste e centro oeste caracterizada como bruxa que tem o poder de fazer as pessoas terem pesadelos.

o pé de barro, porque o que importa é a solidariedade, todos são iguais, meu sonho é a igualdade.

– Eu tenho um sonho: quando estivermos doentes, vamos ter um atendimento com respeito e carinho, num espaço decente, sem pressa. E vamos aprender como evitar as doenças para não sofrer sem necessidade. O meu sonho é saúde para todos.

– Eu tenho um sonho: que quem trabalha tenha um salário digno que lhe proporcione saúde, educação, moradia, lazer, cultura, alimentação. Que o espaço do trabalho seja um local de alegria e não de opressão, que eu possa trabalhar só o necessário para ter tempo para a família, os amigos, para descansar e ter felicidade.

– Eu tenho um sonho: que as pessoas possam abraçar e ter amor, muito amor uns com os outros, que as pessoas tenham espaço para falar e ser ouvidas e que possam também ouvir. Que ninguém tenha vergonha ou medo de acolher.

– Eu tenho um sonho: que, todos juntos, a gente possa enfrentar a opressão, e que não haja o desejo de estar no lugar de quem oprime. O oprimido, quando verdadeiramente se liberta, liberta também o opressor. O meu sonho é que no lugar da opressão exista a solidariedade.

– Eu tenho um sonho: meu sonho é ver meu povo alegre festejando, cantando sua história e sua esperança, meu sonho é que a gente tenha espaço, tempo e força de mostrar e desenvolver nossa cultura.

– Eu tenho um sonho: que nossa história possa servir de exemplo, pra que as crianças saibam que o povo também construiu coisas boas, para que confiem nelas e possam seguir em frente sem medo. Que nossa história seja contada para mantê-la viva animando outras gerações.

– Eu tenho um sonho: que quando olhar para trás não veja um caminho vazio, quando olhar para trás veja gente sorrindo e caminhando para um mundo melhor.

– Eu tenho um sonho: que o valor maior para a humanidade não seja o capital, mas seja a própria humanidade.

– Eu tenho um sonho: que os movimentos populares continuem, se multipliquem e se entrelacem, cada vez mais fortalecidos, cada vez mais críticos e maduros... *(etc.)*

*Aí então vem o ADBALA (este trecho foi sintetizado pelo ator) – Ah, então vocês sonham, é? Como ousam sonhar um sonho que não mandei? Como ousam? Quem controla os sonhos sou eu! Vocês têm que sonhar em comprar roupas de marca pra eu ficar mais rico, e não ter uma casa própria, que isso é bobagem, é só pros ricos! Vocês têm que sonhar em competir com o seu vizinho, esta história de colaborar está fora de moda, vocês têm que ser vencedores, vencer, vencer, vencer. Bobagem sonhar com saúde para todos, a doença é muito mais lucrativa! Por isso a saúde não pode ser pública, tudo que é de todos é feio, vejam os palácios, por exemplo, como são belos! Salários dignos, que bobagem! Bom é obedecer ao seu senhor, ser escravo é maravilhoso, já pensou só ter que se preocupar em trabalhar, trabalhar, trabalhar *(ri, sinistramente)*. E essa bobagem de abraçar?! Eu proíbo vocês de se abraçarem! Que pouca vergonha é essa?! O contato corporal é anti-higiênico! Vocês estão proibidos, ouviram? P R O I B I D O S ! E essa história de não ter opressão? Imaginem? Temos que ter mais polícia, muito mais controle, relógios de pontos, ORGANIZAÇÃO! E cantar, cantar é coisa de passarinho, façam silêncio, o silêncio enobrece o homem. E é muito mais elegante. Cultura é para os ricos, vocês não têm, coitadinhos, condição de ter cultura! A história EU conto. Eu sou o dono da história, eu é que a escrevo! E olhar pra trás, ninguém tem que olhar nada. Eu é que olho tudo. O capital é quem manda no mundo e eu sou o capital, o dinheiro é meu, os recursos são meus, eu sou dono do mundo! *(E vai passando com ar de desdém por entre as pessoas que dormem.)**

SONHOS? Vocês têm que ter pesadelos! *(E as pessoas começam a se revirar com um sono agitado.)* Os pesadelos que eu fabriquei: poluição, medo, ódio, individualismo... Os pesadelos é que são a vida real... Violência, alienação, televisão, medo, medo, medo... *(As pessoas começam a ficar cada vez mais agitadas e resmungam.)* Vamos, tenham cada vez mais pesadelos, vocês são fracos, não têm capacidade de conduzir suas vidas, eu é que vou cuidando de vocês. Tenham medo! Medo! Medo! *(Risada sinistra.)*

*As pessoas vão gritando e se assustando... Então o Sr. Carmino volta.*

SR. CARMINO – Vocês esqueceram? Eu ensinei vocês! Como é que faz para acabar com o pesadelo?

*TODOS estão abraçados, amedrontados, e vão se levantando, batendo as Queixadas, e vão se aproximando de Adbala Hanunf, fazem um círculo em volta dele e tiram-lhe a coroa.*

TODOS – Viva o movimento popular de moradia!!! Viva o movimento popular de saúde!!!!  
Viva os Queixadas!!!

FIM DO OITAVO ATO

NONO ATO (*não foi feito*) – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “NAVIO PIRATA” (*em cima da sede do sindicato, com uma luneta*).

*Num barco, estão os piratas e Adbala na popa com o megafone.*

ADBALA – Lixão à vista!...

PIRATAS (*cantando*) – Iô, ro, ro, uma garrafa de rum, nós vamos pilhar, vamos roubar, vamos ficar ricos – há, há, há (*etc...*)

ADBALA – Ah! Avisto muito dinheiro, muito dinheiro, quero lucro, quero lucro! Lixo é dinheiro! Façam lixo, comprem bastante besteira pra jogar fora, é disso que eu preciso. Depois do lixão vou vender a saúde! Vou vender a educação, vou vender a minha sogra... Não, essa acho que ninguém vai querer. Vou vender, vender, vender... vender o abraço, vender a força do trabalho. Vou ficar rico, rico, rico...

*Há um motim e matam Adbala. Depois cantam a música de Gabriel Pensador:*

– Até quando você vai ficar levando? (Porrada! Porrada!!!)

FIM DO NONO ATO

DÉCIMO ATO – O CORNETEIRO avisa que a esquete vai começar, a corneta anuncia o começo da cena e depois com o corneteiro o nome do quadro: “PANDORA” (*próximo à sede do sindicato de cimento, o grupo de teatro Pandora encena uma esquete sobre o “Mau Patrão”*).

FIM DAS ENCENAÇÕES

## **APÊNDICE E**

### **FICHA TÉCNICA**

#### **Teatro (22 pessoas)**

Atores: Márcio, Rui, Bin, Marina, Idres, Cris, Madalena, Andréa, Monie, Emmanuella, Bernadete, Marcos, Dedê, Carmino, Maximo, Inês, Inajá, Inês, Théo.

Maquiagem: Mané e Janaína

Cabelo: Inajá

Figurinos: Mané

Cenário: estudantes da Escola Jardim da Conquista

Direção: Betuu

Co-direção: Inajá e Andréa

Música: Dedê, Maracatu Refúgio, Maracatu Evolução Afro Brasil; Crianças da Bateria da Escola de Samba Valença, corneteiro Théo

Perna de Pau: Pri palhaça Passoca

Queixada (cabeção): vários

Carrinho de som: Sarah, Jéssica, Thiago

Sarau na Brasa: Wagner

Sinalização para o trânsito: Mario, Tata e Gaudino

Grupo de Teatro Pandora:

Montagem do som: Clevinho

Montagem da exposição de fotos: Cris, Kátia, Inajá e Silvana

#### **Documentário (10 pessoas)**

Filmagens, operador de câmera: Sarah, Marcio, Théo, Mané, Paula, Janaína, Bin

Edição e roteiro: Marcio, Paula, Sarah, Marina, Rizzia, Janaína, Rui, Andréa

Trilha sonora: Théo

Stop motion: Marcio, Sarah, Bin, Paula e Andréa

## **APÊNDICE F**

### **APRESENTAÇÃO DA PESQUISA NO “NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE SAÚDE EM POLÍTICAS PÚBLICAS E SOCIAIS”**

No dia 7 de maio de 2009, apresentamos a proposta de pesquisa no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde sobre Políticas Públicas e Movimentos Sociais. Este núcleo de estudos é composto por estudantes, pós-graduandos, profissionais de várias áreas, representantes de movimentos sociais, e é aberto à participação de pessoas interessadas na discussão desses temas.

A apresentação da proposta de estudo de mestrado para este grupo teve a finalidade de ampliar a discussão e ouvir sugestões principalmente em relação a objetivos e à construção do projeto de pesquisa.

No início do encontro, foi desenvolvido um exercício de sensibilização para o tema cujo objetivo foi propiciar aos participantes sentir o que mobiliza a pesquisadora a observar seu campo de pesquisa: “Imagine-se centrado em seus pensamentos, de olhos fechados numa sala da universidade, sendo levado a entrar em contato com o sentimento de solidão. A seguir anda pela sala evitando o contato com o que o cerca, como quem anda em um espaço vazio, um local sem referências. Aos poucos se permite o contato com outras pessoas que estão à sua volta, na mesma situação. Em alguns momentos o grupo se subdivide e consegue um pequeno contato com as pessoas, até que, ao final, em grupos de quatro, permite-se cuidar e ser cuidado pelo grupo, ainda de olhos fechados.”

Ao compartilhar como se sentiram durante o exercício, as pessoas falam do medo, da solidão e do alívio no encontro com o outro durante o processo. Estar de olhos fechados permite ao grupo uma melhor percepção de sensações e uma atenção maior com gestos e toques. Ser cuidado foi bom para todos, cuidar exige maior delicadeza, para não invadir o espaço do outro. Ser cuidado exige abrir-se, possibilitar ao cuidador usufruir dessa abertura. Algumas pessoas relataram que cuidar após ter sido cuidado possibilitou uma ação mais completa. Também observaram a dificuldade do “cuidar por inteiro”, que o medo de tocar negligencia partes do corpo e privilegia outras. Encontrar-se e se despedir no exercício fez lembrar como na vida também estamos com o outro nesses fluxos e refluxos de nossas histórias...

Tudo o que o grupo referiu sentir durante o exercício trouxe à luz a experiência vivenciada por mim na trajetória pelo Recanto dos Humildes. O sentimento inicial de solidão, o alívio no encontro com o outro e o bem-estar de cuidar e ser cuidado sintetizam em sensações minha passagem por aquela comunidade.

Após o aquecimento, fizemos a leitura de um texto que mostra dados sobre as distorções na distribuição mundial de recursos. Os participantes foram convidados a escrever em uma palavra o que viesse à mente após a leitura do texto. As palavras foram: ousadia; “?”; \$acanagem; mudança; descaso; indignação; insensibilidade; desumano!!!; injustiça; contar; egoísmo; problema; valores; restrição; ganância; desigualdade; discrepância.

Cada pessoa iluminou um aspecto da questão com as palavras trazidas. A partir das palavras apresentadas, dividimos o grupo em três subgrupos para refletir sobre as questões geradoras da pesquisa:

1. Por que a Saúde Pública não se deixa utilizar como ferramenta para o movimento social tanto quanto poderia? Por que a Saúde Pública no Brasil e seus trabalhadores não conseguem exercer plenamente o papel de militantes contra a injustiça social e as iniquidades sociais?
2. Existe um projeto de saúde para a população por parte do trabalhador de saúde? Qual o papel da política pública na militância dos trabalhadores de Saúde Pública pela justiça social?
3. A descontinuidade administrativa interfere na execução de políticas públicas nas áreas sociais? Como isso se dá na saúde sob a ótica do trabalhador de saúde? Qual a repercussão dessa questão na assistência prestada? De que mecanismos o trabalhador de saúde lança mão para superar as dificuldades de continuidade e desenvolvimento de seu projeto político, ideológico de trabalho?

Os grupos trouxeram várias contribuições, tanto conceituais, para o entendimento das questões colocadas, como em relação às indagações em si. Assim, conceitos como “Saúde Pública”, “militância” e “política pública” pediram melhor definição.

Foram apontados ainda outros aspectos pertinentes ao tema como: distância entre o trabalhador de saúde e a população assistida pelo SUS; desinformação do trabalhador de saúde em relação ao SUS; desmotivação para a mudança; transformação da saúde pública em empresa; uso político do trabalho em saúde (clientelismo); falta de formação para o trabalho público.

Novas perguntas e afirmações foram lançadas:

“Hoje, no emaranhado da assistência, o que é público o que é privado?”

“O que é Saúde Pública?”

“Daqueles responsáveis pela mudança, os cidadãos fazem parte?”

“Tem profissionais que estão dentro da instituição pública e não fazem saúde pública.”

“Existe um analfabetismo sobre essas questões.”

“O que é política pública? O que é política de gestão? Quais as diferenças entre elas?”

“O que o trabalhador de saúde quer ser nessa história: objeto ou sujeito desse processo?”

“Qual é o papel de militante? O que posso fazer? Arriscar o pão? O que é militância?”

“Quantos se perderam pelo cansaço?”

“Se pode transformar a sociedade com nosso toque. Não pode parar de sonhar”.

“Qual é a origem do processo? Tem a ver com a origem das pessoas?”

“A Saúde Pública é uma filosofia de vida, não dá pra ir só até as cinco da tarde.”

“A Saúde Pública não é mercadoria.”

“Direito à saúde é diferente de reivindicar assistência.”

“Se colocar no lugar do outro como ser humano já é uma forma de militância.”

“O coletivo não pode só esperar, precisa deixar ele vir.”

“Como se articula o movimento social e o poder público?”

“É importante olhar a origem e o percurso, no processo.”

“Reconhecer-se no outro é um caminho para se organizar.”

O conteúdo trazido demonstra que as questões geradoras motivaram o grupo à discussão e permitiram correlacioná-las a suas realidades pela universalidade do tema. Para os participantes do núcleo, a interface SUS/movimentos sociais é um tema de grande importância e interesse, por esse motivo é um elemento agregador do grupo.

A partir dessa discussão e das várias reflexões e aproximações, concluí com a seguinte questão: o SUS teve em sua origem um papel importante dos movimentos sociais. Qual é hoje o papel exercido pelo SUS no caminho de volta, ou seja, qual a contribuição do SUS para os movimentos sociais?

Ao finalizar o encontro com um vídeo feito por adolescentes do Recanto dos Humildes que fala sobre as lutas das pessoas do bairro por melhorias nas ruas, no córrego, lixo, transporte, moradia, desde a época da luta dos trabalhadores da fábrica de cimento até os dias de hoje, percebi a emoção de algumas pessoas ao “se enxergarem” naquelas histórias. Ser sujeito da própria história é imprescindível na luta por transformações sociais. Se “enxergar

na história do outro” nos aproxima, nos articula. Possibilitar o registro dessa história é possibilitar essa visibilidade necessária à organização para a mudança.

Ouvir do grupo: “Vá por esse caminho que esse é um caminho bom” faz com que o tema gerador criado e recriado através da discussão, em sua dinâmica e construção, seja coroado de importância. E essa história vai aos poucos deixando de ser uma história qualquer, ou a história do outro, para ser a “nossa” história.

## ANEXO A

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO MUNICÍPIO



Secretaria Municipal da Saúde  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/SMS

1

**São Paulo, 09 de Dezembro de 2009**  
**PARECER Nº 486/09 – CEP/SMS**  
**CAAE: 0220.0.162.174-09**

**Ilma Sra**  
**Andréa Lucia Torres Amorim Pellegrini**

#### **I- Identificação**

**Título:** *História do Programa de Saúde da Família do Recanto dos Humildes a Partir da Narrativa de Seus Protagonistas.*

**Pesquisadora responsável:** Andréa Lucia Torres Amorim Pellegrini

**Tipo de Projeto:** Mestrado

**Local:** Recanto dos Humilde, Perus, São Paulo/SP

#### **II- Objetivos**

- Reconstruir a história do PSF no bairro em questão, a partir da narrativa dos protagonistas.
- Identificar e compreender as possíveis contribuições do SUS para o desenvolvimento sócio-político da comunidade local, potenciais e dificuldades para o incremento desse processo, "com o olhar para as questões relativas a iniquidades sociais".
- Propor, executar, descrever e avaliar uma ação não trivial, considerada factível e prioritária "pelo grupo", "construída a partir das problemáticas levantadas pelas discussões da pesquisa".

#### **III – Súmula do projeto:**

Na sua Introdução (p 2 a p 6) a pesquisadora apresenta as questões que a mobilizaram e que dizem respeito especialmente ao papel político-social da saúde pública no Brasil. Introduce aspectos de sua própria vivência no PSF e sua relação com o "Recanto". Faz em seguida "um breve histórico da região de Perus na zona norte da cidade de São Paulo" (p.6 a p 8) e saindo de 1590 salta para os séculos XIX e XX até os dias atuais. Apresenta dados demográficos e aspectos do "Recanto" que conta com cerca de 25 mil habitantes e teve recentemente 2 fases de ocupação passando em 2007 por processo de re-urbanização. Descreve o Recanto e finalmente os recursos de saúde (de 2002 à construção do espaço para abrigar o PSF em 2006). São 6.704 famílias acompanhadas, numa população de 25.079 pessoas atendidas; são 5 equipes de saúde completas, havendo uma sexta em vias de contratação.

**Metodologia:** A pesquisadora faz considerações relativas à importância da adequada eleição do método; como quer evitar "engessar" a pesquisa, faz reflexão crítica, hesitando quanto ao que considera uma nomeação apriorística de um método. Define sua pesquisa como qualitativa (no TCLE) e "um convite para olhar a história de uma pequena comunidade", na qual os protagonistas ao contar o processo "possam usá-lo como diagnóstico, instrumento e ponto de partida de identificação e proposta", podendo ser "fazedores de História". A pesquisadora finalmente reconhece na sua pesquisa a dimensão de Pesquisa-Ação (dimensão que não aparece explicitamente nos seus objetivos) .

Aponta momentos deste trabalho:

Rua General Jardim, 36 / 1º -São Paulo - CEP 01223-010 Telefone: (11) 3397-2464 - e-mail:  
smscep@gmail.com  
homepage:  
[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/comite\\_de\\_etica/index.php?p=5959](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/comite_de_etica/index.php?p=5959)



Secretaria Municipal da Saúde  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/SMS

2

**CAAE: 0220.0.162.174-09**

- *Diagnóstico e mapeamento das representações da história do PSF Recanto dos humildes, pelos profissionais de saúde partícipes do processo e membros do Conselho Popular de Saúde. O material: entrevistas semi-estruturadas, compilação de dados, fotos, reportagens e teses sobre a região.*
- *Seminários para discussão da situação, "interpretação da realidade" e elaboração de diretrizes de ação (a serem aprovadas pelos interessados e testadas na prática).*
- *Discussão da questão: "Como está o PSF agora no Recanto..?" (a pesquisadora discute novamente as questões da pesquisa e da realidade que não é fixa - dado também o papel ativo do observador e seus instrumentos sobre a realidade pesquisada) .*

**Local:** PSF Recanto dos humildes.

**Sujeitos:** trabalhadores de saúde do Recanto, que atuam desde a implantação; profissionais que gerenciam desde a implantação até hoje; membros do Conselho Popular de Saúde local.

Serão incluídos os que consentirem em participar.

**Coleta:** Dados da primeira fase : Entrevistas (história oral em busca da memória coletiva). Gravadas e transcritas e postas a disposição dos entrevistados para avaliação.

**Análise:** Dados para a História; ação proposta – avaliação dos participantes.

### III- Considerações

O preenchimento da Folha de Rosto está adequado.

O orçamento está adequado e as despesas estarão por conta da pesquisadora. O cronograma está adequado.

**TCLE:** está de acordo com a proposta da pesquisa e da Resolução 196/96.

### III - Parecer do CEP: Projeto APROVADO

Antes do início da coleta de dados, alertamos para a necessidade de contato com o gerente da unidade quando não foi ele quem autorizou a realização da pesquisa.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. O relatório final deve ser apresentado ao CEP, logo que o estudo estiver concluído.

**Jose Araújo Lima Filho**  
Coordenador  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/SMS

## ANEXO B

# FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE  
Conselho Nacional de Saúde  
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS				FR - 286750
Projeto de Pesquisa A HISTÓRIA DO PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO RECANTO DOS HUMILDES A PARTIR DA NARRATIVA DE SEUS PROTAGONISTAS				
Área de Conhecimento 4.00 - Ciências da Saúde - 4.01 - Medicina - Preve.			Grupo Grupo III	Nível Prevenção
Área(s) Temática(s) Especial(s)				Fase Não se Aplica
Unitermos Pesquisa ação, movimentos populares, SUS, programa de saúde da família				
Sujeitos na Pesquisa				
Nº de Sujeitos no Centro 30	Total Brasil 30	Nº de Sujeitos Total 30	Grupos Especiais Pessoas numa relação de dependência como presidiários, militares, alunos, funcionários, etc	
Placebo NAO	Medicamentos HIV/AIDS NAO	Wash-out NAO	Sem Tratamento Específico NAO	Banco de Materiais Biológicos NAO
Pesquisador Responsável				
Pesquisador Responsável ANDREA LUCIA TORRES AMORIM			CPF 103.007.118-75	Identidade 18952171
Área de Especialização SAÚDE DA FAMÍLIA			Maior Titulação ESPECIALISTA	Nacionalidade BRASILEIRA
Endereço R. TREMEMBÉ, 698			Bairro PARQUE SUÍÇO	Cidade CAIEIRAS - SP
Código Postal 07700-000	Telefone / 84478467		Fax	Email nalvin@telefonica.com.br
Termo de Compromisso				
Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não.				
Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.				
Data: ____/____/____	Assinatura			 <b>Andréa L. T. Amorim</b> Médica CRM 79093
Instituição Onde Será Realizado				
Nome Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo-SMS / SP		CNPJ 46.395.000/0001-39	Nacional/Internacional Nacional	
Unidade/Orgão UBS Recanto dos Humildes/Supervisão técnica Pirituba Perus /SMS São Paulo		Participação Estrangeira NAO	Projeto Multicêntrico NAO	
Endereço Rua General Jardim, 36		Bairro Vila Buarque	Cidade São Paulo - SP	
Código Postal 01223-010	Telefone 11 3218-4000		Fax	Email smscep@prefeitura.sp.gov.br
Termo de Compromisso				
Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e com estas condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.				
Nome: <u>ANDREA WANDER BONAMIGO</u>				
Data: ____/____/____	Assinatura			 <b>Dra. Andréa Wander Bonamigo</b> Supervisora Técnica de Saúde Pirituba-Perus CRM/SMS RE 718-355.0.01
Vinculada				
Nome Universidade Federal de São Paulo - Hospital São Paulo - UNIFESP		CNPJ 60.453.032/0001-74	Nacional/Internacional Nacional	
Unidade/Orgão Departamento de Medicina Preventiva/UNIFESP		Participação Estrangeira NAO	Projeto Multicêntrico NAO	
Endereço Rua Botucatu, 572 conj 14		Bairro Vila Clementino	Cidade São Paulo - SP	
Código Postal 04023-061	Telefone (11) 55711062	Fax (11) 55397162	Email arpmeleti@unifesp.br	
Termo de Compromisso				
Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares.				
Nome: <u>Dr. Luiz Roberto Ramos</u>				
Data: ____/____/____	Assinatura			 <b>Dr. Luiz Roberto Ramos</b> Chefe Depto. Medicina Preventiva UNIFESP/EPH

O Projeto deverá ser entregue no CEP em até 30 dias a partir de 27/08/2009. Não ocorrendo a entrega nesse prazo esta Folha de Rosto será INVALIDADA.

## ANEXO C

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE



**COMITE DE ETICA EM PESQUISA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/HOSPITAL SÃO PAULO

Data: 10-11-2009 20:30:32

Página 1/2

id = 4901

São Paulo, 23 de Outubro de 2009  
CEP 1511/09

Ilmo(s). Sr(a).  
Pesquisador(a) Andrea Lucia Torres Amorim Pellegrini  
Co-Investigadores:  
Disciplina/Departamento Ciências Humanas em Saúde da  
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo  
Patrocinador (Recursos Próprios)

#### CARTA DE APROVAÇÃO E PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA INSTITUCIONAL

Ref: Projeto de pesquisa intitulado:

**'A História do Programa de Saúde da Família do Recanto dos Humildes a partir da narrativa de seus protagonistas'**

ÁREA TEMÁTICA ESPECIAL: Não há envio de documentação para análise

CARACTERÍSTICA DO ESTUDO: ESTUDO CLÍNICO OBSERVACIONAL

RISCO PACIENTE: Risco mínimo, desconforto mínimo

OBJETIVOS: Reconstruir a história do PSF Recanto dos Humildes a partir das narrativas de seus protagonistas; identificar e compreender as possíveis contribuições do SUS para o desenvolvimento sócio político da comunidade local, potenciais e dificuldades para o incremento desse processo, contemplando o olhar para questões relativas a iniquidade sociais.

RESUMO: O estudo será realizado na Unidade do PSF Recanto dos Humildes. Farão parte do estudo trabalhadores de saúde do PSF - Recanto dos Humildes que atuam nessa unidade desde a implantação do programa, os profissionais que gerenciaram a unidade da sua implantação até hoje e os membros do conselho popular de saúde local. Os dados da fase exploratória serão coletados por meio da técnica de entrevistas com a utilização de um instrumento com questões abertas. As entrevistas serão realizadas pela própria pesquisadora. Serão gravadas, transcritas e disponibilizadas aos narradores para que avaliem o teor da informação por eles oferecida.

FUNDAMENTAÇÃO RACIONAL: Fundamentação apresentada

MATERIAL E METODO: Materiais e métodos adequadamente descritos

TCLE: Adequado, de acordo com a res. 196/96

DETALHAMENTO FINANCEIRA: Sem financiamento externo

CRONOGRAMA: 21 MESES

OBJETIVO ACADÊMICO: Mestrado

PRIMEIRO RELATÓRIO PREVISTO PARA: 28/10/2010, os demais relatórios deverão ser entregues ao CEP anualmente até o término do estudo

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo ANALISOU e APROVOU o projeto de pesquisa referenciado.

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido. Nestas circunstâncias a inclusão de pacientes deve ser temporariamente interrompida até a resposta do Comitê.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Atenciosamente,

**Prof. Dr. José Osmar Medina Pestana**  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da  
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo

**ANEXO D**

**ALGUNS PRINCÍPIOS DA NÃO VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS  
TRABALHADORES QUEIXADAS DA FÁBRICA DE CIMENTO PERUS<sup>24</sup>**

1. Para se conseguir uma sociedade justa, devem existir meios melhores do que intrigas, complôs, golpes de Estado, torturas, assassínios e terrorismos. Para se atingir a justiça e a paz, é preciso encontrar meios justos e pacíficos. Sendo mais coerentes com fins desejados no longo prazo, esses meios devem ser mais simples e mais eficazes.

2. A firmeza permanente não é, de forma alguma, uma submissão covarde aos opressores. Ao contrário, ela se opõe aos violentos e tiranos com todas as forças. O Queixada se esforça continuamente para superar o mal pelo bem, a mentira pela verdade, o ódio pelo amor.

3. A luta da firmeza permanente tira toda sua força da verdade. Afastar-se da verdade é afastar-se da fonte de onde tiramos nossa força. Por isso a luta não pode ser clandestina. Quem age às escondidas é levado a mentir para dissimular seus projetos.

4. A violência impressiona à primeira vista, porque pode corresponder a uma busca corajosa da justiça. Mas achamos que, com o tempo, fatos demonstram que a palavra dos violentos não apresenta todo o resultado esperado.

5. Não basta a coragem isolada. A luta deve ser coletiva e organizada. A luta traz perseguições, mas a perseguição e a ação do grupo criam uma consciência de classe.

6. Se a gente não quer usar as mesmas armas que fizeram do opressor um ser desumano, a única solução é aceitar, sem devolver, os socos e as brutalidades do adversário. Não existe um ser humano que queira ser desumano até o fim. Tal é a nossa esperança.

7. O violento tenta provocar o Queixada para que ele abandone sua arma principal: o uso da firmeza permanente.

8. Em situação de fraqueza, a firmeza permanente é mais eficaz que a violência.

9. Quem vence o opressor pela violência alcança uma vitória apenas parcial, pois ficaram as raízes da injustiça dentro do injusto que foi derrotado e dentro do vencedor que se libertou da opressão, pois ambos usaram da violência e guardaram dentro deles o mal que combatem.

10. Não podemos dar garantias a nenhum companheiro de que não irá preso. Só podemos garantir é que iremos juntos e que ninguém vai pular fora.

---

<sup>24</sup> Fonte: JESUS, 1983.

11. A firmeza permanente não se restringe à legalidade, porque busca sempre a verdade e a justiça.

12. A violência nasce do impulso de uma agressividade, que não foi ainda canalizado. Sendo irracional, ela leva ao ódio. A ação do Queixada pela justiça tenta ser o resultado do predomínio da razão sobre o instinto, alimentado pela certeza de que todos somos irmãos.

13. A violência é frequentemente impaciente. A firmeza permanente se esforça para esperar e respeitar as etapas. Os conservadores sabem temporizar ou mudar quando lhes convém.

14. Diante do Queixada, a cólera e a força do opressor são inúteis. Ele perde a sua segurança pela atitude da vítima e pelos apelos à razão que ela lhe dirige. A transformação e derrota que sofre então é moral, e em vez de humilhá-lo vai engrandecê-lo.

15. O importante não é ser valente de vez em quando, mas firme o tempo todo. “Podemos morrer, mas não vamos correr”, juraram os trabalhadores da Perus, na greve de 1967.

16. Se você não puder ser um “não violento”, seja violento. O que você não pode ser é omissor.

17. Quando um homem ataca outro por um ato de violência física e a vítima replica o golpe ou foge, a reação da vítima dá ao agressor uma grande segurança e apoio moral, pois ela lhe mostra que a escala de valores morais, adotada pela vítima, é a mesma que a sua. A moral do agressor é reforçada pelo combate ou fuga de sua vítima. Mas se a atitude da vítima é feita de calma e firmeza, frutos da autodisciplina e do domínio de si mesmo, o agressor é desarmado pelo amor e respeito à sua pessoa que sente na vítima. Isso só acontece porque esta não responde à violência do agressor nem com a covardia nem com a contraviolência. Ela ataca seu agressor, mas no plano do pensamento, da inteligência, da razão, utilizando as armas da verdade, da justiça, do amor.